UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E

LITERATURA ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

SILVIA COBELO

Historiografia das traduções do *Quixote*

publicadas no Brasil - Provérbios do

São Paulo

2009

SILVIA COBELO

**Historiografia das traduções do *Quixote*
publicadas no Brasil – Provérbios do Sancho Pança**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Augusta da Costa Vieira

São Paulo

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

COBELO, Silvia
Historiografia das traduções do 'Quixote' publicadas no Brasil: provérbios do Sancho Pança / Silvia Cobelo; orientadora Maria Augusta da Costa Vieira. -- São Paulo, 2009.
253 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Espanhola e Hispano-americana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Tradução – historiografia – Brasil. 2. Tradutores – Brasil. 3. Literatura espanhola. 4. Romance – Espanha. 5. Provérbios. I. Título. II. Vieira, Maria Augusta da Costa.

[Verso folha de rosto]

Imagem da capa: Reprodução da “assinatura” de Sancho, feita pelo ilustrador Manuel Macedo na tradução de Benalcanfor. Lisboa, 1877-1878. Retirada de edição do *Quixote* da Editora José Olympio, p.1368, 1958.

Esta dissertação não segue o novo acordo ortográfico.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Silvia Cobelo

Historiografia das traduções do *Quixote* publicadas no Brasil –

Provérbios do Sancho Pança

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof.

Doutor:

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

*Para mi abuelita que siempre amó el Quijote,
en especial a Sancho y sus refranes...*

AGRADECIMENTOS

À minha querida professora Maria Augusta, por ter acreditado em meu trabalho desde o início. É dela a primorosa e frutífera idéia da comparação dos provérbios nas traduções. Agradeço sua paciência e confiança no meu crescimento acadêmico.

À banca de qualificação, Adauri Brezolin e Heloísa Cintrão, cujas sugestões guiaram esta dissertação para um porto desconhecido, mas venturoso: a partida solitária em busca de elementos inéditos referidos às biografias dos tradutores do *Quixote* lido no Brasil.

Aos docentes da FFLCH/USP que gentilmente me receberam como aluna no período de adaptação que precedeu ao ingresso no programa de mestrado. Em especial, ao Francis Aubert, que além de aceitar minha participação em seus cursos, privou comigo importantes discussões sobre a metodologia da análise dos provérbios.

À minha graduação na Biologia/USP por ensinar-me a observar o mundo e seus habitantes.

Aos tradutores que responderam minhas longas entrevistas, Sérgio Molina, Carlos Nougué e José Luis Sánchez. Um agradecimento especial a Eugênio Amado e sua simpática família, que nos recebeu tão bem em Belo Horizonte.

Aos livreiros que responderam os inúmeros emails e telefonemas.

Ao meu grande amor, Ricardo, que por vinte e seis anos participa de minhas aventuras e foi indispensável material e emocionalmente para que concluísse esta.

Ao meus filhos, Alix e Kim que fazem tudo ter sentido.

Ao meu pai, por sua disponibilidade em ouvir minhas aflições durante o longo caminho da escrita, mesmo em outro fuso horário. Agradeço também a ele e à Luisella pelos livros raros que enviaram.

À minha mãe e seu incorrigível otimismo, insuflando energia quando as minhas já estavam quase exauridas. Agradeço a ela e ao Guillermo, pelos livros remetidos da Argentina desde antes da entrada no programa da pós-graduação.

Aos meus irmãos. Ao Raul, meu cavaleiro andante, que sempre apoiou esta empreitada, Horacio, por sua doçura, deixando meu trabalho mais leve e ao Ivan, que mesmo em outra dimensão, inspirou-me a seguir o caminho, fazer o que gosto.

Ao Roberto, e à Alicia, tios que sempre acreditaram em mim. Aos primos e irmãos.

À família Gonçalves por todo carinho e apoio, e em especial à Teresa, minha sogra querida, pelo seu apoio espiritual.

Ao Agustín, por seu amor ao *Quixote* e o livro do Fitzmaurice-Kelly. À Rosa, minha mentora espiritual e aos seus filhos, meus irmãos de infância.

Aos meus compadres, e Nane, meus amigos de séculos, sempre presentes e incondicionais, tornando a distância e o tempo virtuais.

A todos os meus amigos, por deixarem minha vida mais preciosa e digna.

Ao Michael Leiner, *for suggesting an alternative path and send me Eco's book.*

À D. Josefa que cuidou tão bem do meu ambiente familiar enquanto eu escrevia. À Cintia e sua família pelas risadas. Aos bichos que alegam minha casa.

À Zsuzsanna Spiry e Silvia Massimini, que tanto colaboraram durante todo meu percurso acadêmico.

À minha tia e irmã Adriana Candotti pela ajuda com a tabulação dos resultados e gráficos, ao eterno amigo Paulo Araújo por sua leitura, Ao Cassius Vinícius Pereira pela colaboração nas buscas sobre tradutores. Agradeço também à Gabriela Rosini por sua ajuda na diagramação final. E ao Rafael Pimentel pelo bom humor, "*Amado*".

E a todos que não mencionei e que galoparam o *Rocinante* e o *Rucio* nesta jornada comigo, fiéis escudeiros, como meu querido Sancho, muito obrigado.

EPÍGRAFE

“Muchas veces tomé la pluma para escribille, y muchas la dejé, por no saber lo que escribiría; y estando una suspenso, con el papel delante, la pluma en la oreja, el codo en el bufete y la mano en la mejilla, pensando en lo que diría, entró a deshora un amigo mío, gracioso y bien entendido, el cual, viéndome tan imaginativo, me preguntó la causa, y, no encubriéndosela yo, le dije que pensaba en el prólogo que había de hacer la historia de don Quijote, y que me tenía de suerte que ni quería hacerle, ni menos sacar a luz las hazañas de tan noble caballero.

- ***Porque, ¿cómo queréis vos que no me tenga confuso el qué dirá el antiguo legislador que llaman vulgo cuando vea que, al cabo de tantos años como ha que duermo en el silencio del olvido, salgo ahora, con todos mis años auestas, con una leyenda seca como un esparto, [...]?”***

**Cervantes
DQ I, Prólogo**

RESUMO

COBELO, Silvia. **Historiografia das traduções do *Quixote* publicadas no Brasil – Provérbios do Sancho Pança**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 2009, 253p.

Este trabalho reúne a história das publicações do *Quixote* no Brasil desde sua primeira edição em 1942 até o ano 2008. São proporcionados resultados de pesquisa sobre as editoras e os tradutores da obra, com maior ênfase nas quatro traduções brasileiras. Disponibiliza-se um estudo comparativo das traduções através do estudo de sete capítulos que apresentam provérbios proferidos em forma de avalanche pelo escudeiro Sancho Pança. No apêndice estão transcritas as entrevistas feitas com os tradutores Eugênio Amado, Sergio Molina e Carlos Nougé.

PALAVRAS CHAVE: *Quixote* no Brasil, historiografia da tradução, tradutores, provérbios, Sancho Pança.

ABSTRACT

COBELO, Silvia. **Historiography of the *Quixote*'s translations published in Brazil – Sancho Pança's Proverbs**. Master's degree thesis – Modern Languages Department, School of Philosophy, Literature and Social Sciences, University of São Paulo, 2009, 253p.

This study gathers the historiography of *Quijote* publications in Brazil since its first edition in 1942 until year 2008. Research data from publishing companies and from the translators involved are also provided, with bigger emphasis in the four Brazilian translations. It is offered a comparative study of the translations through the study of six chapters that present proverbs pronounced in spate form by the squire Sancho Panza. In the appendix, the interviews made with the translators Eugênio Amado, Sergio Molina and Carlos Nougué are totally transcribed.

KEY WORDS: *Quijote* in Brazil, translation historiography, translators, proverbs, Sancho Panza.

SUMÁRIO

Dedicatória	II
Agradecimentos	III
Epígrafe	VI
Resumo	VII
<i>Abstract</i>	VIII
Sumário	IX
 Introdução	 1
 Capítulo Um – Sancho Pança	
1.1 - Os humanistas e os refraneiros	4
1.2 - Sancho: <i>Um costal lleno de refranes y malicias</i>	9
1.3 - Propostas sobre a gênese de Sancho Pança	18
1.4 - O Sancho dos leitores do século XVII	27
 Capítulo Dois – Fundamentação Teórica	
2. 1 - Historiografia da Tradução	37
2.2 - O estudo das traduções dos provérbios	
2.2.1 - As pesquisas de Anna Sanchez	53
2.2.2 - Tradução de expressões idiomáticas – Diferentes abordagens	54
2.2.3 - Análise dos provérbios e suas traduções	
2.2.3.1 - Unidade de Tradução	66
2.2.3.2 - Modalidades de tradução	67
2. 2.3.3 - Provérbio Equivalente	70
2. 2.3.4 - Análise estilística da tradução dos provérbios	71
2.2.3.5 - Entradas no <i>Google</i>	72
 Capítulo Três – Metodologia	
3.1 - Historiografia	
3.1.1 - Catálogo das traduções do <i>Quixote</i> publicadas	

no Brasil	73
3.1.2 - Tradutores	76
3.2 - Provérbios	
3.2.1 - Resumo dos Capítulos estudados e Fortuna Crítica	
3.2.1.1 - DQ I – Capítulo XXV	77
3.2.1.2 - DQ I – Capítulo VII	80
3.2.1.3 - DQ II – Capítulo XXXIV	81
3.2.1.4 - DQ II – Capítulo XLIII	84
3.2.1.5 - DQ II - Capítulo LXVII	88
3.2.1.6 - DQ II - Capítulo LXXI	89
3.2.3 - Edições utilizadas	92
3.2.4 - Ficha analítica do provérbio original	93
3.2.5 - Coletâneas e Dicionários de Provérbios:	93
3.2.6 - Quadro comparativo das traduções dos provérbios	95
Capítulo Quatro – Resultados e Considerações	
4.1 - Historiografia	
4.1.1 – Histórico das traduções do <i>Quixote</i> publicadas no Brasil	97
4.1.1.1 – Edições do século XX	97
4.1.1.2 – Edições do século XXI	109
4.1.2 - Catálogo das traduções do <i>Quixote</i> publicadas no Brasil	118
4.1.2.1 - Participação por tradutores	120
4.1.3 - Tradutores do <i>Quixote</i>	
4.1.3.1 – Tradução de Viscondes/Chagas	121
4.1.3.2 – Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado	125
4.1.3.3 – Tradução de Aquilino Ribeiro	130
4.1.3.4 – Tradução de Eugênio Amado	132
4.1.3.5 – Tradução de Sérgio Molina	134
4.1.3.6 – Tradução de Carlos Nougué e José Luiz Sánhez	138
4.2 - Tradução dos provérbios	

4.2.1 - Ficha analítica de cada provérbio original e Quadro Comparativo das traduções	142
4.2.2 - Considerações e Tabelas dos Resultados	
4.2.2.1 – Introdução	196
4.2.2.2 - Modalidade de Tradução	198
4.2.2.3 – Provérbios Equivalentes	200
4.2.2.4 – Estrutura Rítmica	201
4.2.2.5 – Recorrência Fônica & Semântica	202
4.2.2.6 – Entradas no <i>Google</i>	205
 Capítulo Cinco – Considerações Finais	 207
 Capítulo Seis – Referências Bibliográficas	 210
 Apêndice: Entrevistas com tradutores	
1 - Introdução	225
2 - Entrevistas	
2.1 - Entrevista sobre Milton Amado, respondida por Eugênio Amado	226
2.2 - Entrevista com Eugênio Amado	232
2.3 - Entrevista com Sergio Molina.	240
2.4 - Entrevista com Carlos Nougué	247

INTRODUÇÃO

O objetivo inicial desta dissertação foi estudar nas diferentes traduções do *Quixote* publicadas no Brasil, os trechos contendo “avalanches” de provérbios que ocorrem em sete capítulos da obra.

O primeiro capítulo, amplamente designado *Sancho Pança*, inicia com um panorama da importância do humanismo renascentista na valorização dos refraneiros, partindo do fato de que grandes coleções foram recolhidas durante a Idade Média. Assim os provérbios foram integrados à literatura, como que construindo uma ponte entre a oralidade e a escrita.

Após o exame dos estudos específicos sobre a “fala arrefranada” de Sancho, tecem-se as considerações sobre a suposta dificuldade de se fazer falar um aldeão analfabeto sem tornar o texto enfadonho e sobre as várias funções dessa linguagem na personagem do escudeiro, o grande interlocutor de Dom Quixote. Apresentam-se, ainda, alguns estudos específicos sobre a técnica da “acumulação de provérbios” e seu propósito cômico.

A seguir, é feito um apanhado das teorias da origem da personagem Sancho Pança. No século XIX Sancho é relacionado mais com o aldeão dos contos populares do que com a cavalaria - conceito retomado no século seguinte - no qual é chamado de “*tonto listo*”, “*necio astuto*” e, em conexão direta com Erasmo, o tipo bufão, “*tonto discreto*”. Além dos inúmeros provérbios que fazem referência a Sancho Pança e ao seu nome, são proporcionados estudos que o relacionam com personagens do teatro, do carnavalesco, do folclore e do refraneiro.

Estuda-se a possível leitura dos contemporâneos à obra, bem como o retorno e a discussão sobre a imagem de aldeão pobre, ignorante, gordo e profundamente ligado aos interesses mundanos, em contraste com a figura idealizada do nobre jovem escudeiro nos tão apreciados e lidos livros de cavalaria. Faz-se uma breve digressão sobre o conflito lingüístico que teria ajudado a confundir mais ainda o leitor espanhol sobre o que seria um relato histórico, uma crônica ou um romance de ficção. Apresenta-se a primordial construção da figura de Sancho como escudeiro paródico, numa representação que somaria todos os demais traços, o bobo, o rústico, o anão artúrico e o bufão.

No segundo capítulo, *Fundamentação Teórica*, a extensa revisão bibliográfica. A partir deste momento o objeto da dissertação divide-se em dois, a

historiografia e as traduções de provérbios. O exame de estudos sobre historiografia da tradução contempla também um manual sobre técnicas de pesquisa específicas para estudos da tradução. Apresenta-se finalmente uma pesquisa com objetivos bastante similares aos desta dissertação, incluindo-se um modelo de ficha catalográfica.

A segunda parte deste capítulo é dedicada aos estudos da tradução de provérbios, iniciando com as pesquisas de Anna Sanchez, cuja dissertação inspirou a escolha do corpus de provérbios analisados. Analisam-se múltiplas e distintas abordagens na tradução de expressões idiomáticas. É apresentado o modelo utilizado para a ficha de análise de cada provérbio e a fundamentação metodológica para a análise dos provérbios e suas traduções.

No terceiro capítulo, *Metodologia*, são discutidos os procedimentos utilizados para as pesquisas. Na primeira subdivisão, a que contempla historiografia, explicita-se a metodologia utilizada para obtenção dos dados para a elaboração do catálogo, assim como as biografias e outros títulos traduzidos pelos tradutores. A seguir, os provérbios estudados são localizados na obra através de breves sinopses e um resumo da fortuna crítica de cada um dos sete capítulos utilizados. Os trechos selecionados para análise foram todos transcritos e os provérbios examinados foram destacados. Finaliza-se o capítulo com a apresentação do modelo da ficha de análise de cada provérbio e com a lista com a indicação bibliográfica de cada coletânea, refraneiros e dicionários paremiológicos utilizados, além de um resumo do quadro comparativo das traduções.

O capítulo quarto, *Resultados*, é também dividido em dois. Na primeira parte detalha-se o catálogo com setenta e uma publicações da obra em estudo, impressas no país desde o século passado até hoje. São proporcionados breves históricos das editoras responsáveis, e uma descrição das edições, e seus paratextos, isto é, introduções, apresentações, orelhas, prefácios, posfácios e notas de rodapé, sempre que possível. A seguir, biografia conseguida de cada um dos tradutores, com foco em momentos de suas vidas que coincidem com as fases de confecção das traduções do *Quixote*. Mostra-se uma seleção do material metatextual coletado, como artigos jornalísticos, entrevistas, resenhas que mencionam as traduções.

Na segunda parte do capítulo, informam-se as edições utilizadas para a análise, e são apresentadas as fichas analíticas de cada um dos quarenta e sete provérbios no original. Essa análise compreende notas coletadas de duas edições

críticas espanholas e aquelas compiladas por Anna Sanchez em sua dissertação. A existência de um provérbio equivalente é checada em coletâneas e refraneiros da nossa língua. A seguir, os provérbios são examinados por parâmetros como estrutura rítmica, recorrências fônica e semântica e por último cada provérbio é buscado na internet, verificando-se o número de entradas em que aparecem e quantas das vinte primeiras estão relacionadas ao próprio texto original do *Quixote* disponível na rede. Cada um dos quarenta e sete provérbios é disposto em uma página, com sua ficha e o quadro comparativo das suas traduções, cada uma analisada com os mesmos critérios descritos na ficha, mais a modalidade de tradução utilizada. Os resultados estão disponibilizados também em forma de gráficos, com algumas reflexões e comentários.

Após as *Considerações Finais*, disponibilizam-se no *Apêndice* os textos preparados para as entrevistas com os tradutores brasileiros do *Quixote*, Eugênio Amado, Sérgio Molina e Carlos Nougué; com a respectiva transcrição de suas respostas.

CAPÍTULO UM – SANCHE PANÇA

“El estudio del arte cervantino es, por esencia, una tarea inagotable a la que todos debemos contribuir con la modestia de nuestro esfuerzo.” Villanueva

1.1 - Os humanistas e os refraneiros

Em sua dissertação de mestrado, *Os refrãos no discurso de Sancho Pança: um estudo semântico*, Anna Sánchez (1982) discorre sobre a chegada do provérbio na cultura ocidental, cuja origem se confundiria com a história da humanidade. Povos primitivos orientais, assim como códigos religioso-sociais de egípcios e hebreus já usavam parêmiás. Os gregos, por sua vez, teriam transmitido esses pensamentos aos romanos que os difundiram através do seu império. A coleção *Disticha Catonis* elaborada entre os séculos III e IV a partir de ditados e máximas atribuídos ao romano Catão era utilizada para ensinar latim nas escolas¹, mas seria a coleção de Erasmo a maior responsável pela propagação dos provérbios nas línguas européias.

A dignificação do elemento popular surgiria no Renascimento como uma reverência ao material provindo do povo, uma época que desdenhava o “vulgo” por considerá-lo incapaz de raciocínio próprio. São idealizadas as crianças e seus jogos, o povo e seus provérbios, o selvagem não tocado pela civilização e, junto a isso, o menosprezo pela vida cortesã e o conseqüente engrandecimento da aldeia, como defendia Antonio de Guevara², traços que Américo Castro (1925) também encontra em Cervantes. O provérbio, dentro dessa perspectiva, estaria no centro dessa filosofia renascentista, e uma das manifestações disso seriam as coleções elaboradas por grandes nomes como Erasmo, seu amigo e correspondente Polidoro Virgílio³, o Comendador Hernán Núñez (citado por Cervantes – DQ II, XXXIV) e principalmente Juan de Mal Lara, “*autor muy leído por Cervantes*” (Castro, 1925:79), seguidos por muitos outros, como será visto neste capítulo.

¹ No conhecido episódio dos “*Batanes*”, Sancho transforma Catón Censorino em Zonzorino (DQ I, XX, p. 212). Em nota, Rico informa que Sancho estaria se referindo ao “*pliego suelto*” muito editado nos séculos XVI e XVII, *Castigos y ejemplos de Catón*. A compilação teria sido usada para alfabetizar e doutrinar crianças. Ver também SILVA (2000:33).

² GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de Corte y Alabanza de Aldea*. Edición de Asunción Rallo. Madrid: Cátedra, 1984.

³ Confirmar correspondência em ROTTERDAM (1974: *passim*).

Américo Castro faz um paralelo sobre o que Cervantes escreve acerca dos provérbios e as obras de Erasmo e de Mal Lara, inclusive quando mencionam o abuso, ou excesso de provérbios, uma “*emanación espontánea del espíritu de Sancho*” (ibid.:195). Por essa razão, pensa que qualquer estudo sobre o uso de provérbios na obra de Cervantes deveria estar inserido num contexto histórico.⁴ Ángel Rosenblat (1995) entende o refraneiro como manifestação da velha sabedoria, o fundo moral que o humanismo procurava na vida pastoril, enaltecida por suas descrições literárias. Ele é categórico: “*El refranero popular, el pan nuestro de cada día, alimentó el fondo utópico de humanismo*” (Rosenblat, 1995:43).

Existe uma grande controvérsia se Cervantes teve ou não acesso à obra de Erasmo. Já no século XIX, Chasles (1866) conjecturava acerca de uma leitura de Cervantes dos adágios de Erasmo, assim como seu profundo conhecimento dos provérbios espanhóis e das pasquinadas italianas. Antonio Vilanova (1988) é extremamente convincente com seus exemplos e incisivo em seu texto ao apontar a influência da obra de Erasmo no *Quixote*. Logo no início, cita o estudo de Marcel Bataillon⁵, quem considera improvável uma leitura direta de Erasmo pelo autor do *Quixote*, mas que reconhece “*que las tendencias literarias de Cervantes son las de un ingenio formado por el humanismo erasmizante*” (Vilanova, 1988:44). Vilanova, por sua vez, supõe uma possível leitura, em segredo, por parte de Cervantes, das antigas traduções castelhanas, proibidas pelo “*Índice del Inquisidor Valdés*” em 1559, anos após a tradução em espanhol. Américo Castro inclina-se para uma leitura direta do latim, mas comenta também a existência da obra em espanhol: “*yo pienso que pudo verla [Elogio da Loucura] en latín, y enterarse suficientemente de su contenido; pero hay que observar que existió traducción española, lo que facilita que Cervantes la conociera.*” (Castro, 1925:86)⁶.

⁴ Ver mais sobre contexto histórico em MARAVALL, José Antonio (1983:203-253), REDONDO (1995:257-293) e mais especificamente na literatura em BOBES et al. (1998:229-401).

⁵ BATAILLON, Marcel. *Erasmo y España. Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.

⁶ Para mais informações sobre esse tema, ver “Carta a Julio Puyol y Alonso”, escrita em Santander em 1916 e publicada pela revista *La Curul* (2007:4): “Sería curioso averiguar si hubo o no, en el siglo XVI, alguna traducción castellana del *Encomium*, y nada de particular tendría que la hubiese habido. En el *Índice* del inquisidor Valdés (1559) se prohíbe la *Moria* de Erasmo, en romance (y en latín) y en otra cualquier lengua`, y, aun cuando esto no sea prueba segura de que la versión existiese, constituye, sin embargo, un indicio bastante probable. El hecho es que, desde 1520 hasta 1556, por lo menos, se suceden en nuestra patria [México] las versiones castellanas de los escritos erasmianos. El maestro Bernardo Pérez, al publicar en 1529 su traducción de los Silenos de Alcibiades, escribía: `Ya vemos en cada parte de nuestra España no traer otra cosa en la boca sino Erasmo y sus obras, y que se esfuerzan a sacar de latín en romance diversos tratados, porque el pueblo, que no sabe latín, no carezca de tanto bien.` [...] Los más valiosos representantes de nuestra cultura renaciente, con

Como diz Pfandl, “*Los españoles gustan expresarse en dichos y refranes cortos y lleno de agudeza e intención*”⁷ (Rosenblat, 1971:35), é o que teria dito um viajante ao visitar a Espanha, para descrever a particular aptidão refraneira da Espanha. Lacosta (1965) correlaciona essa vocação com a longa e extensa ocupação árabe, uma cultura antiga e com idioma riquíssimo em expressões proverbiais. Vale lembrar aqui a não mencionada, mas com certeza influente, herança judaica, outra cultura extremamente proverbial. Uma das coleções castelhanas foi feita por um rabino, Dom Sem Tob (1350-1369), que dedicou seus *Proverbios Morales* ao rei Dom Pedro I de Castilha.

Através do estudo preliminar feito por Hugo Bizzarri (1995) na edição da obra de Santillana, sabe-se da existência de um Refraneiro espanhol já no século XIII⁸. A famosa escola de tradutores de Toledo teria iniciado a tendência a reunir as coleções de saber sapienciais, compostas tanto de material popular como erudito, evidenciando uma influência mútua. Lacosta chama a atenção para os provérbios da literatura medieval, *Mio Cid*, *Cronica General* e os chama de “*expresión sintética de la sapiencia acumulada por el hombre a través de las épocas*” (Lacosta, 1965:135). Bizzarri recorda que o *Libro del Caballero Zifar* coloca provérbios na fala de vinte e nove personagens e que o Arcipreste de Hita utilizaria a mesma técnica de “*encadenar refranes y pseudo-refranes en un recurso que hemos llamado ‘enhebrado de refranes’*” (Bizarri, 1995:3). Alguns documentos comprovam a utilização dos provérbios como ferramenta de ensino, mas é no século XV que este adquiriria força e caráter autônomo com o aparecimento de duas grandes coleções atribuídas ao Marqués de Santillana: *Seniloquium* e *Refranes que dicen las viejas tras el fuego*. *Seniloquium* foi praticamente esquecida em sua forma manuscrita,

excepciones rarisimas, son todos erasmistas, desde Alonso y Juan de Valdés, Francisco de Vergara y sus hermanos, el arzobispo Fonseca, Pedro Juan Oliver (el comentarista de Pomponio Mela), Juan Maldonado, Luis Vives (el filósofo del Renacimiento), Francisco de Vitoria (el fundador del Derecho internacional) y tantos otros, hasta Cristóbal de Villalón y el Brocense. Como agudamente observó Menéndez y Pelayo, hay en Cervantes (singularmente en el *Coloquio de los perros*) un sabor erasmista que traduce en el autor de *El ingenioso hidalgo* la influencia del Renacimiento. ‘Si los que pierden el tiempo —escribe el maestro— en atribuir a Cervantes ideas y preocupaciones de librepensador moderno conociesen mejor la historia intelectual de nuestro gran siglo, encontrarían la verdadera filiación de Cervantes, cuando su crítica parece más audaz, su desenfado más picante y su humor más jovial e independiente en la literatura polémica del Renacimiento, en la influencia latente, pero siempre viva, de aquel grupo’.”

⁷ PFANDL, L. *Cultura y costumbres del pueblo español de los siglos XVI y XVII: introducción al estudio del Siglo de Oro*. Barcelona: Edit. Araluce, 1929; reimpresso em Madrid: Visor Libros, 1994.

⁸ O’KANE (1962:17) traz uma questão interessante: “*Es difícil explicarse el reducido número de colecciones de proverbios que la Edad Media española han llegado hasta nosotros si se tiene en cuenta el gran número de colecciones medievales hechas, por ejemplo, en Francia y en Alemania. ¿Es que la vitalidad peculiar que el refrán tenía en España hizo innecesario que se recogiera la sabiduría tradicional como se recogió en países menos profundamente impregnados de cultura popular?*”.

mais erudita e anônima, no entanto, a segunda obra é a primeira que traz um corpus organizado e marca o início da difusão escrita do refraneiro. O advento da imprensa possibilitou quase trinta reimpressões da mesma, fato que demonstra seu estrondoso sucesso editorial. As novelas picarescas também os utilizam em abundância como em *Lazarillo*, *Guzmán* e *El Buscón*, obras ricas em provérbios, só na obra *La Celestina* aparecem quatrocentos e quarenta e quatro. O século XVI origina uma profusão de coleções: *Refranes famosísimos y provechosos glosados* (Burgos, 1509) incorporando parte do material de Santillana, *Refranes glosados por Mossén Dimas Capellán* (Toledo, Juan Varela, 1510) e *Cartas de refranes* (Toledo, 1545) de Blasco de Garay, obra que apresenta, de maneira exacerbada, a técnica do “*enhebrado de refranes*” (Bizarri, 1995:7). A ligação histórica entre Espanha e Itália ajuda a difundir os refraneiros castelhanos como afirma Valdés (2004) ao reconhecer haver recolhido alguns provérbios espanhóis na Itália. Erasmo, por sua vez, publica *Adagiorum Collectanea* (1531) em Paris, logo traduzida para o espanhol em 1549 e impulsiona a compilação do saber popular, com a diferença de que a obra de Erasmo é uma coleção de autores latinos, enquanto que os refraneiros castelhanos recolhem provérbios entre o “vulgo”.⁹ O projeto mais ambicioso foi a coleção de Gonzalo Correas, *Vocabulario de refranes i frases proverbiales i otras fórmulas* de 1627, porém publicada somente em 1906, em que o autor, ao que parece, chegava a pagar por provérbios que ele ainda não teria registrado. A obra de Correas encerra o ciclo de coleções gigantescas uma vez que os refraneiros dos séculos XVIII e XIX não constituíram obras tão volumosas nem tão importantes¹⁰.

⁹ Francisco Espinosa, um jurista espanhol (1475-1552), reuniu cerca de quatro mil provérbios, ilustrados com comentários morais, algo que Bizarri alude à influência de Erasmo. Pedro Vallés publica *El Libro de los refranes compilado por el orden de A.b.c.* (Zaragoza, 1549), Juan Ruiz de Bustamante a obra *Fórmulas adagiales latinas y españolas* (Zaragoza, Esteban de Nájera, 1551), Sebastián de Horozco não publica, mas recolhe entre 1550 e 1580 o material para o *Teatro universal de proverbios*, assim como elabora uma coleção sem título, praticamente inédita até 1958, a *Recopilación de refranes y adagios comunes y vulgares de España, la mayor y más copiosa que hasta ahora se a hecho*. O Comendador Hernán Nuñez, El Pinciano, edita em 1555 os *Refranes o proverbios en romance*, reimpresso em Salamanca 1578, Valladolid 1602, Madrid 1619 e Lérida 1621. Melchor de Santa Cruz publica *Floresta española de apotegmas y sentencias, sabia y graciosamente dichas, de algunos españoles* (1574) e a coleção de apotegmas de Juan Rufo, admirada por Cervantes e citada no *Quixote*, *Las seiscientas apotegmas* (1596). Outras coleções: Nuñez de Guzmán (1553), Alonso Guajardo Fajardo (1585), Alfonso Sánchez de la Ballesta (1587), Alonso de Barros (1598), Cesar Oudin (1605), Bartolomé Ximénez Patón (1615) e Francisco Moreno (1621). Ver também o interessante capítulo sobre os modos de apresentação do saber na Idade Média em MARAVALL (1983:221-225).

¹⁰ Bizarri menciona duas obras relacionadas com Cervantes: *Instrucciones económicas y políticas dadas por el famoso Sancho Panza, las a luz D.A.P. y G.* (Madrid, 1791), *Respuestas de Sancho Panza a dos cartas* (Alcalá, 1791).

O provérbio era utilizado como estribilho nos cantares e, por sua vez, alguns dos estribilhos passavam às coleções de provérbios, criando-se então uma zona intermediária entre provérbios e cantares, talvez por influência do ‘*refrain*’ provençal, aspecto também notado por Frenk¹¹. A estudiosa chilena, Lucía Irma Céspedes (2000: 202-205), discorda da idéia de que o uso dos provérbios no *Quixote* se deva essencialmente à influência de Erasmo, e recorda que a palavra “*refrán*” é utilizada em Castilha desde o século XIII, com o sentido de “*estribillo*”¹². Maria Celia Colombi (1989), professora de espanhol na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, autora do livro “*Los refranes en el Quijote: texto y contexto*” também discorre sobre a utilização do termo “*refrán*”. Ela cita Eleanor O’Kane¹³ que identifica vários sinónimos para o termo provérbio na Idade Média e mostra a permanência da palavra “*refrán*”, numa clara prevalência sobre os outros vocábulos. O’Kane encontra conexão na origem da palavra provençal “*refranh*”, “*refrain*” em francês, no entanto, segundo Colombi, o “*refrán*” não deve seu nome pela semelhança métrica com o refrão, mas por ser repetido várias vezes.¹⁴

Javier Salazar Rincón (2007) recorda que o século XVII era ainda dominado por uma cultura de carácter eminentemente oral e anônima, que incluía romances, contos, “*cuentecillos*” e “*consejas*”, canções, anedotas e provérbios. Os relatos tornavam mais amenas tanto as veladas junto ao fogo durante o inverno, quanto as “*frescas*” dos finais das longas tardes do verão europeu; fato igualmente também mencionado por Maxime Chevalier (1975, 1978). Tudo isso apareceria na obra de Cervantes, em especial na personagem Sancho Pança que, mesmo analfabeto, desfia inúmeros provérbios e repete “*romances españoles que andan en boca de las gentes y de los muchachos por esas calles*” (DQ II, XXVI p. 846), interligando assim a cultura oral e popular com a literatura escrita e culta.

¹¹ FRENK, M. Refranes cantados y cantares proverbializados. NRFH, 15, nº 1-2, 1961.

¹² Cf.: COROMINAS, Joan. *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid: Gredos, 1961.

¹³ O’KANE, Eleanor S. On the Names of the Refrán. Hispanic Review, vol. 18, nº1, pp. 1-14, jan. 1950.

¹⁴ Em os dicionários são encontrados os dois significados. A dissertação de Anna Sanchez oferece várias hipóteses para a origem do termo (1982:58-63).

1.2 - Sancho: *Un costal lleno de refranes y malicias*

A hispanista brasileira Anna Sanchez, em sua dissertação de mestrado apresentada na FFLCH/USP, 1982, discorre sobre a função dos provérbios na obra de Cervantes. A primeira delas, “revelar a peculiar maneira de expressar-se do povo espanhol” (p.160)¹⁵. Outra das funções apontadas seria a exaltação da naturalidade da linguagem popular como uma forma de combater a afetação da linguagem culta utilizada naquele tempo¹⁶. Falar sobre provérbios no *Quixote* é remeter-se ao escudeiro, como corrobora Joly (1991) que, mesmo podendo prescindir deles (conferir DQ II, XII), assombra e diverte a todos com seu arsenal. Sancho se tornaria profético desde o início dando a entender com seus provérbios que conhecia mais sobre as complexidades do amor que seu cavaleiro andante: “*Puede así advertirse que lo que aparecen excepcionalmente cargados los refranes sanchescos es del valor profético y de vaticinio que es común asignarles en las sociedades tradicionales.*” (Joly, 1991:24). Entretanto Sanchez encontra procedimentos paródicos no discurso proverbial de Sancho como uma sátira à supervalorização e ao uso abusivo e inadequado dos provérbios, freqüentes na época, provocando comicidade ao invés de uma reflexão sobre o conteúdo ideológico da sabedoria proverbial. (Sanchez, 1982:234-235).

O hispanista alemão Helmut Hatzfeld (1972) foi um dos primeiros a correlacionar a caracterização das personagens com a linguagem e, neste caso, dom Quixote falaria num estilo que remeteria à cavalaria enquanto que Sancho teria um estilo “*picaresco y popular (a más el empleo de refranes en montón y al revés)*” (p.91). O estudioso também observa uma diferença nos provérbios espanhóis, que teriam um alto grau de capacidade de visualização, peculiaridade notada pelos contemporâneos e conterrâneos de Cervantes, como atesta Américo Castro (1925:193) ao citar o conhecido provérbio recolhido por Mal Lara, “*Los refranes aprovechan por el ornato de nuestra lengua y escritura. Son como piedras preciosas*”.

¹⁵ RUSSEL (1978:425-426) observa que os espanhóis tinham fama de “*chistosos, particularmente sobresalientes en el comportamiento y los dichos divertidos o ingeniosos. [...] Para los europeos de aquella época no debió ser, pues, tan sorprendente como a veces se ha supuesto que España tuviera que ser el país que diera a luz el ‘Quijote’.*”

¹⁶ Conferir também SILVA (2000:31-33), que cita ALONSO, Amado (1948). Para saber mais sobre as preceptivas de linguagem da época: GRACIÁN DANTISCO (1943), CASTIGLIONE (1967) e GRACIÁN (1959 e 2001).

Rosenblat considera que Cervantes deveria se deleitar com o refraneiro, componente essencial da fala do Sancho Pança¹⁷. O escudeiro empregaria os provérbios em “*circunstancias imprevistas, o de modo disparatado*” (p.36) modificando-os conforme o momento¹⁸. Um dos exemplos desse uso encontra-se na distorção dos provérbios, como no caso do provérbio número cinco estudado nesta dissertação - “*Muchos piensan que hay tocinos, y no hay estacas*”, mas o uso original era “*Muchas veces donde hay estacas no hay tocinos*”. Mas é com a acumulação de provérbios, chamada também de “*sarta o retahíla de refranes*” (p.37), que Cervantes conseguiria um extraordinário efeito cômico, originando daí a caracterização da imagem pitoresca e vívida para a rusticidade da linguagem do escudeiro.

José Maria Paz Gago (1995) baseia a estrutura dialogal do *Quixote* no contraste produzido entre um estilo livresco, elevado e cultista e outro, a fala dialetal e sociodialetal, baixa e rústica, cujo porta-voz emblemático seria Sancho, “*labrador analfabeto y sin cultura escolar pero dotado de los dones del gracejo y el ingenio natural, bien adobados con una impresionante sabiduría popular que expone continuamente en sus cuantiosos, y en ocasiones, excesivos refranes.*” (Gago, 1995:154). O resultado seria a criação de um discurso fictício, mas que por sua redundância é identificado como extremamente verossímil pelo receptor. Um camponês do século XVII certamente deveria dizer muitos provérbios, mas não o faria de maneira exagerada e/ou disparatada como o faz o escudeiro. De maneira paradoxal, a avalanche de provérbios aumentaria a verossimilhança, assegurando uma ilusão referencial e conectando os diálogos da ficção com os reais. Cervantes não só introduz provérbios, mas também fala sobre os mesmos, sobre seu uso e abuso¹⁹, alusões estas sobre a admirável e incontida proverbialidade de Sancho que reforçariam o efeito realista. Com a fala do escudeiro, Cervantes teria incluído muitos momentos coloquiais, informais, inclusive discursos incorretos, algo que Howard Mancing (2006:127) chama de “*low style*”. A freqüente citação de provérbios, sua inesgotável fonte de sabedoria popular geralmente dita em grande

¹⁷ O recurso teria sido utilizado de forma gradual e crescente pelo autor, fato observado por todos os autores aqui estudados, inclusive o escritor Vladimir Nabokov (1997:54).

¹⁸ Conferir ROSENBLAT (1971:36-37).

¹⁹ Conferir exemplos textuais em SANCHEZ (1982:222-223). Ver mais sobre o tema em SPITZER (1974:160), TORRENTE BALLESTER (1975:89), SACIDO ROMERO (1995-1997:55), REDONDO (1998:481), AVELEYRA (1973:8) e BARBAGALLO (1995:53).

quantidade, ajudariam a simular uma conversa natural. A função mais importante da personagem Sancho, para ele, é a de interlocutor, fazendo Dom Quixote rir de si mesmo e de outros, discorrer sobre os detalhes mundanos da vida, além de forçá-lo a argumentar suas posições e idéias.

Anna Sanchez acredita que a “fala arrefranada” de Sancho não só ajudaria a delinear uma caracterização lingüística da personagem, mas também serviria para prolongar a comunicação, garantindo a contínua atenção do cavaleiro, Dom Quixote. Ao ser Sancho um “*hablador*”²⁰, fato que menciona como comum entre os homens de la Mancha, muitas vezes ele fala por falar, chegando a ser incoerente – provocando o riso nos leitores. Por essa razão a pesquisadora afirma que “o uso descontrolado de refrãos por parte de Sancho está cumprindo além da função argumentativa, uma função puramente lúdica para seu próprio entretenimento e também dos leitores” (Sanchez, 1982:226). A linguagem do escudeiro faria parte de um “mecanismo compensatório”. Existiria uma função fática vinculada a um caráter defensivo diante da “superioridade lingüística” do seu interlocutor, o que o faria competir em alguma medida com o cavaleiro utilizando seu repertório lingüístico. Cervantes teria criado um escudeiro simples e rústico, mas sábio, diz Julia D’Onofrio (2000-2001:20), ressaltando a diferença entre o “*saber libresco*” do cavaleiro e a “*sabiduría popular*” de Sancho – que engloba seu interminável caudal de provérbios. Ao exemplificar com o trecho em que Sancho responde com provérbios aos conselhos de “*tradición erudita de su señor*”, DQ II, XLIII, D’Onofrio pensa ser simbólica a utilização do acervo cultural como arma das personagens de classe baixa ao se enfrentarem com indivíduos das classes mais altas. Irma Céspedes concorda, Sancho seria mestre no uso oportuno dos provérbios, utilizados para defender-se do “*decir sentencioso*” de Dom Quixote²¹. Sánchez considera que a faticidade expõe um processo de autovalorização, uma atitude que refletiria a ambigüidade do camponês espanhol, sua oscilação entre ingenuidade e astúcia.

Os pesquisadores Cantera Ortiz de Urbina e Sevilla Muñoz (2005) discutem as várias funções das parêmias no *Quixote*. A primeira que reconhecem é a mais comum das funções na paremiologia, a argumentativa, com a função de reforçar,

²⁰ Conferir as passagens respectivas no *Quixote* estudadas por SANCHEZ (1982:168-171).

²¹ Para URBINA (1991:176), “*Aunque los consejos de don Quijote se ocupan muy periféricamente de algunas de las normas ilustradas por Lul, Sancho se encarga de rebajar su potencial seriedad – sin mencionar la ironía provista por el contexto – declarándose impermeable a sus enseñanzas. Sancho se refugia, contrariamente, en la sabiduría de sus refranes...*”

escorar, estabelecer ou sintetizar a opinião do emissor do discurso com o propósito de convencer seu interlocutor. A segunda função, inferida após uma cuidadosa análise da obra, seria a de caracterizadora de personagens e logicamente posiciona Sancho Pança como a personagens que mais diz “parêmiias populares”²². A função protetora seria uma estratégia narrativa utilizada por Cervantes ao usar parêmia para poder exprimir sua crítica contra as autoridades civis ou religiosas iludindo uma possível censura. A quarta função apresentada é a lúdica, encontrada nos múltiplos jogos de palavras, como a alteração da ordem tradicional das palavras, parêmiias truncadas, incompletas, adaptadas ou até inventadas. A quinta função encontrada é a humorística, denominação dada pelos pesquisadores espanhóis para o que chamam “*acumulación de paremias populares*” e “*interminable ristas de refranes*” (Ortiz de Urbina; Sevilla Muñoz, 2005:35), apesar de darem como exemplo o capítulo XLIII da Segunda Parte estudado aqui, com vinte provérbios, também consideram um trio como uma acumulação.

Ao avaliar a acumulação dos provérbios nos trechos estudados na sua dissertação, Anna Sanchez pondera que a mesma não contribui para que o pensamento de Sancho se expresse “com força, graça e originalidade” (p.232), ao contrário, a técnica seria exaustiva e sarcástica. O termo usado também é “jogo de palavras” – que ela define como “substituição viciosa e encadeamento por automatismo verbal” (p.233). Cita Pierre Guiraud²³, mostra como um “jogador” pode usar a técnica originalmente usada com a função de “colorir o pensamento” numa função cômica, fazendo rir; ou numa função literária, ridicularizando, criticando ou contestando. Um “jogo de palavras” pode incluir uma mensagem velada no interior do texto. Sanchez questiona o sentido implícito desse discurso, que ela avalia como absurdo e estúpido, significando um Sancho ignorante, inculto, imbecil, compulsivo e delirante em seu “frenesi verbal”, apesar de concordar nesse ponto com Monique Joly (1971), de que a incoerência e estupidez podem conferir um valor lúdico à fala.

Joly compara o uso de provérbios na obra de Mateo Alemán e Cervantes e logo no início distingue o último, sempre lembrado pela sua naturalidade ao utilizar o refraneiro contrastando com a artificialidade de outros autores²⁴. Ela observa a

²² A classificação dos pesquisadores Ortiz de Urbina e Sevilla Muñoz identifica o termo “parêmiias populares” como “*refranes, frases proverbiales, dialogismos, wellerismos e expresiones proverbiales*” (2005:16). As parêmiias cultas seriam as máximas e sentenças.

²³ GUIRAUD, Pierre. *Les jeux de mots*. Paris: PUF, 1976.

²⁴ JOLY (2005:95-96) menciona estudos feitos por Sainéan, O’Kane, Américo Castro e Spitzer.

multiplicidade dos efeitos obtidos com o uso dos provérbios no *Quixote* denotando um artifício literário, a fala “natural” de Sancho seria fruto de uma esmerada elaboração. Concorda com Riley (1981) que o uso sistemático dos provérbios é desenvolvido plenamente só na Segunda parte, na qual ocorre a maioria das reflexões críticas e as cenas articuladas sobre as mesmas. Cantera Ortiz de Urbina e Sevilla Muñoz (2005) confirmam uma grande diferença entre as partes com relação aos provérbios: oitenta e um *refranes y frases proverbiales* na Primeira parte, e trezentos e sete na Segunda²⁵.

Para Joly, Cervantes parece ignorar a proscrição dos preceptistas ao uso imoderado de provérbios, inclusive chegando a “*acentuar deliberadamente la torpeza de la infracción, empleando para ello un doble entendimiento*” (Joly, 1971:99). Sancho encadearia seus provérbios seguindo dois procedimentos estilísticos: um deles é o uso de provérbios semanticamente semelhantes, sugerindo uma recorrência inútil; o outro é quando existe entre os provérbios um hiato semântico que faz sua ligação parecer arbitrária. O resultado é um discurso que ou não avança, ou o faz em saltos. Na maioria das vezes os dois procedimentos teriam sido usados em conjunto, mas ela dá um exemplo para cada um, retirados dos capítulos VII e XLIII da Segunda parte, incluídos no corpus desta dissertação. As avalanches de provérbios estariam fundamentadas em “*un juego de fuerzas centrípetas y centrífugas cuyo núcleo está formado por una idea extremadamente simple, por lo general, un tópico, tal como la vanidad de la ambición, la imposibilidad de hacer callar los murmuradores, etc.*” (Joly, 1971:100).

Cervantes destacaria a infração do escudeiro ao eliminar de modo sistemático o enlace entre os provérbios, fazendo com que uma seqüência de três a quatro deles já provoque um efeito de acumulação. Só por conectar dois provérbios já se perderia uma das suas mais conhecidas características, a concisão²⁶. Apesar de entender que Mateo Alemán não viola tanto a regra na medida em que recomenda não acumular provérbios, Joly vê em seu texto alguns casos que, segundo ela, “*parece anunciar algo que, en Sancho, adquirirá proporciones de caricatura.*” (Joly, 1971:100). Cervantes também emprega provérbios contraditórios, adentrando na

²⁵ PABON NUÑEZ (1964:550) e Carreter (2001: XXI) concordam com essa questão.

²⁶ REDONDO (1989:96) se pondera também sobre o emprego dos provérbios na forma de “*verdaderas retahílas, lo que anula con frecuencia su valor de referencia universal.*” Acredita-se que essa perda de valor de referencia universal pode dificultar a tradução desses trechos.

tradição da paremiologia popular dos “*reprochadores de refranes*”. Ao particularizar o uso do provérbio, sucede uma desproverbialização, como no caso do número dezenove desta dissertação, “*Al buen callar llaman Sancho*” e subsequente resposta de Dom Quixote, “- *Ese Sancho no eres tú*”, o paradoxo e o trocadilho possibilitam a anulação do hermetismo da fórmula proverbial. A hispanista utilizará também o termo “jogo de palavras” para definir o resultado do uso do provérbio quando se exaurem suas possibilidades polissêmicas. O jogo supõe um conhecimento prévio da forma original do provérbio, a alteração não seria para torná-los incompreensíveis, mas absurdos, transformando-se num jogo de significados. Ao criar duas variantes e conseguir muito mais complexidade do que se tivesse apenas tratado do uso correto/incorreto do provérbio, Cervantes teria solucionado o que a autora chama de paradoxo teórico-moral dos humanistas, resumido, segundo ela, na concepção de Américo Castro (1925:193) comentada no início do capítulo: “*la dignificación de lo popular en una época que desprecia soberanamente al vulgo*”.

María Cecília Colombi (1989) é outra pesquisadora que estuda os provérbios no *Quixote*, e está de acordo com Rosenblat que a acumulação dos provérbios é uma característica da fala do escudeiro e sobre o efeito lúdico obtido ao infringir a norma de uso moderado dos mesmos. Apresenta um enfoque sintático, seriam orações coordenadas (com ou sem polissíndeto) e subordinadas. Do ponto de vista semântico, os provérbios repetiriam a mesma idéia, seriam sinônimos, manteriam o mesmo critério lógico ou se complementariam. Como para a pesquisadora um trio de provérbios também caracteriza uma avalanche, ela oferece trechos como exemplos não incluídos nesta dissertação²⁷. Importa lembrar que o artifício não é somente usado por Sancho, mas também por sua esposa Teresa, a duquesa, Dom Quixote e até mesmo o narrador, sendo que há certo consenso da crítica²⁸ que é o de que essa técnica traz comicidade ao texto. Na segunda metade do século XX, Lacosta reconhece o mesmo costume sanchesco de “*ensartar una racha de consejas tras otra en una acumulación tal que semeja una cadena o letanía*” (Lacosta, 1965:148) em remotas regiões da Espanha, afastadas dos centros urbanos, conservando uma herança de gerações centenárias de típicos aldeões.

²⁷ Conferir esses exemplos em COLOMBI (1989:76-83).

²⁸ LERNER (2005:355), MARTÍN-RETORTILLO (1989:502), PAZ GAGO (1995:155-157), CARRETER (2001: XXII), CLOSE (1990:42), VEGA RODRÍGUEZ (1999:3) e o clássico artigo Las prevaricaciones idiomáticas de Sancho, ALONSO (1948:13).

Fernando Lázaro Carreter (2001: xix-xxv, 2008:118-128), que sugere uma consulta ao já mencionado estudo de Rosenblat, discorre sobre a fala de Sancho e seu uso contínuo de provérbios. Esse fenômeno já teria sido justificado por dois fatos bem evidentes, por ser corriqueiro nas conversas da época e pela exaltação feita pelos humanistas. O autor acredita que os fenômenos literários devem inicialmente encontrar uma explicação literária e, como os dois motivos anteriores são de natureza extraliterária, não poderiam explicar um Sancho tão proverbial.

Sancho falaria conforme sua natureza rústica, que além de ser um estilo extremamente difícil de reproduzir num texto literário, o seu uso em excesso poderia comprometer a estética do conjunto. A literatura espanhola já havia proporcionado quatro recursos usados, às vezes, de forma combinada:

a)- *La creación de un idioma artificial, el sayagués, para los pastores bobos del teatro.*

b)- *Las incorrecciones al hablar, esto es, un lenguaje subestándar.*

c)- *El empleo de un lenguaje estándar, bajo pero no desviante, que sea "grosero", esto es, humilde, por la simplicidad, estupidez o vivacidad de lo que se dice; así hablan, en buena parte, los necios o graciosos de la comedia.*

d)- *El uso de refranes que ya hacen el Ribaldo del Caballero Zifar, a principios del siglo XIV; varios personajes de los Arciprestes, y, por supuesto, las heroínas de Rojas, Delicado y López de Úbeda.* (Carreter, 2008:118-119)

Cervantes teria então utilizado algumas vezes a terceira solução, mas é com os provérbios que teria caracterizado a personagem, conseguindo para ela uma voz diferente na "polifonia quixotesca". *"El habla de Sancho: El gran desafío en que ha triunfado Cervantes."* (Carreter, 2008:120) proclama Carreter antes de fazer um apanhado do aparecimento dos provérbios ditos por Sancho²⁹. A técnica de torrentes de provérbios teria aparecido também em outros gêneros³⁰, mas nunca num romance. Nessas obras, os provérbios eram geralmente proferidos por personagens literárias mais velhas, muitas vezes mulheres³¹, e Cervantes teria se

²⁹ O escudeiro profere seu primeiro provérbio no capítulo XIX (coincide com Anna Sanchez e Rosenblat): *"Como dicen, váyase el muerto a La sepultura y el vivo a la hogaza"*. No capítulo XXV ocorreria a primeira e a única acumulação na Primeira parte, recurso que só voltaria a acontecer na Segunda parte, coincidindo com a escolha desta dissertação.

³⁰ COMBET, L. *Recherches sur le Refranero castilla*. Paris: Les Belles Letres, 1971, pp. 102-103.

³¹ Carreter menciona Celestina, Lozana, Justina, Ribaldo e Rampín.

apropriado do recurso do “*chaparrón refraneril*”³² como solução cômica por meio de uma mulher, Teresa Pança. O fato ocorre no famoso capítulo cinco da Segunda parte, designado como apócrifo pelo pseudotradutor, considerado um episódio complexo por reproduzir a conversa de dois analfabetos. Para não desequilibrar a obra, o autor do *Quixote* teria tido uma “*admirable argucia*”, advertindo o leitor através do tradutor mourisco que contesta a veracidade do capítulo, por Sancho dizer coisas sutis que não poderia ter conhecimento e por sua fala ter um estilo que não combina com seu “*corto ingenio*”³³. Sancho restabelece o desnível dos diálogos e incorpora o estilo de Dom Quixote: além de utilizar outra linguagem, ele corrige Teresa, que replica dizendo que desde que ele se tornou um membro da cavalaria andante ele fala de tão “*rodeada manera*” que ninguém o entende, aparecendo então a primeira acumulação da Segunda parte:

Eso no marido mío; viva la gallina aunque sea con su pepita; vivid vos, y llévase el mundo cuantos gobiernos hay en el mundo [...] La mejor salsa del mundo es la hambre [...] [...] mejor parece la hija mal casada que bien abarraganada. [...] Advertid el refrán que dice “Al hijo de vecino, límpiale las narices y métele en tu casa” [...] Mi hija ni yo, por el siglo de mi madre, no nos hemos de mudar un paso de nuestra aldea: la mujer honrada, la pierna quebrada y en casa; y la doncella honesta, el hacer algo es su fiesta. (DQ II, V, pp. 665-668)

E Sancho responde exatamente como faria Dom Quixote: “*¡Válate Dios, la mujer, y qué de cosas has ensartado unas en otras, sin tener pies ni cabeza! ¿Qué tiene que ver el cascajo, los broches, los refranes y entrono con lo que yo digo?*” (DQ II, V, p. 668). É interessante porque logo após, no capítulo VII, quando Dom Quixote pergunta a Sancho o que a mulher dele pensava acerca de sua decisão de acompanhá-lo nas novas aventuras, ele responde com um lote de provérbios (trecho estudado nesta dissertação). Para o crítico, com esse diálogo ocorre a transferência

³² Carreter usa vários termos para a técnica: “*acumulación de refranes*”, “*catarata refraneril*”, “*sarta de refranes*”.

³³ Howard Mancing (1980) analisa o discurso de Sancho e o capítulo DQ I, XX para demonstrar que a personagem não passa a evoluir só na Segunda parte, inclusive sugere que o escudeiro seja, desde um princípio, “*mucho más inteligente e intelectualmente capaz de lo que solemos creer.*” (Mancing, 1980:717). Para esse autor, ele não é nem nunca foi “*de muy poca sal en la mollera*”, mas sim inteligente e capaz, apesar de sua absoluta falta de educação formal. O crítico lamenta que a maioria dos leitores o interprete como naturalmente estúpido, e se detém no capítulo DQ II, V, segundo ele, considerado como o princípio da “*discreción*” de Sancho. Ele entende a denominação de “apócrifo” por parte do pseudotradutor seria um jogo de Cervantes, pois o discurso de Sancho não se mostraria mais complicado ou retórico que no episódio dos “*Batanes*”, comprovando o *Quixote* como um livro enganoso. Para poder entender as personagens, o crítico receita uma leitura cuidadosa do texto sem prestar atenção aos mitos dos personagens, clichês dos críticos e mais ainda, sem levar em conta os comentários dos narradores – e os denomina: Cervantes, o editor, o tradutor mourisco, e o historiador Cide Hamete Benengueli.

definitiva do uso exagerado de provérbios de Teresa para Sancho, hábito confirmado pelo próprio escudeiro, que em várias ocasiões diz serem os provérbios a fonte do seu conhecimento. Concluindo, Sancho entra para a história como portador de um “*costal de refranes*”, conseguindo impor um tom característico e único, potente suficiente para conseguir sobressair na ampla polifonia do *Quixote*.

1.3 – Propostas sobre a gênese de Sancho Pança

Dom Quixote e Sancho surgiram da Idade Média trazendo dois mundos, o dos aldeões e o dos cavaleiros. Aparece um embate entre a oralidade, abarrotada de ditados populares, e a literatura escrita, cheia de galanteios da nobreza, a luta entre o provérbio e o romance. É o que observa Émile Chasles, historiador que também define Sancho como um “*homme des champs, le ‘villanus’ d’autrefois, le vilain du moyen age...*” (1866:341), e não o identifica com o gênero das histórias de cavalaria, mas com os relatos populares medievais, onde o herói é um *vilain*, o mesmo *villano* espanhol, traduzido aqui nesta dissertação como “aldeão”³⁴.

Na França chama-se Marculf, na Itália, Bertoldo e sua esposa, Marculfa. Em todos os lugares trata-se da mesma personagem, um pobre diabo para o qual a glória, a honra e o amor são variações de um luxo interdito. Apóia-se em seu bom senso, guia-se por uma provisão de provérbios, uma coleção de conselhos e respostas prontas, conhecida na Espanha como “*preguntas y respuestas*”³⁵. O historiador francês pensa que Cervantes deveria conhecer muito bem esse tipo de aldeão, Sancho teria ainda mais semelhança ainda com o tipo italiano – Bertoldo (que seria inspirado no tipo francês), outra personagem que esconde malícia na sua simplicidade. Esses aldeões seriam todos primos e descendentes de Esopo, precedendo as personagens *Sganarelle* e *Gros-René* de Molière, a quem teriam deixado sua herança. Sancho se mostraria estabelecido em sua filosofia, usando provérbios, não escondendo sua covardia, com sua gula bem humorada, mas ao vislumbrar um benefício, ou alguns ducados; todo seu bom senso desapareceria, favorecendo o interesse. Para o historiador é por essa razão que ele abandona os seus, sofre, e bebe o bálsamo de Fierabrás. Ele enumera algumas das ambições e delírios de grandeza do escudeiro e conclui que Sancho é louco. O autor francês chega a ser muito duro com Sancho, acusando-o de abandonar seus amigos quando estes têm má sorte, de pilhar os vencidos e inclusive faz profecias: “Si

³⁴ No dicionário WordReference, villano é traduzido por “vilão”. O conceito “aldeão” foi retirado da definição apresentada no dicionário da RAE: “*Vecino o habitador del estado llano en una villa o aldea, a distinción de noble o hidalgo.*” No Aulete encontra-se: “Habitante de uma aldeia.”

³⁵ O termo que aparece quatro vezes no *Quixote*: DQ I, XLI p. 474, DQ II, XXVII p. 856; LXII, p.1141; LXX, p.1190.

demain il était riche, il écraserait les vilains, ses frères, et réduirait em esclavage les nègres du Micomicon.” (Ibid.:436) ³⁶.

No capítulo intitulado “*Génesis Literaria de Sancho Panza*” Francisco Marquéz Villanueva (1973:20-94) discute a inspiração na personagem do escudeiro Ribaldo no já citado *Libro del Caballero Zifar* que, além de ter a mesma função de Sancho, também diz provérbios. Essa concepção teria aparecido pela primeira vez em 1903, cautelosamente sugerida por Wagner³⁷, já que a obra teria sido editada uma única vez em 1529. Apesar disso, Menéndez Pelayo defende essa idéia em pelo menos duas obras³⁸, para ele, o parentesco entre Ribaldo e Sancho seria indiscutível, não só pela semelhança nas funções mas por sua linguagem, em especial, os inúmeros provérbios. Menéndez Pidal³⁹ apesar de buscar a origem de Sancho no refraneiro, também admite uma vaga influência de Ribaldo. Outro autor que concorda com essa premissa é Hatzfeld (1972), quem argumenta que nos livros de *Amadís* e de *Palmerín* os escudeiros não teriam uma importância tão significativa dentro de suas narrativas. Ele é categórico: “*Su realismo idiomático procede en gran parte de La Celestina; su antítesis, del Caballero Cifar [...]*” (Ibid.:2). O autor acredita que o livro de *Zifar* é uma das obras conhecidas por Cervantes, mas sabe-se que naquela época o livro não circulou como *La Celestina*, *Lazararillo*, *Guzmán de Alfarache* e *Orlando Furioso*. Ele chega a dizer que Cervantes teria “traduzido” a malícia e o utilitarismo de Ribaldo. A fala proverbial teria sido incorporada ao longo da elaboração do *Quixote*, criando o refraneiro do escudeiro, que para ele é também “*un refranero crítico de los aristocráticos adagios de Erasmo que Cervantes rehusa en cuanto a su contenido*” (Hatzfeld, 1972:4) e cita o artigo de Vilanova⁴⁰.

Urbina (1991) é outro autor a discorrer sobre essa ligação entre os dois escudeiros. Faz referência aos autores acima citados e soma Walker⁴¹ como defensor do parentesco entre Ribaldo e Sancho, que teria confirmado essa hipótese utilizando conexões textuais entre as obras. Como a última impressão foi em 1529,

³⁶ “Se amanhã ele virasse rico, ele arrasaria os aldeões, seus irmãos, e faria escravos os negros de Micomicão” (Tradução: COBELO) Existe um interessante estudo sobre esse episódio dos “negros de Micomición”, desde uma perspectiva social, histórica e econômica em REDONDO (1995:275: 277) e (1997:77-80).

³⁷ WAGNER, Charles Phillip. The Sources of ‘El Caballero Cifar’. *Revue Hispanique*, X, 1903.

³⁸ *Estudios y discursos de crítica histórica y literaria*, 1941 e *Orígenes de la novela*, 1943.

³⁹ MENÉNDEZ PIDAL. *Um aspecto de la elaboración del Quijote*, 1948.

⁴⁰ VILANOVA, Antonio. *Erasmo y Cervantes*. Barcelona: C.S.I.C., 1949.

⁴¹ WALKER, R.M. Did Cervantes know the Cavallero Zifar?. *BHS*, nº 49, pp. 120-127, 1972.

Urbina alerta para a data mais antiga dos livros da biblioteca de Dom Quixote, 1547; para ele, mais um fator para considerar muito improvável que Cervantes conhecesse *Zifar*. Walter confronta esse argumento alegando que o fato da obra não ser mencionada por Cervantes, assim como sua condição de obra do século anterior e de pouca circulação não significaria que o autor do *Quixote* não a tivesse lido. Mesmo assim, Eduardo Urbina reafirma sua posição, dizendo estar de acordo com o teórico de literatura, Martín de Riquer⁴², para quem é um exagero pensar que Ribaldo seja modelo de Sancho, apesar das analogias (mesma classe social, fidelidade ao seu amo), pois não existiriam vestígios de nenhum trecho do *Caballero Zifar* no *Quixote*.

Na introdução do *Libro del Caballero Zifar*, Cristina Gonzáles (2001) informa, que alguns estudiosos concordam com essa origem para Sancho, mas outros não, como J. Piccus⁴³,

Jules Piccus examina el uso de los refranes y frases proverbiales en la obra, que en su opinión, no es característica exclusiva de ningún personaje y menos del Ribaldo, que dice menos que Zifar y que, en consecuencia, no es un antecedente de Sancho Panza. Piccus ofrece analista de 173 refranes y frases proverbiales [...] Gella Iturriaga⁴⁴ proporciona una lista de 374 proverbios de la obra [Zifar] [...] (Gonzáles, 2001:24)

Para o professor sevilhano Márquez Villanueva essa teoria teria sofrido um ataque contundente já em 1925 com a publicação do trabalho do norte americano W. S. Hendrix⁴⁵, que refuta totalmente essa conexão entre os dois escudeiros baseado na precária circulação da obra que narra as aventuras do *Caballero Zifar*, adicionando ainda o fato de que as pequenas tiragens da época e a conseqüente “*escasísima o nula resonancia del Zifar a lo largo de todo el siglo XVI*” (Villanueva, 1973:26)⁴⁶. Suas pesquisas mostram o uso de provérbios no embasamento do

⁴² RIQUEUR, Martín. *El caballero Zifar*. Barcelona: Selecciones Bibliófilas, 1951.

⁴³ PICCUS, Jules. Refranes y frases proverbiales en el Libro del Cauallero Zifar, Nueva Revista de Filología. Hispánica, 18, 1965-1966.

⁴⁴ ITURRIAGA, José Gella. *Los proverbios del Caballero Cifar. Homenaje a Jurio Caro Baroja*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1978

⁴⁵ HENDRIX. W.S. *Sancho Panza and the Comic Types of the Sixteenth Century*. In *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal. Miscelánea de estudios lingüísticos, literarios e históricos*. Madrid: Hernando, 1925.

⁴⁶ Na introdução de GONZÁLES (2001:20-21) à edição consultada do *El Libro del Cavallero Zifar*, fica evidente a grande discussão sobre a data do manuscrito, certamente próxima a 1300 e antes de 1350. Existem dois manuscritos, o do século XIV, que está em Madrid e o manuscrito de Paris, feito no século XV. Cristina González cita duas edições impressas, a primeira, de 1512, editada em Sevilla, sendo que o único exemplar que existe está na Biblioteca Nacional de Paris, e segundo a pesquisadora, a versão não deriva diretamente dos manuscritos. A edição de 1529, já mencionada aqui, encontra-se na Biblioteca de Madrid e é uma reimpressão não revisada da edição de 1512. Ver a catálogo completo na (Ibid., 51).

pensamento e das idéias literárias do século XVI, anulando o que chama de “*vaga tendencia refranesca*” em Ribaldo como um traço de estilo único, portanto característico seu.

Hendrix abriria uma nova visão sobre a gênese de Sancho, propondo o conceito de “*una transposición novelada de los tipos cómicos del teatro anterior a Lope [...] la amplia serie de literatura dialogada, medio dramática y medio novelística, de las continuaciones de ‘La Celestina’ y obras afines*” (Ibid.:26). Os tipos cômicos seriam dois: o “*tonto*” e o “*listo*”. O “*tonto*” teria como características ser estúpido, crédulo, covarde, falar com sotaque dialetal, ter ânsia em satisfazer suas necessidades básicas como se alimentar ou descansar, tomar liberdades com seus superiores, e iludir-se com recompensas exageradas. Já o tipo “*listo*” seria o amigo confidente, “*ladino y sinuoso*”, que faz comentários sarcásticos e freqüentemente toma a iniciativa da ação. A síntese dos dois tipos resultaria na figura “*tan compleja y empapada de vida, del buen Sancho Panza*” (Ibid.:27).

A seguir o professor parte em busca das origens do nome de Sancho Pança. Seu primeiro nome viria do folclore, aparece em vários provérbios e é relacionado com o tipo rústico tanto no refraneiro espanhol como no teatro e na *comedia*⁴⁷, já o Pança proviria da literatura dramática. Villanueva reproduz a descrição do escudeiro pintado no primeiro cartapácio da pretensa narrativa de Cide Hamete: “*barriga grande, el talle corto y las zancas largas, y por esto se le debió de poner nombre de ‘Panza’ y de ‘Zancas’*” (DQ I IX, p.109) e conecta essa imagem com os rústicos de farsas e entremeses, nos quais o aldeão era denominado desdenhosamente de “*pata-patán*”. A oscilação entre *Panza* e *Zancas* teria mais vínculo com o teatro primitivo, reforçando o efeito cômico com personagens gordos, anões, ou “*zanquillargos*”, geralmente no papel de bufões, figura estudada mais adiante. Para a sociedade da época, o nome era um signo muito representativo, um conceito, relata Agustín Redondo (1986), derivado das teorias platônicas transmitidas pelo

⁴⁷ Um exemplo é “*Allá va Sancho con su rocino*”. Na coleção do Márquez de Santillana, o mesmo provérbio aparece com uma pequena variação. Na *Segunda Celestina*, temos “*Con lo que Sancho adolece Domingo y Martín sana*” e “*No ganará contigo la dehesa, Sancha la Bermeja*”. Na *Comedia Thebayda* (1521) aparecem “*Topado ha Sancho con su rocín*” e “*A buen callar llaman Sancho, al bueno, bueno, Sancho Martinez*”. Este também aparece na *Seraphina* (1521), na *Comedia Vidriana* de Jayme de Guete, assim como no próprio *Quixote* (DQ II, XLIII). Na *Lozana Andaluza* de Francisco Delicado, temos “*Yo me llamo Sancho*”. Em *Amadís*, o governador da insula chama-se Isanjo. No *Thesoro de varias poesias* (1580) de Pedro Padilla, alegado amigo de Cervantes, surgem dois personagens, Pero Pança e Sancho Repolla. Na obra de Torres Naharro, *Comedia Trophæa* (1514?) aparece um aldeão chamado Sancho Cabra.

Renascimento e da tradição judaico-cristã⁴⁸, provocando grande correlação entre a onomástica e a maneira de se comportar. Em outros estudos, Redondo (1978, 1998), correlaciona o *Quixote* com o carnavalesco e assim como Villanueva e Molho, cita a *Tragicomedia de Lisandro y Roselia* (1542) escrita por Sancho de Muñón, e descreve a “*Fiesta de Panza*”. O santo homenageado mudaria de nome segundo a região; *San Panza*, santo de fartura, também conhecido como *Zampanzar* no carnaval do país Vasco, é chamado por Rabelais de *Saint Pansart*, *Panchart* ou *Pancha*. Todos eles são celebrados durante o carnaval, sua personificação festiva, aclamando a necessidade biológica de comer em excesso e manifestar a vitória da vida sobre a morte. O autor refere-se inclusive a “*manteamientos*” de fantoches representando *Pansart*, Sancho sofre o mesmo no capítulo XVII da Primeira Parte⁴⁹.

No capítulo “*Raiz Folclórica de Sancho Panza*” o hispanista francês Maurice Molho (1976:217-336) afirma que “*Sancho Panza está todo en su nombre, que lo define y determina*” (Ibid:249). O nome Sancho pertenceria à nomenclatura dos arquétipos folclóricos e ao relacionar o nome à tradição paremiológica oferece mais alguns provérbios com o nome do escudeiro⁵⁰. Igualmente correlaciona o nome “*Pança*” com uma figura carnavalesca; citando a mesma obra de Sancho de Muñón e mais dois textos⁵¹.

O professor Villanueva prossegue na análise da obra de Hendrix e delineia um interessante paralelo com bobo de um fragmento da “*Representación de la famosa historia de Ruth*” (1580) de Sebastián Horozco, o mesmo autor do *Libro de proverbios glosados o Teatro universal de proverbios* (1570-1580). O bobo reluta em iniciar uma viagem, pede que levem bastante comida e vai montado num asno. Para

⁴⁸ AVALLE-ARCE e RILEY (1973:49) concordam com essa questão, o nome teria tido sempre uma “*cierta cualidad mística y definitoria de la esencia de esa persona.*”

⁴⁹ Para mais considerações sobre esse interessante conceito do carnavalesco e o *Quixote*, conferir os estudos de REDONDO (1978, 1980, 1989 e 1998). IFFLAND (2003) faz um análise crítica do estudo de Anthony Close, “*The Romantic Approach to Don Quixote: A Critical History of the Romantic Tradition in Quixote Criticism*”. Cambridge: Cambridge UP, 1978 e refere-se a um momento particular na história cultural européia, quando escritores, muitos provindos de setores sociais intermediários, trabalharam em suas obras aspectos da cultura popular de um modo bem peculiar e ao mesmo tempo fértil. Nessa época surgiram numerosas práticas festivas na “alta cultura”, espelhadas na literatura de várias maneiras. Cervantes é considerado por Iffland como o melhor exemplo desse fenômeno. Ver mais bibliografia na nota 53 desta dissertação.

⁵⁰ “*Quien a Sancho haya de engañar, mucho ha de estudiar o por nacer está*”, “*Lo que piensa Sancho, sábelo el diablo*”, “*La mujer de Sancho, rueca, religión y rancho*”, “*Sancho por santo, sano y bueno*”, “*Topado ha Sancho con la horma de su zapato*”, “*Revienta Sancho de Hidalgo*”, “*La mujer de Sancho, rueca, religión y rancho*”, “*Cochino, puerco o Sancho, todo es uno, y Sancho, puerco y cochino, todo es uno.*”

⁵¹ Os textos mencionados são: “*Égloga de la Natividad*” (1518?) de Hernando López de Yanguas, um pastor bobo chama *Pero Pança*; e um poema carnavalesco em que aparece um *Pero Pança* e um *Sancho Repollo*. Esse “*Romance pastoril de la elección del alcalde de bamba*” foi recolhido por Pedro Padilla, alegado amigo de Cervantes, em seu “*Thesoro de varias poesias*” (1580).

completar as coincidências, a personagem tem uma *“ilusión desproporcionada y absurda, ante la cual no cabe reprimir la risa, lo mismo que en el caso de la ínsula tan deseada por Sancho”* (Villanueva, 1973:41). O autor se refere ao absurdo e hilário comentário do bobo, ao dizer que se aprender a ler herdará de um tio uma paróquia e até o seu título de bacharel.

A façanha de Cervantes seria a de transformar o rústico em um *“hombre bueno, moralmente sano, sensato y blando de corazón en medio de sus defectos.”* (Ibid.:84) Sancho não passaria pelas duas infâmias típicas do rústico: ele não é cornudo, muito pelo contrário, é feliz no casamento, bom pai; e tem uma boa formação cristã, ao invés da falta de doutrina da personagem do rústico do teatro.

Molho vê Sancho como o arquétipo da tradição folclórica ocidental. Elogia respeitosamente o trabalho de Hendrix e Villanueva, apesar de considerar inadequados seus estudos descritivos por tentarem identificar modelos escritos pela literatura. Para ele, o estudo da personagem do escudeiro necessita de um *“instrumento analítico más potente que la historia filológica de la literatura y que, si pudiera forjarse, habría de desembocar en una tipología comparada de las figuras cómicas.”* (Molho, 1976:234). Entra na questão levantada por Hendrix, que teria escrito *“stupid and clever”*, que ele primeiro traduz por *“necio y astuto”* e não *“tonto y listo”* como Villanueva, apesar de definir *“necio/tonto”* com os mesmos conceitos deste autor, somente adicionando o tipo rústico, comumente um pastor. Já aos *“astutos/listos”* ele acrescenta os criados ou confidentes do teatro, em geral canalhas, muitas vezes covardes. Aponta alguns problemas na teoria de Hendrix, como o fato de Sancho não ter uma relação clara com os criados da comédia, sua astúcia e agudeza seriam de outra natureza. Pare ele, restringir a inspiração de Cervantes ao teatro é subestimá-la. Maurice Molho relembra que as origens do bobo teatral são da literatura folclórico-popular⁵² e passa então a usar também os termos *“tonto”* e *“listo”*. Ao problematizar o enfoque de Hendrix o autor explana seu conceito de *“necio-astuto”* ou *“tonto - listo”*:

En vez de relacionar a Sancho con los agudos y bobos del teatro primitivo, bastaba con referirlo no ya al ‘bobo’, sino al ‘tonto’ folklórico-popular, de que el ‘bobo’ es un avatar culto, y a su isomorfo inversivo, el ‘listo’, que no es

⁵² Ver PIDAL (1964:5) que discorre sobre uma provável e curiosa fonte de inspiração para o *Quixote*: *“Lo cómico caballeresco en cuentos populares.”* Oferece como exemplo uma obra do século XIV de Franco Sacchetti, *Le Novelle*.

sino el 'tonto' antonímico, vuelto del revés, así como el 'tonto' es la figura inversa y complementaria del 'listo', unidos ambos, sin desunión posible en inquebrantable solidaridad. (Ibid.:248, aspas do autor).

Ele dá o exemplo de um conto popular da tradição espanhola, no qual aparece *Juan Tonto* e *Maria la Lista*. Sancho, um mosaico de necidade e astúcia, reativaria o arquétipo reversível característico da tradição folclórica. O próprio escudeiro faz alusão a um provérbio definitório: “*que maguer que tonto, [no del todo]*” (DQ I, XVII, p.301), um tonto que só age tontamente a seu favor. A reversibilidade aqui aparece em ser tonto ou se fazer de tonto. Quando Sancho se apropria do que não é seu, não o faria por avareza ou por não ser um homem honrado, mas por sua credulidade infantil no mito da cavalaria, revertendo sua simplicidade em uma malícia que usa a própria simplicidade como instrumento.

Antonio Vilanova afirma que o jogo dialético entre o “*disparatado ilusionismo de un loco sabio, prudente y discreto, y la juiciosa sensatez de un necio ignorante, pero malicioso y agudo*” (Vilanova, 1988:47) de Dom Quixote e Sancho é um paralelo com a antítese colocada por Erasmo entre a nescidade e a loucura como traços da condição humana. A obsessão religiosa por arrancar os laços materiais do corpo (a sensualidade, a gula, a preguiça, a soberbia, a inveja, a ira) ficaria contraposta com a necessidade que o vulgo teria desses mesmos laços, ao dar mais importância a sentimentos menos elevados e triviais, como o amor à família, aos amigos, à pátria. Sancho, mesmo sendo o paradigma cervantino do homem carnal, compartilharia o idealismo de Dom Quixote, uma personagem que traz o arquétipo de homem espiritual, desligado das preocupações e assuntos mundanos, mas que participa dos sentimentos naturais da condição humana. A recomendação de misturar a nescidade com a sensatez, preceptiva horaciana, invocada por Erasmo, surgiria na composição da personalidade paradoxal e contraditória do cavaleiro e de seu escudeiro. O resultado é o par de arquétipos contrários, o “louco sensato” e o “tonto discreto”.

Ao deter-se em Sancho, oferece exemplos no *Quixote* em que aparece textualmente sua caracterização de “tonto discreto”⁵³. Para o autor, a influência do

⁵³ Conferir os exemplos em VILANOVA (1988:65-67). Segundo resenha feita por Daniel Eisenberg (1984) do livro *Sancho Panza through Three Hundred Seventy-five Years of Continuations, Imitations, and Criticism, 1605–1980* (Newark, Delaware: Juan de la Cuesta, 1982), o autor resenhado, R.M.Flores, discordaria da visão da figura bipartida, que chama de “*tonto-discreto*”, para ele Sancho não começa o romance como estúpido e ridículo e ganha sabedoria e status com o desenrolar da trama; Sancho seria uma personagem estática, que não muda; sempre positiva. Portanto ele usaria bem os provérbios, e não seria guloso ou covarde. Essa proposta

Elogio da Loucura na composição do *Quixote*, fica mais evidente ainda ao examinar Sancho, a personagem mais diretamente inspirada na obra de Erasmo. Vilanova retoma os antecedentes folclóricos e literários, os estudos de Hendrix ligando Sancho com os cômicos do teatro pré lopista e a proposta de gênese literária sugerida por Villanueva, mas somente para voltar a ressaltar que as características da identidade do escudeiro proviriam do perfil psicológico e moral da nescidade erasmista (Estultícia). A esse perfil ele adiciona o aspecto dos néscios, descrito por Erasmo de modo que remeteria imediatamente à descrição da personagem Sancho Pança no próprio *Quixote*⁵⁴. O néscio de Erasmo é espontâneo, diz o que pensa – “Notai, de passagem, o privilégio que têm os bobos de poder falar com toda a sinceridade e franqueza.” (Rotterdam, 2003:51). O autor refere-se ao Sancho *habrador* visto anteriormente, descreve a *“irreprimible locuacidad de Sancho, siempre dispuesto a ensartar refranes y a decir verdades como puños, salvo en los momentos de solapada doblez, disfrazada de ingenua rusticidad y maliciosa socarronería.”* (Vilanova, 1988:86). Sancho estaria contente consigo mesmo, confessando sua incontida urgência de dizer o que lhe viesse à cabeça, tendo a propriedade de dizer a verdade sem ofender, com graça e simpatia natural. Este último traço seria apontado por Erasmo como uma das características típicas dos *“seguidores de la Estulticia”*, que explicaria a fascinação generalizada dos nobres pelos *“bobos graciosos y a los locos pacíficos e inofensivos”* (Ibid.:87) utilizados como bufões, os quais gozariam de impunidade para emitir, em forma de burla, recriminações e sarcásticas ironias. Existiria também uma relação com a

implicaria que Don Quixote e Sancho “não são um par de opostos” e a quixotificação de Sancho, uma quimera da crítica especializada. Se Sancho parece ser bobo, seria por estar fingindo deliberadamente, assim como quando corrompe os provérbios. O comentário de Eisenberg é irônico: *“With this approach, of course, anything can be anything else.”* (p.3), e pensa que essa é uma abordagem Romântica, na qual Sancho só deve ser admirado e não se pode rir dele, a não ser que esteja tentando ser engraçado. Para URBINA (1991:171), *“El contento de los duques y el interés de la historia se centran en el discreto hablar de Sancho.”* BARBAGALLO (1995:53-54) ressalta que apesar de Dom Quixote chamar Sancho de *“ignorante”* e de *“mentecapto”*, é necessário desfazer essa impressão de ignorância. Ele recorda que Sancho, apesar de sua origem rural, tem conhecimento do que sejam bons modos e normas sociais, as quais ele procuraria não infringir. O autor dá como exemplo o capítulo XI da Primeira Parte, Sancho recusa um convite de D. Quixote para sentar-se à mesa. Barbagallo interpreta que por o escudeiro ter ciência de sua rusticidade e por não confiar em seus modos, ele prefere comer isolado a ofender aos comensais. Ele chama essa atitude de *“auto discriminación”*, que comporia uma paradoxal elevação moral e complexidade intelectual. Ele afirma *“Sancho no demuestra ser un bobo primitivo, simple e ingenuo como dicen Molho y Urbina (Molho, 1976:236; Urbina, 1991:74), sino un hombre discreto que reconoce sus limitaciones.”* (p. 54).

⁵⁴ Conferir a semelhança nos textos originais: “Reparai, agora, um pouco, como os meus tolos são gordos, lúcidos e bem nutridos, ao ponto de parecerem verdadeiros porcos arcânios. Esses felizes mortais não sentiriam nenhum incômodo na velhice, se nenhum contato tivessem com os sábios.” (ROTTERDAM, 2003:25) e a compara com a descrição de Sancho em DQ I, IX, p. 109, cujo trecho já foi transcrito neste capítulo.

comicidade: “Os meus loucos, [...], divertindo os outros com mil chacotas e bobagens, com ditos satíricos, com caretas e disparates de fazer qualquer pessoa rebentar de riso.” (Rotterdam, 2003:51), que junto com a predileção da nobreza pelo protótipo de néscio, remete ao Sancho dos episódios dos Duques.

1.4 - O Sancho dos leitores do século XVII

Salazar Rincón (2007) discute uma singular questão: a leitura da personagem de Sancho feita pelos leitores do século XVII, em sua maioria sem nenhuma bagagem erudita. O primeiro estudo em que se apóia é o de Eduardo Urbina (1991), que relaciona Sancho com os anões e escudeiros das novelas de cavalaria, em especial Gandalín, escudeiro de Amadís de Gaula. O próprio Cervantes estabelece essa relação na obra e Salazar Rincón crê que essa analogia seguramente também foi feita pelos leitores do século XVII⁵⁵.

Mas ao ser lançado em 1605, Sancho também teria tido outros significados. Logo no início, nos capítulos quatro e sete, a personagem é caracterizada como “*un labrador pobre y con hijos*” (Salazar Rincón, 2007:3) e o crítico recorda que a palavra “*labrador*” acompanhada do adjetivo “*pobre*” tinha na época um significado inequívoco, muito diferente do de um agricultor pobre, num século XXI globalizado, pertencente ao Mercado Comum Europeu. A Europa de quatro séculos atrás era semifeudal; na Espanha e em especial na região da Mancha, oitenta por cento da população era composta de camponeses⁵⁶, da mesma classe social que Sancho Pança. As condições de vida eram lamentáveis, havia muita miséria, a maioria da população mal subsistia e somente cinco por cento da população rural possuía riqueza e privilégios semelhantes ao da baixa nobreza.

Mesmo que fossem donos de uma pequena propriedade e de alguns animais, os camponeses trabalhavam a maior parte do tempo nas terras dos mais ricos, eram os chamados “*jornaleros*”, acepção que em muitos documentos da época era sinônimo de pobreza e fome; detalhe que teria ficado evidente para os leitores contemporâneos do *Quijote*. Sancho conta ter tomado conta de cabras e porcos na infância, depois gansos e ao terminar o governo de Barataria ele diz estar acostumado a “*arar y cavar, podar y ensarmentar las viñas*” (DQ II, LIII, p.1065). Aos duques contaria sua condição de “*jornalero sujeto a la emigración y el trabajo*

⁵⁵ Na nota nove da p. 2, Salazar Rincón menciona o soneto de Gandalín para Sancho, o capítulo XX e o capítulo L da Primeira parte. Na p. 3, o mesmo autor transcreve o diálogo final da tragicomédia de Guillén de Castro de 1605 ou 1606, intitulada *Don Quijote de la Mancha*. (Editado por Luciano Garcia Lorenzo. Salamanca: Anaya, 1971) no qual a personagem D. Quixote chama Sancho de Gandalín.

⁵⁶ Estima-se que ao redor de noventa por cento dessa população rural era analfabeta. Conferir mais dados socioeconômicos da época em REDONDO (1995:269: 281). Também verificar em SALAZAR RINCÓN (2007:16) na nota setenta, os trechos da obra nos quais Sancho declara-se analfabeto.

estacional” (Ibid.:6).⁵⁷ Utilizando o *Quixote* de Avellaneda como estudo da recepção contemporânea à obra de Cervantes, o crítico nota a insistência na situação social do escudeiro, que na obra apócrifa é muito explorada e pormenorizada, transformando-se numa prova irrefutável que muitos leitores, incluindo Avellaneda, teriam prestado muita atenção à condição de “*labrador pobre*” de Sancho.

O crítico entende que a condição social da personagem torna a narrativa verossímil, conseguindo convencer o leitor das motivações de Sancho ao acompanhar Dom Quixote em suas aventuras. Ser “contratado” como escudeiro, “*un oficio digno y noble*” (Ibid.:10) era uma ascensão na escala social, algo que teria ficado claro para os leitores do século XVII, mas que para um leitor atual, não especializado, pode passar inadvertido se não obtiver auxílio em notas de rodapé.

A seguir Salazar Rincón trata do aspecto cômico do *Quixote*, no qual a personagem de Sancho seria vital para ele, fator categórico para sua ampla divulgação e o instantâneo sucesso da obra⁵⁸. O crítico ressalta os seus aspectos mais cômicos: a simplicidade e ingenuidade ilimitadas, sua atitude “*burlona*” e “*socarrona*”, suas freqüentes queixas e exigências para com Dom Quixote pelo fato de ser às vezes glutão e covarde, seu descarado materialismo, a escatologia e, por fim, as infundadas ilusões e seus repetidos disparates lingüísticos.

O crítico pondera que, mesmo sendo universais e atemporais os aspectos acima descritos, existiria uma diferença entre o riso que Sancho desperta agora e o provocado no século XVII. Os aspectos de comicidade contemplados presentemente teriam uma origem intrínseca, resultado das ações do escudeiro, da sua fala, e das situações em que se envolve. Para os contemporâneos da obra, “*la comicidad de Sancho tuvo una importante dimensión de carácter colectivo.*” (Ibid.:12). Para ajudar a entender o riso de quatro séculos atrás o autor contextualiza a obra, concordando com os estudos de Vilanova qualificados por ele como sendo incontestáveis.

⁵⁷ Segundo COVARRUBIAS: “*JORNAL. Lo que gana un trabajador al día, de sol a sol, y por esa razón el tal se llama jornalero. Unos trabajan en las obras a jornal, y otros las toman a destajo, que es por tanto, sin limitarles tiempo.*”

⁵⁸ Vale a pena conferir a longa nota quarenta e nove, p. 11, no qual o autor cita vários autores que trataram do tema, entre eles o estudo de Russel (1978). RIQUEL (1973:287) faz referência a diversos testemunhos da época que comprovam que o riso foi a reação unânime do público leitor. Em nota cita BONILLA SAN MARTÍN, Adolfo. ‘¿Qué pensaron de Cervantes sus contemporáneos?’ In *Cervantes y su obra*. Madrid: Francisco Beltrán Editor, pp. 163-184, 1916 e RUSSEL, Peter. ‘Don Quijote’ as a funny book. London: The Modern Language Review, Vol. 64, No. 2, pp. 312-326, 1969. EISENBERG (1982:63) também correlaciona a comicidade da paródia com os livros de cavalaria e também concorda com Russel: “*Yet to claim that Don Quixote is not primarily a work of humor is to claim that it is a failure. As Russell has shown, Spanish as well as foreign readers of the time unanimously considered Don Quixote a funny book.*”

Recorda que a literatura burlesca e satírica do século XVI era considerada como passatempo e crítica social, levada à corte por bufões e similares, tendo grande sucesso inclusive no século seguinte:

Son los truhanes, juglares, bufones, chocarrero, hombres de placer y decidores graciosos, locos fingidos o auténticos que, bajo el escudo de una supuesta demencia, hacen las delicias de los auditorios nobles con sus historietas chuscas, con sus disparates e improprios, o descubriendo, entre el regocijo y el sonrojo de los circunstantes, aquellos secretos a voces que, apenas velados por la hipocresía de la vida cortesana, todos conocen y nadie se atreve a revelar. (Ibid.:13)

Salazar Rincón cita Erasmo falando dos estultos, reproduz as definições de “*truhán*” e “*chocarrero*” de Covarrubias, Mateo Alemán e Diego Saavedra Fajardo⁵⁹ e em todas elas aparece a mesma referência do bufão querido pela corte, apesar de sua eventual mordacidade e zombaria. O próprio Cervantes chama Sancho de “*truhán*”, no capítulo XXI da Segunda Parte, quando chegam ao castelo dos Duques.

O autor volta a trazer o conceito de que para os leitores daquela época, Sancho deve ter sido o arquétipo do

[...] labriego simple y bobo, socarrón y bellaco si conviene, aficionado a al comida y al vino, que hace reír a todos con sus dichos peculiares, sus dislates léxicos, su conducta zafia, o con su ingenuidad y malicia. (Ibid.:15)

Essa personagem teria sido cristalizada pelo teatro do Renascimento e Barroco, por autores como Juan de Encina, Torres Naharro, Lope de Rueda e os da sua escola, como Tirso de Molina e Calderón, fazendo parte de uma velha tradição oral ainda muito viva na época⁶⁰.

No entanto a cultura escrita, assim como as apresentações teatrais dos autores acima mencionados, estava restrita ao ambiente urbano e muitas vezes só ao setor aristocrático. A grande maioria da população embebia-se da “*cultura cotidiana, oral e anónima, a de los cuentos, refranes y chascarrillos.*” (Ibid.:16). Salazar Rincón afirma que a verdadeira bagagem cultural das pessoas do Século de Ouro não estaria composta de livros de pastores, odes, églogas ou comédias; mas

⁵⁹ SAAVEDRA FAJARDO, Diego. *Idea de un príncipe político cristiano representada en cien empresas*. In *Obras*. Madrid: Atlas, 1947. Definição do dicionário RAE para “*truhán*”: “*Dicho de una persona: Que con bufonadas, gestos, cuentos o patrañas procura divertir y hacer reír*”, mas também aparece como “*Sin vergüenza, que vive de engaños y estafas.*”. O termo “*chocarrero*” significa alguém que tem como costume dizer “*chistes groseros*”.

⁶⁰ Conferir nota sessenta e seis, p.16, Salazar Rincón também faz referência aos estudos de Hendrix (1925) e Villanueva (1973).

sim por provérbios, canções, anedotas, contos, o Romancero⁶¹ e todas as outras formas de repertório oral. Toda essa miscelânea estaria muito presente na obra de Cervantes, em especial, por meio de Sancho e o autor acredita que a maioria dos leitores relacionou o escudeiro muito mais com as tradições carnavalescas⁶², festivas e dos refraneiros do que com a literatura culta. O camponês simples e agudo, malicioso e bobo era um recurso quase universalmente aceito na época, visto o grande número de referências que persistem até nossos dias. O autor oferece vários e saborosos exemplos de anedotas e “*cuentecillos*” com aldeões tontos que remetem à simplicidade e credulidade de Sancho, localizando vários momentos de tangência.

Ao estudar a recepção do *Quixote* no seu próprio século o estudioso espanhol encontra, textualmente, unanimidade nas referências sobre a origem rústica e a simplicidade do escudeiro.⁶³ Ele também recolhe outros autores do século XVII que descrevem burlas e enganos feitos aos aldeões, especialmente pelos habitantes urbanos. Claro que também existem numerosas histórias e anedotas em que o feitiço vira contra o feiticeiro e o burlado acaba vencendo seus burladores, aparecendo outra face, a do camponês “*astuto e ingenioso, y también de malicioso y bellaco*. (Ibid.:25). Sancho também seria, assim como os camponeses do folclore “*bobo y listo, ingenuo y malicioso al mismo tiempo, simplón y a la vez bellaco, capaz de la mayor estupidez y la mayor agudeza*.” (Ibid.:26), acentuando sua comicidade ao se desvencilhar graciosamente de situações difíceis ou burlas. Cervantes teria ido além e realizado uma subversão no estereótipo do aldeão, algo não conseguido por Avellaneda que constrói uma personagem plana e sem nuances. Porém o verdadeiro Sancho Pança mostra em inúmeras circunstâncias seu bom caráter, sendo capaz de gestos nobres como seguir Dom Quixote nas mais insensatas aventuras não só pelo “salário”, mas pela fidelidade e o sentimento que o unem ao cavaleiro⁶⁴. Salazar Rincón demonstra isso num trecho no capítulo XXXIII da

⁶¹ MENÉNDEZ PIDAL (1964) opina que “*Cervantes aprovechó el Romancero, no sólo para la fraseología, sino para la invención misma de la novela*.” (p. 17). Ao final completa que o autor: “*recibió del Romancero el primer impulso para pintar la ideal locura de don Quijote, y en el Romancero buscó gran parte de la inspiración y del ornato de la obra*.” (p.20).

⁶² Conferir a bibliografia citada por Salazar Rincón sobre carnavalesco em Cervantes na nota setenta e um, Ibid.:16.

⁶³ Conferir a abundante bibliografia apresentada na nota oitenta e oito, Ibid.:21

⁶⁴ MENÉNDEZ PIDAL (1964:15) concorda e inclusive entra em defesa do “verdadeiro Sancho” contra o apócrifo: “*El Sancho de Avellaneda, glotón, brutal y zafio, hasta no entender siquiera los refranes que*

Segunda parte, tido por ele como “*uno de los elogios de la amistad más conmovedores de nuestra literatura*” (Ibid.:31). E Sancho não seria somente bom, mas também teria qualidades geralmente atribuídas à nobreza, como a de discreto, nada condizente com a condição de “*villano*”. A qualificação de nobre vinha na época, muitas vezes acompanhada do termo discreto e o autor enumera vários trechos de obras do século estudado, assim como escrutina todas as obras de Cervantes nos quais aparece o conceito “*noble discreto*”⁶⁵. Entretanto, apesar de também relacionar a discrição com personagens que são ou serão nobres, Cervantes, com “*talante revolucionário*” atribui repetidas vezes essa qualidade a um plebeu, um camponês; culminando com o episódio do governo de Barataria, no qual

Sancho, el labriego tonto y simple, y ahora bufón interino en el palacio ducal, despliega ante nuestros ojos una “asombrosa inteligencia natural, y resuelve con buen pulso los complicados pleitos y enigmas que se le ofrecen, dando una lección de justicia y buen gobierno a los Duques y a quienes esperaban burlarse de sus dislates [...]” (Ibid:34).

Salazar Rincón conclui, citando o próprio Cervantes, que os burladores acabam sendo os burlados.

Por outro lado, Martin de Riquer (1973) é um dos autores que relaciona o *Quixote* essencialmente com uma paródia aos livros de cavalaria. Segundo ele, esse seria o primordial propósito de Cervantes⁶⁶, explicitado no texto desde o início do livro, em seu prólogo, DQI, Prol. p.17, até as últimas linhas finais da última parte:

amontona trastrocados, surge entre el primitivo y el nuevo Sancho de Cervantes, para hacernos estimar en toda su perfección el Sancho de corazón pobre y bondadoso, de ánimo fiel, que duda de todo y lo cree todo, y en donde brota abundante la discreción por entre la dura corteza de la socarronería, alcanzando la más zahorí sabiduría popular en juicios comparables a los de Salomón y a los de don Pedro el Cruel.”

⁶⁵ Para obter um estudo mais extenso sobre o significado do termo “*discreto*” o autor sugere o estudo de: BATES, Margareth S. “*Discreción*” in *the Works of Cervantes: A Semantic Study*. Washington: The Catholic University of America Press, 1945 e BLANCO-GONZÁLES, Bernardo. *Del Cortesano al discreto: Examen de una decadencia*. Madrid: Gredos, 1962.

⁶⁶ MENÉNDEZ PIDAL (1964) tem outro ponto de vista, apesar das declarações explícitas no texto, Cervantes não teria criado uma antítese dos livros de cavalaria, nem os teria negado, mas sim purificado e complementado. Para ele, o autor não teria matado um ideal, o teria transfigurado e enaltecido. Ao se apropriar dos elementos poéticos, nobres e humanos da cavalaria, Cervantes incorporaria um sentido mais alto. O *Quijote* seria o último dos livros de cavalaria, “*el definitivo y perfecto*”. Para LEWIS-SMITH (1991:25), Cervantes sugere na obra uma “*cruzada literária*” para deslocar o gênero da cavalaria do panorama literário, protegendo suas credências frente aqueles que tanto criticavam essas narrativas, como se estivesse se propondo a educar o gosto do público. Esse papel de “*reformador de gustos literarios*” seria um dos aspectos enganosos do *Quixote*. Para este crítico, “*Una de las cosas que prueban que el objetivo principal de Cervantes era conseguir aclamación universal es el hecho de que la fórmula paródica que utiliza, con su realismo brutal y su reformulación burlona de la fantasía como locura, tiene atracción universal pero a la vez, es una simplificación técnica de los propios sentimientos críticos del autor en cuanto al ‘romance’ [de cavalaria].*” Lewis Smith conclui que o autor do *Quixote* conseguiu que todo tipo de leitor compartilhasse da mesma perspectiva racional da obra, comprazendo também a todos ao fazer burlas com os livros de cavalarias. Mesmo assim pensa que: *Cervantes trata los gustos literarios de don Quijote con simpatía.*”.

No ha sido otro mi deseo que poner en aborrecimiento de los hombres las fingidas y disparatadas historias de los libros de caballerías, que por las de mi verdadero don Quijote van ya tropezando, y han de caer del todo, sin duda alguna. 'Vale'. FIN (DQ II, LXXIV, p.1223, maiúsculas da edição).

Essas afirmações de Cervantes teriam sido levadas a sério pelos leitores, e especialmente louvadas por toda uma elite⁶⁷ incomodada com o interminável sucesso editorial dessas narrativas disparatadas, consideradas muitas vezes como verdadeiras pelo vulgo. O filólogo catalão, Riquer, responsabiliza a própria língua castelhana por essa confusão. Na Idade Média e no século em questão o idioma não dispunha de uma denominação para uma narrativa longa fictícia – hoje conhecida como “*novela*”. Por ter outra acepção, os escritores então, impedidos de utilizar o termo “*romance*”⁶⁸, como se faz em francês, italiano, e no nosso português, foram obrigados a utilizar os termos “*historia*” e “*crónica*”. Era como designavam indistintamente narrativas ficcionais como os livros de *Amadís* e as histórias reais, embasadas em heróis e façanhas verdadeiras, nublando ainda mais a linha divisória entre relatos literários e fatos históricos, especialmente para os leitores mais inocentes. Cervantes, no caso, teria aproveitado muito bem desse equívoco, misturando em seu próprio texto referências fictícias e verídicas⁶⁹. Um dos fatos que mais colabora para isso é a existência histórica de cavaleiros andantes perambulando na Europa do século XV, caminhando errantes, de corte em corte, buscando aventuras, “*justas, pasos de armas, torneos, batallas a todo trance*” (Riquer, 1973:277). Esses cavaleiros andantes foram transformados em dois tipos de literatura: biografias de cavaleiros e novelas cavalleirescas, como *Tirant lo Blanc*. O segundo gênero já entraria mais no âmbito da ficção, ao criar, com naturalidade e humor, personagens e tramas com as características que se ajustavam com

⁶⁷ Existiram inclusive proibições oficiais de livros de cavalaria na Espanha e na América. Segundo Riquer, essa tendência seria iniciada por “*graves escritores españoles*” no final do século XIV continuando ao longo do século XVI. Ele também apresenta um catálogo de publicações que censuram esses livros. *Amadís*, a grande inspiração de D. Quixote, é o mais vilipendiado – apesar de louvado por Juan de Valdés e ser o livro do gênero mais publicado na Espanha, com 86 edições entre 1551 e 1600. (Ibid.:279-281). Na introdução da edição brasileira de *Tirant lo Blanc*, VARGAS LLOSA (2004: XLVIII) não culpa a Cervantes pelo desprestígio irreversível dos livros de cavalaria, mas aos seus “*exegetas e comentaristas*”, ao decretarem que seu principal mérito fora enterrar toda uma corrente literária.

⁶⁸ Dicionário RAE: “*Combinación métrica de origen español que consiste en repetir al fin de todos los versos pares una misma asonancia y en no dar a los impares rima de ninguna especie.*” Também aparece o termo, “*romance de ciego*”: “*romance poético sobre un suceso o historia, que cantan o venden los ciegos por la calle.*” E aparece o termo “*romance de gesta*”: “*Según antigua denominación, romance popular en que se referían hechos de personajes históricos, legendarios o tradicionales.*”, confirmando até hoje a miscelânea feita com a designação de narrativas baseadas em fatos reais e as inventadas pela ficção.

⁶⁹ Conferir o texto referido em DQI XLIX, p.562. EISENBERG (1982:62-68) usa o termo “*pseudo-histórico*” para classificar esses romances ao fazer um estudo do paralelo dos elementos da real cavalaria andante parodiados por Cervantes. O crítico também pondera que o resultado provocaria um riso hilário nos leitores.

coerência às façanhas dos reais cavaleiros andantes do século XV. Essa seria a grande diferença entre o romance cavalleiresco (*Tirant*) e o de cavalaria (*Amadís*), o último, sem maiores preocupações com a verossimilhança.

A publicação de *Amadís* reavivou o êxito dos livros de cavalaria na Espanha do século XVI, quando o gênero já havia desaparecido no resto da Europa, segundo Rey Hazas (1982:75)⁷⁰. A causa desse fenômeno seria a “*coincidencia de las fantasías caballerescas con la fantasía hecha realidad que constituía los éxitos guerreros del Emperador junto al descubrimiento y la conquista de América*”. Outra possibilidade, levantada por Máxime Chevalier⁷¹ baseia-se na premissa, contestada por outros críticos, de que a maior parte dos leitores do gênero era composta por “*caballeros y hidalgos*”. Os relatos dessas aventuras e a vida livre dos cavaleiros andantes preencheriam os anseios e nostalgias de uma camada aristocrática que assistia sua liberdade ser submetida e condicionada pelos conceitos da corte. Mendéndez Pidal alerta que o êxito dos romances de cavalarias não ocorreu por serem as únicas “*novelas*” disponíveis no XVI, mas por suas aventuras povoarem a imaginação dos espanhóis desde muito tempo atrás. A idealização e a fantasia prolongavam “*el placer de vivir la vida de la aventura sobresaltada y del esfuerzo victorioso y vengador*.” (Ibid.:10), explicando o fenômeno editorial das continuações, as segundas, e às vezes inúmeras partes dos livros de cavalaria.

Para Riqueur, Cervantes faz uma crítica implícita e explícita aos romances de cavalaria. A loucura de Dom Quixote está embasada justamente na crença de que todos os cavaleiros andantes, desde os autênticos dos séculos passados, aqueles da cavalleiresca, aos Amadis dos romances de cavalaria, haviam um dia realmente existido, assim como todas suas peripécias, misturando o elemento maravilhoso com a realidade. É bem relevante a informação de que só entre 1551 e 1600 foram publicados oitenta e seis livros de cavalaria, e são calculados, por baixo, mil exemplares em cada edição, comprovando “*que no solo las clases elevadas las que leían los libros de caballerías, sino también las medias y bajas*.” (Ibid.:285).

⁷⁰ MENÉNDEZ PIDAL (1964:10) concorda, ao comentar sobre a edição de *Amadís* de 1492, afirma: “*Y entonces, la novela caballeresca, que durante la Edad Media apenas había producido obras originales en España, y que en Francia estaba olvidada completamente, tuvo, en plena madurez del Renacimiento, una copiosa florecencia que desde la Península se esparció por Europa; entonces se compusieron una serie de continuaciones del ‘Amadís’.*”

⁷¹ CHEVALIER, Máxime. ‘*El público de las novelas de caballerías*’ *Lectura y lectores en la España de los siglos XVI y XVII*, Madrid: Turner, pp. 65-103, 1976.

Existem registros em catálogos de bibliófilos obras muito difundidas através de “*pliegos sueltos, impresiones en cuadernillos de mal papel y destinadas a un público tosco*” (Ibid.:286), os quais Menéndez Pidal (1964) chama de “*libritos populares de cordel*” (Ibid:10). Esse público seria bem amplo, pois englobaria também indivíduos que não sabiam ou sabiam pouco ler – os ouvidores⁷². Como visto acima, a comicidade do texto cervantino estaria intimamente ligada à familiaridade dos leitores com as características típicas dos romances de cavalaria⁷³. Assim como Salazar Rincón, Riqueur recomenda o uso de notas de rodapé nas edições atuais, esclarecendo os elementos parodiados para poder trazer de volta o mesmo riso causado nos antigos leitores.

O hispanista Eduardo Urbina é um dos maiores promotores da questão *Quixote* e livros de cavalaria. Ele define a obra como uma paródia séria e ao mesmo tempo crítica e criativa. Ao pesquisar as origens de Sancho como um escudeiro, um ponto de vista pouco considerado pela crítica, ele o aproxima de sua “razão de ser” no contexto gerador da ficção – uma personagem literária com função de escudeiro dentro de um jogo paródico e define a “*figura doble del escudero-enano de la tradición caballeresca como el centro narrativo más apropiado de su génesis.*” (Urbina, 1982:7).

O professor Urbina faz um minucioso e vasto estudo dos escudeiros com possíveis conexões com Sancho Panza. Inicia com o escudeiro do obscuro *Libro del Orden de Caballería Libro* de Ramón Llull, parcialmente reproduzido no *Tirant lo Blanc*. Na história de Llull, aprende-se que um escudeiro deve ser nobre de coração, amar a Deus, ter esperança, caridade, ser leal, nem tão jovem nem muito velho. Sancho se encaixaria em todas essas características, mas seria a própria versão burlesca em outras. Essa narrativa também descreve um escudeiro de linhagem nobre, não ter interesse em enriquecer no digno ofício “*escuderil*”, visto que a Ordem da Cavalaria exigia armas e riqueza, pois na falta da última o escudeiro se tornaria um ladrão, mentiroso e traidor. Outro atributo faltante a Sancho é a beleza – o escudeiro ideal teria um corpo bem feito e textualmente é dito que tampouco pode

⁷² Ver mais detalhes sobre o tema em FRENK (1980) e ONG (2006:117-122).

⁷³ EISENBERG (1982:64) está totalmente de acordo: “*To one who has read romances of chivalry, Don Quixote is a hilarious book. The protagonist of a romance was always young, handsome, and strong. Don Quixote is old, rides a broken-down horse, wears armor patched with cardboard, and claims a special competence in making birdcages and toothpicks.*” Vale a pena conferir vários outros exemplos interessantes no mesmo artigo.

ser demasiado gordo. Nessa concepção, quanto mais Sancho se distanciasse desse escudeiro de *Llull*, mais afirmaria o burlesco⁷⁴.

Mas é no conflito amoroso estabelecido pelos livros posteriores que Sancho vence como personagem literário independente. O autor discute com muitas ressalvas, como já foi visto acima, a possibilidade da relação com Ribaldo, do *Caballero Zifar*, e faz o mesmo de Gorvalán, escudeiro em *Tristan de Leonís*, história mencionada no *Amadís*, desde o século XIV. Por ser *Tirant lo Blanc* um dos livros da famosa biblioteca de Dom Quixote, Urbina considera que seja explícita a contribuição dessa obra para a concepção da figura de Sancho como paródia da tradição da cavalaria.

Urbina dedica um capítulo inteiro ao escudeiro Gandalín do famoso *Amadís*, para ele, o modelo paródico de Sancho⁷⁵. Ele cumpriria um importante papel na paródia do triângulo Oriana-Amadís-Gandalín, sendo o maior responsável pela deslocção burlesca de Dulcinéia, formando o aberrante par Dom Quixote-Sancho.

Ele retoma a idéia do “*enano artúrico*”, também ligado ao anão folclórico e literário do louco, o que resultaria num Sancho ambivalente. Como escudeiros os anões têm papéis de mensageiros e acompanhantes, são fiéis e aliados dignos do seu cavaleiro. Porém a ignorância, a covardia e a malícia, destes mesmos escudeiros, também presentes em Sancho, sublinhariam, tanto em situações de riso como de melancolia, a “*idílica extravagancia de las acciones guerreras y el interés amoroso del caballero, atacando así la misma ilusión que le sustenta.*” (p.71). Urbina crê que a comicidade de Sancho estaria intimamente ligada ao seu aspecto, precedendo inclusive o seu falar contínuo. Ele é um “*labrador rústico y rollizo*”, assemelhando-se ao biótipo do anão: “*ser pícnico de baja estatura, barriga grande, talle corto y piernas cortas*” (p.71). O autor também refaz a antiga conexão dos anões com uma longa tradição bufonesca, no papel de graciosos, desde muito tempo a figura do bufão era confundida com a do louco. O modelo paródico de Cervantes teria essa condição paradoxal do anão como escudeiro e bufão, este último também ligado ao louco/tonto e com polaridades/dualidades como “*listo/bobo, discreto/simple, inocente/pecador*”, que eram personagens que serviam como

⁷⁴ Rever nota vinte desta dissertação. Como será visto na fortuna crítica do DQ II, XLIII, na Metodologia deste trabalho, o autor menciona o uso de provérbios ao discorrer sobre o governo da ínsula de Baratária.

⁷⁵ MENÉNDEZ PIDAL (1964:12) também está de acordo com esse enfoque.

contraste e perspectiva cômica ao universo ideal dos heróis dos livros de cavalaria. Sancho seria então uma síntese de tipos folclóricos e literários: *“el simple bufón, el rústico, el bobo, el enano, el gracioso, el pícaro y el criado.”* (p.77) construindo assim um escudeiro caricato, mas leal, um interlocutor crítico e um escape cômico. O equilíbrio entre a imaginação e a verossimilhança seria obtido através dessa figura dupla do anão como escudeiro e bufão. Para Urbina, Sancho continua sendo, ao final do livro, *“socarrón y ambicioso, simple y bueno, gracioso y discreto”* (p.187). No encantamento de Dulcinéia, Sancho surgiria de maneira burlesca, como um dos encantadores e magos que tanto perseguem Dom Quixote, tornando a amada do cavaleiro para sempre inacessível. Seria mais uma paródia de Gandalín e seus precedentes, o escudeiro responsável pelo sucesso amoroso do cavaleiro, garantindo um final feliz, bem distinto do frustrado desencantamento da sem par Dulcinéia. Concorde-se plenamente que o êxito paródico como personagem seria justamente o impedimento da relação cavaleiro/amada. Agindo por motivações e necessidades próprias, Sancho venceria onde Gandalín de Amadís fracassara.

CAPÍTULO DOIS – FUNDAMENTAÇÃO TÉORICA

*“Translations can have long-term effects on whole languages and cultures, of course, and these too can be assessed in a historical or cultural study.”*⁷⁶Williams & Chesterman (2002)

2.1- Historiografia da Tradução

A história da tradução tem atraído cada vez mais pesquisadores, enfatizando a necessidade de uma disciplina com metodologia e modelos teóricos adequados. Judith Woodsworth (2005) afirma que somente quando as teorias com um ponto de vista estritamente lingüístico tornaram-se insatisfatórias é que as traduções teriam começado a ser estudadas em seu contexto cultural, histórico e sociológico. A autora fundamenta a escolha do termo “historiografia”, que ela define como *“the discourse upon historical data, organized and analyzed along certain principles”* (Ibid.:101)⁷⁷.

Mas o autor mais conhecido por esse tipo de enfoque em tradução é certamente Anthony Pym, professor em Tarragona, autor de vários estudos, entre eles o livro *“Method in Translation History”* (1998) que, por sua vez, divide os estudos da historiografia da tradução em três grandes áreas. Seguindo sua classificação, esta dissertação se inclui na denominada “arqueologia da tradução”, estudos com o objetivo de responder questões como quem traduziu, obras traduzidas, como, onde, para quem e com que efeito, incluindo compilação de catálogos e pesquisa biográfica de tradutores. Pym sublinha que o termo “arqueologia” não deve ser entendido de forma pejorativa, sendo para ele *“It simply denotes a fascinating field that often involves complex detective work, great self-sacrifice and very real service to other areas of translation history”* (Ibid.:5)⁷⁸.

A escassez de catálogos atualizados de traduções dificultaria as pesquisas e a obtenção de dados, tendo ainda o agravante de haver países com pouca tradição

⁷⁶ “As traduções podem ter um efeito a longo prazo nas línguas e culturas, e claro que também podem ser avaliadas em um estudo histórico ou cultural.” (Tradução: COBELO)

⁷⁷ “o discurso sobre dados históricos, organizados e analisados segundo certos princípios” (Tradução: COBELO)

⁷⁸ “O termo simplesmente indica um campo fascinante que muitas vezes envolve um complexo trabalho de detetive, grande auto-sacrifício e de verdadeiro serviço aos outros campos da história da tradução.” (Tradução: COBELO)

bibliográfica. Um dos exemplos dados pelo autor é o Brasil, país que teria referências precárias para uma história da tradução⁷⁹.

Pym chama de “catálogos de tradução” as listas de traduções dentro de um campo específico. Sobre a produção de catálogos, aconselha que sejam feitos de forma mais completa possível, sendo capazes de proporcionar busca de informações específicas. Os procedimentos utilizados para a compilação e a provável existência de lacunas deveriam ser explicitados. Pym recorda que a elaboração demanda um trabalho considerável feito por indivíduos, ou equipes, e muitas vezes as fontes de dados ou não existem ou são precários. O desafio seria conseguir trabalhar com fontes incompletas de forma a converter um catálogo em um corpus útil. É dentro dessa abordagem que se elaborou, nesta dissertação, o catálogo das edições do *Quixote* publicadas no Brasil, preenchendo esta lacuna.

Anthony Pym pontua como imprescindível a seleção das informações recolhidas. Ao buscar em uma área específica, surgiriam inúmeros dados, especialmente se a pesquisa é feita não só em fontes tradicionais, mas também em fontes secundárias, sendo importante adotar critérios para delimitar períodos, línguas e/ou culturas. Após a confecção das listas, estas podem ser transformadas em curvas de frequência, como, por exemplo, a distribuição de traduções através do tempo. Mesmo não sendo muito eloqüentes, os resultados gráficos podem resultar em uma organização de dados satisfatória como se confirma nesta pesquisa.

Pym trata de um tema bastante procedente para esta dissertação que é o da designação de “traduções” incluindo também as reimpressões (ele dá o exemplo de uma mesma tradução reimpressa ou com várias edições pela mesma editora, às

⁷⁹ O autor menciona três autores que teriam lamentado sobre essa situação. MILTON (1993): “Muito pouco foi escrito em termos de uma abordagem histórica ou descritiva da tradução literária no Brasil.”(p. 174) e mais adiante afirma, “Falta uma história da tradução literária no Brasil” (p. 176). Pym cita também PAES (1990:9), que descreve o estudo historiográfico como “Uma tarefa ciclópica – Quem se propuser algum dia a escrever a história da tradução literária no Brasil terá certamente de enfrentar as mesmas dificuldades encontradas pelos demais pesquisadores do nosso passado ou do nosso presente menos imediato. O reduzido número de bibliotecas públicas existentes entre nós, a par da pobreza de seus acervos e da deficiente catalogação deles, são limitações por demais conhecidas para que seja preciso insistir no assunto. Basta lembrar que tais limitações se agravam no caso do livro traduzido, comparativamente ao livro de autor nacional. É fácil compreender que seja dada a este maior atenção do que àquele, e se já dispomos hoje de bibliografias da literatura brasileira, não tenho notícia de nenhum levantamento histórico, abrangente e seletivo, das traduções literárias publicadas no país.” Apesar do capítulo intitular-se “A tradução literária no Brasil” e citar a editora José Olympio e traduções de obras clássicas, não faz menção alguma à obra de Cervantes. WYLER (2003:24) “Quando me dispus a estudar a história da tradução no Brasil impressionou-me de imediato a escassa bibliografia existente sobre o assunto nos bancos de dados do CNPq e nos fichários das bibliotecas. Encontrei páginas e páginas sobre o desenvolvimento da tradução na Europa, nas quais os autores procuravam remontar a origens gregas e romanas, mas praticamente nenhuma informação sobre o que ocorre ou ocorreu em nosso país.” Pym também inclui a comunicação de WYLER, Lia. “Public Perception of Translation in Brazil”. In 13th FIT World Congress, Brighton, 1993.

vezes outras). O fato de serem encontradas muitas traduções e reedições de antigas traduções poderia ser considerado como um bom índice da demanda do público leitor. Neste tipo de pesquisa, muitas vezes não são conseguidos dados como tiragens e vendas reais, portanto, a frequência das reedições geraria um panorama dessa demanda, que é o que ocorre nesta dissertação.

O professor Pym pondera sobre as razões das retraduições. No caso de algumas obras longevas, o fenômeno seria uma resposta ao processo lento, mas contínuo de transformações lingüísticas e culturais do público alvo. Ele chama de “retraduições passivas” aquelas diacrônicas, separadas pelo tempo, como também as sincrônicas separadas por limites geopolíticos ou dialetais, com conflitos reduzidos entre uma versão ou outra. As “retraduições ativas” seriam aquelas que compartilham o mesmo público no mesmo período da história⁸⁰, como as traduções brasileiras do *Quixote* lançadas ao redor da data do quarto centenário do lançamento do primeiro livro da obra (2005), estudadas nesta dissertação. As reedições de uma tradução antiga tendem a demonstrar sua validade, contestada justamente pelas retraduições. Essas novas traduções também podem significar um desejo de aproximação ao texto fonte e por essa razão Pym as considera como um índice relevante na historiografia da tradução.

Ao estudar as retraduições diacrônicas conseguem-se informações sobre mudanças histórico-sociais na cultura de chegada e, ao fazer uma análise comparativa de retraduições ativas, entra-se no mundo das editoras e seus respectivos editores, leitores e políticas editoriais⁸¹. As frequências das traduções também podem mostrar movimentos interculturais. É importante saber como as traduções foram produzidas e recebidas. Existiriam várias maneiras de avaliar traduções, sendo a comparação com o texto fonte a forma mais tradicional. Pym

⁸⁰ Ver exemplo na p. 80, figura 9 – *French translations of Wagner's libretti – First translations, retranslations and re-editions of translations, 1860-1940*.

⁸¹ MILTON & TORRES (2003:11-12) apresentam um dado interessante retirado de edições de traduções antigas, citam o trabalho de KOSKINEN & PALPOSKY (2003) ao comentar a “reciclagem” feita pelos editores de grandes empresas, que preferem voltar a publicar uma tradução anteriormente publicada, que talvez esteja desatualizada, por seu baixo custo, ainda mais hoje em dia com recursos de digitalização. No entanto, uma nova tradução também pode ser utilizada como uma estratégia comercial, a qual certamente vai atrair muito mais publicidade, “*It is a new, fresh product, supposedly ‘closer to the original’ and ‘more accurate’ than all previous translations.*” “É um produto novo, fresco, supostamente ‘mais próximo do original’ e ‘mais preciso’ que todas as traduções anteriores.” (Tradução COBELO) Conferir também a extensa e a extensa bibliografia recolhida pelos autores. Verificar mais informações sobre o tema retradução na dissertação de PIUCCO (2008:38-49).

propõe outra abordagem, a comparação entre diversas traduções de uma obra para uma mesma língua, como é feito nesta dissertação. .

Historiografia da tradução lida com uma questão central, isto é, o porquê dos fatos terem ocorrido como ocorreram. Pym acredita na multiplicidade causal e recomenda cautela, especialmente com as teorias sistêmicas e probabilísticas. Toury (1995), por exemplo, observou que se uma cultura A considera a cultura B como mais prestigiosa teria a tendência de tolerar melhor traduções com “interferências” como decalques e literalidades da língua fonte. Pym questiona se esse prestígio não proviria do uso dessas palavras por tradutores e não inverso. O autor prefere procurar respostas na figura do tradutor, *“There would seem to be little reason to deny the translator a properly causal role”* (Pym, 1998:157)⁸², o qual, segundo ele, costuma ser visto como um mero instrumento e não o causador do objeto de pesquisa – a tradução. Conclui que existiria pluralidade nas causas que resultam em uma tradução específica, alternando-se em importância segundo cada caso.

This is by no means a new idea. It goes back to theories of multiple historical determinants coming together to produce the ideal moment, the situation where everything is right for the optimal success of an action. [...] A great lesson of multiple causation is that whenever we have just two facts and we are tempted to see one as the cause of the other, we first have to look around to see what else was happening in history. The chances are that there was a good deal more than what we dreamt of initially. (Ibid.:158-159)⁸³.

Para Antony Pym a importância dos tradutores é evidente e apesar de admitir que seja muito difícil determinar o papel dos mesmos na história da tradução, enfatiza a existência de uma pessoa, de carne e osso, com as angústias, necessidades, defeitos e qualidades de um ser humano por trás de toda obra traduzida.

A partir de 1980, com propagação de cursos profissionalizantes de tradução, teria se tornado implícito que a atividade tradutória deveria ser exercida somente por pessoas treinadas para isso, e ninguém mais. Mas nem sempre teria sido foi assim. Apesar de não haver encontrado bibliografia extensa sobre como indivíduos

⁸² “Há poucas razões para negar ao tradutor, o seu próprio papel” (Tradução: COBELO).

⁸³ “Isto não é uma idéia nova. É um retorno às teorias de determinantes históricos múltiplos, reunidos para produzir o momento ideal; a situação onde tudo está certo para o sucesso ótimo de uma ação. [...] Uma grande lição de causa múltipla é que sempre que nós temos dois fatos e somos tentados a ver um como causa do outro, nós primeiro temos que dar uma olhada a nossa volta para ver que mais estava acontecendo na história. As chances são que existam mais acontecimentos do que aqueles que nós sonhamos inicialmente.” (Tradução: COBELO)

transformam-se em tradutores, por quanto tempo trabalham como tal ou quão freqüentemente, o pouco que Pym descobriu não indicaria uma relação de “*long-term mono-employment*” (Ibid.:62)⁸⁴ com as atividades de tradução. Entre vários exemplos, cita o levantamento feito por Wyler⁸⁵, que ao elaborar uma lista de quatrocentos e trinta e quatro tradutores brasileiros do *Quixote*, do século XVII ao século XX, teria encontrado somente nove tradutores exclusivos, sem atividades profissionais paralelas. Suas pesquisas mostraram que as pessoas entram e saem desse papel de intermediários lingüísticos por uma miríade de causas. Os tradutores seriam comumente escritores e jornalistas, trabalhando em várias áreas de uma só vez, e nesta pesquisa confirma-se a tendência, os tradutores brasileiros do século XX eram polivantes, especialmente Milton Amado, como será visto no capítulo sobre as edições brasileiras.

Algumas vezes as traduções surgiriam por motivos estritamente pessoais, como o caso do tradutor da obra completa de Nietzsche, Henri Albert, cujas traduções feitas no final do século XIX foram publicadas até 1960 na França⁸⁶. Outro aspecto levantado é a mobilidade dos tradutores, relacionada, segundo Pym, com o conhecimento de outras línguas e culturas, fato que facilitaria a locomoção entre diferentes regiões, assim como a imigração. No século XII e XIII os tradutores latinistas da antiga Hispania eram de vários lugares, todos buscando o conhecimento islâmico concentrado na península ibérica. Hoje essa integração se dá com as ferramentas modernas de comunicação, culturas estrangeiras circulam cada vez mais velozes, e a tradução continua sendo um dos métodos de transmissão de conhecimento.⁸⁷

Em um artigo recente, “Humanizing Translation History”, Pym (2008) afirma que o estudo de tradutores tende a mostrar que eles geralmente fazem mais do que traduzir, “*they engage in many aspects of cross-cultural communication*”⁸⁸

⁸⁴ “único emprego, com relação a longo prazo” (Tradução: COBELO)

⁸⁵ WYLER, Lia. *A tradução no Brasil. Ofício invisível de incorporar o outro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. Pym também retira exemplos de DELISLE e WOODSWORTH. *Translators through History*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins/UNESCO, 1995.

⁸⁶ Pym explica o interesse pessoal do tradutor: “*Although active as a literary journalist and occasional author in his own right, Albert saw his life mission as being to make Nietzsche known and appreciated in France.*” (1998:167). “Apesar de ser jornalista literário e autor ocasional, Albert assumiu, como missão de vida, tornar Nietzsche conhecido e apreciado na França.” (Tradução: COBELO)

⁸⁷ Sobre esse tema, conferir o edificante exemplo de Paulo Rónai em SPIRY (2009).

⁸⁸ Ele esclarece melhor no texto: “*We fare rather better when looking for relationships between what we might call mediating professions, covering all the various forms of cross-cultural communication. An intercultural might thus include diplomats, clerics, missionaries, literary critics, foreign-language teachers, journalists,*

(Ibid.:23)⁸⁹. Ele entende que o foco nos tradutores abre questões sobre subjetividade e comunicação. O teórico pensa que os estudos da tradução deveriam extrapolar os limites do produto da linguagem, o texto e estudar o homem, “*Translators, the human producers of translations, might also be legitimate objects of knowledge*” (Ibid.:9)⁹⁰. Para ele, a história dos tradutores deveria ser considerada como um princípio válido de organização, como ocorre com os autores e seus textos fontes, ou os estudos de língua fonte versus língua ou cultura meta. O problema é seria a dificuldade em descobrir dados de tradutores como indivíduos, geralmente o que se conseguiria, como também aconteceu nesta dissertação, seria a produção de longas listas, geralmente limitadas a títulos bibliográficos, datas de nascimento e ocasionais referências geográficas, exigindo bastante trabalho e tempo reunir elementos para uma biografia. Em compensação, ao serem analisadas, essas pesquisas revelariam não só um “*hidden labyrinth of textual history but also, indirectly, a few of the historical reasons for the longstanding suppression of translators as significant cultural figures*” (Ibid.:10)⁹¹.

Em outro artigo, Poupaud, Pym e Simón Torres (2008) avaliam alguns caminhos para a obtenção de dados historiográficos. Um deles é o portal da UNESCO, *Index Translationum*⁹², outro é o *Electre*⁹³, um portal pago, para profissionais da indústria do livro e o terceiro mencionado, de interesse para esta dissertação, é o portal de vendas online de livros, *Amazon.com*.

cross-cultural negotiators at all levels.” (Ibid.: 18) “É muito melhor quando se olha para as relações entre o que poderíamos chamar de profissões mediadoras, cobrindo as diversas formas de comunicação inter-cultural. Uma intercultura pode, portanto, incluir diplomatas, clérigos, missionários, críticos literários, professores de línguas estrangeiras, jornalistas, negociadores trans-culturais em todos os níveis”. (Tradução: COBELO).

⁸⁹ “eles se engajam em vários aspectos da comunicação intercultural” (Tradução: COBELO).

⁹⁰ “Tradutores, os produtores das traduções, podem também serem objetos de conhecimento.” (Tradução: COBELO).

⁹¹ “labirinto escondido de história textual mas também, indiretamente, alguns das razões históricas para a persistente supressão de tradutores como figuras culturais significantes” (Tradução: COBELO).

⁹² “*The Index Translationum is a list of books translated in the world, i.e. an international bibliography of translations. The Index Translationum was created in 1932. [...] The references registered before 1979 can be found in the printed editions of the Index Translationum, available in all National depository libraries and at the UNESCO library in Paris.*” <http://ftp.unesco.org/xtrans/xtra-form.shtml>.

⁹³ “*E lectre est la filiale commerciale du Cercle de la Librairie, organisme interprofessionnel de promotion du livre créé en 1847. Elle produit les outils d’information de référence des professionnels du livre : la revue Livres Hebdo, des ouvrages spécialisés édités par les Editions du Cercle de la Librairie et la base bibliographique Electre. D’abord éditée sous forme papier, cette base a été informatisée dans sa forme actuelle en 1984.* » <http://www.electre.com>.

Sobre o *Index*, o comentário feito é que seria uma etapa conveniente e de pouco esforço, que talvez servisse para testar uma hipótese em grande escala, se não fossem necessários muitos detalhes, pois a grande quantidade de títulos ultrapassaria qualquer análise mais acurada. O trabalho com uma hipótese mais complexa demandaria filtros melhores. O portal também seria conhecido por uma “*notorious unreliability*” (Ibid.:10)⁹⁴, além do filtro de pesquisa não permitir uma pesquisa bibliográfica de acordo com o país do texto fonte.

O portal *Electre* é dedicado exclusivamente a publicações em francês e não é acessível ao público em geral. Os pesquisadores então optaram pela última opção, o portal *Amazon.com*. A primeira vantagem seria a produção de uma imagem do que estaria disponível ao público, no caso mencionado, o americano, mas poderia ser considerado um portal internacional, já que é possível fazer compras desde outros hemisférios, inclusive do Brasil. O site não só mostra sua própria seleção, mas também inclui informação de volumes de outras livrarias, sebos e vendedores particulares. Outra vantagem apontada seria que mesmo se o livro estiver esgotado, depois que entra no banco de dados permanece como referência futura. O problema encontrado pelos autores é que o portal não teria sido desenhado para ser uma ferramenta de pesquisa em tradução, portanto apresentaria algumas limitações. Por exemplo, o termo “tradução” não é uma opção válida, como foi confirmado ao acessar o portal. Muitas vezes o tradutor aparece como outro autor do livro em questão, seu nome está incluído no campo do autor e somente alguns livros aparecem como traduções e apenas no setor de resenhas. Mesmo assim Poupaud, Pym e Simón consideram esse portal uma ferramenta útil, e acreditam que utilizando filtros corretos para a investigação poderiam ser obtidos dados exaustivos sobre títulos disponíveis. Uma estratégia semelhante foi utilizada nesta dissertação com resultados bastante satisfatórios, como será apresentado mais adiante.

Outro estudo, na forma de manual, *The Map*, de Jenny Williams e Andrew Chesterman (2002) localiza esta dissertação como uma “análise de textos traduzidos” pela comparação textual do original e o texto traduzido e também uma “comparação de tradução”, por comparar várias traduções para a mesma língua do mesmo original. Os autores alertam, assim como Pym, para a impossibilidade de lidar com todos os aspectos, recomendam a escolha de um deles e o exame dos

⁹⁴ “notória falta de confiabilidade” ” (Tradução: COBELO).

trechos correspondentes nas traduções. Descrevem vários tipos de pesquisa, estratégias de tradução utilizadas, comportamento do tradutor, estudos de como certos trechos, expressões ou palavras são traduzidas e em que condições. Sugerem entrevistas com esses indivíduos para descobrir como abordaram a tradução. Recomendam também pesquisas com as edições, checando se foram escritos prefácios/posfácios, utilizadas notas de rodapé ou glossário. Outra área sugerida é a recepção dessas traduções, críticas recebidas, resenhas de jornais e revistas⁹⁵.

Williams & Chesterman confirmam o crescente interesse por estudos de tradução sobre os tradutores: suas biografias, a relação com as editoras e seus editores, as motivações e seus métodos de trabalho. Haveria um grande vácuo nessa área: tradutores “esquecidos” a serem redescobertos, contextualização de suas traduções dentro de suas biografias e no espaço intercultural que habitavam ou habitam. A pesquisa poderia interligar micro aspectos (textos) e macro aspectos (histórico-sociais, interculturais) da história da tradução.⁹⁶

Os autores discorrem sobre o modelo comparativo, que seria muito útil para estudar diferenças resultantes de distintas estratégias de tradução. Nesse modelo, temos o original de um lado e suas traduções do outro. Utilizando itens ou trechos determinados, surgiriam similaridades e diferenças, podendo ser analisadas e contextualizadas, resultando em características randômicas ou sistemáticas. Os lingüistas europeus discutem as características da pesquisa qualitativa,

Roughly speaking, the goal of ‘qualitative’ research is to describe the quality of something in some enlightening way. More strictly, qualitative research can lead to conclusions about what is possible, what can happen, or what can happen at least sometimes; it does not allow conclusions about what is probable, general or universal. (Ibid.:64)⁹⁷.

Como exemplo eles oferecem o livro de Douglas Hofstadter⁹⁸, com umas setenta traduções de um único poema francês, a maioria para o inglês, incluindo algumas

⁹⁵ Para mais informações sobre pesquisa em mídia impressa, recomendam uma leitura do artigo de FAWCETT, Peter. Translation in the Broad sheets. In *The Translator* 6 (2) pp.295-307, 2000.

⁹⁶ Ver o interessante livro de LEFEVERE (1992), com estudos de tradutores de diversas épocas, suas introduções, prefácios, etc.

⁹⁷ “Resumidamente, a meta da pesquisa ‘qualitativa’ é descrever a qualidade de algo de uma maneira que esclarecedora. Mais estritamente, a pesquisa qualitativa pode conduzir a conclusões sobre o que é possível, o que pode acontecer ou o que pode acontecer pelo menos às vezes; mas não permite conclusões sobre o que é provável, geral ou universal.” (Tradução: COBELO).

⁹⁸ HOFSTADTER, Douglas R. *Le ton beau de Marot*. New York: Basic Books, 1997. O autor já foi agraciado com Premio Pulitzer e é “Professor of Cognitive Science and Computer Science” na Universidade de Indiana. Conferir sua página pessoal: <http://www.cogs.indiana.edu/people/homepages/hofstadter.html>

feitas por programas de tradução. Seu objetivo seria mostrar a riqueza do conceito “tradução”, indicando que um mesmo poema pode ser traduzido de múltiplas maneiras, na mesma língua. Esse professor americano teria comparado características das traduções, e constatado que algumas teriam preservado mais a forma e/ou conteúdo do original, outras seriam mais livres. O conjunto dessas análises resultaria em um rico panorama do texto, tanto dos seus limites de interpretação como da complexidade dos seus padrões formais; as potencialidades da sua tradução poética. O autor não pretenderia fazer asserções sobre o que é típico ou universal, seu objetivo teria sido mostrar as distintas possibilidades.

Por outro lado, na pesquisa quantitativa, os objetivos seriam outros, com conclusões sobre algumas características, se típicas ou generalizadas; as regularidades, tendências, freqüências e sua distribuição. Os elementos geralmente seriam medidos, contados, e comparados estatisticamente.

Ao comparar as duas abordagens, os autores ressaltam que a pesquisa qualitativa é considerada mais subjetiva, a quantitativa, mais objetiva. Mas isso não seria uma verdade absoluta. A análise qualitativa costumaria requerer empatia, como no caso de ter que fazer entrevistas, assim como imaginação, na análise de discurso. Assim como ocorre nesta dissertação, as duas modalidades analíticas seriam muitas vezes utilizadas em conjunto:

Many research projects have elements of both. The qualitative stage then usually comes first, as you set up and define the concepts and categories you need; and the quantitative aspect comes in later, during the analysis stage – for instances if you want to make claims about generality or compare tendencies. (Ibid.:65)⁹⁹.

Durante o processo de pesquisa apareceriam algumas respostas e seriam elaboradas algumas afirmações fundamentadas em evidências e argumentos lógicos. Williams & Chesterman usam diversas vezes um exemplo muito adequado para esta dissertação:

Suppose you are interested in retranslation, where a given text is translated again into the same target language. Here are some of the questions you might ask as your project proceeds and the kinds of claims you might develop:

99 “Muitos projetos de pesquisa têm elementos de ambos. A fase qualitativa normalmente vem primeiro, assim que você montar e definir os conceitos e categorias necessárias; e o aspecto quantitativo vem depois, durante a fase de análise – por exemplo se você quiser fazer asserções sobre generalidades ou comparar tendências.”
(Tradução: COBELO)

- *How does this particular retranslation seem different from the first translation? (Your initial impression, which you will then methodically test.)*
- *What do I mean by retranslation, as compared to a revision? (→ **Claim:** this is how to define the distinction...)*
- *Do other translations of the text exist, in the same target language? Who were the translators? Who commissioned the translations? Why? Where were they published? (→ **Claim:** these are relevant new facts.)*
- *Can I make any generalization about the various differences I notice between the first translation and this retranslation? (→ **Claims:** ...)*
- *Does there seem to be a general tendency?*
- *How can I explain these differences/tendencies? Is there maybe some general principle underlying them? Is there a translator's preface or publisher's note that gives any clues? (→ **Claims** about explanations...)*
- *How do the differences I notice compare with differences noted by other scholars studying other retranlations?*
- *Some scholars have claimed that retranlations tend to be 'closer' in some way that I can reliably measure? (I can't measure everything, after all!) (→ **Claim:** this is a good way to measure closeness...)*
- *Is my way of measuring closeness comparable to the ways used by other scholars?*
- *Suppose I use different measures of closeness, or apply them to different sections of the text, and I get different results: how should I interpret these results?*
- *Do my results suggest that the retranslation hypothesis needs to be modified somehow, refined? Or even rejected? (→ **Claim:** about the hypothesis...)*
- *Do my results suggest anything useful about methods or measuring closeness?*
- *Do my results relate to research in other areas of translation studies, e.g. on universal features of translation? (Ibid.:71-72 Negritos dos autores).¹⁰⁰*

¹⁰⁰ “Suponha que você está interessado em retradução, onde um determinado texto é traduzido novamente no mesmo idioma de destino. Estas são alguns das perguntas você poderia perguntar durante o processo do seu projeto e o tipo de argumento que você poderia desenvolver:

○ Como esta nova tradução difere da primeira tradução? (Sua impressão inicial, a qual você então testará metodicamente.)

○ O que quero dizer quando digo nova tradução, comparando a uma revisão? (→ **Asserção** isto é como definir a distinção...)

○ Existem outras traduções do texto na língua meta? Quem eram os tradutores? Quem encomendou a tradução? Por quê? Quando foram publicadas? (→ **Asserção:** estes são os fatos novos relevantes.)

Segundo os teóricos, as hipóteses apareceriam durante o processo de pesquisa, na análise de dados e, na maioria das vezes, uma hipótese válida no início de uma pesquisa acabaria substituída por outra no término da investigação. A diferença entre as hipóteses seria muitas vezes, apenas uma questão de formulação dentro de cada projeto. Retomando o exemplo do estudo das retraduições:

If you are studying the retranslation hypothesis that we mentioned earlier, for instance, you could either take it as a universal descriptive hypothesis (all retranslations have this characteristic) or as a predictive one (if a previous translation exists, I predict that this new translation will have this feature, because I think the existence of a previous translation, plus perhaps the translator's familiarity with it, will have this kind of causative effect). In both cases, you could proceed to test the hypothesis in your data. (Ibid.:77)¹⁰¹.

Em um estudo empírico, as hipóteses deveriam poder ser testadas na prática. Sem isso não há nada para ser medido e o estudo ficaria circunscrito à mera intuição do seu autor. Williams & Chesterman reutilizam o exemplo das retraduições, exemplificando com a hipótese de que as traduções posteriores tendem a ser mais próximas ao original que as primeiras. Seria necessário definir bem o critério de proximidade, assegurando a confiabilidade da pesquisa. Recomendam a utilização de procedimentos explícitos, transparentes, objetivos e replicáveis, com os quais outros pesquisadores possam utilizar a mesma metodologia e chegar resultados correlatos.

o Posso fazer alguma generalização sobre as várias diferenças que noto entre a primeira tradução e sua retradução? (→ **Asserções**: ...)

o Parece haver uma tendência geral?

o Como posso explicar essas diferenças / tendências? Existe talvez algum princípio geral subjacente a elas? Existe um prefácio do tradutor, ou nota do editor que nos forneça alguma pista? (→ **Asserções** sobre explicações...)

o Como as diferenças que noto se compararam com as diferenças verificadas por outros estudiosos que estudam outras retraduições?

o Alguns estudiosos têm afirmado que retraduições tendem a ser 'mais próximas', de alguma forma que eu possa medir de maneira confiável? (Afinal eu não posso medir tudo!) (→ **Asserção**: esta é uma boa maneira de medir a proximidade ...)

o O meu método de medir a proximidade é comparável às formas utilizadas por outros estudiosos?

o Supondo que eu use diferentes medidas de proximidade, ou que eu as aplique em diferentes seções do texto, e chegue a resultados diferentes: como devo interpretar estes resultados?

o Os meus resultados sugerem que a hipótese de retradução precisa ser modificada ou refinada de alguma forma? Ou até rejeitada? (→ **Asserção**: sobre a hipótese ...)

o Os meus resultados sugerem algo útil sobre os métodos de medição ou proximidade?

o Os meus resultados se relacionam com pesquisas em outras áreas dos estudos de tradução, por exemplo, sobre as características universais da tradução?" (Tradução: COBELO).

¹⁰¹ "Se você estiver estudando a hipótese de retradução que mencionamos anteriormente, por exemplo, você poderia considerar isso como uma hipótese descritiva universal (todas as retraduições têm essa característica) ou como uma hipótese previsiva (se existem traduções anteriores, eu prevejo que esta nova tradução terá esta característica, porque eu acho que a existência de uma tradução anterior, além de, talvez, da familiaridade do tradutor com a mesma, terá este tipo de efeito causal). Em ambos os casos, você pode prosseguir e testar a hipótese sobre seus dados." (Tradução: COBELO).

Em estudos da tradução aparecem dois tipos de variáveis, e o objetivo seria descobrir algo sobre as conexões desses dois universos. Os autores consideram que as “variáveis do texto” se relacionam diretamente com as traduções e as “variáveis do contexto” estariam correlacionadas com o mundo exterior. Descrevem seis categorias de variáveis:

1. Texto original – contexto lingüístico: estilo, formato, aspectos semânticos e estruturais, tipologia, língua fonte.
2. Língua meta – particularidades da língua: limitações estruturais e retóricas.
3. Tarefa – fatores de produção: propósito e tipo de tradução, prazos, disponibilidade de material de referência, utilização de ferramentas informáticas, relação com o cliente.
4. Tradutor – experiência profissional, atitude emocional, suas características pessoais, se traduz para ou de sua língua materna.
5. Sócio-cultural – normas, valores culturais, ideologias, relações entre o par lingüístico.
6. Recepção – Reação dos editores, resenhas críticas, resposta do público leitor, avaliações de qualidade.

Ao estudar as relações entre as variáveis seriam encontrados padrões, regularidades e por trás delas surgiriam explicações para os fatos observados, ou até um princípio conectivo.

Encontrou-se na pesquisa da professora Márcia do Amaral Peixoto Martins (1999) uma grande similaridade com esta dissertação. Ela estudou um autor contemporâneo a Cervantes – Shakespeare -, dedicou sua tese de doutoramento à historiografia de seis traduções brasileiras da peça teatral Hamlet. A sua definição de “traduções brasileiras” é a que será utilizada nesta dissertação:

“Por tradução “brasileira” entenda-se feita em português do Brasil (levando-se em conta os aspectos sintáticos, lexicais e de registro, entre outros) e observando uma poética literária compatível com ‘modos de escrever’ adotados por nossos autores.” (Ibid.:144-145).

Martins discorre sobre o conceito de paratexto e o seu papel na leitura, com a ajuda de Gerard Genette¹⁰². Ela chama de:

¹⁰² GENETTE, Gerard. *Paratexts: Thresholds of interpretation*. Tradução inglesa de Jane E. Lewin. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. Martins também comenta o enfoque de Toury (1995): “Toury ressalta a relevância dos enunciados paratextuais e metatextuais para a reconstituição das normas tradutórias, visto que estas não são observáveis diretamente, e sim através do resultado de sua aplicação, ou seja, do texto traduzido. Para o teórico israelense, a sua reconstituição pode ser feita a partir de fontes textuais ou extratextuais. A

- a) Paratexto: Elementos inseridos na edição, junto com o texto, “título, a folha de rosto, as orelhas, as quatro capas, o(s) prefácio(s) e até mesmo elementos inseridos nos interstícios da obra, como títulos de capítulos e notas de rodapé.” (Ibid.:193).
- b) Metatexto: Elementos fora da edição, “transmitidos através da mídia (como entrevistas e palestras, por exemplo) ou de comunicações particulares (correspondência, diários, etc.).” (Ibid.:193).¹⁰³

A pesquisadora compara as notas de rodapé nas diversas edições e observou que os tradutores recorreriam às notas ao seguir uma estratégia estrangeirizadora, para facilitar o entendimento de componentes estranhos ao público leitor. Apesar do consenso entre as editoras de que o leitor não acadêmico seria resistente às notas, inclusive rejeitando-as, os textos de Shakespeare, mesmo em inglês, costumariam ser editados com muitas notas, e as edições acompanhadas de estudos críticos. As notas informariam desde “dúvidas existentes quanto a termos específicos”, oferecendo acepção de palavras já “obsoletas ou desaparecidas do inglês moderno” ou mostrando “ambigüidades possíveis na época elisabetana” (Ibid.:203).

Martins também discorre sobre notas de outro teor. Algumas teriam o objetivo explícito de esclarecer fatos da cultura de origem ou seriam sobre as dificuldades da tradução em si e as escolhas tomadas. Outras teriam o objetivo implícito de “direcionar a leitura, ressaltando determinados pontos em detrimento de outros e orientando a construção de sentido.” (Ibid.:204). Comenta também, que no caso das traduções do dramaturgo inglês seria comum encontrar as notas das edições comentadas fusionadas com as notas do tradutor, como ocorreu em algumas traduções do *Quixote* publicadas no Brasil.

Na obra *El Papel del Traductor*, de Esther Morillas e Juan Pablo Arias (1997), foram reunidos vários depoimentos de tradutores, discorrendo sobre sua atividade.

primeira categoria inclui os textos traduzidos propriamente ditos, a partir dos quais é possível observar todos os tipos de norma, enquanto que a segunda compreende reflexões “semiteóricas ou críticas, como ‘teorias’ prescritivas de tradução, bem como afirmações dos tradutores, editores e outros envolvidos, apreciações críticas de traduções isoladas ou da atividade de um tradutor ou ‘escola’ de tradutores”. (Martins, 1999:200). Ver mais sobre o tema em Toury (2004: 213-214).

¹⁰³ Williams & Chesterman também discutem o material que abrange textos sobre textos, como por exemplo: material documental sobre traduções e tradutores; resenhas sobre traduções; correspondência de tradutores; paratextos, como prefácios, introduções, notas, capas de livros, etc.; bibliografia dos trabalhos traduzidos e de estudos críticos anteriores e biografias de tradutores. Em pesquisa histórica as informações poderiam ser muito difíceis de conseguir e muitas vezes tomariam muito mais tempo que o imaginado na coleta de dados, como confirmado nesta dissertação.

Salvador Peña afirma que as notas constituiriam um dos traços mais identificáveis do trabalho dos tradutores. O tradutor julga que haveria um declínio no uso das notas. Para ele, as notas seriam “atacadas” nos originais contemporâneos por influência de teorias literárias, lingüísticas e artísticas e consideradas pela crítica como intervenções etnocentristas, vistas como domesticação ou manipulação do original. No mesmo livro, Maria Paz Torres Palombo afirma que as notas se tornariam imprescindíveis na ocorrência de uma distância espacial, cronológica e/ou cultural entre o leitor a língua fonte e meta tornaria.

Em uma comunicação no *XI Congresso Internacional da ABRALIC*, a Professora Martins (2008) discorre sobre a implantação do *Centro de Referência para Traduções Brasileiras da Obra de William Shakespeare*, fisicamente instalado no Rio de Janeiro, com acervo das obras em inglês, as suas traduções, obras críticas sobre o dramaturgo inglês e outros textos correlatos. Para melhor disponibilizar a pesquisa feita sobre as traduções, “contextualizá-las, conhecer os respectivos projetos editoriais e tradutórios, analisar os diferentes produtos, estudar a sua recepção...” (Ibid.:1) foi criado um portal para consultas, aberto ao público em geral, *Escolha seu Shakespeare*¹⁰⁴. O nome do portal explicita a proposta de assessorar o público a localizar a tradução desejada, “a escolher o ‘seu’ Shakespeare dentre as edições disponíveis” (Ibid.:4). A base de dados é constituída por cento e cinquenta nove traduções brasileiras diferentes das trinta e sete peças do dramaturgo, todas feitas a partir de um texto original integral. Não estão incluídas as adaptações ou versões feitas só para montagens teatrais não publicadas por editoras. As descrições e resultados da análise das traduções foram apresentados detalhadamente.

¹⁰⁴ “Este portal contém uma base de dados sobre as traduções de textos integrais da poesia dramática de William Shakespeare feitas para o português do Brasil e publicadas sob forma de livro. As consultas podem ser feitas através de palavras-chave. Cada tradução publicada é alvo de uma descrição e apresentação detalhadas, incluindo o nome do tradutor, dados biográficos a respeito deste, o ano de realização, o ano de publicação da tradução (e de eventuais reedições), as características dos respectivos projetos tradutórios e editoriais, montagens feitas a partir das traduções, bibliotecas onde podem ser encontradas. [...] Nosso propósito, então, é facilitar essa tarefa, possibilitando que os interessados em alguma das peças de Shakespeare saibam, de antemão, qual é o leque de opções disponíveis, levando a escolhas mais informadas e adequadas. Pretendemos atualizar permanentemente nossa base de dados, agregando novas obras traduzidas e as informações pertinentes. Para tanto, contamos com a colaboração dos visitantes, seja complementando, atualizando ou retificando os dados disponíveis, seja oferecendo sugestões, críticas e comentários. A título de esclarecimento, informamos que não foram incluídas traduções apresentadas como *adaptações*. [...] **Financiamento:** CNPq, Edital MCT/CNPq 50/2006 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas **Apoio:** Departamento de Letras, PUC - Rio” <http://www.lettras.puc-rio.br:8081/>

Cada uma das traduções do corpus foi objeto de uma descrição e apresentação minuciosa, e os resultados da análise projeto tradutório e editorial¹⁰⁵ foram incorporados a fichas catalográficas individuais, como a que segue:

PEÇA:
TÍTULO TRADUZIDO:
TRADUTOR (A):
DADOS BIOGRÁFICOS DA TRADUTORA [sic]:
EDITORIA:
COLEÇÃO:
LOCAL E DATA DE PUBLICAÇÃO:
NÚMERO DE PÁGINAS:
TEXTO-FONTE:
EDIÇÃO:
CARACTERÍSTICAS DO VOLUME:
CAPA:
ORELHA:
QUARTA CAPA:
TEXTOS DE APRESENTAÇÃO:
NOTAS:
CARACTERÍSTICAS DA TRADUÇÃO:
MOTIVAÇÃO DA TRADUÇÃO
RECEPÇÃO CRÍTICA:
MONTAGENS TEATRAIS FEITAS A PARTIR DESTA
TRADUÇÃO:
REEDIÇÕES/REIMPRESSÕES:
DISPONIBILIDADE: (Ibid: 5-6)

Os “dados biográficos do tradutor” foram quase todos coletados através de entrevistas com os próprios tradutores ou com pessoas próximas. O projeto considera como características da tradução a dicção, estilo, registro, esquema rítmico e métrico e como características da edição, se a mesma é bilíngüe, se faz parte de alguma coleção ou série, seus paratextos, destaque dado ao nome do tradutor, se é informada a edição em inglês usada para a tradução. A recepção crítica é embasada em resenhas e matérias divulgadas na mídia, mas também consideram “declarações, avaliações e comentários publicados ou obtidos por meio

¹⁰⁵ “O **projeto tradutório** refere-se às estratégias usadas pelo tradutor, que refletem uma série de escolhas complexas, como, por exemplo, traduzir em prosa ou em verso, com rima ou sem rima, em decassílabos ou dodecassílabos (ou mesmo adotar o verso livre), aproximar a linguagem do leitor contemporâneo ou procurar manter um certo distanciamento (recorrendo a um vocabulário rebuscado ou arcaico). O **projeto editorial**, por sua vez, diz respeito às decisões tomadas pelos editores com relação ao produto a ser oferecido ao público. Esse produto pode ser apresentado sob forma de edição bilíngüe ou monolíngüe; em edição de luxo, encadernada e em papel bíblia, ou em brochura, de vários formatos e tamanhos, inclusive de bolso; e pode, ainda, ser uma edição simples, contendo apenas a peça, ou anotada e comentada (trazendo notas explicativas, prefácio(s), introdução, bibliografia, aparato crítico e até mesmo resenhas, caso se trate de uma reedição.” (idem nota anterior).

de entrevistas.” (Ibid.:4). Essas fichas estão disponíveis para consulta pelas seguintes palavras-chave no portal:

- 1- Título da obra em inglês.
- 2- Título da obra em português
- 3- Nome do Tradutor
- 4- Características da Tradução
- 5- Ano de Publicação
- 6- Editora

A ficha de análise das edições desta dissertação está basicamente referenciada nas pesquisas desta autora.

2.2 - O estudo das traduções dos provérbios

2.2.1 - As pesquisas de Anna Sanchez

Em sua dissertação de mestrado¹⁰⁶, Anna Sanchez estudou a linguagem de Sancho Pança e fez um inventário das seqüências em forma de avalanches em sete momentos distribuídos nos capítulos: Parte I: XXV; Parte II: VII, XXXIV, XLIII, LXVII, LXXI. Analisou o campo léxico-semântico do provérbio, sua conceituação e características morfológicas, sintáticas e estilísticas de sua estrutura. A pesquisadora apresenta suas próprias traduções e notas explicativas sobre o significado dos provérbios, inclusive ilustrando alguns com *cuentecillos*. Essas mesmas traduções são utilizadas nesta análise como um referencial de tradução acadêmica. O seu corpus é empregado por sua representatividade e por ser um substrato já pesquisado.

Em um artigo, Sanchez (1984) cita José Maria Sbarbi¹⁰⁷, que teria afirmado que parte da intraduzibilidade do *Quixote* proviria de sua paremiologia abundante. As expressões (que ela chama de *lexias textuais*), tão características do povo espanhol, ao serem traduzidas correriam “o risco de não serem compreendidas, pois [os leitores] carecem de circunstâncias idênticas ou parecidas àquelas nas quais foram produzidas.” (Ibid.:129). Os provérbios seriam discursos figurativos etnoliterários, que exigiriam do tradutor, mais que outro tipo de enunciado, “o conhecimento da ‘situação’ ou do ‘cuentecillo’ que as gerou” (Ibid.:130). Sobre a tradução, é interessante notar que a pesquisadora não contempla questões como recorrência fônica ou semântica, só considerando o sentido, a procura por um “equivalente semântico mais próximo” (Ibid.:130).

Em todos seus trabalhos a autora prefere utilizar o termo “refrão”, apesar de confirmar a universalidade do vocábulo “provérbio”. Em sua dissertação justifica sua escolha por ser o termo mais utilizado pelos espanhóis para designar essas *lexias*. Argumenta que as quarenta obras paremiológicas de sua bibliografia em língua

¹⁰⁶ Em 1987 apresentou sua tese de Doutorado, *Um Vocabulário Ideológico de Refrãos no Quixote*. Além de ser uma valiosa fonte de referências, propõe a construção de um vocabulário ideológico dos provérbios ocorridos na obra de Cervantes para indicar a presença de um universo de valores subjacente a esse subcódigo sócio-cultural. Também faz uma nova conceituação do termo, relaciona pressupostos teóricos lingüísticos, discute paremiologia e semiótica etnoliterária.

¹⁰⁷ SBARBI, José María. *Intraductibilidad del Quijote*. In: *El refranero General Español*. Madrid: Imprenta de A.G. Fuentenebro, 1876, v. 6.

espanhola, inclusive a obra estudada, o *Quixote*, teriam uma alta frequência do termo “*refrán*”. Como a maioria das referências desta dissertação utilizam a palavra provérbio, e por também considerar o lexema refrão polissêmico, significando, além de provérbio, o estribilho de uma canção, optou-se por provérbio.¹⁰⁸

Por motivos práticos, foi decidido não entrar nesta dissertação no mérito da complicada e extenuante definição do que seja um provérbio, assumindo que o chamado refrão pode ser traduzido como provérbio, nesta dissertação utiliza-se a definição de Sanchez:

- 6.1. O refrão é uma frase breve, completa e independente, pré-formada, condicionante e persuasória, consagrada ou banalizada pelo uso, de sentido literal ou metafórico, geralmente em forma sentenciosa e elíptica, que expressa, com frequência, um pensamento mais ou menos profundo, de caráter universal e, quase sempre, com finalidade doutrinária e pragmática.
- 6.2. Os refrãos são verdadeiros, antigos, universais e eternos; breves, graves, sábios e importantes pelo saber que encerram; doutrinários, legisladores e abundantes; inerentes à condição humana, idiossincrásicos, de procedência erudita e popular, mais precisamente campesina. (Sanchez, 1982:116).

2.2.2 - Tradução de expressões idiomáticas - Diferentes abordagens

A professora e pesquisadora Stella Tagnin (1988) inclui idiomatismos culturais dentro das expressões idiomáticas: “São idiomatismos exatamente por não poderem ser decodificados literalmente e são culturais por transmitirem um dado cultural.” (Ibid.:44, sublinhado pela autora). Mesmo assim, ela não descarta o procedimento da literalidade nas estratégias de tradução sugeridas:

1. manter a expressão na forma original;
2. manter a expressão na forma original acrescida de nota explicativa;
3. traduzir literalmente;

¹⁰⁸ Idem a Silva (2000) e Postigo (1999), autora que comenta que o termo “provérbio” também seria preferido pelos autores: BRAZÃO, J. Ruivinho: *Os provérbios estão vivos no Algarve*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998. , CHACOTTO, L.M. *Estudo e Formalização das propriedades léxico-sintáticas das expressões Fixas Proverbiais*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, 1994.; FUNK, Bernardo: *A Função do Provérbio em Português e em Alemão*. Ponta Delgada, 1993. LOPES, Macário: *Texto Proverbial Português. Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Coimbra , 1992. BUOSI (1997:38) além de também preferir usar provérbio, após apresentar várias definições, declara: “O conceito de provérbio adotado, neste trabalho, é o formulado por Sanchez (1982) em sua monografia de mestrado. Trata-se de uma conceituação abrangente e, ao mesmo tempo, precisa, expressando com muita propriedade a várias facetas dessa forma de discurso.”

4. traduzir literalmente, acrescentando nota explicativa;
5. explicitar a expressão no texto;
6. empregar um equivalente pragmático. (Ibid.:44).

A primeira estratégia seria uma transcrição, e a segunda o mesmo, mas com uma nota explicativa, cuja utilização dependeria do conhecimento que o público tem do termo. A tradução literal, que ela chama de lexical pragmática, deveria ser acompanhada de nota na ausência de um equivalente pragmático, esclarecendo as diferenças entre as culturas. Tagnin chama de explicitação se no lugar da tradução é incorporada uma explicitação no texto da língua meta (LM)¹⁰⁹. Já o equivalente pragmático seria o empregado na mesma situação em culturas diferentes.

Stella Tagnin (2005) trata exclusivamente dos provérbios ao discorrer sobre “Fórmulas fixas”¹¹⁰, expressões que aceitariam muito pouca ou quase nenhuma alteração, tanto lexical ou sintática e seriam caracterizados geralmente por transmitir um ensinamento moral. A autora retira alguns exemplos da obra de Steinberg (1985), classificando-os:

- 1- Iguais nas duas línguas: “*Every man has his price*” seria como “Todo homem tem seu preço” e “*All that glitters is not gold*” como “Nem tudo que reluz é ouro”. Este último não é uma tradução literal, pois senão seria, “Tudo que reluz não é ouro”, algo que não é dito em português.
- 2- Mesmo sentido nas duas línguas, formas apenas semelhantes: “*All cats are grey in the dark*” em português seria “À noite, todos os gatos são pardos”. Outro exemplo é “*So many countries, so many customs*” que em português seria “Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso” que mostra inclusive rima, inexistente em inglês, que possui repetições.
- 3- Mesmo significado, formas diferentes nas duas línguas: “*Doing nothing is doing ill*” que em português seria “A ociosidade é a mãe de todos os vícios” e “*A burnt child dreads the fire*” que se transforma em “Gato escaldado tem medo de água fria”.
- 4- “Sem correspondente na outra língua”: “*Many would be cowards if they had courage enough*” e “Muitos seriam covardes se tivessem coragem” ou “*The*

¹⁰⁹ A partir deste ponto, são utilizadas as abreviaturas, LM para língua meta e LF, língua fonte.

¹¹⁰ Conferir mais sobre expressões fixas em BAKER (1992:63-64).

noblest vengeance is to forgive” e “A vingança mais nobre é perdoar”; todas traduções literais.

Nota-se que a autora só utiliza literalidade quando não encontra provérbio equivalente e também não ressalta as recorrências fônicas e semânticas.

Martha Steinberg (1995)¹¹¹ define o provérbio como um texto completo; portanto ao ser inserido em outro, “freqüentemente viola, com sua sintaxe e semântica o contexto de sua ocorrência.” (Ibid.:59). A pesquisadora concorda com Paes (1990), que chama a expressão idiomática metafórica de expressão proverbial, pois muitas vezes a expressão proverbial migraria para a forma de provérbio. O provérbio possuiria características estruturais próximas ao do verso, utilizando os “mesmos artifícios de linguagem, que lhe garantem a fluência prosódica e fácil memorização.” (Steinberg, 1995:60). O provérbio também teria uma estrutura binária com dois sintagmas correlacionados. A seguir, Steinberg enumera os artifícios de linguagem:

- **aliteração:** *Live and learn*. Na tradução ou equivalência - Viver é aprender – ela se perde em favor da rima.
- **assonância:** *A rolling stone gathers no moss*. O nosso equivalente – Pedra que rola não cria limo – parece ter optado por um verso branco.
- **paralelismo:** *Out of sight, out of mind* – preservado no nosso equivalente “Longe dos olhos, longe do coração”.
- **repetição:** *There is no fool like an old fool* – traduzido para “Não há bobo como um bobo velho”.
- **rima:** *Man proposes, God disposes*, também presente em nosso equivalente – “O homem propõe, Deus dispõe”.
- **paronomásia:** *Many a little makes a mickle*, onde o jogo de palavras produz o efeito rítmico. O nosso – De grão em grão a galinha enche o papo – serve de repetição.

¹¹¹ Paes (1990) comenta os estudos da lexicógrafa Martha Steinberg (STEINBERG, Martha e CAMARGO, Sidney. *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas inglês-português*. São Paulo: McGraw-Hill, 1987, *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas português-inglês*. São Paulo: EPU, 1989. e STEINBERG, 1985), como um instrumental de trabalho para os tradutores. Evitaria que se “cortasse caminho”, que em tradução significaria “privar o leitor de alguns dos maiores encantos da travessia do texto.” (Ibid.:50). Isso aconteceria quando, ao não encontrar equivalente adequado na LM para alguma expressão figurada da LF, só se traduz o significado, esquecendo o “torneio verbal”. Por ser o provérbio uma manifestação da fala popular, o “modo” que é dito é tão importante quanto aquilo que é dito, perpetuando na memória coletiva seu modo de dizer tradicional e cristalizado. A semelhança com locução proverbial é por ser a expressão da sabedoria popular, experiências de vida. Uma das diferenças sublinhadas é que a locução se aproxima mais da experiência, com caráter imagético e metafórico e “O provérbio tem caráter mais abstrato, mais generalizante, pois seu propósito é destilar, numa espécie de logaritmo sapiencial, a conclusão tirada de numerosas e repetidas vivências, especialmente no campo das relações morais entre os seres humanos.” (Ibid.:51)

- **elipse:** *For want of a nail...* – equivalente ao nosso “Por falta de um prego...”, onde o restante da história que originou o provérbio é omitido. (Ibid.:60, negritos, itálicos e aspas da autora).

O que primeiro chama a atenção é a disposição uma vez que a autora não agrupa nem as recorrências fônicas (aliteração, assonância, rima, paronomásia), nem as semânticas (paralelismo, repetição). Outra curiosidade é a menção da elipse, que se considera como característica do texto original, não da tradução. Outro aspecto de interesse para esta dissertação é o uso do termo “equivalente” como sinônimo de tradução na existência de um provérbio correspondente na LM. O exemplo dado para repetição é classificado pelos parâmetros desta pesquisa como uma tradução literal.

Steinberg exemplifica com outro provérbio, “*Do not put the cart before the horse*” e o seu equivalente em português, “Não coloque o carro na frente dos bois”, que diferem em um item lexical: “Para traduzir teremos que respeitar o léxico, portanto **cavalo** e não **bois**. Se buscarmos o equivalente perdemos o traço cultural. Mas a mensagem está preservada na equivalência.” (Ibid.:62, negritos da autora). Nota-se aqui a primeira menção ao problema da perda de informação da cultura do texto de origem (cavalo & bois). A pesquisadora nos oferece um exemplo muito interessante para essa discussão da literalidade. O provérbio “*A rolling stone gathers no moss*” teria vários significados na mesma língua inglesa, dependendo da cultura meta, levando-a a concluir que não é suficiente traduzir ou encontrar um equivalente (e aqui aparece novamente a sinonímia de tradução e equivalência), mas que também seria necessário saber seu uso:

Para os ingleses, as pedras de um riacho raramente se movem e por isso criam limo, interpretado como prosperidade, riqueza. O mesmo provérbio, para os escoceses assume uma semântica diferente. A pedra a que se referem é um cilindro de pedra, de uso industrial. Se ficar parada cria limo, isto é, deixa de trabalhar, dá prejuízo. (Ibid.:62).

A autora oferece vários provérbios sobre enforcamento como pena capital para exemplificar casos de provérbios americanos com aspectos culturais inexistentes para brasileiros: “*To dangle in the sheriff’s frame*”, “*To decorate a cottonwood*”, “*Having a throat trouble*”, “*Doing a dance in mid-air*”, “*To kick the bucket*”¹¹². Mas essa punição não faz parte do nosso sistema penal. “Assim, traduzir

¹¹² Este último foi inclusive nome de um filme, *The Bucket List*, título traduzido no Brasil como *Antes de Partir*, dirigido por Rob Reiner e estrelado por Jack Nicholson, Morgan Freeman, filme inspirado no best seller do autor recentemente falecido Dave Freeman, co-autor com Neil Teplica, o livro *100 Things to Do Before You Die*, traduzido como *Cem coisas a fazer antes de morrer*.

ao pé da letra, não tem significado em português, a não ser que o contexto da ocorrência dirima qualquer dúvida” (Ibid.:64). A solução em português apresentada pela autora é “bater as botas”. Conclui que

Traduzir provérbios ou expressões proverbiais não significa apenas encontrar o seu equivalente em dicionário especializado ou tentar uma tradução que mantenha os traços prosódicos, a concisão, rima e outros artifícios desse tipo de texto. É preciso conhecer o seu emprego na língua de origem e saber que versão se adapta melhor à cultura de chegada. A subdivisão em campos semânticos é uma grande ajuda para uma escolha que mais se aproxime do texto original. (Ibid.:64).

Interessante notar que apesar da dar importância ao significado na procura do equivalente, menciona a preocupação em obter “uma tradução que mantenha os traços prosódicos, a concisão, rima e outros artifícios desse tipo de texto.” (Ibid.:64). Notar que não são aludidas soluções como aceitação da estranheza do elemento estrangeiro, como as propostas pelos estudiosos vistos ao final deste capítulo.

Julia Sevilla Muñoz e Manuel Sevilla Muñoz (2000)¹¹³ discutem técnicas de tradução paremiológica e apresentam uma proposta de ficha de sistematização com o objetivo de estabelecer quais seriam as técnicas para traduzir provérbios. Ressaltam que a tradução de “*paremias no consiste en realizar una traducción más o menos literal, sin tener en cuenta las peculiaridades de estos enunciados sentenciosos.*” (Ibid.:369). Existiria uma ressalva para outras categorias paremiológicas, como por exemplo, máximas, sentenças, axiomas ou aforismos; que poderiam ser traduzidos literalmente. E reforçam que esse procedimento

resulta inapropiado con las paremias que se caracterizan por su idiomatidad, como los refranes, los proverbios o las frases proverbiales, ya que se produce una notable pérdida de mensaje. (Ibid.:369).

A seguir, enumeram os motivos que dificultariam o processo de tradução. O primeiro seria a complexidade do texto, as dificuldades terminológicas, conceituais, gramaticais e semânticas. A segunda razão seria uma progressiva perda de competência paremiológica e por último o pequeno número de dicionários especializados bilíngües confiáveis e de fácil acesso. Sob o subtítulo, *Requisitos para la traducción paremiológica*, os autores mencionam, além do óbvio domínio das línguas a necessidade do reconhecimento do texto paremiológico

¹¹³ Fazem parte de um projeto na Espanha intitulado: *Grupo de Investigación en Fraseología y Paremiología de la Universidad Complutense de Madrid.*

con el fin de que sea capaz no sólo de localizar las paremias sino también de adquirir el grado de comprensión necesario para saber expresar en la lengua terminal esa riqueza léxica y reflejar la posibles modificaciones producidas por fines lúdicos o cómicos. (Ibid.:370).

Acreditam que alguns dos erros de tradução de provérbios são provocados pela inversão do processo lógico de tradução, que é ir da LF para LM e não o inverso. Isso ocorreria pelo desconhecimento paremiológico do tradutor. Voltam a discutir literalidade, e preferem não utilizar o termo “tradução”, mas sim “correspondência”, diferenciando em literal e conceitual. Em línguas próximas (no caso estudam espanhol e francês) seria freqüente o aparecimento de correspondências literais, surgindo a dificuldade de descobrir se é uma correspondência literal ou uma tradução literal, devendo-se recorrer a dicionários monolíngües. Propõe uma ficha paremiológica, como a do exemplo que segue:

Un bon renard ne mange jamais les pules de son voisin [Art. (1.476) Ca.I (1.407), Do. 284, L. R., Rob. I (169), Sev. (F 860)].

Variantes léxicas : *Bon renard ne mange jamais les poules de son voisin* [C. (1.522)].

Tema: Territorialidad.

Sentido: *El hombre hábil evita mostrarse como es ante sus conocidos.*

Sinónimos: ----

Correspondencia literal: *Buena zorra no come las gallinas de la vecina* [Ca.I (1.407), Sev. (E 988)]

Correspondencia conceptual: *Cuando un lobo va a hurtar, lejos de su casa va a cazar* [H.N., M.K. (37.004 y 56.415), RoM. 1 97, Sev. (E 582)]. *El lobo, do marie, daño no hace* [Ca.I (1.407)]¹¹⁴. (Ibid.:371, negritos dos autores).

¹¹⁴ Legendas: Art. – Arthaber, A. *Dizionario comparato di paroverbi e modi proverbiale in sette lingue (italiana, latina, francese, spagnola, tedesca, inglese, greca antica)*. Milano: Hoepli, 1980.

Ca I – Cantera, J.; Vicente, E. De. *Selección de refranes y sentencias*. Madrid: Universidad Complutense, 1983.

Do. – Dournon. *Ledictionnaire des proverbes et dictons de France*. Italie :Hachette, 1993.

L.R – Le Roux de Lincy. *Le livre des proverbes français (1842)*. Évreux : Hachette, 1996.

Rob. I. – F. Suzzoni. *Proverbs de la langue française*. In *Dictionaire de preoverbs et dictions*. Paris : le Robert, 1980.

Sev. – Sevilla Muñoz, J. – *Los animales en los dichos, refranes y otras expresiones en francés y en español*. Madrid: Univ. Complutense de Madrid (parcialmente inédita), 1987.

C. – Cahier, le P.Ch. *Quelque six mille proverbs et aphorismes usuels*. Paris : Julien, Lanier et Cie (Editores), 1856.

H.N – Nuñez, H. (el Comendador). *Refranes o proverbios en romance*. Madrid, 1555.

M.K. – Martínez Kleiser, L. *Refranero General Ideológico Español. (1953)* Madrid: Hernando, 1986.

RoM 1 – Rodríguez Marín, Fr. *Más de 21.000 refranes castellanos...*Madrid: Tip. De la Revista de Archivos, 1926.

Nos exemplos posteriores a ficha inicia com uma numeração e o provérbio na língua original. Logo aparecem as suas referências paremiológicas, como pode ser apreciado na nota de rodapé. Os estudiosos entram na esfera conceitual com a definição do “tema”, “sentido” e “sinônimos”, provérbios com a mesma significação. Somente então aparece a tradução, ou como querem os autores, a “correspondência”, subdividida em literal – nesse caso um provérbio que aparece mais recentemente; e correspondência conceitual, com referências mais antigas. A ficha para análise de cada provérbio estudado nesta pesquisa foi inspirada em parte no modelo deste grupo espanhol de estudos paremiológicos.

O pesquisador espanhol Francisco Diez (1995) acredita que a tradução de expressões idiomáticas (nas quais ele inclui o provérbio) seria a princípio difícil pelos traços de idiomatidade graduáveis, com unidades idiomáticas combinadas seriam muito complexas do ponto de vista quantitativo e qualitativo. A não equivalência intercultural se somaria à complexidade formal dos provérbios, portanto a dificuldade diminuiria no caso de pares lingüísticos com equivalências estabelecidas. Ele dá exemplos com dois tipos de modulação (parcial e total) e adaptação, esclarecendo que a tradução dessas expressões é reduzida à competência lingüística do tradutor, que deverá ajudar-se com dicionários especializados monolíngües e bilíngües, nesta ordem.¹¹⁵

Para Diez, a distinção entre refrão e provérbio¹¹⁶ seria a utilização de recursos da poesia como aliteração, paronomásia, rimas, pleonasmos, estrutura binomial. Esse fator fonoestilístico seria intraduzível, por ser algo próprio de uma língua e intransferível, constituindo um caso típico de não equivalência lingüística. Sugere a utilização de recursos fonéticos da LM para recriar os efeitos dos marcadores fonoestilísticos da LF. O exemplo de equivalência semântica (e literal) é um já visto: “*Man proposes, God disposes*” e “*El hombre propone y Dios dispone*”. Como exemplo de equivalência comunicativa (não literal) através de modulação total: “*It’s not all plain sailing*” e “*no todo el monte es orégano*”.

Maria Josefa Postigo Aldeamil (1999) da Universidad Complutense de Madrid, também do grupo de pesquisa paremiológica antes citado, está ligada a um projeto

¹¹⁵ Os exemplos são: “*Love is blind = el amor es ciego (literal)*; *To kill two birds with one stone = matar dos pájaros de un tiro (modulación parcial)*; *To be on the rocks = estar sin blanca (modulación total)*; *It’s not my cup of tea = no es santo de mi devoción (adaptación)*” (p. 39).

¹¹⁶ Vale a pena notar que essa é a única diferença referida neste artigo aos termos assumidos como quase sinônimos: *proverbio* e *refrán*.

coordenado pela mesma Julia Sevilla Muñoz¹¹⁷. É a única pesquisadora encontrada que estuda tradução do espanhol para o português de provérbios no *Quixote*. Ela propõe um procedimento de sistematização e verifica se o tipo de correspondência é literal ou conceitual.

A pesquisadora compara doze traduções em português¹¹⁸ (todas de Portugal, exceto a da editora José Olympio). Analisa as soluções dadas aos provérbios, como exemplo: “*una golondrina sola no hace verano*.” (DQI, XIII) e “*aquel que dice: Donde una puerta se cierra, otra se abre*.” (DQ I, XXI). Encontra no primeiro uma única variação, entre os termos *primavera/verão*, justificado pela equivalência de *verão* com *primavera* no português medieval e clássico. Uma simples pesquisa no Google mostrou o modo traduzido, “Uma andorinha só não faz verão”, versão mais literal, como mais freqüente.

Dá exemplos de algumas traduções de um mesmo provérbio feitas pelo tradutor português Aquilino Ribeiro, que mudam dependendo do capítulo, chamando-as de “correspondências”¹¹⁹. Segundo ela, “São provérbios sinônimos, existentes, ou que existiram na mesma língua e cuja chave e significados estão próximos.” (Ibid.:8).

Em outro trabalho, intitulado “*Las Paremias del Quijote y la traducción de Aquilino Ribeiro*”¹²⁰, Postigo Aldeamil (1999b) parte de uma lista de parêmias, bilíngüe e contextualizada, utilizando como referência o “*Rifoneiro Português*” de

¹¹⁷ Informação da sua primeira nota de rodapé: “*Paremiologia contrastiva (espanhol, catalão, francês, italiano, português e provençal). Estudo Lingüístico e contrastivo aplicado à tradução e ao ensino de línguas*, é um projeto de pesquisa do grupo coordenado por Julia Sevilla Muñoz e subsidiado pelo Ministério de Educação e Cultura Espanhol. Por outro lado a Diretoria Geral de Ensino Superior do mesmo ministério apoiou em 1999 o projeto de M. Josefa Postigo Aldeamil: *Automatização de corpora textuais de enunciados fraseológicos: espanhol e português*, orientado por Elisabete Ranchhod no Centro de Automática da Universidade Técnica de Lisboa (CAUTL – IST).” (p.11).

¹¹⁸ Em ordem cronológica: Rollandiana (1794), Typografia Universal (1853), Viscondes (1876/78), Benalcanfor (1877), Carcomo (1888), uma adaptação feita pela “Biblioteca Ideal” (1921) João Meireles (1941), Almir de Andrade e Milton Amado (1952), Aquilino Ribeiro (1959), S. Pinto (s.d), Daniel Augusto Gonçalves (1978), Albertina de Souza (1991), Adelino dos Santos Rodrigues (s.d); Aponta ao todo dezesseis edições em Portugal, incluindo duas edições resumidas e duas adaptações livres (uma para crianças).

¹¹⁹ “... *por el hilo se saca el ovillo*. (DQ, I, 4). // ‘pelos domingos se tiram os dias santos’ (A.I, 55); *Por ese hilo que está ahí saque el ovillo de todo*. (Sancho, I, 23). // ‘Só se for pelo fio que se chegue a desembulhar a meada’ (A. I, 215); ... *por el hilo del gitano sacó el ovillo de su asno*. Cervantes. I, 30). // ‘E, como pelos domingos se tiram os dias santos...’ (A.I, 312); ... *por el hilo sacaremos el ovillo*. (DQ, II,12). // ‘Pela letra, avaliaremos dos seus pensamentos’ (A.II, 256)” (p.8, negritos e itálicos da autora). A autora nos oferece uma tradução literal (por não haver referência, supõe-se como da própria autora) “Pelo fio desembulha-se a meada” e a seguir apresenta outras traduções ao português, ou várias fórmulas para o mesmo conceito.

¹²⁰ Edição utilizada pela autora: CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha*. Versão de Aquilino Ribeiro. Lisboa: Livraria Bertrand, 1959.

Pedro Chaves (1928)¹²¹. Apesar de muito elogiar os resultados em questão, e inclusive chamar a tradução de valiosa e útil do ponto de vista dos estudos contrastivos do espanhol/português, Postigo Aldeamil afirma

Lógicamente muchos elementos de la composición original se pierden porque, además de que la habilidad y el ingenio humano tienen sus limitaciones, toda traducción es más imperfecta cuanto mayor es la altura estilística del original. (Postigo Aldeamil, 1999b:1.000).

Ela acredita que Aquilino Ribeiro teria feito uma tradução intralingual, isto é, dentro da mesma língua, reformulando o texto, antes da tradução interlingüística¹²² ao utilizar provérbios reconhecidos pelo “*nativo de lengua portuguesa de la norma culta europea de los años 50*”. (Ibid.:1001). Os provérbios seriam um mini texto independente expressando um pensamento breve de forma literal ou figurada. Em alguns casos ocorreria a elisão da metade do provérbio, por essa razão muitos fraseologismos espanhóis e portugueses que em outras épocas teriam sido adotados como provérbios, atualmente não seriam mais reconhecidos como tais pelos falantes dessas línguas. Através de uma análise sistemática das opções do tradutor, ela classifica as soluções encontradas, buscando sempre atender a critérios de forma e conteúdo:

- 1 - Provérbios existentes nas duas línguas (LF e LM)
 - a) - Correspondência Literal Total:
 - b) - Correspondência Literal Parcial.
 - c)- Correspondência Equivalente.
- 2 - Provérbios existentes em uma só língua (LF)
 - a) - Tradução Literal
 - b) - Paráfrase
 - c) - Adição de provérbios na LM
- 3 - Supressão ou omissão de provérbios do original (LF)

Na “correspondência literal total”, Aquilino iniciaria o processo de tradução buscando provérbios equivalentes em forma e conteúdo que existam na tradição idiomática e na memória dos falantes. Para Postigo Aldeamil, essa seria a solução ideal, por conservar as equivalências semânticas e estilísticas, de acordo com o princípio de Garcia Yebra (1994) de que “*en teoría el estilo de la traducción ha de*

¹²¹ CHAVES, P. *Rifoneiro Português*. Porto : Imprensa Moderna, 1928.

¹²² Cfr. GARCIA YERBA (1994: 263).

ser equivalente, de igual valor, al de la obra original” (Ibid.:318).¹²³ Os dois exemplos de “correspondência literal total” aparecem no corpus desta dissertação.¹²⁴

A “correspondência literal parcial” ocorreria quando o provérbio existente na LM tem uma equivalência formal na estrutura e no conteúdo, mas com alguma alteração no léxico. Estudos paremiológicos sobre correspondências de provérbios em diversas línguas mostrariam coincidências com muitos provérbios referentes a experiências gerais, resultados de empréstimos ou de origem comum e que no caso de línguas afins, a porcentagem seria ainda maior. O par espanhol/português possuiria um grande acervo comum de provérbios com os dois tipos de correspondência literal. Os exemplos a seguir, de “correspondência literal parcial”, partilhariam componentes relativos a imagens concretas de ordem visual: “*A buen entendedor, pocas palabras*” (DQ II, XXXVII) – “A bom entendedor, meia palavra basta”, provérbio também analisado pela autora no artigo anterior, classificado como equivalente, com semelhança formal e semântica, e “*el pájaro en mano que buitre volando*” (DQ II, LXXI) – “antes um passarinho na mão que dois a voar”, o último provérbio estudado nesta dissertação, número quarenta e sete.

Postigo Aldeamil denomina de “correspondência equivalente” a expressão do sentido do provérbio através de termos diferentes na LM. Poderia ser chamada de paráfrase, e só considera como uma correspondência adequada se estiver institucionalizada na LM e incluir “*la misma condensación conceptual y expresiva.*” (Postigo Aldeamil, 1999b:1006). Somente em poucas ocasiões o tradutor encontraria o que ela denomina de “sinônimo perfeito”, em suas palavras, “*el proverbio adecuado que conserve, además de los aspectos denotativos, conotativos y*

¹²³ Os pesquisadores brasileiros XATARA, RIVA e RIOS (2001:183) analisam as dificuldades de tradução de idiomatismos e afirmam ser impossível ter certeza se a expressão “equivalente em língua estrangeira é idêntica à usada em nossa língua, tanto no que se refere ao significado, quanto à precisão da frequência e do nível da linguagem.” Por esse motivo, chamam de paradoxal a possibilidade de uma “correspondência idiomática interlínguas e dicionarizá-la.” Enfatizam que o tradutor não deveria ver o processo tradutório como uma transferência de significados (estes seriam irrecuperáveis, pois seriam apenas atribuídos). Os idiomatismos seriam fixos e teriam seu sentido conotativo derivado de um acontecimento histórico-social, motivado por uma cultura que delimitaria o seu significado. Logo depois enumeram os problemas encontrados com o primeiro instrumento de tradução, os dicionários gerais bilíngües. O primeiro entrave seria o pequeno espaço destinado aos idiomatismos, inclusive, muitas vezes sem a informação se o termo é mesmo um idiomatismo, como não existiria a preocupação em distinguir uma paráfrase explicativa de uma equivalência idiomática. Tampouco seriam disponibilizadas as explicações do seu significado nem uso. Outro empecilho seria localizar o idiomatismo, que muitas vezes não aparece como uma entrada. Como exemplo usa a expressão *pagar um mico*, que tanto poderia ser procurada no verbete *pagar* ou *mico*.

¹²⁴ DQ II, XLIII: Provérbio vinte e sete, “*Haceos miel y comeros han las moscas*” e vinte e oito, “*Tanto vales cuanto tienes*”.

pragmáticos, los aspectos figurativos que muchos de ellos contienen.” (Ibid.:1006-1007).¹²⁵

Mário Laranjeira (2003) analisa a tradução de provérbios junto com adágios, ditos populares, máximas por acreditar que possuem um parentesco lingüístico com a poesia e que sua estruturação textual se baseia na equivalência e plurivalência verbal. Ele diferencia o provérbio, o qual seria metafórico e conotado; do dito e da máxima, que seriam referenciais e denotativos. Seria uma das marcas do provérbio, assim como na poesia, a existência de estrutura fônica, organizada num sistema de recorrências, oposições e gradações; favorecendo a memorização e aumentando sua força expressiva.

Para o professor Laranjeira, a grande diferença do provérbio com o poema seria sua origem: os provérbios, adágios e ditados não seriam criados por um indivíduo, mas frutos da sabedoria popular, sem um autor nem destinatário, textos assumidos por um determinado grupo social, “um bem cultural coletivo”. Laranjeira explica melhor esse conceito, escolhe o provérbio como unidade e discorre sobre a tradução:

Constituem o ‘já-dito’, o ‘já-escrito’ que à força de serem repetidos, ‘tendem a fixar-se na memória como espécies de blocos lexicais e, em consequência, a serem utilizados sem qualquer alteração’¹²⁶. O bloco todo é sentido como uma lexia, algo pertencente mais ao patrimônio coletivo da língua do que ao fazer-se individual da fala. Daí o provérbio todo, e não cada um de seus elementos constitutivos, a unidade de tradução. A existente, na língua-cultura de chegada. Acontece que, nesta, nem sempre há um provérbio equivalente, utilizável na mesma situação de comunicação. Teríamos então de aceitar a intradutibilidade de determinados provérbios para determinada língua e sua tradutibilidade para outros em que o paralelismo de fato existisse. (Ibid.:70- 71).

Cita Meschonnic¹²⁷, para quem o provérbio seria um espaço para o intercâmbio e mudança e o empréstimo ofereceria as condições para o estranhamento enriquecedor. Para esse efeito, a tradução deveria ser estrutural e literal, obedecendo aos princípios da estrutura típica do gênero como já foi visto acima. Laranjeira encerra o tópico recomendando atenção e tratamento especial ao lidar com provérbios, sugerindo que os tradutores sejam “... guiados pelo bom senso

¹²⁵ A autora cita dois casos de tradução “arbitrária e infundada” por parte de Aquilino Ribeiro. O provérbio vinte e nove desta dissertação, “*del hombre arraigado no te verás vengado*” (DQ II, XLIII) que foi traduzido como “homens bons e pichéis de vinho apaziguam o burburinho” e “*no haber hallado nidos donde pensó hallar pájaros*” (DQ II, XV) e a sua tradução, “Salamanca a uns cura e a outros manca”.

¹²⁶ Nota do autor: DELAS, Daniel e FILLIOTLET, Jacques. *Linguistique et poétique*. Paris: Larousse, 1973.

¹²⁷ MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique II. Epistémologie de l’écriture poétique et de la traduction*. Paris: Gallimard, 1973.

e por um conhecimento minucioso das suas regras de estruturação lingüística e de uso.” (Ibid.:72).

Dentro dessa mesma linha de pensamento, Berman (2007) discute a tradução de provérbios em um seminário ocorrido no *Collège International de Philosophie*, em Paris, 1984:

Assentados em uma experiência, a princípio idêntica, os provérbios de uma língua têm quase sempre equivalentes em uma outra língua. [...] Traduzir o provérbio seria, portanto, encontrar o seu equivalente (a formulação diferente da mesma sabedoria). (Ibid.:15-16)

Portanto, quando um tradutor encontra um provérbio teria duas opções: buscar seu presumido equivalente, ou traduzi-lo de uma maneira literal, “palavra por palavra”. Mas como o provérbio também seria uma forma, o ritmo, sua extensão, as aliterações também deveriam ser traduzidos. Exemplifica com um provérbio retirado do romance traduzido por ele, *Yo, el Supremo* de Roa Bastos¹²⁸: “*A cada día le basta su pena, a cada año su daño.*” Apesar da existência do equivalente em francês, o autor escolhe uma tradução literal e livre: “*Á chaque jour suffit la peine, à chaque année sa déveine.*” Bergman substitui a dupla aliteração do original, *día/pena, año/daño* por uma só: *peine/déviene*. Explica que fez uma tradução palavra por palavra “servil”; mas uma tradução da estrutura aliterativa do provérbio, reaparecendo de outra forma. Para o crítico, o trabalho sobre a “letra” não seria calco nem reprodução, mas foco no jogo dos significantes. Como essa teoria foi apresentada num seminário, Berman descreve a reação do público, na maioria tradutores, que teria rejeitado essa “ótica”. “Para eles, compulsivamente, traduzir significaria encontrar equivalentes.” (Ibid.:16). Os tradutores teriam se recusado a refletir sobre a “letra”, e o caso dos provérbios seria muito simbólico, revelando a questão da “equivalência dinâmica”, observada como evangelho por eles,

Pois procurar equivalentes, não significa apenas estabelecer um sentido invariante, uma idealidade que se expressaria nos diferentes provérbios de língua a língua. Significa recusar introduzir na língua para a qual se traduz a *estranheza* do provérbio original, [...] Para o tradutor formado nesta escola, a tradução é uma transmissão de sentido que, ao mesmo tempo, deve tornar este sentido *mais claro*, limpá-lo das obscuridades inerentes à estranheza da língua estrangeira. Esta é, caricaturalmente, a famosa “equivalência dinâmica” de Nida. (Ibid.:17, *itálicos e aspas do autor*).

¹²⁸ BASTOS, Roa. *Moi, le Suprême*. Traduzido por Antoine Berman. Paris: Pierre Belfont, 1977.

2.2.3 - Análise dos provérbios e suas traduções

2.2.3.1 - Unidade de Tradução

Os lingüistas canadenses Vinay & Darbelnet (1995) acreditam que um dos passos preliminares em qualquer ciência é a definição da unidade com a qual vai se trabalhar. Para eles a palavra em si não é adequada como base de unidade de tradução, mas concordam com a importância desse conceito, já que os dicionários utilizam a palavra como unidade. Nesse sentido, todos os dicionários paremiológicos consultados nessa dissertação são organizados tendo provérbios como unidade.

Para eles, os termos “unidade de pensamento”, “unidade lexicológica”, “unidade de tradução” seriam termos equivalentes. Propõem como unidade, o menor segmento de discurso, cujo grupo de elementos lexicais não poderia ser traduzido separadamente. Vinay & Darbelnet descrevem vários tipos de unidades de tradução, desde palavras soltas, compostas, até frases.

Amparo Hurtado Albir (2007) define unidade de tradução como “*la unidad comunicativa con la que trabaja el traductor*” (Ibid.:234). Ela discorre sobre algumas questões sobre sua estrutura, análise e diferentes unidades. A primeira questão abordada é a localização da unidade de tradução num enquadre textual, e a noção de texto. Estaria provado que o tradutor (experiente, profissional) não utiliza a palavra como unidade. A autora menciona alguns estudos de Malmkjær (2005)¹²⁹, Lörscher (1991, 1993)¹³⁰ e Toury (1986)¹³¹, todos mostrariam que tradutores com experiência utilizariam unidades de sentido, ou frases. A palavra só seria empregada como unidade de tradução por iniciantes. A definição de unidade comunicativa estaria ligada à definição de texto, sua forma (oral, escrito, visual), extensão e complexidade. Ela dá exemplos de textos de uma só oração (“*Prohibido pisar el césped*” e “*Gracias por su visita*”) e considera os provérbios como pequenos textos.

Para ela a unidade comunicativa teria extensão e estrutura variada, podendo ser um ponto ou um silêncio, como ocorreria com sinais de pontuação em textos em

¹²⁹ Verificar seu capítulo na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies, Unit of translation*. pp.286-288.

¹³⁰ LÖRSCHER, W. *Translation Performance, Translation Process, and Translation Strategies. A Psycholinguistic Investigation*. Tübinga: Gunter Narr., 1991.

Translation Process Analysis in Y. Gambier e J. Tömmola (eds.), *SSOTT IV Translation and Knowledge*. Finland: Universidad de Turku, pp.195-212, 1993.

¹³¹ TOURY, G. *Monitoring Discourse Transfer: A test-case for a Developmental Model of Translation*. in J. House e S. Blum-Kulka (eds.) *Interlingual and Intercultural Communication: Discourse and Cognition in Translation and Second Language Acquisitions Studies*. Tübinga: Gunter Narr., pp.79-94. 1986.

francês explicitados em conectivos quando traduzidos para o espanhol. Tudo dependeria da forma de tradução ou do tipo, no caso de tradução escrita seria o parágrafo, o capítulo; no caso da dublagem, a cena; para a legendagem, o espaço da legenda.

Outra questão sobre a unidade de tradução discutida é a imbricação das unidades e o processamento, determinada pelos mecanismos de coerência e coesão do funcionamento textual. O processo tradutor poderia modificar a unidade de tradução. Amparo Hurtado Albir finaliza, destacando a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto:

La unidad de traducción es uno de los temas más complexos que tiene pendientes la Traductología. [...] Sólo el avance de los estudios empíricos podrá ir clarificando esta noción, recogiendo datos sobre su funcionamiento en las diversas modalidades y tipos de traducción. (Ibid.:237).

A unidade de tradução nesta pesquisa é o provérbio, uma escolha fundamentada na bibliografia resenhada, incluindo os estudos de Laranjeira.

2.2.3.2. Modalidades de tradução

Francis Aubert (2006) revisou a metodologia que ele mesmo havia publicado em 1998¹³², e havia sido fundamentada no trabalho pioneiro de Vinay & Darbelnet. Essa reformulação é um dos critérios utilizados nesta dissertação na análise da tradução dos provérbios ditos por Sancho Pança. O autor discorre sobre o cotejo do texto traduzido com seu original:

Se, conforme atestam seus praticantes, a tradução representa uma das formas mais detalhadas de crítica textual, a análise do texto traduzido cotejado com seu original, por sua vez, há de oferecer uma dupla visão crítica: (i) aquela que diz da adequação do texto traduzido como reflexo e como refração do seu original, lado a lado com (ii) aquela que descortina, no texto traduzido, novas leituras do texto original e nos informa, portanto, acerca da maior e menor completude das leituras propostas na comunidade original de recepção literária. (Ibid.:61).

Em colaboração com Zavaglia (2003)¹³³, pesquisadora que também utiliza sua metodologia adaptada, Aubert menciona o interesse (lingüístico, literário e antropológico) do estudo de diferentes soluções dadas pelos tradutores às marcas

¹³² Ver AUBERT. *Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados*. in TradTerm, 5. São Paulo: CITRAT/FFCH-USP; 1998.

¹³³ AUBERT, F.H e ZAVAGLIA, A. *Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida (1) – as versões de Sagarana para o francês e para o norueguês*. TradTerm 9, São Paulo: Citrat/FFLCH/USP; pp.173-188. 2003.

lingüísticas culturalmente específicas. Pesquisaram o universo de recepção e as imposições lingüísticas e textuais, e verificaram a existência de traços remanescentes no texto da LM e nas escolhas lexicais, semânticas e morfossintáticas feitas pelos tradutores. O pesquisador finaliza com o comentário a seguir, transcrito aqui por tratar das opções do tradutor e a sugestão lançada para o seguimento da pesquisa em traduções literárias, como é o objetivo desta pesquisa.

Mantido o conceito de escala, fez-se um reagrupamento em grandes classes – *espelhamento*, *literalidade*, *equivalência* – que, em muitos casos, melhor representam o que de fato ocorre na tradução, e permite separar como mais precisão os “automatismos” decorrentes das tipologias lingüísticas das “intencionalidades” manifestas pelas opções do tradutor. Resta testar o modelo, em novos estudos sobre traduções literárias de textos literários, para assegurar a confirmação cabal da relevância das alterações aqui empreendidas. (Ibid.:69, aspas e itálicos do autor).

Resumindo, as modalidades ficaram assim agrupadas, “espelhamento”, que inclui o “empréstimo” e o “decalque”; “literalidade”, que abrange as modalidades “transcrição”, “tradução palavra por palavra”, “transposição e explicitação” e por último, o grupo da “equivalência”, englobando “implicação”, “modulação” e “adaptação”. Também são descritas a “tradução intersemiótica”, a “omissão” e o “erro”, que não ocorrem nesta pesquisa.¹³⁴ Os grupos e a re-organização das modalidades utilizadas para a análise nesta dissertação foram:

1- Literalidade

Um conjunto de modalidades com as quais o processo tradutório ocorreria de forma direta, sem “ruído”. Os resultados apresentariam “certa sinonímia interlingüística e intercultural no contexto dado” (Ibid.:64).

a) Transcrição

Segmentos de texto pertencentes aos acervos das duas línguas (algarismos, fórmulas e similares) ou não pertencentes a nenhuma das duas línguas, mas a uma terceira (como o caso de aforismos, palavras latinas ou designações).

b) Tradução Palavra por Palavra

Se ao comparar o texto na LF e na LM ocorrem as seguintes condições: mesmo número de palavras, mesma ordem sintática, categorias gramaticais e uso de sinônimos interlingüísticos.

¹³⁴ Conferir a descrição completa de cada modalidade em AUBERT (2006: 64-69).

c) Transposição

Sempre que pelo menos um dos critérios do item anterior não é cumprido, na existência de termos rearranjos morfossintáticos, uma palavra desdobrada em várias, duas palavras traduzidas por uma só, se a ordem é alterada (inversões e deslocamentos) ou há uma alteração de classe gramatical, assim como qualquer outra combinação dos casos anteriores. As transposições podem ser obrigatórias, pela estrutura da LM ou facultativas, consideradas como parte do estilo do tradutor.

c) Explicitação

É “uma tentativa de assegurar a literalidade semântica, mediante o recurso a construções parafrásticas de diversos tipos” (Ibid.:65). As várias formas poderiam ser um aposto explicativo, notas, glossário, ou até um prefácio ou posfácio.

2- Equivalência

Seriam modalidades em que a interferência, desempenho e co-autoria do tradutor tornam-se visíveis,

Manifestam-se em diversas formas de deslocamento ou refração semântico-pragmática, e, no limite, levam o texto traduzido – ou segmentos desse – à reescrita interpretativa na óptica da cultura de recepção. (Ibid.:65).

a) Modulação

Aubert sugere uma linha de investigação que mostre a relação entre as modulações e transposições opcionais e a manifestação lingüística da liberdade do tradutor, pois, assim como a transposição, a modulação poderia ser obrigatória ou opcional. Seria a modalidade com mais facetas, portanto de caracterização mais difícil. Confundida com a “idiomaticidade das línguas” (Ibid.:66), seria marca de tradução literária¹³⁵. A modulação “resulta em uma alteração perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha fundamentalmente o mesmo efeito geral de sentido denotativo” (Ibid.:66), seria a expressão da “cultura lingüística”, idiomatismos de expressão, de significação, de conotação.

b) Adaptação

Segundo Aubert, essa modalidade teria como característica fundamental “ser uma intersecção de sentidos, mesmo denotativos, abandonando a busca da

¹³⁵ Cfr. TAILLEFER. *Um diálogo entre culturas: Jorge Amado no contexto da língua-cultura francesa*. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP; 2004.

equivalência plena.” (Ibid.:67). A diferenciação, neste caso, não seria pelo estilo, maneira de dizer, ou próprio da “cultura lingüística”, mas corresponderia a um dos resultados do “embate entre as duas realidades extralingüísticas que se confrontam no ato tradutório” (Ibid.:67).

2.2.3.3 - Provérbio Equivalente

Amparo Hurtado Albir coleta um histórico sobre a utilização do termo “equivalência” pelos teóricos dos Estudos da Tradução.¹³⁶

A autora discorre sobre os fatores mais importantes que constroem a equivalência tradutora proporcionando seu caráter relativo. O primeiro deles é o contexto lingüístico – um elemento poderia adquirir diversos sentidos conforme a circunstância. As equivalências de frases feitas (ou de gestual) encontradas nos dicionários não seriam fixas e poderiam significar uma coisa num âmbito público e outra no privado, podendo até caracterizar uma personagem de maneira errônea. O mesmo diz das equivalências culturais, uma mesquita poderia ser equivalente a uma sinagoga culturalmente, mas com certeza não seriam equivalentes em um romance, por exemplo. O gênero textual também seria um fator relevante, a tradução de um elemento cultural em uma história em quadrinhos será traduzida diferente em um romance. Nesta dissertação, considera-se como “provérbio equivalente” somente os encontrados na bibliografia paremiológica consultada ou com entradas em coletâneas do *Google*.

¹³⁶ Inicia com a descrição feita por Vinay & Darbelnet para quem a equivalência seria um dos procedimentos de tradução, entre outros. NIDA, E. A. *Principles of Translation as exemplified by Bible Translating*. in R. A. Brower (ed), *On Translation*, Harvard University Press, 1959, usa o termo para estabelecer o princípio básico da tradução, a obtenção do equivalente mais próximo. CATFORD, J. *A theory of translation*. Oxford: Oxford University; 1965, utilizaria o conceito para definir a tradução, que seria encontrar a substituição equivalente de um material textual de LF em LM. RABADÁN. *Equivalencia y Traducción: Problemática de la equivalencia transléctica inglés-español*. Universidad de León; 1991, escreve uma obra sobre o tema equivalência, para esse autor a equivalência permearia todas as relações tradutológicas pois expressa a ocorrência de uma relação (do tipo que seja) do texto original com o traduzido. SNELL-HORNBY (1999), vê a equivalência como uma tentativa de solução, para a tradutologia, para a antiga controvérsia sobre tradução literal e livre. Para esta autora, o temo seria inadequado, pois criaria a ilusão de uma similitude entre as línguas, o que não seria real. Também nessa linha, verificar Hatim & Mason (1990), que discutem a utilização do termo equivalência, que para eles seria uma sugestão de potencial equivalência completa, como se existisse na LM um equivalente formal ou dinâmico para um determinado texto da LF. Eles preferem a noção de adequação. Conferir mais autores que já trataram do tema, de 1958 até 2000, na extensa lista de Hurtado Albir. (Ibid.:204).

2.2.3.4 - Análise estilística da tradução dos provérbios

Dolors C. Pinós (1997), ao estudar as traduções da obra *Mil e Uma Noites*, observou uma interação implícita de forte base oral, com estruturas mnemotécnicas típicas, adequadas à oralidade e ao ritmo. Seus exemplos são as repetições, antíteses, aliterações, assonâncias, frases feitas, que seriam responsáveis por reestruturar essa mensagem sintaticamente. A oralidade implicaria repetições e, mesmo parecendo redundantes, deveriam ser conservadas.

“Los clichés tradicionales que se han acuñado a lo largo de los siglos en las culturas orales no pueden ser fácilmente desmanteladas porque lo que se almacena en la memoria cristaliza en ella de una manera totalizadora y debe permanecer intacto.”...Por lo tanto, las culturas orales tienden a la amplificación y no a la reducción, y a nuestros ojos el relato resulta siempre redundante. La memoria resulta, pues, altamente conservadora, en el sentido de que tiende a preservar – a conservar – todo aquello que se ha ido transmitiendo de generación en generación.” (Ibid.:133).

Geralmente os provérbios, ditados e máximas apresentariam uma estrutura rítmica binária, reforçada ou não por paralelismos, recorrência fônica (rima, assonância e aliteração) ou recorrência semântica (pares sêmicos semelhantes, opostos ou dependentes). Segundo Mário Laranjeira um provérbio não possuiria nada além de estruturas (hemistíquios) binárias ou ternárias, ao contrário dos poemas, onde a estrutura não teria limitações. Outra diferença seria sua significação fechada, sem abertura para outras leituras, aberta nos poemas. Mais uma dessemelhança seria o freqüente aspecto arcaizante do provérbio, e Laranjeira enumera as marcas exteriores, dando os seguintes exemplos: ausência de artigo (“Cachorro que late não morde”), o uso de pronomes relativos sem antecedentes criando um valor mais generalizante (“Quem vai a Portugal perde o lugar”), ruptura da ordem sintática habitual (“A cavalo dado não se olham os dentes”). O autor infere que,

do ponto de vista estritamente lingüístico e estrutura, a tradução do provérbio deveria fazer-se em função de sua estrutura específica binária, recorrente, fechada, de modo a conservar-lhes as características. (Laranjeira, 2003:70).

Portanto, faz parte desta análise, a observação da “estrutura rítmica”, “recorrência fônica e semântica” do provérbio original e das traduções ao português.

2.2.3.5 - Entradas no *Google*

Segundo Heloísa Cintrão (2006:293), as ferramentas providas da tecnologia da internet seriam parte dos recursos de pesquisa e documentação para tradutores. Ela cita não só o *Google* e seus principais recursos, mas também dicionários online, memórias de tradução, listas de tradutores como fontes de consulta. Nesta dissertação utilizam-se as instruções do seu anexo quatro, que inicia alertando os usuários das ferramentas que

A Internet pode funcionar como uma imensa enciclopédia, desde que não a usemos de maneira ingênua, aprendendo certos parâmetros de avaliação crítica e aplicando certos critérios que podem nos dar alguma garantia de confiabilidade do resultado obtido. (Ibid.:Anexo 4, p. VII).

Além da consulta à internet para pesquisar cada provérbio entre aspas, o aspecto da tecnologia também é abordado nas entrevistas com os tradutores.¹³⁷

¹³⁷ Na entrevista dada à revista *Cadernos da Tradução*, a tradutora Dorothée de Bruchard afirma: “Outro aspecto é que temos hoje acesso a instrumentos que facilitaram muito o trabalho do tradutor (dicionários eletrônicos, glossários on-line e Dr. Google, além de contato facilitado com especialistas do mundo inteiro, com autores, outros tradutores) e permitem mais precisão, qualidade. Temos a comodidade de traduzir no computador, enviar tudo ao editor sem precisar imprimir, ir ao correio. Economiza-se energia e dinheiro, se ganha muito tempo.” (GUERRINI e TORRES 2007:296).

CAPÍTULO TRÊS – METODOLOGIA

3.1 - Historiografia

3.1.1 - Catálogo das traduções do *Quixote* publicadas no Brasil

Neste capítulo surge a elaboração do catálogo das traduções, baseada em buscas no portal de vendas de livros usados, *Estante Virtual*. Em recente entrevista à Danelon (2009), o jovem empresário carioca André Garcia conta que criou o portal em 2005 após encontrar dificuldades para conseguir comprar livros usados. Ele afirma que a empresa continua crescendo: “Em 2007, totalizamos R\$ 6 milhões em vendas. Em 2008, foram R\$ 18 milhões. E nossa estimativa pra [sic] este ano é vender um total de R\$ 36 milhões” (Ibid.). Em outra entrevista, feita por Lima (2008), André Garcia, informa que em 2008 o site registrou trinta e cinco milhões de buscas e mais de um milhão de livros vendidos.

Na página inicial do portal as informações são atualizadas constantemente. No dia consultado (21 de junho 2009), ofereciam mais de vinte milhões de livros, ultrapassando cem mil acessos por dia. Declaram reunir um acervo de mil quatrocentos e trinta e um sebos e livreiros (noventa por cento do total é nacional) dispersos em duzentas e quarenta e sete cidades do Brasil. O portal aceita, sem custo algum ao interessado, uma quota de cem livros de pessoas físicas e atualmente instalou um sistema de trocas de livros. É conhecido na mídia como o “Google dos livros”.¹³⁸

O acervo virtual é catalogado da seguinte maneira,

¹³⁸ Conferir a página de assessoria de imprensa da Estante Virtual, Disponível em <http://www.estantevirtual.com.br/cgi-bin/imprensa.cgi>. Acessado em 21 jun 2009.

Figura 3.1 - Importação Dinâmica de Acervo – Instruções (Estante Virtual)

campo	tamanho max.	conteúdo
autor	50	nome do autor do livro. Evite vírgulas, porém se você já possuir uma ampla listagem no formato "Freud, Sigmund", nosso sistema fará a conversão para você. Nota: se não houver autor especificado, coloque o nome da editora neste campo. Ex: autor: Editora Três
título	70	o título do livro
editora	30	somente o <i>nome</i> da editora, sem o "editora..." Nota: se não houver editora especificada, coloque o nome da instituição responsável pela edição.
ano	4	o ano <u>da edição</u> do exemplar, com 4 dígitos sempre Nota: se não houver ano especificado no livro, coloque o ano 0 (zero).
estante	30	o nome da estante onde deve ser colocado o livro e precisa coincidir com o nome de alguma das estantes disponíveis no portal. Faça o download da listagem atualizada de estantes clicando aqui .
preço	7	o preço, com ou sem separador decimal, que pode ser vírgula ou ponto se houver
descrição	800	O preenchimento desta coluna é opcional se o livro encontra-se em perfeito estado. Caso contrário, você deve incluir nela, por exemplo, "dedicatória na contracapa" ou o defeito que ele possui. Em ambos os casos, esta coluna serve também para fornecer uma descrição do livro para os leitores do site, com até 800 caracteres, transcrevendo, por exemplo, a sinopse do livro contida na última capa.
peso	6	Preencha com o peso do livro, em gramas e sem qualquer separador decimal. Sem dúvida que é um trabalho a mais, pesar os livros, mas em compensação o frete informado ao seu cliente na hora da venda será 100% preciso. Se, contudo, você não tiver uma balança, deixe em branco. Neste caso, o frete será calculado usando uma estimativa de peso médio. Nota: o preenchimento desta coluna é, portanto, opcional.

Figura 3.2 – Foto da página de buscas Estante Virtual com Dom Quixote

The screenshot shows the Estante Virtual website interface. At the top, there's a navigation bar with links like 'início', 'a estante', 'sebos & livros', 'busca online', 'cadastre-se', 'sua estante virtual', 'ajuda', 'blog', and 'contato'. Below this is a search bar with the text 'Encontre agora o livro que procura:' and a 'buscar' button. The search results show 2,141 books found for the search term '+dom +quixote'. The results are displayed in a table with columns: Título/Autor, Ano, Estante, Vendedor, UF, Preço, and + info. The first few results are for 'Dom Quixote - Último Estado', 'O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha', and 'Dom Quixote de La Mancha'.

Título/Autor	Ano	Estante	Vendedor	UF	Preço	+ info
Dom Quixote - Último Estado Adap e Trad Orígenes Lessa - Miguel de Cervantes	2005	Infanto-juvenis	Discolivros PETO DIGITAL	RS	R\$ 15,80	
O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha Cervantes, Miguel & Doré, Gustave (ilustr.)	2005	Literatura Estrangeira	Livraria Humanidades	MG	R\$ 99,00	
Dom Quixote de La Mancha Miguel de Cervantes de Saavedra	2002	Literatura Estrangeira	Sebo Livrolgia	SP	R\$ 30,00	
Dom Quixote de La Mancha A Cervantes Miguel de Saavedra	n/d	Literatura Estrangeira	Sebo Livrolgia	SP	R\$ 70,00	
Visita de Dom Quixote a Brasília Abrão Batista	2005	Literatura Brasileira	Livraria Eldorado PETO DIGITAL	DF	R\$ 11,00	
Dom Quixote Adap José Angeli	2003	Infanto-juvenis	Marcelo Siqueira8 DECELPETE	MG	R\$ 10,00	
Dom Quixote Adap José Angeli	2005	Infanto-juvenis	Sebocracia PETO DIGITAL	RJ	R\$ 12,00	
Dom Quixote Adap José Angeli	2005	Infanto-juvenis	Sebocracia PETO DIGITAL	RJ	R\$ 12,00	
Dom Quixote Adap José Angeli	2005	Infanto-juvenis	Sebocracia PETO DIGITAL	RJ	R\$ 12,00	
Dom Quixote Adap José Angeli	2005	Infanto-juvenis	Sebocracia PETO DIGITAL	RJ	R\$ 12,00	
Dom Quixote Adap José Angeli	n/d	Infanto-juvenis	Sebo do Marão DECELPETE PETO DIGITAL	SP	R\$ 8,00	
Dom Quixote Adap José Angeli	n/d	Infanto-juvenis	Sebo do Marão DECELPETE PETO DIGITAL	SP	R\$ 8,00	

No campo de busca, ver foto acima, existem as seguintes opções: autor ou título, autor, título, editora, descrição. A pesquisa pode ser refinada com palavras chave e novamente opta-se pelas opções acima, podendo limitar a busca aos resultados já conseguidos. Por exemplo, ao digitar *Dom Quixote* aparecem mil seiscentos e trinta e oito livros¹³⁹. Ao refinar a busca com a editora *José Olympio* o número é reduzido para cinquenta e três.

Para a elaboração do catálogo seguiram-se os seguintes passos:

- 1- Busca com o nome da obra (*Dom Quixote*).
- 2- Análise de cada entrada. Descartaram-se os livros que não estão nas estantes de Literatura Estrangeira, Literatura Espanhola, Coleções, Livros Raros e Outros Assuntos. Com isso eliminam-se as adaptações, biografias e estudos críticos.
- 3- Análise detalhada de cada descrição. Compilação de informações sobre cada edição.
- 4- Por não existir um campo “tradutor”, e por falta de informações na descrição, muitas vezes foi necessário um contato direto com o livreiro/vendedor da obra por e-mail ou telefone para checar informações faltantes.
- 5- Para maior precisão na pesquisa, ativou-se uma verificação cruzada, utilizando-se o campo de editoras nos resultados encontrados para verificação de possíveis erros ou omissões. As informações foram finalizadas com pesquisas nas ferramentas do *Google* e outros, além de contato com editoras.
- 6- Organização dos dados obtidos em planilha *Excel* e obtenção de gráficos estatísticos.

As edições foram analisadas, considerando o que foi possível verificar diretamente, e as coletas de dados privilegiariam aqueles referidos à edição: ano de publicação, editora, título em português, nome do tradutor, ilustrações, número de páginas, volumes, reimpressões e os paratextos apresentados. Para cada edição ensaiou-se um breve panorama da editora responsável pela publicação e uma breve nota biográfica dos autores dos paratextos e ilustradores.

¹³⁹ Obviamente esse número muda a todo momento. Por exemplo, no dia 16 de julho 2009, apareceram 1.761.

3.1.2 - Tradutores

A pesquisa sobre os tradutores foi complementada com as ferramentas do *Google*, procurando-se o nome do tradutor colocado entre aspas, e na busca geral, adicionando-se o nome do autor da obra, Cervantes. Utilizaram-se os mecanismos de busca do *Google acadêmico* e *Google livros*. Foram obtidos dados sobre livros traduzidos e/ou escritos, assim como dados biográficos. Em certos casos entrevistaram-se tradutores ou indivíduos relacionados. *Pesquisou-se ainda* metatextos sobre a tradução e os tradutores.

3.2 - Provérbios

3.2.1 - Resumo dos Capítulos estudados e Fortuna Crítica

A seguir, são disponibilizadas breves sinopses de cada capítulo utilizado, assim como uma resumida fortuna crítica. Também são transcritos os trechos selecionados para análise e os provérbios estudados estão sublinhados.

3.2.1.1 - DQ I – Capítulo XXV

Que trata de las estrañas cosas que en Sierra Morena sucedieron al valiente caballero de La Mancha, y de la imitación que hizo a la penitencia de Beltenebros

Logo no início, aparece em nota a explicação da personagem Beltenebros, nome assumido pelo célebre cavaleiro Amadís de Gaula ao fazer penitência na *Peña Pobre* por ter sido rejeitado por seu amor, Oriana. Francisco Rico adiciona o exemplo de outra personagem, Orlando de Ariosto, também rejeitado por Angélica, e a história de Cardênio saltitando nu pelos montes, contada no *Quixote*. Dom Quixote praticamente nu, só de camisa, saltita pelos arredores de Sierra Morena, para desespero de Sancho.

O capítulo começa com Dom Quixote e Sancho em suas montarias, o escudeiro reclamando por não poder falar. Diz que quer voltar para sua casa, para sua família, com a qual pelo menos ele poderá conversar. Lamenta não viver na época de “Guisopete” (Sancho quer dizer Esopo, segundo nota), na qual ele pelo menos poderia falar com seu jumento.

Dom Quixote decide suspender a interdição (de abrir a boca) que havia feito ao Sancho - pelo menos enquanto eles estivessem por aquelas terras. Os dois então comentam um acontecimento do capítulo anterior, sobre o que Cardênio havia dito sobre a “Rainha Madásima” (personagem do livro *Amadís de Gaula*), sugerindo ser ela amancebada com mestre Elisabad, o qual aparece, segundo nota de Francisco Rico, como aio e acompanhante de Amadís. Dom Quixote continua escandalizado com as blasfêmias de Cardênio, que põem em xeque a honra da ficcional Rainha. É

nesse momento que surge o diálogo entre Sancho e Dom Quixote. O escudeiro justapõe a primeira série de provérbios:

Ni yo lo digo ni lo pienso – respondió Sancho -. Allá se lo hayan, con su pan se lo coman: si fueron amancebados o no, a Dios habrán dados la cuenta. De mis viñas vengo, no sé nada, no soy amigo de saber vidas ajenas, que el que compra y miente, en su bolsa lo siente. Cuanto más, que desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano. Mas que lo fuesen ¿qué me va a mí? Y muchos piensan que hay tocinos, y no hay estacas. Mas ¿quién puede poner puertas al campo? Cuanto más que de Dios dijeron.

¡Válame Dios – dijo don Quijote -, y qué de necedades vas, Sancho ensartando! ¿Qué va de lo que tratamos a los refranes que enhilas? (DQI p.273).

Na continuação do capítulo, Dom Quixote explica a Sancho sua intenção de imitar Amadís/Beltenebros. Eles chegam então ao alto de uma montanha e Dom Quixote decide ali fazer sua penitência em homenagem a Dulcinéia del Toboso. Liberta a Rocinante e pede a Sancho que fique por três dias assistindo suas loucuras para depois poder contar tudo para sua homenageada. Ao resolver escrever uma carta para sua dama, em um momento único e não mais repetido até o final da obra, Dom Quixote revela a verdadeira identidade de Dulcinéia: Aldonza Lorenzo, filha de Loreno Corchuelo e Aldonza Nogales. Confessa: “*no la he visto cuatro veces*”. Sancho reconhece sua conterrânea: “*Bien la conozco – dijo Sancho – y sé decir que tira tan bien una barra como el más forzudo zagal de todo el pueblo.*” (DQI, p.283). Nas notas da edição 2001 obtém-se a explicação para a expressão “*tirar la barra*”. Provém de um jogo rural que consiste em jogar uma vara de ferro com ponta afiada o mais longe possível. Sancho continua: “*¡Vive el Dador, que es moza de chapa, hecha y derecha y de pelo en pecho y que puede sacar la barba del lodo a cualquier caballero andante o por andar que la tuviere por señora.*”¹⁴⁰ (DQI, p. 283). A descrição de Dulcinéia prossegue: “*¡Oh hideputa, qué rejo que tiene, y qué voz!*”. A nota explica que o termo “*rejo*” significa “*compleción fuerte, talle robusto*”. (DQI, p. 283 nota 84). Sancho relembra a potente voz da amada de dom Quixote:

Sé decir que se puso un día encima del campanario del aldea a llamar unos zagales suyos que andaban en un barbecho de su padre, y, aunque estaban de allí mas de media legua. Así la oyeron como si estuvieran al pie de la torre. Y lo mejor que tiene es que no es nada melindrosa, porque tiene mucho de cortesana: con todos se burla y de todo hace mueca y donaire. (DQ I, p.283).

¹⁴⁰ Nota 84 de Rico: “El ‘Dador’ por antonomasia, es Dios; ‘Vive el Dador’, como fórmulas de juramento, se encuentra siempre en boca de gente baja; ‘moza de chapa’: ‘de buenas cualidades’ (II, 21, 802, n. 8); ‘de pelo en pecho’: ‘valiente’; sacar la barca [o el pie] del lodo a...’: ‘sacar de cualquier aprieto’.” (DQ I p. 283, aspas no original).

A nota explica que a palavra “cortesã” pode ter o significado renascentista de mulher cortês como também significar prostituta. O mesmo se diz do termo “*burlar*,” que pode ser “caçoar” como também “ter trato amoroso”. Sancho questiona Dom Quixote: de que adianta enviar seus vencidos a ajoelhar-se diante de Dulcinéia, se talvez ela estivesse trabalhando no campo e risse e ficasse enfadada. Dom Quixote o repreende por grande falador e afirma que Dulcinéia “*es la más alta princesa de la tierra*”. E ele continua a falar dela, “*porque en ser hermosa, ninguna le iguala, y en buena fama, pocas le llegan.*” (DQI, p.285). Então Dom Quixote escreve a carta no “livro de memória” e pede a Sancho que a memorize, para o caso de perdê-la pelo caminho. Sancho sugere que ele a escreva duas ou três vezes no livro, o qual levará bem guardado, pois sua memória é tão ruim que às vezes nem lembra seu próprio nome. O capítulo termina com o cavaleiro preparando-se para recitar a carta.

Angel Rosenblat (1995) sugere que Cervantes descobriu o recurso dos provérbios paulatinamente. Sancho diria seu primeiro provérbio no final do capítulo XIX da primeira parte, desbordando no capítulo XXV da mesma parte. Fernando Carreter (2001) está de acordo sobre o primeiro provérbio e mostra como Cervantes vai se firmando pouco a pouco no uso dos mesmos, até chegar ao capítulo XXV da primeira parte, quando acontece a primeira enxurrada. Isso só voltaria a acontecer na segunda parte. É um capítulo de muita importância, segundo Martin de Riquer (1970), pois seria a única vez em que o cavaleiro identifica Dulcinéia como a lavradora Aldonza Lorenzo. (Ibid.:89).

Para Eduardo Urbina (1991), neste capítulo o potencial paródico atingiria seu nível mais alto, onde o Sancho se aproxima mais de Gandalín pela significação do triângulo amoroso paródico (Amadís - Gandalín – Oriana & Dom Quixote – Sancho – Dulcinéia). A imitação da penitência seria importante, pois tanto em *Orlando furioso* como em *Amadís* a loucura e o desalento produzidos pelo desdém da amada são um “*foco preciso de tensión e intriga.*” (p.110). Sancho estaria na plenitude em sua paródia de escudeiro. Além de companheiro, cumpriria o papel de testemunha e mensageiro do seu amo. Assim como Gandalín, Sancho tentará dissuadir seu amo de fazer loucuras por amor. Suas ações seriam paralelas até Sancho descobrir a identidade de Dulcinéia, momento em que se torna irônico. Dom Quixote declara que “*para lo que yo le quiero, tanta filosofía sabe, y más, que Aristóteles*” (DQI, p.285). Urbina entende que “*con esto Sancho llega a comprender que para un don Quijote autor de quimeras vale una imaginada Dulcinea.*” (p.112). Ele transcreve os

argumentos contundentes do cavaleiro, o qual teria uma fria determinação de vencer obstáculos:

Así que, Sancho, por lo que yo quiero a Dulcinea del Toboso, tanto vale como la más alta princesa de la tierra. Si, que no todos los poetas que alaban damas, debajo de un nombre que ellos a su albedrío les ponen, es verdad que las tienen.” (DQ I, p.285).

Urbina arremata com um jogo de palavras, “Cervantes parodia aquí la invención sin causa y causa la creación en la que es suficiente la invención.” (Ibid.:112) e afirma que este plantaria a semente do posterior encanto de Dulcinéia.

3.2.1.2 - DQ II – Capítulo VII

De lo que pasó Don Quijote con su escudero, con otros sucesos famosísimos

Assim que a ama percebe que Sancho está conversando com seu senhor, vai buscar Sansão Carrasco para que convença dom Quixote a não fazer uma nova saída e decidem procurar a cura juntos. Enquanto isso, o cavaleiro andante e seu escudeiro dialogam. Este último conta que já conversou com sua mulher, Teresa. Aparece o trecho estudado:

- *Teresa dice, dijo Sancho, que ate bien mi dedo con vuestra merced, y que hablen cartas y callen barbas, porque quien destaja no baraja, pues más vale un toma que dos te daré. Y yo digo que el consejo de la mujer es poco, y el que no lo toma es loco.*
- *Y yo lo digo también – respondió don Quijote - . Decid, Sancho amigo, pasad adelante, que habláis hoy de perlas. (DQ II, p.680).*

A narrativa continua com Sancho insistindo em saber quanto vai ganhar, ele quer um salário. Dom Quixote diz que em todas as histórias de cavalaria que leu, nenhum cavaleiro pagava um salário ao seu escudeiro. Ele menciona as insulas ou títulos e senhorias e diz a Sancho que é isso que pode oferecer e se não está conforme, que volte para sua casa, afirmando “*que a mí no me faltarán escuderos más obedientes, más solícitos, y no tan empachados y habladores como vos (DQ II, p. 682)*”¹⁴¹. Nesse momento entram Sansão Carrasco e a ama. Sansão elogia o cavaleiro andante e suas façanhas e coloca-se à disposição como escudeiro. Dom

¹⁴¹ Dom Quixote acaba de demonstrar que também sabe dizer um provérbio atrás do outro: “... *que si al palomar no le falta cebo, no le faltarán palomas. Y advertid, hijo, que vale más buena esperanza que ruin posesión, y buena queja que mala paga.*” E logo justifica a avalanche: “*Hablo de esta manera, Sancho, por daros a entender que también como vos sé yo arrojar refranes como llovidos.*” (DQ II, p. 682)

Quixote agradece lisonjeado, mas recomenda que fique em casa e termina dizendo: *“yo con cualquier escudero estaré contento, ya que Sancho no se digna de venir conmigo.”* (DQ II p.684). Sancho então se emociona até as lágrimas, e diz que o acompanha. Os dois terminam abraçados e novamente amigos. Saem depois de três dias, em suas respectivas montarias, em direção à cidade de Toboso.

Segundo Urbina, a insistência de Sancho em receber um pagamento por seus serviços seria uma paródia da despreocupação autêntica de Gandalín, o fiel escudeiro de Amadís. Nas palavras finais do seu discurso, ele promete servir dom Quixote *“fiel y legalmente, tan bien y mejor que cuantos escuderos han servido a caballeros andantes en los pasados y presentes tiempos”* (DQ II, p.684). Para o crítico, percebe-se aí a confusão e a simplicidade de Sancho, o que teria feito Carrasco afirmar: *“tales dos locos como amo y mozo no se habrían visto en el mundo”* (DQ II, p.684). Como se viu no início desta dissertação, este capítulo é considerado importante por ser a retomada do recurso estilístico estudado, a avalanche de provérbios.

3.2.1.3 - DQ II – Capítulo XXXIV

Que cuenta de la noticia que se tuvo de como se había de desencantar la sin par Dulcinea del Toboso, que es una de las aventuras más famosas deste libro

Este capítulo faz parte do episódio do Palácio dos Duques, lugar em que dom Quixote e Sancho se hospedam e são protagonistas de zombarias e falsas aventuras. A Duquesa se admira com a simplicidade de Sancho em acreditar que Dulcinéia estivesse mesmo encantada na forma de uma lavradora (DQ II, X), quando teria sido ele mesmo o “encantador”. Em seis dias os duques preparam uma caçada. Oferecem roupas especiais de montaria aos dois, e partem todos, acompanhados de cachorros e pajens. Aparece um furioso javali, Sancho sai correndo, sobe numa árvore e fica pendurado num galho gritando apavorado até ser salvo por dom Quixote. Os servos do duque armam no bosque uma mesa com comida. Durante a refeição, o cavaleiro fala das vantagens do exercício da caça, recomendando a prática a Sancho em seu cargo de governador da ínsula de Baratária. É nesse momento que aparece o trecho estudado:

- *Haya lo que hubiere – replicó Sancho, que al buen pagador no le duelen prendas, y más vale al que Dios ayuda que al que mucho madruga, y tripas llevan pies, que no pies a tripas: quiero decir, que si Dios me ayuda, y yo no hago lo que debo con buena intención, sin duda que gobernaré mejor que un gerifalte. No sino póngame el dedo en la boca, y verán si aprieto o no.*
- *¡Maldito seas de Dios y de todos sus santos, Sancho maldito - dijo don Quijote -, y cuando será el día, como otras muchas veces he dicho, donde yo te vea hablar si refranes una razón corriente y concertada! Vuestras grandezas dejen a este tonto, señores míos, que les molera las almas, no sólo puestas entre dos, sino entre dos mil refranes, traídos tan a sazón y tan a tiempo cuanto le dé Dios a él la salud, o a mí si los querrás escuchar.*
- *Los refranes de Sancho Panza – dijo la duquesa -, puesto que son más que los del Comendador Griego, no por eso son en menos de estimar, por la brevedad de las sentencias. De mí sé decir que me dan más gusto que otros, aunque sean mejor traídos y con más sazón acomodados. (DQ II, p.916).*

Francisco Rico, nas edições de 2001 e de 2004, explica que o *Comendador Griego* foi Hernán Núñez de Guzmán, como visto anteriormente. Também conhecido como “el Pinciano”, era professor de grego, latim e retórica na Universidade de Salamanca e Alcalá e autor de uma coleção de seis mil provérbios impressa em Salamanca em 1555, *Refranes o proverbios en romance*¹⁴².

O episódio continua com o desenrolar da caçada. Quando chega a noite ouvem o soar de trompetes e clarins, retumbam tambores e ressoam pífaros. Todos ficam surpresos, inclusive quem havia criado a farsa. O duque pede ao forasteiro recém chegado que se identifique, ele responde:

Yo soy el Diablo, voy a buscar a don Quijote de la Mancha, la gente que por aquí viene son seis tropas de encantadores que sobre un carro triunfante traen a la sin par Dulcinea del Toboso. Encantada viene con el gallardo francés Montesinos, a dar orden a don Quijote de cómo ha de ser desencantada la tal señora. (DQ II, p.917).

Todos os ruídos anteriores se repetem ainda com mais intensidade. Sancho desfalece no colo da Duquesa, necessitam jogar água para que volte a si. Inicia-se um desfile de carros com uma série de personagens que se apresentam individualmente. Primeiro os anciões, o sábio Lirgandeu e o sábio Alquife, grande amigo da Urganda a Desconhecida. Depois um jovem, Arcalau, o encantador,

¹⁴² Segundo Anna Sanchez (1982), foi uma publicação popular, reimpressa várias vezes, apesar de ter sofrido censura – a qual removeu alguns dos provérbios obscenos. Essa obra teria inspirado imitadores na Espanha e em outros países, como por exemplo, a obra francesa *Proverbiorum Vulgarium Libri Tres* (1531) de Charles de Bouelles ou Caroli Bovili, e a obra anônima italiana *Opera quale contiene le Dieci Tavole de proverbi* (Turin, 1535).

inimigo mortal de Amadís de Gaula. Uma nota da edição de 2001 informa que dom Quixote menciona esses três encantadores no capítulo XV da primeira parte.

Começam a ouvir uma música muito agradável. Sancho comenta: “- *Señora, donde hay música no puede haber cosa mala*” (DQ II, p.920). A nota da edição de 2001 diz que Sancho explicita a crença de que a música espantava demônios. O capítulo acaba em suspense, em preparação para o capítulo que segue.

Maria Augusta da Costa Vieira (1998) inicia seu capítulo *O Feitiço que surpreende o feiticeiro: Sancho Pança – Governador da Barataria* com o seguinte provérbio como epígrafe: “*Desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano.*” É um dos provérbios estudados e, como vimos antes, considerado o *leitmotif* de Sancho. A pesquisadora faz referência aos provérbios proferidos por Sancho em sua conversa com a Duquesa e o fenômeno de enunciá-los em cascata (Vieira chama de justaposição):

Alguns dos provérbios que Sancho utiliza na conversa com a Duquesa traduzem, de forma exata, as capas que recobrem o real e destacam o princípio de reversibilidade que parece ser uma das leis que rege o mundo. A justaposição de provérbios expressa, além do mais, o tema implícito dessa longa conversa: a realidade enganosa das aparências: (Ibid.:125).

Urbina menciona como o falar do Sancho encantaria os duques, além de adicionar colorido à história: “*El contento de los duques y el interés de la historia se centran en el discreto hablar de Sancho.*” (Urbina, 1991:171). A farsa dos encantadores, segundo o crítico, teria sido tão bem criada pelos duques, que a eficácia do espetáculo nem chegaria a surpreender os leitores. A análise do hispanista neste capítulo concentra-se na chegada de Merlin e na sentença das três mil e trezentas chibatadas para desencantar Dulcinéia.

Martin de Riquer (1970) resume este capítulo e o seguinte. Inicia descrevendo a caçada e a chegada dos encantadores, logo destacando Merlin e os açoites que Sancho deve se auto-infligir.

Rosenblat menciona o mesmo trecho estudado nesta dissertação em seu capítulo sobre *El Refranero y el habla de Sancho*. Para o estudioso, “*Los Duques se encantan con la letanía refranesca de Sancho, pero don Quijote se exaspera.*” (Ibid.:38).

3.2.1.4 - DQ II – Capítulo XLIII

De los consejos segundos que dio don Quijote a Sancho Panza

Neste capítulo são estudados dois trechos. Inicialmente é observada uma digressão do narrador sobre como dom Quixote parece uma pessoa cordata, considerando os bons conselhos que desde o capítulo anterior dá a Sancho sobre como ser um bom governador. Dom Quixote prossegue. Aconselha o escudeiro sobre sua higiene pessoal, seu vestuário, sua alimentação, como deve comportar-se, seus modos, e sua linguagem. Eis aí que aparece o primeiro trecho estudado (diálogo um):

- *También, Sancho, no has de mezclar en tus pláticas la muchedumbre de refranes que sueles, que, puesto que los refranes son sentencias breves, muchas veces los traes tan por los cabellos, que más parecen disparates que sentencias.*
- *Eso Dios lo puede remediar - respondió Sancho -, porque sé más refranes que un libro, y viénenseme tantos juntos a la boca cuando hablo, que riñen por salir unos con otros, pero la lengua va arrojando los primeros que encuentra, aunque no vengan a pelo. Mas yo tendré cuenta de aquí delante de decir de los que convengan a la gravedad de mi cargo, que en casa llena, presto se quisa la cena, y quien desata, no baraja y a buen salvo está el que no repica, y el dar y el tener, seso ha menester. (DQ II, pp.974-975).*

O diálogo continua. Dom Quixote aconselha Sancho sobre como montar, quanto dormir, não falar sobre linhagem. Sancho avisa que ele irá esquecer-se dos conselhos e pede a dom Quixote que os escreva, apesar de deixar claro ser analfabeto. É quando o cavaleiro discorre sobre a importância de saber ler e escrever, ou pelo menos assinar seu nome. Aparece agora o segundo trecho estudado (diálogo dois):

- *Bien sé firmar mi nombre – respondió Sancho -, que cuando fui prioste en mi lugar aprendí a hacer unas letras como de marca de fardo, que decían que decía mi nombre; cuanto más que fingiré que tengo tullida la mano derecha y haré que firme otro por mí, que para todo hay remedio, si no es para la muerte, y teniendo yo el mando y el palo, haré lo que quisiere, cuanto más que el que tiene padre alcalde... Y siendo yo gobernador, que es más que ser alcalde, illegalos, que la dejan ver! No, sino popen y calóñenme, que vendrán por lana y volverán trasquilados, y a quien Dios quiere bien, la casa le sabe, y las necedades del rico por sentencias pasan en el mundo, y siéndolo yo, siendo gobernador y justamente liberal, como lo pienso ser, no habrá falta que se me parezca. No, sino haceos miel, y paparos han moscas; tanto vales cuanto tienes, decía una mi agüela; y del hombre arraiga no te verás vengado.*
- *¡Oh, maldito seas de Dios, Sancho! – dijo a esta sazón don Quijote - . ¡Sesenta mil satanases te lleven a ti y a tus refranes! Una hora ha que los*

estás ensartando y dándome con cada uno tragos de tormento. Yo te aseguro que estos refranes te han de llevar un día a la horca, por ellos te han de quitar el gobierno tus vasallos o ha de haber entre ellos comunidades. Dime, ¿dónde los hallas, ignorante, o cómo lo aplicas, mentecato? Que para decir yo uno y aplicarle bien, sudo y trabajo como si cavase.

- Por Dios, señor nuestro amo – replicó Sancho -, que vuesa merced se queja de bien pocas cosas. ¿A qué diablos se pudre de que yo me sirva de mi hacienda, que ninguna otra tengo, ni otro caudal alguno, sino refranes y más refranes? Y ahora se me ofrecen cuatro que venían aquí pintiparados, o como peras en tabaque, pero no los diré, porque al buen callar llaman Sancho.

- Ese Sancho no eres tú – dijo don Quijote -, porque no sólo no eres buen callar, sino mal hablar y mal porfiar; y, con todo eso, querría saber qué cuatro refranes te ocurrían ahora a la memoria, que venían aquí a propósito, que yo ando recorriendo la mía, que la tengo buena, y ninguno se me ofrece.

- ¿Qué mejores – dijo Sancho – que “entre dos muelas cordales nunca pongas tus pulgares y”a idos de mi casa y qué queréis con mi mujer, no hay responder”, y “si el cántaro en la piedra o la piedra en el cántaro, mal para el cántaro”, todos los cuales vienen a pelo? Que nadie se tome con su gobernador ni con el que le manda, porque saldrá lastimado, como el que pone el dedo entre dos muelas cordales, y aunque no sean cordales, como sean muelas, no importa; y a lo que dijere el gobernador, no hay que replicar, como al “salíos de mi casa y qué queréis con mi mujer”. Pues lo de la piedra en el cántaro un ciego lo verá. Así que es menester que el que vee la mota en el ojo ajeno vea la viga en el suyo, porque no se diga por él: “espantose la muerta de la degollada”; y vuestra merced sabe bien que más sabe el necio en su casa que el cuerdo en la ajena. (DQ II, pp.976- 978).

O capítulo acaba com esse diálogo, dom Quixote afirma que Sancho é “*un costal lleno de refranes y malicias*”, mas depois de ouvir o escudeiro dizer que prefere ser um Sancho no céu a um governador no inferno, o cavaleiro fica convencido que Sancho fará um bom governo, pois ele é cheio de boas intenções. Mais tarde poderá ser visto que Dom Quixote estava certo.

Este é um capítulo bem estudado, pelos conselhos que o cavaleiro dá a Sancho. Americo Castro (1925) dedica um capítulo ao tema, *Los Consejos a Sancho*. O historiador indica que os conselhos em si não possuem nada de insólito, e que o interesse maior estaria na reação de Sancho aos mesmos e no “*ambiente de armonía y buena gracia que envuelve el diálogo*.” (Ibid.:359). Para ele, fica evidente a filiação humanística de Cervantes e que este capítulo se relacionaria com as outras obras de índole moral do século XVI. Não concorda com Menendez Pelayo¹⁴³ sobre o conhecimento factual da obra *Diálogo de Mercurio y Carón* de

¹⁴³ MENÉNDEZ PELAYO. “*Cultura Literaria de Miguel de Cervantes y la elaboración del “Quijote Cervantes” Estudios y discursos de crítica histórica literaria*, IV, Madrid: Tipografía de la Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos; 1905.

Alfonso de Valdés por Cervantes, não só pela diferença dos dois textos, como também por duvidar que o autor do *Quixote* conhecesse Valdés, que na época era inédito. Castro pensa ser mais provável a possibilidade de que Cervantes tivesse tido contato com as traduções de Isócrates de Diego Gracián (1494-1584), editadas em Salamanca em 1570, e em especial por Pedro Mexia (1496-1552), que traduziu *Parénesis o exhortación a la virtud, de Isócrates, antiquísimo orador u filósofo, a Demónico, su discípulo, traducida de griego en latín por el doctísimo varón Rodolfo Agrícola, y de latín en castellano por Pedro Mexia*. Esta última, com primeira edição em 1548 (reeditada em Madrid, por Matheo de Espinosa y Arteaga em 1673). Ainda sobre esse escrito, Theodore S. Beardsley Jr.¹⁴⁴ informa que esta tradução latina do filósofo grego, *Oratio ad Demonium* (372 a.C.), havia sido vertida por Erasmo e publicada em 1517. Isócrates a escreveu para o filho de um amigo morto - conselhos para um jovem que estaria prestes a sair no mundo por sua conta. Beardsley Jr. informa que o texto foi traduzido em vários países da Europa, inclusive Espanha, e seria um texto escolar popular. Em sua opinião, as pessoas educadas do final do século XVI e início do XVII deveriam conhecer bem a tradução de Erasmo.¹⁴⁵

Rosenblat comenta exatamente sobre os dois trechos estudados. Chama atenção o que ele comenta sobre o primeiro trecho: “*y uno de los primeros consejos que le da Don Quijote a Sancho es:*” (Ibid.:38) e em seguida reproduz o primeiro diálogo estudado, já transcrito acima. O crítico parece ignorar os conselhos que o cavaleiro dá a Sancho já no capítulo anterior, LXII, como está bem demonstrado na citação retirada do CVC. Sobre o segundo trecho, o estudioso escreve: “*Todo es inútil. Cuando Don Quijote se lamenta de que Sancho no sepa leer y escribir, o al menos firmar, le contesta:*” (Ibid.:39), transcrevendo depois o segundo diálogo aqui estudado, sem outras observações.

Em artigo, muito bem intitulado – *Sancho no es, se hace*, Antonio Barbagallo (1995) comenta o capítulo e ressalta que Cervantes não nos avisaria que seu escudeiro é um “*refranero ambulante*”. Isso seria demonstrado pelo próprio personagem, que soltaria “*refrán tras refrán con una fluidez inusitada*” (Ibid.:53).

¹⁴⁴ Isocrates, Shakespeare, and Calderon: Advice to a Young Man Hispanic Revue, vol. 42, num. 2: Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, pp.185-198, 1974

¹⁴⁵ Verificar nas *Notas Complementarias do capítulo XLII* encontradas na edição eletrônica do CVC - Centro Virtual Cervantes, do Instituto Cervantes, a nota nº 969.14. Trata dos conselhos de Dom Quixote a Sancho. Disponível em <http://cvc.cervantes.es/obref/quijote/edicion/parte2/cap42/nota>. Acessado em 5 mar. 2008.

Martín de Riquer também comenta sobre os “*sabios consejos*” que Dom Quixote dá a Sancho e recorda que, apesar da profundidade, acerto e sabedoria dos mesmos, não podemos esquecer que o capítulo é um prólogo para uma das maiores farsas da obra. Portanto, o objetivo de Cervantes não seria o ensinamento de velhos ensinamentos morais. Riquer concorda com os críticos, mencionados acima, sobre a influência dos aforismos de Isócrates, dos que estão em Juan de Castilla y Aguayo, *El perfecto regidor* (1586), em *Galateo español* (1593) de Gracián Dantisco e, talvez, no *Galateo* de Giovani della Casa, publicado em 1585 em espanhol. (1970:126).

Urbina não relaciona os conselhos com essas obras de ensinamentos, mas como parte da paródia ao livro de Ramón Llull, *Libro de la Orden de Caballería*, o qual, ao fazer parte de *Tirant lo Blanc*, poderia ser conhecido por Cervantes. Nessa obra, um cavaleiro ancião feito ermitão transmite a um jovem escudeiro os ensinamentos da Ordem da Cavalaria. A diferença seria que Sancho rebaixa o nível da seriedade dos conselhos de don Quixote e refugia-se na sabedoria dos seus provérbios, alegando que não recordará as recomendações, ou que, independente de seus trajes, seria sempre o mesmo Sancho Pança. O crítico explica:

Sin embargo, la discreción caballeresca de don Quijote no puede ser asimilada por el escudero sino burlescamente. Su propia discreción, tan única como la del caballero, le viene a Sancho de su simple saber de labriego. Su natural tontería duplica la locura libresca de don Quijote mientras hace posible que mantenga la suficiente independencia para servirle de contraste paródico. (Ibid:176).

Para Eduardo Urbina, Sancho imita sem se quixotizar. De resignado “objeto de desventuras” o escudeiro se transformaria em um agente criador da ficção. Os conselhos de don Quixote seriam burlescos em vários aspectos. Primeiro por fazerem parte da burla dos duques, que ao planejar um castigo e não um prêmio, o casal conspira até tornar Sancho governador. Em segundo lugar, o crítico mostra que don Quixote se excederia ironicamente em seus conselhos e advertências, os quais ele não acredita que Sancho conseguiria seguir, como nos faz notar no texto transcrito abaixo, na verdade a resposta ao trecho estudado (notar que no final ele fala dos provérbios):

Dios te guíe, Sancho, y te gobierne en tu gobierno, y a mí me saque del escrúpulo que me queda que has de dar con toda la insula patas arriba, cosa que pudiera yo excusar con descubrir al duque quién eres, diciéndole que a toda esa gordura y esa personilla que tienes no es otra cosa que un costal lleno de refranes y malicias. (DQ I, p.978).

Urbina conclui: “*Sin embargo, los consejos dados como letanías, a la manera misma de los refranes de Sancho, resultan tan sabios como éstos, considerando sobre todo la tierra estéril en que se siembran.*” (Ibid.:177)¹⁴⁶.

3.2.1.5 - DQ II - Capítulo LXVII

De la resolución que tomo don Quijote de hacerse pastor y seguir la vida del campo en tanto que se pasaba el año de su promesa, con otros sucesos en verdad gustosos y buenos

Dom Quixote cogita sobre como seria sua vida após a derrota para o Cavaleiro da Branca Lua, e a sua retirada forçada. Ele e Sancho conversam sobre os famosos açoites que o escudeiro deve infligir-se para desencantar Dulcinéia. Alternando a situação com o capítulo VII, desta vez o escudeiro reclama, alegando que em nenhuma história de cavalaria existiria algo parecido.

Continuam andando e conversando, cada um em seu animal, e recordam o episódio, no qual foram atropelados por touros, em que encontraram “*a las bizarras pastoras que en él querían imitar a la pastoral Arcadia.*” (DQ II, p.1174)¹⁴⁷. Dom Quixote diz que se Sancho concordasse, eles também poderiam transformar-se em pastores. Comprariam umas ovelhas, ele seria chamado de “*pastor Quijotiz*” e o escudeiro de “*pastor Pancino*”. Sairiam cantando pelos montes, selvas e prados. Nesse momento, Cervantes utiliza vários superlativos, comuns nessa corrente pastoral, como “*abundantísimo, dulcísimo, durísimo*” (em nota, Francisco Rico comenta que existe aí uma lembrança de autores como Garcilaso e Gil Polo). Sancho se anima e fantasia a participação de Sansão Carrasco, do barbeiro Nicolas e do próprio cura nessa imaginada aventura pastoril. Dom Quixote concorda e inclusive sugere nomes adequados para eles, todos muito cômicos (pastor Sansonino ou Carrascón, Niculoso, pastor Curiambro, respectivamente). Sancho

¹⁴⁶ Outros autores que também teriam discutido esse tema: BLEZNICK, Donald W. “Don Quijote’s advice to Governor Sancho Panza”. *Hispania*, 40. pp. 62-65, 1957., ALLEN, John J. “The Governorship of Sancho and Don Quijote’s Chivalric Career.” *RHM*, 38. pp.141-152, 1974/5., PERCAS DE PONSETI, Helena. *Los Consejos de Don Quijote a Sancho encontrado em Cervantes and the Renaissance*. Easton, PA: Ed. Michael D. McGaha, Juan de la Cuesta; pp. 194-236, 1980.

¹⁴⁷ Dom Quixote refere-se ao episódio DQ II, LVIII.

continua com a divagação, e eis quando aparece o trecho estudado, com a subsequente finalização do capítulo,

- ... Sanchica mi hija nos llevará la comida al hato. Pero, ¡guárdate! Que es de buen parecer, y hay pastores más maliciosos que simples, y no querría que fuese por lana y volviese trasquilada, y tan bien suelen andar los amores y los no buenos deseos por los campos como por las ciudades y por las pastorales chozas como por los reales palacios, y quitada la causa, se quita el pecado, y ojos que no veen, corazón que no quiebra, y más vale salto de mata que ruego de hombres buenos.
- No más refranes, Sancho – dijo don Quijote - , pues cualquiera de los que has dicho basta para dar a entender tu pensamiento; y muchas veces te he aconsejado que no seas tan pródigo de refranes, y que te vayas a la mano en decirlos, pero pareceme que es predicar en el desierto, y castígame mi madre y yo trómpogelas.
- Paréceme – respondió sancho – que vuesa merced es como lo que dicen: “Dijo la sartén a la caldera: Quítate allá, ojinegra”. Estame reprehendiendo que no diga yo refranes, y ensártalos vuesa merced de dos en dos.
- Mira, Sancho – respondió don Quijote - : yo traigo los refranes a propósito, y vienen cuando los digo como anillo en el dedo, pero tráelos tú tan por los cabellos, que los arrastras, y no los guías; y si no me acuerdo mal, otra vez te he dicho que los refranes son sentencias breves, sacadas de la experiencia y especulación de nuestros antiguos sabios, y el refrán que no viene a propósito antes es disparate que sentencia. (DQ II, pp.1177-1178).

Para Riquer, os planos pastoris do cavaleiro mostram, uma vez mais, que “don Quijote es un monomaniaco de la literatura” (Ibid.:139). Ao ser obrigado a abandonar as aventuras da cavalaria não quer imitar pastores reais, mas aos personagens das novelas pastoris, os quais ele conhecia bem pelos exemplares encontrados em sua famosa biblioteca.

3.2.1.6 - DQ II - Capítulo LXXI

De lo que a don Quijote le sucedió con su escudero Sancho yendo a su aldea.

O cavaleiro e o escudeiro voltam em direção à aldeia. Dom Quixote encontra-se ainda impressionado com os eventos dos dois capítulos anteriores, em que o sacrifício de Sancho teria levado à ressurreição de Altisidora, uma derradeira burla dos duques. Sancho reclama não ter recebido da “ressuscitada” as seis camisas prometidas como agradecimento pelo martírio que ele sofrera para trazê-la de volta à vida. Don Quixote concorda com ele e afirma que é até capaz de pagar pelos

açoites para desencantar Dulcinéia. Nesse momento, *“abrió Sancho los ojos y las orejas de un palmo y dio consentimiento en su corazón a azotarse de buena gana”* (DQ II p.1199) Entusiasmado, Sancho pergunta quanto seu amo pagará por cada açoite, ao que ele responde que nem todo o tesouro de Veneza, nem as minas de Potosi (segundo nota de Rico, eram os maiores tesouros do mundo, símbolos de riqueza) seriam suficientes para pagar tal sacrifício.

Sancho começa a fazer contas. Primeiro confunde-se com o número de açoites proclamados por Merlin no capítulo XXXV – na verdade, três mil e trezentos. Ele afirma serem três mil trezentos e tantos (talvez para receber em pagamento um pouco mais?), ele já se infligiu cinco, propõe iniciar a contagem com o número ditado pelo encantador. Sugere então o pagamento de *“un cuartillo”* para cada açoite. Em nota, Francisco Rico explica a forma monetária: Um *“cuartillo”* seria a quarta parte de um *“real”*. Neste momento Sancho, personagem que se autoproclamou analfabeto, surpreende com sua habilidade matemática, portanto abstrata. Ele fará a seguinte conta de cabeça:

... montan tres mil y trecientos cuartillos, que son los tres mil, mil quinientos medios reales, que hacen setecientos y cincuenta reales; y los trecientos hacen ciento y cincuenta medios reales, que vienen a hacer setenta y cinco reales que juntándose a los setecientos y cincuenta son por todos ochocientos y veinte y cinco reales. (DQ II, p.1200).

Dom Quixote fica feliz e agradecido e avisa que se Sancho abreviar o início do castigo, terá cem *“reales”* somados ao total. O escudeiro concorda. No anoitecer, eles descansam e jantam entre algumas árvores. Terminada a refeição, Sancho faz um açoite com o cabresto e a correia do ruço e se afasta vinte passos em direção às árvores de faia¹⁴⁸.

Dom Quixote, ao ver Sancho tão determinado, chega a pedir que ele não se mate no meio da empreitada. O escudeiro responde com um provérbio já visto no capítulo XXXIV: *“Al buen pagador no le duelen las prendas”*, e a seguir deixa seu torso nu e começa a se açoitar. Depois de seis ou oito açoites chega à conclusão que seu sacrifício vale meio *“real”* por açoite e não só um *“quartillo”*. O cavaleiro concorda e dobra o pagamento. Sancho volta a usar o açoite, desta vez não em seu corpo, mas nos troncos das árvores, *“con unos suspiros de cuando en cuando, que parecía que con cada uno de ellos se arrancaba el alma.”* (DQ II, p.1201). Dom

¹⁴⁸ “Hayas”, pela definição do dicionário da RAE: *“Árbol de la familia de las Fagáceas, que crece hasta 30 m de altura, con tronco grueso, liso, de corteza gris”*.

Quixote, que já contara mil chibatadas, fica impressionado e novamente, com medo que seu escudeiro faleça, pede que interrompa o suplício, usando o antigo provérbio: “*no se ganó Zamora en una hora*”¹⁴⁹. Sancho responde com outro provérbio: “*a dineros pagados, brazos quebrados*”¹⁵⁰ e anuncia mais mil açoites.

Seu amo se afasta e Sancho fustiga o tronco das árvores com tanta força que chega a arrancar a casca das mesmas. Dom Quixote ainda temendo pela vida do escudeiro, roga que não esqueça que tem mulher e filhos, implora que não continue, chega a dizer que Dulcinéia poderia esperar. Sancho pára e eles dormem. No dia seguinte continuam seu retorno à aldeia. Eles chegam a uma estalagem e dom Quixote não confunde o lugar com um castelo como ocorria no início da obra. Segundo o narrador: “... *después que le vencieron con más juicio en todas las cosas discurría...*” (DQ II, p.1202). A dupla entra em uma sala cujas paredes teriam sido pintadas por um péssimo artista. De um lado, a representação do roubo de Helena por Páris e na outra parede, a história de Enéas e Elisa Dido. Em arroubo de herói, o cavaleiro assegura que se ele tivesse vivido naquela época, Cartago não seria destruída e Tróia não conheceria a derrota, pois ele mesmo mataria Páris. Sancho diz então que ele tem certeza que no futuro as tavernas, estalagens e lojas de barbeiros terão as aventuras deles pintadas nas paredes – mas espera que o artista seja melhor que aquele de cuja obra falavam. Dom Quixote concorda com a opinião sobre a péssima qualidade do pintor e termina perguntando se naquela noite Sancho irá se flagelar debaixo de um teto ou ao ar livre. Ele responde que prefere fazê-lo entre as árvores. Sua explicação é divertida, por ser paradoxalmente inocente e pícara. Fala sobre sua preferência em açoitar-se entre as árvores: “... *parece que me acompañan y me ayudan a llevar mi trabajo maravillosamente.*” (DQ II, p.1204). Dom Quixote, preocupado com a integridade física do seu escudeiro, sugere que espere dois dias e termine o desencantamento na aldeia em que vivem. É na resposta de Sancho que surge o trecho estudado e também o final do capítulo:

Sancho respondió que hiciese su gusto, pero que él quisiera concluir con brevedad aquel negocio, a sangre caliente, y cuando estaba picado el molino, porque en la tardanza suele estar muchas veces el peligro, y a Dios rogando y con el mazo dando, y que más valía un ‘toma’ que dos ‘te daré’, y el pájaro en la mano que el buitre volando.

- No más refranes, Sancho, por un solo Dios – dijo don Quijote - , que parece que te vuelves al ‘sicut erat’: habla a lo llano, a lo liso, a lo no

¹⁴⁹ “Roma não se fez em um dia”.

¹⁵⁰ Rico: “‘*después de cobrar, todo son excusas para no hacer o acordado*’; *refrán*” (DQ II, p. 1201).

intrincado, como muchas veces te he dicho, y verás como te vale un par por ciento.

- No sé qué mala ventura es esta mía – respondió Sancho -, que no sé decir razón sin refrán, ni refrán que no me parezca a razón; pero yo me emendaré si pudiere.

Y con esto cesó por entonces su plática. (DQ II, p.1204).

Para Riquer o tema dos açoites seria um motivo de discussão entre amo e criado durante o retorno ao vilarejo onde viviam. Ele chama de embuste a artimanha de Sancho de açoitar as árvores em seu lugar. (Ibid.:139).

Urbina ressalta um dom Quixote desesperado, oferecendo-se para pagar pelos açoites que desencantariam sua amada. Sancho aceita a proposta e dispõe-se a iniciar imediatamente seu martírio, mas como diz o crítico, “*tan fingidamente como antes*” (Ibid.:185), Sancho enganaria dom Quixote mais uma vez.

Não foram encontrados outros estudos críticos deste capítulo em particular. O fato chama a atenção, pois este é um episódio importante, o “último engano” infligido ao já derrotado, praticamente moribundo, cavaleiro andante.

3.2.3 - Edições utilizadas

As obras utilizadas para a análise dos provérbios foram:

	Título ¹⁵¹	Local	Editora	Ano	Vol./Pag.
CERVANTES	<i>Don Quijote de La Mancha</i>	Barcelona	Crítica	2001	Um volume 1328p.
ANÔNIMO	<i>O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha</i>	Lisboa	Typografia Rollandiana	1794	Digitalizado
VISCONDES/ CHAGAS	<i>Dom Quixote de La Mancha</i>	São Paulo	Abri Cultural	1978	Um volume 610p.
ANDRADE/ AMADO	<i>Dom Quixote</i>	São Paulo	Publifolha/Ediouro	1998	Dois vol. 560/556p.
AQUILINO RIBEIRO	<i>Dom Quixote de La Mancha</i>	São Paulo	Difusão Européia do Livro	1963	Dois vol. 466/473p.
EUGÊNIO AMADO	<i>O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha</i>	Belo Horizonte	Villa Rica	1991	Dois vol. 491/531p.
EUGÊNIO AMADO	<i>O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha</i>	Belo Horizonte	Villa Rica	2005	Um volume 994p.
SÉRGIO MOLINA	<i>O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha</i>	São Paulo	Editores 34	2002	Um volume 736p.

¹⁵¹ O título é da página de rosto/lombada. Os títulos do livro primeiro e segundo estão explicitados no capítulo dos resultados.

SÉRGIO MOLINA	<i>O Engenhoso Cavaleiro Dom Quixote de La Mancha</i>	São Paulo	Editora 34	2007	Um volume 856p.
NOUGUÉ/ SÁNCHEZ	<i>O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote da Mancha</i>	Rio de Janeiro	Record	2005	Um volume 570p.
ANNA SÁNCHEZ	<i>Os refrãos no discurso de Sancho Pança...</i>	São Paulo	FFLCH/USP	1982	Dissertação de Mestrado

3.2.4 - Ficha analítica do provérbio original

Cada um dos quarenta e sete provérbios foi analisado conforme ficha abaixo.

- a) Notas: Retiradas da edição do *Quijote* utilizada como base (2001), da edição da Real Academia, IV centenário (2004), e da dissertação de mestrado de Anna Sanchez.
- b) Provérbio equivalente em português: Encontrado (com número de entradas no *Google*), mencionar qual e fonte bibliográfica; Não encontrado.
- c) Estrutura rítmica: Unitária, Binária ou Terciária
- d) Recorrência fônica: rima, assonância, aliteração. Podem ocorrer simultaneamente.
- e) Recorrência semântica: semelhança, oposição, dependência. Podem ocorrer simultaneamente.
- f) Entradas no *Google* – Resultado da busca com o provérbio entre aspas, sem restrição de língua. Entre parêntesis está a relação de entradas relacionadas com *Quijote* entre as primeiras vinte entradas.

3.2.5 - Coletâneas e Dicionários de Provérbios:

As numerações dos provérbios equivalentes correspondem a esta lista.

- 1- www.hkocher.info – Provérbios portugueses e brasileiros
- 2- www.citador.pt/proverbios - Base de citações portuguesas
- 3- www.frasespensamentos.com/proverbios - Frases e pensamentos
- 4- www.cute-quotes.org/proverbios - Citações portuguesas
- 5- www.sitequente.com/proverbios - Lista de provérbios

- 6- www.portalbrasil.net/ditopopular - Adagiário Brasileiro - Coletânea de adágios e expressões proverbiais do Brasil
- 7- www.macua.org/proverbios - Provérbios Macuás (Cultura Moçambicana)
- 8- www.portalinho.com/proverbios - Portal de Lisboa
- 9- www.frasesdodia.com.br – Blog brasileiro
- 10- www.pt.wikiquote.org – Wikiquote, coletânea de citações
- 11- www.jangadabrasil.com.br/proverbios - Revista Jangada Brasil¹⁵²
- 12- www.felipex.com.br/proverb - Site pessoal de Felipe J. de Araújo (1996), Goiânia
- 13- www.psleo.com.br/prov_latinos - Provérbios Latinos¹⁵³
- 14- <http://proverbios.aborla.net> – Provérbios populares portugueses
- 15- <http://peciscas.blogspot.com/2008/04/provrbios-populares-portugueses.html>¹⁵⁴
- 16- <http://folclore-online.com/proverbios> - Portal de Folclore de Portugal
- 17- <http://bonecadetrapos.blogs.sapo.pt/arquivo/715758.html> - Blog de Portugal
- 18- www.geocities.com/SunsetStrip/Towers/2364/proverb.htm - Lista Prov.
- 19- http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_provérbios_e_sentenças_em_latim
- 20- www.boderanhoso.com - Blog de Portugal
- 21- <http://portal108.wordpress.com> – Portal 108 – Blog brasileiro
- 22- www.espanolsinfronteras.com – Site espanhol sobre cultura hispânica
- 23- www.gradiz.hpg.com.br/2.htm - Site brasileiro com provérbios
- 24- www.lusolingua.com/proverbios.html - Site Belga de tradução para o português
- 25- www.cirp.es/pub/docs/cfg06.pdf - Fraseologia Galega
- 26- <http://cipsan.no.sapo.pt/proverbios.html> - Lista de provérbios de Portugal
- 27- www.moo.pt/proverbios - Portal português
- 28- www.portaldaliteratura.com/proverbios - Portal de Literatura de Portugal
- 29- <http://ditados-antigos.blogspot.com> – Blog de Portugal
- 30- www.fact-archive.com/quotes/Portuguese_proverbs - Dicionário Português-Inglês
- 31- www.deproverbio.com/DPbooks/VELLASCO/coletaneaM.html - Coletânea
- 32- <http://webmais.com/adagios-proverbios-de-sabedoria/> - Portal de compras
- 33- www.lucygodoy.hpg.com.br/proverbios_S.html - Blog brasileiro

¹⁵² Revista eletrônica que promove “o estudo, o registro e a divulgação da cultura popular brasileira e suas mais diversas formas de expressão”. Possuem uma seção chamada “Como Vovó Dizia – a sabedoria popular dos provérbios”.

¹⁵³ Apresenta o provérbio em latim e logo a tradução em português, inglês, francês, espanhol e italiano.

¹⁵⁴ Blog: Provérbios populares portugueses, adaptados a presente conjuntura pré-eleitoral (2008).

- 34- www.frasesdeefeito.com/proverbios/ - Site Frase de Efeito
- 35- www.gastronomias.com/proverbios.htm - Portal de Gastronomia de Portugal
- 36- www.lifesabirch.org/proverbios/ - Site pessoal de Alex Birch, Utah - EUA
- 37- <http://frases.mdig.com.br/ditados.php> - Blog brasileiro “Metamorfose Digital”
- 38- www.institutogamaliel.com/Ditados-Populares.php - Portal de Inst. Teológico, PE
- 39- <http://members.tripod.com/~encontreme/ditados.html> - Lista de provérbios
- 40- www.mensagemdoceu.net/proverbioschineses.html - Site espírita brasileiro
- 41- <http://www.eb1-portela-amarante.rcts.pt/proverbs.htm> - Blog de Portugal
- 42- <http://homepage.esoterica.pt/~ramcruz/divers/prove.html> - Site pessoal - Prof. José Ramiro Gomes da Cruz, Barcelinhos - Portugal
- 43- www.vosproverbes.com/index.php - Portal Francês de Provérbios - Multilíngüe
- 44- www.scribd.com/doc/6434595/proverbiosantologiaii - Acesso negado¹⁵⁵
- 45- <http://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/proverbio.dic> - Lista de provérbios de Portugal
- 46- http://waveland_1.tripod.com/proverbs/proverb1.html - Lista de prov. Bras.
- 47- <http://atelier.educum.pt/~pr2023/proverbios.htm> - Site pessoal - Profa. Maria do Rosário Pinho, Portugal
- 48- www.italki.com – Portal Grátis de Aprendizado de Línguas, Shanghai - China
- 49- www.advoga.adv.br/ - Escritório de Advocacia, Serra Negra - SP
- 50- www.gontijo-familia.adv.br/ - Escritório de Advocacia, Belo Horizonte, MG

Outras referências:

Alves (2009), Ghitescu (1997), Pinto (2001), Rolland (1841).

3.2.6 - Quadro comparativo das traduções dos provérbios

Usando o provérbio como unidade de tradução, o resultado da análise das traduções de cada provérbio foi colocado em um quadro comparativo que abrange:

- a) Modalidade de Tradução: Literalidade (palavra por palavra, transposição, explicitação) ou Equivalência (modulação ou adaptação)
- b) Provérbio Equivalente na língua meta: Sim, existem provérbios equivalentes, ou não encontrados. O tradutor pode ter: utilizado o equivalente (PS), ou não (PN), como pode modificar o provérbio equivalente (PM). Neste item houve grande dificuldade para classificar o que seria uma modificação ou apenas mais uma versão

¹⁵⁵ Acesso negado pelo autor - 16 de maio de 2009.

do mesmo provérbio, algo bastante comum. Utilizou-se o conceito de ocorrências no *Google*. Não caberia colocar como PS, caso não surgisse em nenhuma busca. Portanto, aqueles com ligeiras modificações em relação ao provérbio equivalente foram classificados como modificados.

c) Estrutura rítmica: unitária, binária ou terciária.

d) Recorrência fônica: rima, assonância, aliteração, nenhuma. Na maioria dos provérbios ocorrem combinações entre as recorrências.

e) Recorrência semântica, pares sêmicos em relação de: semelhança, oposição, dependência.

f) Número de entradas no *Google* (pesquisa como provérbio entre aspas em toda a web).

Optou-se por uma classificação em visualização colorida. Utilizando os conceitos de Literalidade e Equivalência já descritos, ensaiou-se agrupar os provérbios assemelhados, ou ressaltar os únicos. Os resultados não são satisfatórios. Envolveram subjetividade e em alguns casos são questionáveis (há pouca diferença entre “quase iguais” e “semelhantes”). Foi, inclusive, necessário subdividir algumas classificações em A e B, por aparecem dois pares no mesmo quadro. De qualquer maneira, pareceu interessante disponibilizá-los no capítulo dos resultados.

CAPÍTULO QUATRO – RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

Siempre pienso que una de las cosas felices que me han ocurrido en la vida es haber conocido a Don Quijote. (Borges, 1968)

4.1 - Historiografia

4.1.1 – Histórico das traduções do *Quixote* publicadas no Brasil

4.1.1.1 – Edições do século XX

Marta Pérez Rodriguez (2007) descreve o discurso sobre a recepção do *Quixote* no Brasil, proferido na *Academia Argentina de Letras* pelo diplomata José Carlos de Macedo Soares em 1947, no quarto centenário do nascimento de Cervantes. A primeira edição brasileira, uma tradução portuguesa, a dos Viscondes/Chagas, teria sido lançada em 1898 no Rio de Janeiro.

O mesmo intelectual menciona a primeira edição do século XX, da série clássica “*Os mestres do Pensamento*”, sob a direção do advogado e escritor brasileiro José Pérez. Nesta pesquisa encontrou-se o *Quixote*, dentro dessa série, com prefácio de José Pérez¹⁵⁶, publicada pela Edições Cultura. Hallewell (2005) completa o nome da editora – Edições Cultura Brasileira, fundada em São Paulo pelo jornalista e romancista Galeão Coutinho (1897-1951).

A edição, intitulada, *Dom Quixote de La Mancha*, foi publicada em dois volumes. O primeiro em 1942 (586 p.), e neste exemplar, as únicas ilustrações aparecem antes da página de rosto; uma ilustração de Cervantes assinada por Tarsila do Amaral (1886-1973)¹⁵⁷ e a portada da edição príncipe de 1605. Há dois textos antes do início da obra, *Dados cronológicos da vida de Don Miguel de Cervantes Saavedra*, e o prefácio de Pérez, que compreende dois ensaios, um histórico/biográfico, *Traçado da literatura clássica espanhola e vida de Cervantes* (25 p.) e outro interpretativo, *Uma interpretação do Quixote, Conferência* (8 p.). O Segundo volume foi editado em 1943 (614 p.), capa dura. Logo na primeira página surge uma lista, *Algumas famosas edições do Quixote*, informando edições em

¹⁵⁶ Ver mais sobre José Pérez em PÉREZ RODRIGUEZ (2007:56-66).

¹⁵⁷ Autoria confirmada em AMARAL (2003:469).

espanhol e outras línguas publicadas nos séculos XVII, XVIII, XIX existentes na Biblioteca Nacional do Rio e na coleção do “escritor José Pérez de mais de 200 volumes de obras antigas e modernas sobre Cervantes e o seu livro.” (DQ,1943:2). Também traz uma cópia da portada da edição original de 1615 e a seguir Luis Amador Sánchez assina uma introdução, *Evocando ‘Don Quijote’*, escrito integralmente em espanhol, sem nenhuma tradução. É um texto bem singular, que simula uma “conversa” com a edição do *Quixote* em português. No final do texto, aparece a informação depois do nome de Sánchez, “São Paulo, septiembre de 1942 (*Artículo publicado en O ESTADO DE SÃO PAULO, corregido y aumentado por el autor*)” (DQ, 1943:14). Segundo Cárcamo de Arcuri e Gonzáles (2000:84), Sánchez foi professor da recém criada cátedra de Língua e Literatura Espanhola da Universidade de São Paulo, de 1944 a 1966, quando veio a falecer. O diplomata e estudioso espanhol também é autor do livro *Del Cid al Quijote*¹⁵⁸. Dentro desse volume aparecem algumas ilustrações. A primeira é uma reprodução de um quadro, sem menção de autoria nem data, com a legenda “Cervantes no cárcere” e está entre a Dedicatória ao Conde de Lemos e o Prólogo ao leitor. A edição também traz duas gravuras de Doré, “Sancho na casa dos Duques” e “A morte de D. Quixote”. A mesma edição foi reimpressa em 1945. O livro também contém textos sobre Cervantes e comentários a respeito do livro de autoria diversa, que não foi possível neste momento checar mais detalhes, pela edição não ter sido analisada fisicamente.

A segunda editora a publicar a obra, também na tradução portuguesa, foi W.M.Jackson Inc., uma editora de origem americana, estabelecida no Rio de Janeiro, e segundo Hallewell, inicialmente focada na “venda direta de coleções de livros em prestações” (2005:367). Em 1937 adquiriu os direitos da obra de Machado de Assis¹⁵⁹, e em 1948 publicaram o *Quixote* dentro dos *Clássicos Jackson*, em dois volumes (465 p. cada), com prefácio de Federico de Onís (1885 - 1966), escritor, crítico literário e professor universitário espanhol, sem indicação de quem traduziu esse texto para o português. Essa edição apareceu nesta pesquisa como reimpressa em 1949, 1952, 1956, 1960, 1964, 1970.

¹⁵⁸ São Paulo: FFLCH/USP, 1957.

¹⁵⁹ Ver mais sobre essa compra de direitos da obra de Machado de Assis em HALLEWELL (2005:467) e PATUELI (2008).

Finalmente, em 1952, já dentro do que se considera o período da celebração dos trezentos e cinquenta anos da primeira publicação do Quixote, a Livraria José Olympio Editora, também no Rio de Janeiro, fundada pelo editor e livreiro José Olympio Pereira Filho (1902-1990)¹⁶⁰ edita a primeira tradução brasileira. Segundo o site “*Estância Turística de Batatais*”¹⁶¹, José Olympio “Nas décadas de 1940 e 1950, consegue ser o maior editor do país, publicando cerca de 2 mil títulos, com 5 mil edições”. Hallewell afirma que nos anos cinquenta a editora publicou clássicos da literatura, iniciando em 1951 com a edição da obra completa de José de Alencar, com introduções de escritores relevantes para a época. Sobre a edição do *Quixote*:

No ano seguinte, publicou o que se afirmava ser a primeira tradução brasileira de *D. Quixote*. [...] A tradução foi de Almir de Andrade e Milton Amado. A idéia de publicar uma edição de *D. Quixote* partiu de Daniel, irmão de José Olympio, e conta-se que este, ao vê-lo trabalhando nisso, teria resmungado: ‘A mim o que interessa mesmo é o Brasil’. (2005:465, aspas do autor).

Foi uma edição muito luxuosa¹⁶², em cinco volumes (1.864 p.). O primeiro livro, “*O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*”, tradução assinada por Almir de Andrade, e a Segunda Parte, como foi denominado o segundo livro, “*O Engenhoso Cavaleiro Dom Quixote de La Mancha*” aparece assinada só por Milton Amado, que também traduziu os textos poéticos do livro primeiro e elaborou a maioria das duzentas e trinta e uma notas dessa edição. O prefácio é do historiador, folclorista, antropólogo, advogado e jornalista alagoano Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986)¹⁶³, intitulado *Com Dom Quixote no Folclore do Brasil* (19 p.), inclusive com um apanhado dos provérbios da obra “que vivem no Brasil” (Cervantes, p. XL, 1958). A *Introdução* (43 p.) foi elaborada pelo jornalista José Brito Broca, que Marta Perez Rodriguez apresenta como sendo o primeiro estudioso a “*recopilar y publicar parte de la recepción cervantina a partir de estudios críticos.*” (2007:91). A pesquisadora

¹⁶⁰ Sabe-se da existência de uma obra, que não foi consultada para esta pesquisa, PEREIRA, José Mário. *José Olympio: o Editor e Sua Casa*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2008. Segundo Soares (2008), essa editora foi fundada por Geraldo Jordão Pereira (1938-2008), filho de José Olympio, e dirigida por dirigida por Marcos e Tomás Pereira, netos do editor. A neta do editor também publicou a obra, ainda não consultada, SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor 110 – uma História da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

¹⁶¹ Disponível em: <http://www.batataisonline.com.br/batatais/olympio>. Acessado 2 jul 2009.

¹⁶² DQ (1952:86): N. da E. “[...] Não poupamos esforços para dar à obra uma apresentação material e artística à altura do seu valor: tôda ela é impressa a 2 cores em papel *couché* alemão especialmente fabricado e é encadernada em couro londrino vindo dos curtumes de Santa Catarina: dedicadamente colaboraram conosco nesta apresentação condigna do livro as oficinas da gráficas de Saraiva S.A [...]”.

¹⁶³ Seu texto é assinado em 1951. No ano seguinte publicou o famoso *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952. Ver mais informações na Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_da_C%C3%A2mara_Cascudo. Acessado em: 1 jul 2009.

utiliza em sua pesquisa o ensaio *O Engenhoso Fidalgo Miguel de Cervantes*¹⁶⁴, o qual teria composto o que ela chama de “*prólogo introductorio de una traducción brasileña del Quijote al portugués, realizada en 1969 [sic]*”¹⁶⁵ por la editora José Olimpo [sic], em Rio de Janeiro.” (Ibid.:92). Esta também foi a primeira edição ilustrada publicada no Brasil. Os desenhos eram do aclamado ilustrador de clássicos como Rabelais, Balzac, Dante, Perrault, Shakespeare e outros, Gustave Doré (1833 – 1883). O seu perfil, elaborado por Hustin (1952)¹⁶⁶, figura nas páginas iniciais das edições da José Olympio. Em 1863 Doré ilustra a tradução ao francês¹⁶⁷ do *Quixote* com trezentos e setenta e cinco desenhos. Gonçalo Júnior (2005) afirma;

Quase um século e meio depois de publicar a primeira edição com seus desenhos, o artista francês mantém uma marca tão forte em relação ao personagem que os dois são, hoje, indissociáveis. Não é possível mais idealizar no imaginário popular outra figura de Dom Quixote senão a de Doré. Talvez seja esse um acontecimento único no mundo da literatura, uma vez que não houve uma composição combinada e os dois autores viveram em tempos diferentes, com dois séculos de espaço de tempo. (Ibid.:12).

Na edição de 1952, no mesmo texto do editor, mencionado na nota da página anterior, é apresentada a primeira tradução brasileira:

Como se vê, esta é a primeira vez que se traduz no Brasil o *Dom Quixote*. [...] A complexa e árdua missão de verter em boa língua portuguesa mas com estilo brasileiro (como a propósito de Alencar assinalou o Prof. Gladstone Chaves de Melo) o *Dom Quixote* foi confiada a dois escritores que a realizaram com o maior zelo e a estima profunda que têm pelo romance: Almir de Andrade, nome por demais conhecido em nossas letras contemporâneas, responsável pela 1ª parte, publicada em 1605, e Milton Amado, da nova geração mineira, tradutor dos maiores que há hoje entre nós, que se incumbiu da 2ª parte, editada dez anos após a primeira, isto é, em 1615. (DQ,1952:86, N.E).

Essa tradução brasileira foi revisada por Milton Amado, que inclusive acrescentou quatro vezes mais notas, publicada em 1954 (mais de 872 notas), 1958 (mais de 931 notas¹⁶⁸), e 1973 (não foi possível averiguar número de notas, por falta de acesso físico à edição).

Em 1955 celebram-se trezentos e cinqüenta anos da primeira edição do *Quixote* de 1605. Encontraram-se três edições da obra, as quais, lamentavelmente

¹⁶⁴ BROCA, Brito. *O Engenhoso Fidalgo Miguel de Cervantes. In Ensaaios da mão canhestra*. São Paulo: Polis, 1981. (Coleção estética: Série obras reunidas de Brito Broca; v. 11).

¹⁶⁵ Essa edição de 1969 não foi encontrada em nenhuma das pesquisas feitas para esta dissertação.

¹⁶⁶ Segundo nota na edição, este texto teria sido “Publicado na revista *L’Art*, Paris, 1883, e traduzido por Wilson Lousada.

¹⁶⁷ Traduzido por L.Viardot, Paris: Hachette.

¹⁶⁸ Colocou-se o termo “mais de” pois Milton Amado tinha uma maneira peculiar de fazer notas, como pode ser visto na entrevista feita sobre ele com seu filho. Uma nota muitas vezes é subdividida em a, b, c... , etc.

não foram analisadas fisicamente, deixando várias lacunas, a serem completadas em trabalho futuro.

Uma delas foi publicada pela Athena Editora no Rio de Janeiro, com a tradução dos Viscondes/Chagas, em dois volumes, sem ilustrações e com prefácio de Luis Amador Sánchez, que será incluído na próxima análise de paratextos das edições aqui estudadas. Outra editora que aproveitou a data célebre foi a editora Logos de São Paulo, publicando a obra em dois volumes, e em três volumes em 1957; com ilustrações de Gustave Doré.

A Editora Tietê, São Paulo, designou sua edição de comemorativa, editada em quatro volumes (o volume um tinha 201 p.), capa dura de couro marrom, tradução dos Viscondes/Chagas, com trezentas e cinquenta e seis gravuras de Doré e vinte e uma reproduções a cores de quadros do pintor lisboeta Don Ricardo Balaca (1844-1880) e do catalão e diretor artístico da editora espanhola Montaner y Simon, José Luís Pellicer (1842-1901)¹⁶⁹, o artista plástico paulista Clóvis Graciano (1907-1988)¹⁷⁰. Os Comentários e notas são assinados pelo editor e um dos donos da Livraria e Editora Brasiliense, Artur Neves¹⁷¹, e, segundo informação conseguida, com apoio nos estudos dos mais eminentes cervantistas¹⁷².

¹⁶⁹ Encontrou-se a seguinte informação no Google livros: Cervantes. *Don Quijote de La Mancha*; edición ilustrada por Ricardo Balaca, José Luís Pellicer. Barcelona: Montaner y Simon editores, 1879. Segundo GONZÁLES MORENO et al. (2009) a técnica da cromolitografia tornou possível, pela primeira vez, o uso de estampas coloridas. Essa edição teria sido a primeira a utilizar a técnica. “*Sus 44 cromolitografías, a cargo del litógrafo J. García, reproducen diseños de los pintores Ricardo Balaca y Canseco y José Luis Pellicer y Fener y pueden ser considerados como uno de los máximos exponentes en la captación de los colores ‘manchegos’.*” (p.10).

¹⁷⁰ Ele era desenhista, cenógrafo, figurinista, gravador e ilustrador, segundo Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%B3vis_Gracianoer. Acessado em: 1 jul 2009.

¹⁷¹ Segundo a *História do Livro no Brasil*. Com texto baseado no livro: *Momentos do Livro no Brasil* projeto e coordenação geral, Fernando Paixão; coordenação de pesquisa e texto, Maria Celeste Mira. São Paulo: Editora Ática, 1996. Disponível em: http://cultvox.uol.com.br/historia_do_livro_no_brasil.asp#h1. Acessado em 1 jul 2009.

¹⁷² Não houve exame físico dessa edição, mas segundo informação do livreiro José Nilson do sebo “Livros e Companhia, o texto introdutório diz: “Para a realização desse trabalho, valemo-nos fundamentalmente das substanciosas e insuperáveis contribuições de D. Diego Clemencín (1765-1834) e de Francisco Rodríguez Marín (1855 - 1943), o primeiro, um dos mais profundos conhecedores da literatura cavaleiresca e o segundo, sem dúvida alguma o mais paciente e completo comentarista do D. Quixote. Utilizamos também como fonte indispensável de consulta e informação, inúmeras e variadas obras de outros autores que, dentro ou fora da Espanha, contribuíram direta ou indiretamente para o estudo da época, da vida e da obra de Cervantes. Tivemos sempre presentes os trabalhos de Bowle, Américo Castro, Cejador e Frauca, Coll y Vehí, Cortejón, Covarrubias, Díaz de Benjumea, James Fitzmaurice-Kelly, Hartzenbusch, Salvador de Madariaga, Juan Antonio Pellicer, Rudolph Schevill, Navarrete, Unamuno, Navarro y Ledesma, Azorin, Ricardo Rojas, Valbuena Prat, Menéndez y Pelayo, Martín de Riquer, Givanel y Mas, Ludwig Pfandl, M. Bataillon, Jean Cassou, Arnold Hauser, Fidelino de Figueiredo, Antonio José Saraiva, Óscar Lopes, Luís da Câmara Cascudo, Josué Montello, José Pérez, Nelson Omegna e de muitos outros que deixamos de citar para não estender em demasia a lista em que se alinham autores espanhóis e de outras nacionalidades, antigos e modernos.”

A Editora Edigraf edita a obra em São Paulo, na tradução dos Viscondes/Chagas em 1957 e 1960. É uma edição de luxo em três volumes (1226 p.), capa dura, com ilustrações de Doré, mas sem prefácios ou textos introdutórios.

A editora José Aguilar foi fundada em 1950 no Rio de Janeiro, mudando logo o nome para Nova Aguilar. Um artigo no periódico Valor Econômico¹⁷³ descreve a evolução da empresa:

Em meados dos anos 70, a editora foi comprada por Carlos Lacerda, que mudou o nome e a transformou em um selo da Nova Fronteira. Após a morte do jornalista, em 1977, Sebastião Lacerda, seu irmão e também fundador da Nova Fronteira, ficou com a Nova Aguilar. Sebastião continua sendo o proprietário do selo. (2007:s.p)

A edição de 1960 saiu com selo José Aguilar, também uma tradução dos Viscondes, capa dura, volume único (1.150 p.) em papel bíblia, ilustrações de Doré. No início da obra há um *Esboço biográfico de Cervantes* do cervantista espanhol Julio Cejador y Frauca (1864 – 1927), e um o texto *Breve guia para o leitor* elaborado pelos estudiosos espanhóis, Justo García Soriano e Justo Garcia Morales, os mesmos que também preparam a edição espanhola, Madrid: Aguilar, 1951. A descrição da Livraria Ebézener¹⁷⁴ fornece mais detalhes da edição:

Acompanhada de uma seleção das mais importantes notas dos principais comentadores do Quixote, Clemencín, García Soriano, Menéndez Y Pelayo, Pellicer, Rodríguez Marin, e outros, e de esclarecimentos. Vários transcritos dos livros clássicos de Covarrubias e Correas. (2009:s.p)

Essa edição foi reimpressa em brochura, com o selo Nova Aguilar em 1993 e em 2004, esta última, já dentro da janela de tempo do quarto centenário. Todas as edições possuem o mesmo número de páginas.

A Difusão Européia do Livro - Difel é descrita por Hallewell (Ibid.) como empresa de capital suíço e português, constituída no ano 1951, em São Paulo. A editora publica em 1963 a tradução do escritor português Aquilino Ribeiro, a mesma que havia sido editada em Portugal por Lima de Freitas em 1954¹⁷⁵. A edição é feita em associação com a Livraria Bertrand de Lisboa, a qual possuía os direitos da tradução e a editora *Éditions Garnier Frères*, de Paris, e faz parte da coleção *Clássicos Garnier*, dirigida por Vítor Ramos.

A edição em capa dura, com o mesmo título da tradução da José Olympio, “O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha” e “O Engenhoso Cavaleiro Dom

¹⁷³ EDIOURO... (2007).

¹⁷⁴ Disponível em: www.estantevirtual.com.br/mod_perl/info.cgi?livro=14625534. Acessado em 1 jul 2009.

¹⁷⁵ Ver mais detalhes no artigo de ALMEIDA (2006:135).

Quixote de La Mancha”, dois volumes (466 p. e 473 p.), capa dura, com introdução de dezoito páginas, *Cervantes e o ‘Quixote’*, elaborada pelo professor espanhol de Língua e Literatura Espanhola na FFLCH/USP, Julio Garcia Morejón, também fundador da ECA/USP em 1966 e da faculdade UNIBERO em 1971¹⁷⁶. Nessa introdução ele contextualiza a obra, repassa brevemente a biografia de Cervantes e finaliza com dois longos parágrafos apresentando a tradução de Aquilino Ribeiro:

Sem trair nunca o conceito nem o espírito cervantino, escreveu um Quixote que é tão português como espanhol, pois foi repensado a partir de um ângulo genuinamente lusitano. Sempre que Cervantes o permite, Aquilino Ribeiro injeta a mais típica seiva portuguesa na linguagem, acudindo ao riquíssimo veio do povo, à fala viva do povo, ‘sempre mais expressiva e a mais pitoresca’, como êle afirma. [...] Vai surpreender-se com uma linguagem riquíssima muitas vezes de cunho regional, expressão direta do caráter popular, que ao espírito timorato pode parece obscena [...]. (DQ, Morejón, 1963:22-23. itálicos e aspas do autor).

Morejón volta a fazer referência à responsabilidade de Aquilino Ribeiro, que *“lançou-se a uma empresa originalíssima e de singulares proporções e responsabilidade: a de nacionalizar a língua e o estilo do Quixote.”* (DQ, 1963:22, itálicos do autor) e finaliza com o seguinte parágrafo, na tentativa de elucidar a proposta da nacionalização do Quixote:

O leitor da versão que aqui se apresenta vai gozar uma das experiências mais arriscadas e originais que se realizaram em Portugal, no campo das traduções, mas temos a certeza de que em nenhuma ocasião sairá defraudado. Após a leitura desta obra podemos exclamar que, realmente, concretizou-se o fenômeno da nacionalização de uma obra de arte literária, propósito que norteou o tradutor ao iniciar sua empresa. (Ibid.:23, itálicos do autor).

A edição tem um prefácio de cinco páginas escrito pelo próprio tradutor, que discorre sobre a tradução dos Viscondes/Chagas, que a chama de “Castilho” e a de Benalcanfor. Aquilino Ribeiro inicia o texto de modo desafiador,

NACIONALIZAR d. Quixote? É isso possível? Há em português traduções várias razoáveis. A pudibundaria de Castilho tolheu-o de ser exato. O culto excessivo do vernáculo prejudicou-lhe também a naturalidade e deslize fluvial que tem o *D. Quixote*, sem cachopos nem borbotões. De tempos a tempos, empolgado pela ênfase dos pregadores e gongóricos de má morte, dá-nos um Cervantes *tire à quatre épingles*, arrevesado e pomposo. Benalcanfor está mais perto do original, em despeito das suas insuficiências. (DQ, Ribeiro, 1963:27 negritos e itálicos do autor).

Aquilino Ribeiro, além de chamar de pudica a tradução dos Viscondes/Chagas que ele chama de “Castilho”, oferece sua opinião sobre tradução: “Traduzir um livro não

¹⁷⁶Informações do Portal da UNIBERO. Disponível em: <http://www.unibero.edu.br>. Acessado em 1 jul 2009.

consiste apenas em vertê-lo para termos equivalentes noutra língua; é amoldá-lo ao clima e estética desse idioma, como se lhes fôsse congênito. [...]” (DQ, 1963:26) e sobre suas razões para traduzir a obra, “- Por que me dei a traduzir *D. Quixote*? Apenas por isso, o desenfado, a paixão que sempre tive pelo Quixote, me abalancei a cometer a tradução. Não o faria com Shakespeare ou Goethe.” (Ibid.:27)¹⁷⁷. E a seguir explana algumas de suas idéias peculiares sobre a atividade tradutória, “Traduzir é abdicar da personalidade, se é que não significa a sua ausência. É como trabalhar na vinha dos outros, com menosprezo das nossas vides e parras” (Ibid.:27), ou retirando os méritos do seu próprio labor, “Realmente traduzir não requer gênio nem nenhuma autonomia mental. Exige, porém paciência, que é uma virtude rara nos tempos que correm, e conhecimento das duas línguas.” (Ibid.:28).

As notas são de Maurice Bardon, que na edição é apresentado como *Docteur ès Lettres, Professeur agrégé au Lycée Janson-de-Sailly*, ele participou da tradução francesa em 1850¹⁷⁸. As únicas ilustrações aparecem antes da página de rosto de cada volume, em uma lâmina em papel *couché*. No volume um, há uma ilustração de Doré (segundo a legenda, para a edição Paris: Hachette, 1863) e na outra face, está a inscrição: “Prancha de Jacques Lagniet (por volta de 1648)”. No volume dois há uma ilustração de Staal, da edição parisiense da Garnier, 1863; e na outra face, uma ilustração da edição G. e J.B. Verdussen, Antuérpia, 1673. Essa edição foi reeditada em 1967.

Em 1975 surge a edição não ilustrada da editora paulista Abril Cultural. Mateus H.F. Pereira (2005) afirma que “Na década de 1970, a Abril Cultural vendeu 18 milhões de livros em bancas, através de oito coleções de livros, num total de 465 títulos.” (2005:244). Em outro artigo, Pereira (2006) coloca, “A Editora Abril, via Abril Cultural, de 1968 até 1982 (data que esta empresa deixa de existir) lançou mais de 200 fascículos, livros e discos no mercado editorial brasileiro.” (2006:1). A edição é tradução dos Viscondes/Chagas, um só volume (609 p.), capa dura, com notas do filólogo catalão José Maria Castro Calvo¹⁷⁹, traduzidas por Fernando Nuno Rodrigues. Antes da página de rosto há uma reprodução de um quadro de

¹⁷⁷ Interessante esse comentário. O Visconde de Castilho foi criticado, com é visto mais adiante, exatamente por suas traduções de Shakespeare e Goethe. Outro paradoxo é que apesar do que diz, Aquilino traduziu vários autores clássicos, conforme pesquisas feitas e mostradas adiante.

¹⁷⁸ CERVANTES. *L'ingénieux hidalgo don Quichotte de la Manche*. Traduzida por Louis Viardot, prefácio bibliografia e notas por Maurice Bardon. Paris: Garnier frères, 1850.

¹⁷⁹ O hispanista foi o responsável da edição crítica do *Quixote*, com ilustrações de Gerhart Kraaz editada na Espanha pelo Círculo de Lectores em 1976.

Cervantes e sua biografia – sem menção de autoria. Essa edição foi reimpressa em 1978 e 1981. O título apresentado é “*O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*” e “*Segunda parte do engenhoso Cavaleiro Dom Quixote de La Mancha*”.

Hallewell chama a empresa Abril, “o maior empreendimento editorial da América Latina, já em 1982 fora dividido entre os filhos de Victor. A Editora de livros (a antiga Abril Cultural), transformou-se na Nova Cultural,” (2005:740).¹⁸⁰ A mesma edição anterior é publicada em 1993 e 1995 com o selo novo. Nas primeiras buscas feitas apareceram duas edições, 1990 e 1998, que pela descrição parecem ser também da Nova Cultural, apesar de no campo editora essas edições terem aparecido como “Abril”. Infelizmente, ao fazer a checagem cruzada, esses exemplares não mais estavam disponíveis. Em 2002 e 2003 a mesma edição é reeditada, também um único volume (690 p.), com oitenta e uma páginas a mais. A edição de 2003 é a mais encontrada nas bibliotecas públicas de São Paulo, aparece em quarenta e uma bibliotecas CEU e três bibliotecas municipais.¹⁸¹

Hallewell também dedica um capítulo ao Círculo do Livro, “Os clubes do livro já não eram novidade no Brasil quando se constituiu o Círculo do Livro, em março de 1973 [...]” (Ibid.:682)¹⁸². A impressão e acabamento dos livros eram feitos pelo próprio Círculo, e segundo o pesquisador

apesar de atraentemente encadernados, custavam de 10% a 15% menos que as edições comerciais de que se originavam, graças a um mercado garantido e à economia de escala (as tiragens oscilavam entre seis e cinquenta mil, sendo vendidos em média dez mil exemplares por título), embora muitas vezes fossem lançadas ao mesmo tempo as edições comerciais e as do clube. (Ibid.:683).

O Círculo do Livro publica a tradução dos Viscondes/Chagas em 1978. A novidade é com uma introdução (treze páginas) de Otto Maria Carpeaux (1978), ensaísta, crítico literário e jornalista brasileiro, mas nascido em Viena (1900 – 1978). Marta Pérez Rodriguez (2007) dedica um subcapítulo a esse autor, analisando a

¹⁸⁰ Pereira (2006:1) confirma esse dado: Em 1992, a Abril Cultural torna-se Nova Cultural e passa a fazer parte do grupo CLC (Comunicação, Lazer e Cultura) sendo Richard Civita seu proprietário. A divisão do Grupo Abril em dois é fruto da disputa por herança entre Roberto e Richard Civita. Aconselha a consulta aos trabalhos de MIRA, Maria Celeste. *O Leitor e a Banca de Revista: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olhos d’Água/FAPESP, 2001 e MERCADANTE, L.F. *Victor Civita*. São Paulo: Nova Cultural, 1987 para mais informações sobre a história da Editora Abril.

¹⁸¹ Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/sobre_biblioteca. Acessado em 18 dez 2008.

¹⁸² Para mais detalhes sobre o assunto, verificar o excelente livro *O Clube do Livro e a Tradução*, de MILTON (2002).

introdução em questão e outro texto do autor referente ao *Quixote*¹⁸³. O texto fornece algo da biografia do autor, contextualiza histórica e literariamente a obra, inclusive situando o *Quixote* dentro da obra de Cervantes.

As ilustrações são do artista alemão Gerhart Kraaz (1909-1971)¹⁸⁴. Encadernado em capa dura, um só volume (863p.), texto anotado por José Maria Calvo, tradução das notas, revisão de texto de Fernando Nuno Rodrigues. A edição foi reimpressa em 1980, 1981. A partir de 1983 foi publicada em dois volumes (conservando o número de páginas: 440p e 422p.) em 1987, 1990, 1992. Parece ser a mesma da Abril, outro dado a ser verificado em posterior estudo.

Em 1980 também temos a única edição da obra pela Otto Pierre Editores, infelizmente não se encontrou informação sobre essa editora. O *Quixote*, na tradução dos Viscondes/Chagas, fez parte da coleção “Os Grandes Clássicos”, em dois volumes (310p. e 352p.), capa dura, com ilustrações do Doré e sem estudos introdutórios.

Em 1983, trinta e um anos depois da primeira tradução brasileira, Eugênio Amado segue os caminhos do pai, Milton Amado, e mergulha no mundo de Cervantes, produzindo a segunda tradução brasileira do *Quixote*. Foi a primeira tradução feita por um único tradutor publicada no Brasil. Hallewell discorre sobre a editora mineira responsável pela edição:

A talvez mais conhecida editora de Belo Horizonte é a Livraria Itatiaia Editora, de Pedro Paulo Senna Madureira e Edison Moreira. Em 1959, foi iniciada sua ‘Coleção Buriti’, dedicada à literatura brasileira. [...] Além de clássicos como *A Divina Comédia*, de Dante, *Dom Quixote*, de Cervantes, *Fausto* de Goethe, e *Guerra e Paz*, de Tolstoi [...] Como a Martins, a Itatiaia destacou-se pela preocupação com o aspecto estético da produção de livros. (2005:623).

A edição foi a quinta obra da coleção *Grandes Obras da Cultura Universal (Clássicos de Sempre)*, após Dante, Camões e Goethe. O primeira edição (1983), assim como a segunda edição (1984) têm dois volumes de capa dura (491p. e 531p.), com trezentas e setenta desenhos de Gustave Doré. As duas partes da obra apresentam o mesmo título, “*O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*”, anulando a “ascensão” a cavaleiro feita pelo próprio autor da obra ao intitular o livro

¹⁸³ Conferir a ótima análise na dissertação de PEREZ (2007:133-140).

¹⁸⁴ Ilustrou a famosa tradução alemã de Tieck, CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Leben und Taten des scharfsinnigen Edlen Don Quixote von la Mancha*; mit Zeichnungen von Gerhart Kraaz; in der Übertragung von Ludwig Tieck ; Geleitwort von Heinrich Heine. Gütersloh: P. P. Kelen, 1961. Suas ilustrações também aparecem em CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Barcelona: Círculo de Lectores, 1967.

de 1615. A introdução de quinze páginas de Julio Garcia Morejón (1991), apesar de apresentar um título distinto, *A Universalidade de Cervantes*, é uma revisão do seu texto introdutório para a tradução de Aquilino Ribeiro, publicada pela Difel, com pouquíssimas diferenças, com parágrafos inteiros idênticos, diferenciando-se essencialmente na apresentação do tradutor, Eugênio Amado, que também foi o autor das cento e trinta notas.

A tradução que temos neste instante diante de nós, realizada por Eugênio Amado, tenta respeitar, na medida do possível – em tradução literária é necessário falar sempre “na medida do possível” – a estrutura da linguagem cervantina, substituindo formas hispânicas por sintagmas, modismos, refrões, locuções brasileiras, para melhor compreensão do estilo do Cervantes. A tradução de Eugênio Amado respira honestidade por todos os lados, e em nenhum instante se permite o tradutor liberalidades que alterem a estrutura ou o conteúdo do livro de Cervantes. Trata-se de uma tradução harmônica, feita com equilíbrio, que aponta diretamente o alvo, que é a compreensão séria e inteligente do *Quixote* por parte dos leitores brasileiros, oferecendo-nos a magna obra cervantina como todo o sabor e a riqueza que caracterizam o original, guardando as distâncias, evidentemente, que todas as traduções, até aquelas consideradas absolutamente perfeitas – nas quais jamais acreditaremos a não ser que compreendamos ou aceitemos os resultados como uma outra obra de arte – guardam como o original. (DQ, Morejón, 1983:XXVII)

Em 1991 surge a terceira edição, desta vez em brochura, dois volumes com o mesmo número de páginas que a anterior, mas com orelhas (não é informada a autoria) e com o selo Villa Rica. Nessa edição, antes da página de rosto surgem duas ilustrações, em uma página, as capas das seis edições de 1615 e na outra, a capa de 1605. No segundo volume temos uma reprodução de um quadro de Cervantes, a portada da segunda edição. Ocorre uma quarta edição em 1997.

No mesmo ano do lançamento da segunda tradução brasileira, a editora carioca Civilização Brasileira¹⁸⁵, do editor Ênio Silveira lança uma nova coleção, *Monumentos da Cultura Universal* e o *Quixote*, traduzido pelos Viscondes/Chagas foi o número um. É uma edição com capa dura, um só volume (863p.) e com ilustrações de Gerhart Kraaz, notas de José Maria Castro Calvo traduzidas por Fernando Nuno Rodrigues e introdução de Otto Maria Carpeaux. Assemelha-se à edição do Círculo do Livro, mesmo ilustrador, mesmo número de páginas, um único volume, capa dura, mesmo autor da introdução e das notas. Essas coincidências serão conferidas em um trabalho próximo, com a conferência física das notas.

Um problema parecido com a edição da Abril ocorreu na busca da edição da Editora Cultura Universal, que apareceu no ano de 1984, dois volumes de capa

¹⁸⁵ Ver o capítulo “Ênio Silveira e a Civilização Brasileira” e outras menções à editora em Hallewell (2005).

dura, tradução dos Viscondes e prefácio de Federico de Onís. Ao refazer a busca para refinar as informações o livro não estava mais no portal.

Em 1998 a Ediouro edita no Rio de Janeiro, a tradução de Almir de Andrade e Milton Amado em dois volumes (556p. e 651p, total 1207p.) brochura, sem ilustrações. Depois para o centenário em 2002/2004/2005 a mesma editora preparou uma edição com capa brochura em três volumes (vol. um, 478 p.; vol. 2, 479 p.; vol. 3, 467p.; total 1400 p.), ilustrações de Doré e introdução de Brito Broca, sem o texto de Cascudo e com quatrocentas e seis notas. Essas edições estão esgotadas na editora. Também não foi possível verificar fisicamente esses exemplares, mas será feita uma comparação de notas em trabalho futuro. A Ediouro tem uma longa história. Segundo Hallewell, “Essa firma [Tecnoprint Gráfica] foi constituída por um médico gaúcho, Jorge Gertum Carneiro, seu irmão engenheiro, Antônio, e Frederico Mannheimer, um refugiado da Alemanha” (2005:673). Na década de quarenta iniciaram com a empresa Publicações Pan-Americanas, importando livros. Com as dificuldades geradas pela segunda guerra passaram a editar traduções e livros técnicos e o nome passou a ser Editora Gertum Carneiro. Em 1961, a editora mudou seu nome para Edições de Ouro. Dedicaram-se a livros de bolso, na sua maioria reimpressões de obras clássicas, com a maioria dos títulos já em domínio público. Em algum momento, perto dos anos noventa, o selo mudou para Ediouro Publicações¹⁸⁶.

Essa mesma edição é publicada pela Publifolha em 1998, com selo da *Biblioteca Folha* Faz parte da coleção *Clássicos da Literatura Universal*, volume 17 com a permissão da Ediouro, brochura, também em dois volumes (560p. e 656p.), quase o mesmo número de páginas da edição da Ediouro. Não tem ilustrações e ao final do segundo volume está o texto de Brito Broca, com quarenta e seis páginas. Esta edição só aparece nas buscas se no campo editora for colocado o termo “Ediouro”. Depois é necessário abrir cada entrada e verificar a descrição do exemplar. Essa edição não informa que a obra tem a primeira parte traduzida por Almir de Andrade e a segunda por Milton Amado, informando erroneamente uma tradução em dupla dos dois volumes.

¹⁸⁶ Segundo o Portal da Ediouro, o grupo inclui as seguintes editoras: Agir, Guinness World Records, Editora Nova Aguilar, Nova Fronteira, Pixel Media, Thomas Nelson Brasil e Desiderata. Disponível em: www.ediouro.com.br/templates/ediourolivros/publicacao/publicacao.asp?codcanal=19&codPublicacao=253. Acessado em 4 jul 2009. No site da Wikipédia aparecem também como sendo da Ediouro, além dos citados, Coquetel, Geração Editorial, Relume Dumará e Prestígio Editorial (selo editorial da Ediouro). Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ediouro>. Acessado em 4 jul 2009.

4.1.1.2 – Edições do século XXI

Em 2002, inicia-se o período do quarto centenário, aqui considerado como de 2002 a 2008 (2005 mais/menos três anos). Além das edições já comentadas 2002 reserva uma novidade: a nova tradução brasileira do *Quixote*, a terceira.

Hallewell informa que a Editora 34, de São Paulo, teria sido o “projeto de um grupo de universitários já responsável pela revista trimestral *34 Letras*, editada de agosto de 1988 a março de 1990” (2005:742). No portal da editora informam que foi fundada em 1992.¹⁸⁷

Assim como é possível afirmar que a tradução dos Viscondes/Chagas é a mais publicada, esta é a tradução mais comentada na celebração do quarto centenário. Uma simples busca com o nome do tradutor, Sérgio Molina, mais o nome da obra, *Quixote*, traz mais de seiscentas entradas. Não era para menos, a terceira tradução brasileira, primeira do século XXI, surgiu no meio da grande celebração cervantina, a primeira do novo século. E a editora soube explorar bem essa questão, expondo e explorando a figura do tradutor, que além de ser uma figura mais valorizada hoje em dia, nesse caso teria, de maneira simbólica, um pouco o papel de “representante” do escritor. Desde seu lançamento, como em quase todos os eventos ligados ao quarto centenário, nas Bienais do livro, lá estava o novo tradutor do *Quixote*. Segundo as informações do portal da editora, “Sua tradução para a primeira parte do *Quixote* foi premiada na 46ª edição do Prêmio Jabuti [menção honrosa, 3º lugar], em 2004.”

A edição, de novembro de 2002 traz o título “*O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*”. Pela primeira vez, o nome do tradutor aparece na capa da obra, e, além disso, tem espaço para um posfácio sobre o ato tradutório, disponibilizando inclusive um endereço de email, fazendo uma ponte inédita e muito atualizada entre o tradutor e o leitor. Infelizmente esse recurso foi abolido na segunda parte. Nesse texto Molina (2002) informa também a edição de partida, a edição de Francisco Rico, editada em 1998 pela editora Crítica em parceria com o Instituto Cervantes e cita a fonte das notas,

As notas que complementam esta edição foram concebidas e redigidas tendo como principais fontes de pesquisa essa edição [Madrid: Editora

¹⁸⁷Dados retirados do portal da Editora 34. Disponível em: <http://www.editora34.com.br> . Acessado em 4 jul 2009.

Crítica, 1998], a de Martín de Riquer (Círculo de Lectores, 1987) e a francesa de Jean Cannavagio (La Pléiade, 2002). (DQ, Molina, 2002:731).

Logo no verso da página de rosto, aparece a seguinte inscrição, sem autoria assinalada:

A presente tradução foi realizada graças ao Programa de Fomento de Tradução Literária 2002 do Fondo Nacional para la Cultura y las Artes e da Dirección General de Publicaciones del Consejo Nacional para la Cultura y las Artes (DQ, 2002:3).

É a primeira edição bilíngüe brasileira, o texto introdutório, *Apresentação de D. Quixote*, é um ensaio de quinze páginas da cervantista brasileira, a professora da FFLCH/USP Maria Augusta da Costa Viera (2002), com objetivo muito bem definido pela própria autora em seu primeiro parágrafo:

O propósito desta apresentação não é outro senão o de chamar a atenção para alguns aspectos relacionados com a obra de Cervantes: algo sobre a condição do leitor de *D. Quixote*, idéias a respeito do modo como a obra foi interpretada em variados tempo e como foi recebida no Brasil. (DQ, Vieira, 2002:9, itálicos da autora).

O volume, com 736 páginas e apenas vinte gravuras de Doré, apresenta 382 notas. Talvez por um problema de diagramação, pela presença do texto traduzido e o original no rodapé da página, as notas aparecem só no final de cada capítulo, tornando sua consulta bastante incômoda. No final, além do *Posfácio do Tradutor* é oferecida uma breve biografia de Cervantes, do ilustrador e do tradutor. Não é disponibilizada informação sobre Maria Augusta da Costa Vieira, a autora da introdução, em nenhum momento aparece menção de título ou a universidade de origem, informações que poderiam ter alavancado mais ainda a exposição e marketing dessa edição em especial¹⁸⁸. O livro possui orelha (sem crédito de autor) e na contracapa aparece um parágrafo escrito por Dostoievski sobre o *Quixote*:

Não existe nada mais profundo e poderoso do que este livro. Representa até hoje a mais grandiosa e acabada expressão da mente humana. Se o mundo acabasse e no Além nos perguntassem: 'Então, o que você aprendeu da vida?', poderíamos simplesmente mostrar o D. Quixote e dizer: 'Esta é a minha conclusão sobre a vida. E você? O que me diz?' (DQ, 2002: contracapa, itálicos e aspas do original).

Logo abaixo, temos uma apresentação da nova tradução brasileira, reeditada em 2003, 2007 e 2008, também sem menção de autor:

¹⁸⁸ Somente no portal da editora, ao anunciar o segundo livro, informam sua condição de cervantista, na última frase: “Além da rigorosa tradução e das notas de Sérgio Molina, este segundo volume, publicado com o apoio do Ministério da Cultura da Espanha, inclui o texto original em castelhano, as gravuras de Gustave Doré e apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira, uma das principais cervantistas brasileiras.”

Publicado em 1605, *D.Quixote* chega finalmente à nossa língua numa versão que faz jus à riqueza do original. Esta nova tradução, realizada por Sérgio Molina a partir da mais completa edição crítica da obra, reproduz o ritmo, as modulações e os matizes cômicos característicos de Cervantes, recuperando para o leitor de hoje toda a graça e o encantamento deste que deste que é considerado o primeiro romance moderno. (DQ, 2002: contracapa)

A segunda parte do livro foi publicada dois anos após o quarto centenário, em 2007. Brochura, com 856 páginas, 484 notas e o título *O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha*. Na página de verso do rosto está a inscrição: “A presente tradução foi realizada graças ao apoio da Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Educação, Cultura e Desportos da Espanha” (DQ, 2007:4). Nota-se uma diferença entre o apoio espanhol dado. Vieira (2007) assina um texto introdutório de quinze páginas, dentre as quais três apresentam gravuras, as portadas das edições originais de 1605, 1615 e inclusive da edição do *Quixote* de Avellaneda, 1614. A estudiosa brasileira inclui o *Quixote* apócrifo em seu ensaio, dedica dois subcapítulos ao tema, *Breve anotação sobre continuações apócrifas* e *Em torno da identidade de Avellaneda*. Ao final do texto, de forma muito bem humorada, e completamente inserida na linguagem cervantina, Vieira arremata seu texto com um recado para o leitor, que sintetiza muito bem sua apresentação, finalizando com uma apropriada citação de Cervantes:

Caro leitor: Como na apresentação da primeira parte, o propósito desta introdução não foi adiantar episódios ou sugerir interpretações sobre a obra. [...] O que se pretendeu foi oferecer algumas referências que possam deslindar certos emaranhados históricos relativos ao modo de composição que vigorava nos séculos XVI e XVII ibéricos. Ao mesmo tempo, tratou-se de apresentar algumas tensões que giravam em torno da obra no momento em que foi escrita e mostrar como elas se resolveram a partir da utilização de artifícios retóricos e poéticos. Para isso, o prólogo da segunda parte é exemplar, tanto no que diz respeito à resposta que Cervantes ensaia para Avellaneda, quanto no exercício de uma composição regida pela agudeza e pelo discurso engenhoso. Mas, com é bem sabido, uma coisa é o propósito, outra, o resultado, e nesse caso, por razão de prudência, melhor será recorrer às palavras de Cide Hamete Benengeli que, no capítulo XLIV [segundo livro], pede ‘que não se despreze o seu trabalho e o cubram de elogios, não pelo que escreve, mas pelo que deixou de escrever’. (DQ, Vieira 2007:26).

Logo depois da apresentação temos uma *Nota à presente edição*, referente às edições utilizadas, percebe-se que além de utilizar uma edição mais recente tanto de Rico, como de Riquer, não é mais mencionada a edição de Cannavagio. Em compensação adicionam outra edição espanhola (1993) e uma edição argentina do quarto centenário, texto abaixo, também sem autoria apontada :

O texto em espanhol de *D. Quixote* que integra este volume teve por base o estabelecido nas edições de Florêncio Sevilla Arroyo e Antonio Rey Hazas (Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1993), Martín de Riquer (Barcelona, Planeta, 1997), Francisco Rico (Barcelona, Instituto Cervantes/Galaxia Gutenberg, 2004) e Celina Sabor de Cortázar e Isaías Lerner (Buenos Aires, Eudeba, 2005) – cotejadas com a edição *princeps* de 1615 –, refletindo as opções do tradutor em face das diversas variantes adotadas em cada uma delas. (DQ, 2007:27, itálicos no original).

Ao final aparecem exatamente os mesmos textos biográficos do primeiro livro, mas não há posfácio do tradutor. As orelhas não definem autoria. Na contracapa, um feliz trecho do Jorge Luis Borges:

Creio que os homens continuarão pensando em D. Quixote porque, no fim das contas, há uma coisa que não queremos esquecer: uma coisa que a vida nos dá de quando em quando, e que às vezes também nos tira, e essa coisa é a felicidade. E, apesar dos muitos infortúnios de D. Quixote, o sentimento final que o livro nos passa é de felicidade. Sempre penso que uma das coisas felizes que me aconteceram na vida foi ter conhecido D. Quixote. (DQ, 2007:contracapa)

Existem mais dois parágrafos na contracapa, o primeiro discorre sobre a obra, o segundo, menciona o tradutor, “Com este segundo volume, Sérgio Molina leva a cabo, com admirável rigor e engenho, a tradução desta que foi atestada por críticos do mundo inteiro como a mais importante criação literária de todos os tempos.”

Encontrou-se uma edição, a qual não foi possível obter acesso físico, da pequena Editora Pradense, de Porto Alegre. A editora foi contatada por telefone¹⁸⁹, foram editados quinhentos exemplares em 2003, tradução dos Viscondes/Chagas com uma breve introdução do editor e dono da editora, Ricardo Stefani.

Em 2005 a editora Villa Rica lança uma nova tradução de Eugênio Amado. O texto foi todo revisado, notas foram adicionadas, foi feita uma edição mais luxuosa, mas ninguém soube. Em uma atitude pouco comercial, completamente fora dos padrões e procedimentos de marketing editorial, apesar de ter feito o lançamento de sua edição comemorativa dos quatrocentos anos, a Villa Rica não aproveitou em absoluto a publicidade, eventos, exposição que a obra obteve de sua celebração, deixando passar em branco todo o esforço editorial e do tradutor para renovar a segunda tradução brasileira do *Quixote*. O fato de ter sido lançada uma tradução refeita pelo mesmo tradutor não aparece em lugar algum, não foi encontrada sequer uma menção na mídia¹⁹⁰, tendo-se perdido uma excelente oportunidade de informar o público que existia outra opção além das traduções lançadas/reeditadas na época.

¹⁸⁹ A única informação desta editora é o seu telefone: Editora Pradense: (55 51) 3012-4521.

¹⁹⁰ Em breve, como havia sido prometido na Qualificação, será feita uma pesquisa na mídia impressa; mas o próprio tradutor confirmou essa informação em sua entrevista.

A edição tem a mesma ilustração na capa das edições antigas, em um só volume (994p.), capa dura, e a cor da impressão não é preta, mas de cor marrom (parece um artifício para coibir fotocópias) e possui as mesmas ilustrações de Gustave Doré da edição de 1983. A pequena introdução de três páginas, denominada *Aos leitores jovens*, é assinada por Lucílio Mariano Júnior, o pseudônimo de Eugênio Amado. Nesse texto ele aconselha a jovens leitores como manejar o *Quixote*,

Agora, um conselho de amigo: pule tudo o que vem antes da história propriamente dita: taxa, testemunho, licença, prólogo, poesias, e vá direto ao Capítulo I. Abro exceção apenas para o prefácio que vem logo a seguir, o qual foi preparado pelo tradutor do livro como o intuito de ajudar a entender a obra. [...] É bom fazer nem que seja uma leitura dinâmica e superficial desse prefácio, para captar os pontos mais essenciais da obra, o espírito da época, o modo de pensar do povo e outras referências importantes. [...] Já antecipo que você não vai gostar do início do livro, do começo, do seu primeiro parágrafo. Vai achá-lo complicado, um tanto confuso. Deixe pra lá, que, a partir do segundo parágrafo tudo vai mudar, e aí só mesmo um motivo muito forte irá justificar a interrupção da leitura – e, mesmo assim, por tempo bem curto! (DQ, Mariano Jr., 2005:14).

Logo após está o prefácio do tradutor, *Miguel de Cervantes Saavedra – Vida e Obra*, com cinco páginas contendo uma breve biografia do autor e algumas informações históricas da época do lançamento da obra. A edição apresenta texto nas orelhas de autoria anônima e teve acréscimo de notas, totalizando quinhentas e vinte e quatro notas, quatro vezes mais que na primeira tradução. O título da segunda parte, na tradução revisada foi corrigido para *O engenhoso cavaleiro Dom Quixote de La Mancha*.

A quarta tradução brasileira foi editada no Rio de Janeiro pela Editora Record em 2005, mas somente o primeiro volume. As origens da Record, segundo Hallewell, “remontam a 1942, embora tenha sido constituída, em sua forma atual, em 1957, e vindo a publicar seu primeiro livro apenas em 1962.” (2005:665). No portal da editora, agora denominada *Grupo Editorial Record*¹⁹¹ é informado o nome dos fundadores, Alfredo Machado e Décio Abreu e os selos correlacionados: Bertrand Brasil, José Olympio, Civilização Brasileira, Rosa dos Tempos, Nova Era, Difel, BestSeller, Edições BestBolso, Galera & Galerinha. Como se pode ver, mesmo tendo direito de lançar alguma tradução lançada por algum dos seus selos, os quais devem ter direito de uso de acervo de três edições do *Quixote*, a tradução de Almir de Andrade e Milton Amado da José Olympio, a de Aquilino Ribeiro da Difel, e a edição dos Viscondes/Chagas feitas pela Civilização Brasileira, a editora preferiu

¹⁹¹ Disponível em: <http://www.record.com.br/>. Acessado em 7 jul 2009.

encomendar uma tradução nova. Uma tradução que retomaria uma tradição de uma tradução feita por mais de um tradutor, iniciada em Portugal pelos Viscondes/Chagas e pela primeira tradução brasileira, por Almir de Andrade e Milton Amado. A edição da Record também foi exposta na mídia, aparece em vários artigos¹⁹², mas não tanto como a edição da 34.

É uma edição brochura, com 570p. O nome dos tradutores também aparece na capa como na edição da 34. A breve apresentação de duas páginas é assinada por Francisco Corral (2005), Diretor do Instituto Cervantes do Rio de Janeiro e alude a tradução:

Uma nova tradução supõe sempre um novo desafio, pois nasce coma a responsabilidade de ter que superar todas as anteriores em qualidade e em precisão. Neste caso, o fato de ter sido realizada em equipe por dois respeitados tradutores, um brasileiro e um espanhol (Carlos Nougé e José Luis Sánchez), constitui a melhor garantia e o melhor augúrio para predizer que traduzirá ao belo acento brasileiro da língua de Camões toda a enorme riqueza de matizes, sentidos, sugestões, contra-sensos, intenções e segundas intenções que Miguel de Cervantes logrou conceber e plasmar nesta obra-prima da literatura universal. (DQ, Corral, 2005:12).

Logo a seguir, aparece a *Nota dos Tradutores*, um texto de três páginas, com nove itens, que chamam de notas prévias, Nougé e Sánchez (2005) e os tradutores explicitam sua visibilidade, “que não pudemos desaparecer aqui como um vidro” (p.13), discutem suas dificuldades e opções tradutórias:

Em que português verter o *Quixote*? Pô-lo em português moderno não seria propriamente traduzir, mas adaptar. Não era essa nossa proposta. Pretendíamos traduzi-lo resolvendo uma como ‘equação de três incógnitas’: como escreveria Cervantes o *Quixote* no português de sua época, mas sem perder o sabor hispânico de então e, ainda, de modo compreensível para o leitor de hoje? (DQ, Nougé e Sánchez, 2005:13).

Após isso aparecem nove anotações muito interessantes, esclarecendo detalhes sobre a autoria das notas de rodapé,

1) Todas as notas desta edição são dos tradutores, os quais, porém, para muitas delas se basearam quer nas notas do Instituto Cervantes sobre o Quixote, quer nas da magnífica edição de *Don Quijote de la Mancha* feita, em 2004, pela Real Academia Española e pela editora Alfaguara. (Ibid.:14).

Oferecem também explicação sobre a estratégia utilizada para a tradução de topônimos e nomes próprios, que costuma ser grande fonte de discussões entre críticos de tradução, especialmente quando se trata de um cânone como o *Quixote*: “2) Os topônimos, bem como os nomes das personagens históricas, foram

¹⁹² Fazendo uma busca no Google (13 jul 2009) com o nome do tradutor entre aspas + Quixote, selecionando idioma português: Carlos Nougé, 138 entradas, "José Luis Sánchez, 112.

adaptados ou preservados segundo o mais tradicional no Brasil como em Portugal.” (Ibid.:14). Explicam a opção inédita para tradução do título da obra, opondo-se à tradição das traduções em português,

4) De modo totalmente diverso, porém – e contrariamente aqui a todas as demais traduções do *Quixote* para o português –, tratamos os epítetos formados de topônimos: em vez, por exemplo, do tradicional “D.Quixote *de la Mancha*”, pusemos *D.Quixote da Mancha*, pelo simples motivo de que em português não nos referimos à Espanha central como “La Mancha”, mas sim como “a Mancha”. (Ibid.:15, itálicos e aspas dos autores).

Afirmam terem mantido as inversões sintáticas do estilo de Cervantes, assim como tudo que “morfológica e sintaticamente fosse igual comum ao espanhol e ao português de então [...]” (p.15). Esclarecem que só utilizaram palavras que surgiram no português até o século XVII e também contam a estratégia de tradução utilizada para os provérbios, explicitando a tão mencionada dificuldade que este tipo de estrutura traz.

7) Quanto aos numerosos provérbios que põe Cervantes na boca de seus personagens, ou os traduzimos por seus equivalentes portugueses; ou, na ausência de tais equivalentes e quando de fácil entendimento pelo leitor de língua portuguesa, simplesmente os vertemos à letra (ou quase); enfim, quando não havia tais equivalentes ou os provérbios implicavam jogos de palavras e não eram de fácil entendimento pelo leitor da língua portuguesa, os traduzimos também à letra, mas com correspondente explicação em nota. (Ibid.:15).

Na nota sobre a tradução dos poemas discorrem sobre a conservação “do metro e esquema rimático originais” (Ibid.:15) sempre que não compromettesse demais o significado dos versos. A edição não é ilustrada e tem quarenta e uma notas nesse primeiro livro, e duas no texto que segue ao final da obra, *Nota Complementar. A perda do Jerico*, texto que teria aparecido na segunda edição *princeps*.

A Editora L&PM, de Porto Alegre, também fez seu lançamento do *Quixote* em 2005. Segundo informação do portal: “A L&PM Editores foi fundada em 24 de agosto de 1974 por Paulo de Almeida Lima e Ivan Pinheiro Machado. A editora foi formada para a edição do livro *Rango 1* do desenhista e cartunista Edgar Vasques.”¹⁹³. Utilizaram uma tradução dos Viscondes/Chagas, brochura em dois volumes (511 p. e 518 p.), sem ilustrações com notas traduzidas por Fernando Nuno Rodrigues, com o acordo da Nova Cultural, não tem estudos críticos ou introduções. Essa edição foi reeditada em 2006 e 2007 e segundo informações da própria editora está esgotada.

¹⁹³ Portal da L&PM: Disponível em: <http://www.lpm-editores.com.br/>. Acessado em 7 jul 2009.

A editora paulista Martin Claret também lançou sua publicação da tradução dos Viscondes/Chagas em 2005. Segundo seu portal¹⁹⁴, “A Editora Martin Claret foi fundada em São Paulo, no início da década de 1970, pelo empresário, editor e jornalista gaúcho Martin Claret, [...]” (2009:s.p). A edição, que faz parte da coleção *A obra-prima de cada autor – Série Ouro* tem dois volumes (592p. e 624p.), com ilustrações do Doré, brochura sem prefácio nem estudo crítico. Segundo os livreiros consultados, as obras da Martin Claret reproduzem os textos originais de obras consagradas e que já tenham seus direitos autorais vencidos. Por este motivo, conseguem fornecer os textos integrais a preços acessíveis. A mesma edição foi reimpressa em 2007 e 2008.

Em 2007 surge a primeira edição eletrônica em português, tradução dos Viscondes/Chagas, intitulada *D. Quixote de La Mancha*, com as seguintes informações: “Digitalização da edição em papel de Clássicos Jackson, Vol. VIII. Inclusões das partes faltantes confrontadas com a edição em espanhol da eBooksBrasil.com (1999, 2005)”.

Segundo entrevista feita por Mécia Rodrigues, Janer Cristaldo e Olgierd Sokolowski (2002), Teotonio Simões é um sociólogo de formação, trabalhou como publicitário durante trinta e cinco anos e fundador do site *ebooksbrasil.com*, no ar desde 29 de outubro de 1999, em 2002 com mais de dez mil títulos disponibilizados. Em seu blog, Simões (2005) explica que o site foi retirado do ar em outubro de 2005 e voltou em janeiro de 2005, em outro endereço eletrônico, *ebooksbrasil.org* e com a mesma direção. No primeiro livro (919p.) a capa é de Honoré-Victorin Daumier (1808-1879). A seguir aparece uma *Nota do Editor*, assinado como eBooksBrasil (2005). O texto inicia com uma citação do Monteiro Lobato, do *D. Quixote das crianças*, cita Maria Fernanda de Abreu, a versão de Aquilino Ribeiro e apresenta uma longa nota biográfica do Visconde de Azevedo. É mencionada a fonte da digitalização,

A presente edição, em eBook, teve por base a digitalização dos volumes VIII e IX da coleção *Clássicos Jackson*, com a inclusão das partes acima referidas. A ortografia foi ‘abrasileira’, mas foram conservados todos os vocábulos, por mais arcaicos que fossem, por respeito aos tradutores e, mais, por respeito à própria língua portuguesa. (DQ, N.E, 2005:11).

¹⁹⁴ Portal da Martin Claret: Disponível em <http://www.martinclaret.com.br/>. Acessado em 7 jul 2009.

Logo depois aparece um curto texto de duas páginas, *Don [sic] Quixote (Em comemoração de seu quarto centenário)*, assinado pelo paulista Teotonio Simões. Depois surge o texto de quatorze páginas de alemão Rudolf Rocker¹⁹⁵, escrito em 1905 *Don [sic] Quixote (Em comemoração de seu terceiro centenário)*, um texto autobiográfico e um pouco panfletário sobre a leitura do *Quixote*. Na página seguinte, uma reprodução de um quadro de um retrato de Cervantes de Eduardo Balaca (1840-1914). No segundo livro, é intitulado erroneamente *O Engenhoso Fidalgo D.Quixote de La Mancha Segunda Parte*.

¹⁹⁵ Segundo Wikipédia nasceu em 1873 e morreu em 1958 e foi um “propagandista, escritor e orador anarquista, partidário do sindicalismo revolucionário.” Escreveu o livro *Anarcho-Syndicalism: Theory and Practice. An Introduction to a Subject Which the Spanish War Has Brought into Overwhelming Prominence*. London: Secker and Warburg, 1938. Second expanded edition. India: Modern Publishers, 1947. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Rocker. Acessado em: 8 jul 2009. O texto foi retirado da tradução publicada pelo mesmo site, com o título *As Idéias Absolutistas no Socialismo*. São Paulo: ebooksBrasil, jul 2002.

4.1.2 - Catálogo das traduções do *Quixote* publicadas no Brasil

Ano	Editora	Tradutor	Descrição	Páginas
1942	Edições Cultura	Viscondes / Chagas	Pref.: José Pérez - Vol. I - Ilustrações : Tarsila do Amaral	586
1943	Edições Cultura	Viscondes / Chagas	Pref.: José Pérez - Intr.: Luis Amador Sánchez - Vol. II	614
1945	Edições Cultura	Viscondes / Chagas	Reimpressão - Dois Vol.	
1948	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Pref.: Federico de Onís - Dois Vol.	465 cd
1949	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1952	José Olympio	Andrade e Amado	Pref.: Luís da Câmara Cascudo - Intr.: José Brito Broca - Ilustr.: Gustave Doré - Cinco Vol.	1864
1952	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	1864
1954	José Olympio	Andrade e Amado	Tradução revisada e acréscimo de NT. por Milton Amado	
1955	Atena	Viscondes / Chagas	Pref.: Luis Amador Sánchez - Dois Vol.	
1955	Logos	Viscondes / Chagas	Ilustrações: Gustave Doré - Dois Vol.	
1955	Tietê	Viscondes / Chagas	Comentários e NT.: Artur Neves - Ilustr.: Gustave Doré (356) e outros - Quatro Vol.	201 (vol.1)
1956	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1957	Edigraf	Viscondes / Chagas	Ilustr.: Gustave Doré - Três Vol.	
1957	Logos	Viscondes / Chagas	Reimpressão - Três Vol. - Ilustrações : Gustavo Doré	1226
1958	José Olympio	Andrade e Amado	Reimpressão e acréscimos de NT. por Milton Amado	1854
1958	Círculo do Livro	Andrade e Amado	Prefácio Otto Maria Carpeaux - Ilustrações Gerhat Kraaz	
1960	Edigraf	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1960	José Aguilar	Viscondes / Chagas	Txt.:Julio Cejador y Frauca, Justo García Soriano, Justo García Morales - Vol. Único	1150
1960	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1963	Difusão Européia do Livro	Aquilino Ribeiro	Intr.: Julio García Morejón - Pref.: Aquilino Ribeiro - NT. Maurice Bardou - Dois Vol.	466/473
1964	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1967	Difusão Européia do Livro	Aquilino Ribeiro	Reimpressão	
1970	W.M.Jackson	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1973	José Olympio	Andrade e Amado	Reimpressão	
1975	Abril Cultural	Viscondes / Chagas	Vol. Único - NT. José Maria Castro Calvo traduzidas por Fernando Nuno Rodrigues	609
1978	Abril Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1978	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Intr.:Otto Maria Carpeaux - Ilustr.: Gerhat Kraaz - Vol. Único - NT.: Castro Calvo/Rodrigues	863
1980	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1980	Otto Pierre	Viscondes / Chagas	Ilustr.: Gustave Doré - Dois Vol.	310/352

1981	Abril Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1981	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1981	Abril Cultural	Viscondes / Chagas	Notas José Maria Castro Calvo traduzidas por Fernando Nuno Rodrigues	
1983	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão - Dois Vol.	440/422
1983	Civilização Brasileira	Viscondes / Chagas	Intr.: Otto Maria Carpeaux - Ilustr.: Gerhat Kraaz - Vol. Único - NT.: Castro Calvo/Rodrigues	863
1983	Itatiaia	Eugênio Amado	Intr. : Julio García Morejón - Ilustr.: Gustavo Doré (370) - Dois Vol.	491/531
1984	Cultura Universal	Viscondes / Chagas	Pref.: Federico de Onís - Dois Vol.	
1984	Itatiaia	Eugênio Amado	Reimpressão	
1987	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1990	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	609
1990	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1991	Villa Rica	Eugênio Amado	Reimpressão	
1992	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1993	Círculo do Livro	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1993	Nova Aguilar	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1993	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1995	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1997	Villa Rica	Eugênio Amado	Reimpressão	
1998	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
1998	Ediouro	Andrade e Amado	Intr.: Brito Broca - Dois Vol.	556/651
1998	Publifolha/Ediouro	Andrade e Amado	Intr.: Brito Broca - Dois Vol.	560/556
2002	Ediouro	Andrade e Amado	Intr.: Brito Broca - Ilustrações: Gustave Doré - Três Vol.	678/679/467
2002	Editora 34	Sergio Molina	Apresentação: Maria Augusta da Costa Vieira - Ilustr.: Gustave Doré (20) - 1º Livro	736
2002	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	690
2003	Editora Pradense	Viscondes / Chagas	Intr.: Ricardo Stefani - Vol. Único	
2003	Editora 34	Sergio Molina	Reimpressão - Primeiro Livro	
2003	Nova Cultural	Viscondes / Chagas	Reimpressão	690
2004	Ediouro	Andrade e Amado	Reimpressão	
2004	Nova Aguilar	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
2005	Ediouro	Andrade e Amado	Reimpressão	
2005	Editora 34	Sergio Molina	Primeira Parte Apresentação: Maria Augusta da Costa Vieira - Ilustr.: Gustave Doré	736
2005	Martin Claret	Viscondes / Chagas	Ilustr.: Gustave Doré - Dois Vol.	592/624
2005	Record	Nougué e Sánchez	Apresentação: Francisco Corral - NT. dos tradutores: Nougué e Sánchez - 1º Livro	570
2005	L & PM	Viscondes / Chagas	Notas traduzidas por Fernando Nunos Rodrigues - Dois Vol.	511/518

2005	Villa Rica	Eugênio Amado	Tradução revisada - Intr.: / Pref.: Eugênio Amado - Ilustr.: Gustave Doré - Vol. Único	994
2006	L & PM	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
2007	eBooksBrasil	Viscondes / Chagas	Nota do Editor: Teotonio Simões - Texto: Rudolf Rocker - Dois Vol.	919/ ?
2007	Editora 34	Sergio Molina	Segunda Parte Apresentação Maria Augusta da Costa Vieira - Ilustr.: Gustave Doré	856
2007	Editora 34	Sergio Molina	Reimpressão - Primeiro Livro	
2007	Martin Claret	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
2007	L & PM	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
2008	Martin Claret	Viscondes / Chagas	Reimpressão	
2008	Editora 34	Sergio Molina	Reimpressão - Primeiro Livro	

4.1.2.1 - Participação por tradutores

Tabela 4.1 – Porcentagem de publicações por tradutores

Tradutor	Publicações	%
Viscondes/Chagas	48	67
Almir de Andrade e Milton Amado	10	14
Aquilino Ribeiro	2	3
Eugênio Amado	5	7
Sergio Molina	6	8
Carlos Nougé e José Luis Sánchez	1	1
Total	72	100

4.1.3 - Tradutores do *Quixote*

A história dos tradutores do *Quixote* para o português inicia-se com o fato insólito da sua tradução tardia, durante quase dois séculos, cento e setenta e nove anos, a obra foi lida em seu idioma original¹⁹⁶. Mesmo tendo ter três edições em espanhol publicadas em Lisboa no mesmo ano da primeira publicação de Madrid, em 1605, só em 1794 o *Quixote* é traduzido ao português “vulgar”, mas o texto publica-se sem autoria. Postigo Aldeamil (1999) sugere um nome bastante plausível para esse tradutor anônimo:

É, em finais do século XVIII, que se começa a sentir a necessidade de ler a obra traduzida e se publicam seis pequenos volumes de tradutor anónimo que podia muito bem ter sido realizada por Francisco Rolland, o autor de *Adagios, proverbios, rifões e anexins da Língua Portuguesa*, volume também publicado pela Typografia Rollandiana em 1780. (Ibid.:4, itálicos da autora).

A estudiosa portuguesa Maria Fernanda de Abreu (1994) não arrisca desvendar o anonimato do tradutor, mas descreve a obra¹⁹⁷, editada em seis volumes, três para cada livro, com a eliminação dos prólogos, poemas, aprovações, todos os textos anteriores ao primeiro capítulo de cada livro. O segundo livro é denominado assim como o primeiro, sem a mudança de fidalgo para cavaleiro.

4.1.3.1 – Tradução de Viscondes/Chagas

Após outra edição anônima em 1853, pela Typografia Universal em Lisboa¹⁹⁸, surge em 1876/1978 uma tradução com autoria conhecida, a tradução mais publicada até hoje na língua portuguesa, conhecida como a “dos Viscondes”, iniciando talvez uma tradição de injustiças históricas e omissões autorais nas traduções do *Quixote* que perduram nas publicações até hoje. Abreu fornece detalhes sobre a

interessante história desta tradução que, promovida pela Companhia Litteraria do Porto, começou a ser realizada por António Feliciano de Castilho, e viu interrompida por morte deste; foi continuada pela morte deste [1875]; foi continuada pelo 1º visconde de Azevedo e, de novo interrompida por morte deste; finalmente, viu-se concluída por M. Pinheiro Chagas, que

¹⁹⁶ Estuda-se esse fato de maneira mais aprofundada em COBELO, Silvia. *A tradução tardia do Quixote em Portugal*. Manuscrito inédito. São Paulo, 2009.

¹⁹⁷ Mais detalhes podem ser visualizados na obra integral digitalizada no *Google Livros*.

¹⁹⁸ Idem nota anterior.

fora, antes, o autor do 'Prefácio' que apresentava a obra e o seu autor aos leitores. (1994:83).

Ao pesquisar sobre a vida de António Feliciano de Castilho (1800-1875)¹⁹⁹, toma-se conhecimento de um dado curioso e inédito, ele ficou cego por causa de um sarampo aos seis anos em sua cidade natal, Lisboa. Foi autor de mais de dez livros e também traduziu obras do latim, francês e inglês tais como: *A Lírica*, de Anacreonte; *Amores*, de Ovídio; *Geórgicas*, de Virgílio; *Médico à Força*, *Tartufo*, *O Avaro*, *Doente de Cisma*, *Sabichonas* e *Misanthropo*, todos de Molière; *O Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare; *Fausto*, de Goethe; e a derradeira tradução, o início do *Quixote*. É realmente uma produção impressionante para alguém cego, muito mais na época que não havia recurso algum para deficientes visuais²⁰⁰. No Dicionário Histórico de Portugal²⁰¹ informam que teve que

estudar ouvindo a leitura de textos e sendo obrigado a ditar toda a sua obra literária. Aprendendo somente pelo que ouvia ou lhe diziam, Castilho conseguiu alcançar razoável erudição no latim e nas humanidades clássicas, o conhecimento superficial de algumas línguas, e o conhecimento aprofundado da língua portuguesa, que lhe permitiu distinguir-se como poeta e prosador. (2009:s.p)

Formou-se bacharel na Universidade de Coimbra, foi dono de uma livraria em Lisboa, de uma tipografia nos Açores, escreveu um método de ensinar a língua portuguesa. Para divulgar sua obra, *Methodo Portuguez Castilho*, visita o Brasil em 1855 e fica amigo de D. Pedro II. Parece que foi criticado por traduzir Fausto do francês e não do alemão e por traduzir Shakespeare sem saber inglês. Cinco anos antes de sua morte recebeu o título de Visconde. Ele morreu aos setenta e cinco anos, um ano antes do lançamento da edição do *Quixote* em 1876, Abreu informa que o tradutor chegou ao capítulo XXV²⁰² do primeiro livro.

Após a morte do Visconde de Castilho surge em cena o Visconde de Azevedo. Antes dele, o filho de Castilho, Latino Coelho e o grande escritor Camilo Castello Branco teriam sido cogitados para finalizar a tradução. Castello Branco recusa a tarefa, inclusive afirmando não gostar da obra, em uma carta ao Visconde de Azevedo²⁰³. A tarefa coube a Francisco Lopes de Azevedo Velho de Fonseca

¹⁹⁹ Ver mais em <http://www.apec.org.pt/castilho.htm>. Acessado em 8 jul 2009.

²⁰⁰ O método Braille foi completamente desenvolvido somente em 1837, e só seria divulgado na Europa e Estados Unidos após um congresso internacional em Paris, 1878. Ver mais em <http://www.senai.br/braille/historia.htm>. Acessado em 8 jul 2009.

²⁰¹ Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/castilhoantoniof.html>. Acessado em 8 jul 2009.

²⁰² Ou XXXV, segundo matéria no artigo em *O Commercio do Porto*. ABREU (1994:254).

²⁰³ Ver a carta em ABREU (1994:257).

Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho (1809-1876)²⁰⁴, que foi feito Visconde de Azevedo em 1846 pela rainha Maria II e poucos dias antes de morrer, em 1876, é proclamado Conde pelo rei Luís I. Foi eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa em 1853. Ao assumir a tradução ele também já tinha sessenta e seis anos de idade (em 1870 a vida média era de quarenta anos²⁰⁵) e morreria um ano depois, no lançamento da primeira parte do *Quixote*. Pelo tempo que dedicou ao trabalho é muito improvável que tenha traduzido mais que o primeiro livro. Não foram encontradas referências literárias em sua biografia, mas esta pesquisa não foi exaustiva.

Abreu inclui um terceiro tradutor dessa edição do *Quixote*: “- a tradução conhecida vulgarmente como a dos viscondes de Castilho e Azevedo, 1876-78, com Prefácio de Pinheiro Chagas que colaborará também na tradução da *Segunda Parte* (p. 77)”. Esse prefácio seria “o mais importante texto crítico que, acerca de Cervantes e do *Dom Quixote* se produziu em Portugal durante o século XIX.” (p.83). Em outro artigo, Abreu (2009) menciona o comentário do diretor da Biblioteca Nacional, Xavier da Cunha (1908)²⁰⁶ no catálogo da *A Exposição Cervantina*, feito para as comemorações do tricentenário, confirmando o lisboeta Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895) como tradutor de parte do segundo livro. Esse prefácio, que infelizmente não acompanhou nenhuma das edições estudadas é chamado pela pesquisadora portuguesa como “o mais amplo comentário que a obra desperta entre os escritores portugueses no século XIX” (s/p.) O jovem autor de trinta e quatro anos teria mostrado um conhecimento da crítica cervantina da época, assim como das diversas interpretações que a obra havia tido ao longo do tempo e em várias culturas ocidentais.²⁰⁷

Pinheiro Chagas, além de romancista (onze romances), dramaturgo (seis peças, algumas de suas peças teriam ficado em cena por mais de um século), historiador (dez obras), poeta (o *Poema da Mocidade*, de 1865, foi prefaciado pelo Visconde de Castilho, seu padrinho), foi também jornalista e diretor de vários periódicos de Lisboa. A partir da sua ativa presença na imprensa ele é eleito várias

²⁰⁴ Portal Português. Disponível em: <http://www.jf-mazarefes.com/?m=historia&id=554>. Acessado em 8 jul. 2009.

²⁰⁵ Conferir em <http://www.geocities.com/chbrack/cap1.htm>. Acessado em 8 jul 2009.

²⁰⁶ CUNHA, Xavier da, *A exposição cervantina da Bibliotheca Nacional de Lisboa*. Lisboa: Imp. Nacional, 1908. (Capítulo das traduções portuguesas).

²⁰⁷ Parte desse prefácio pode ser apreciada em ABREU (2006:305-306) e no subcapítulo, *O Prefácio de Pinheiro Chagas (1876)* em ABREU (1994:82-92).

vezes deputado, a primeira vez com apenas trinta anos e chega a ser nomeado Ministro da Marinha e Ultramar²⁰⁸. Também foi professor de Literatura Clássica do Curso Superior de Letras e ainda teve tempo para traduzir. Segundo o portal da Biblioteca Nacional²⁰⁹, o período de 1860-1920 foi um período dominado pelas traduções. Pinheiro Chagas faz a segunda tradução para o português de *Robinson Crusoe*²¹⁰, e obras de Julio Verne. Sobre a tradução do *Quixote* é interessante observar a opinião de Jorge Peixoto²¹¹:

nos meados do século XIX, as traduções dos viscondes de Castilho e de Azevedo, Pinheiro Chagas [1876-78] e de Benalcanfôr [1877] marcam um novo rumo neste capítulo. São tradutores escrupulosos e de prosa escorreita. Levados talvez pela inferioridade em que viam as nossas letras no capítulo das traduções do *Quixote* ou ainda tentados pelo belo exercício que tal poderia constituir, realizaram trabalho de largo merecimento. [...] as traduções subseqüentes vão todas entroncar na de Castilho-Azevedo-P.Chagas. (Peixoto, apud Abreu, 1994:82-83).

Notar que Jorge Peixoto denomina a tradução como Castilho-Azevedo-P. Chagas, acredita-se, pelos dados levantados, que foi feita uma grande injustiça a Pinheiro Chagas, que por alguma estranha razão, teve seu nome eliminado dos créditos para sempre. Os estudos feitos indicam que apesar de não figurar como tradutor nos créditos da edição mais publicada em português²¹², possivelmente deve ter traduzido grande parte da obra, possivelmente todo o segundo livro, pois o Visconde de Azevedo assumiu a tradução com apenas vinte cinco capítulos da primeira parte, em 1875 e morreu um ano depois; portanto não deve ter podido avançar muito. Como parâmetro, Sergio Molina afirmou ter feito a tradução da primeira parte em um ano e meio, e há grande diferença de velocidade de produção com os recursos atuais.

²⁰⁸ Dados de Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Joaquim_Pinheiro_Chagas. Acessado em 9 jul 2009.

²⁰⁹ Biblioteca Nacional. *O romance de aventuras em Portugal*. Disponível em: <http://purl.pt/301/1/ap-pt-2-1860.html>, Acessado em 9 jul 2009.

²¹⁰ DEFOE, Daniel. *A vida e as aventuras de Robinson Crusoe...* trad. de Pinheiro Chagas. Paris, Lisboa: Guillard, Aillaud & C.ia, [189-?].

²¹¹ PEIXOTO, Jorge. "Bibliografia das Edições e Traduções do D. Quixote Publicadas em Portugal." In *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*. Vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 598, 1961. O texto citado aparece em ABREU (1994:82).

²¹² Dado confirmado em Portugal por ABREU (1994:255) e no Brasil, pelos resultados desta dissertação.

4.1.3.2 – Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado

Algo parecido ocorreu no Brasil, com a primeira tradução brasileira, iniciada por Almir de Andrade, foi terminada por Milton Amado. Almir de Andrade era escritor, filósofo, e tradutor, entre outras coisas. Losso (2008) oferece um pouco de sua biografia:

Nascido em 1911, no Rio de Janeiro, Andrade logo terá contato com as letras e, por meio delas, envolver-se-á com o Estado Novo. Antes mesmo de ingressar na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, em 1927, debuta como autor nas páginas de periódicos colegiais, sendo a literatura seu assunto preferencial. Formado em 1931 em Ciências Jurídicas e Sociais, será colaborador do jornal *A Razão*, dirigido por Plínio Salgado, futuro chefe nacional da Ação Integralista Brasileira. (2008:102).

Foi nessa faculdade de direito no Rio de Janeiro que ele iniciou amizade com vários intelectuais importantes da época, como Thiago Dantas, Hélio Viana e Vinícius de Moraes²¹³. “Almir de Andrade fundou e dirigiu a publicação *Cultura Política*, revista editada e publicada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) entre 1941 e 1945.” (Ibid.:96). Desde o primeiro número, “Andrade deixa clara a intenção de relacionar o pensamento brasileiro com o regime de 1937 [Estado Novo de Getúlio Vargas]” (Ibid.:98). Moraes (2006), menciona que Graciliano Ramos revisava textos e redigia crônicas sobre costumes nordestinos para a revista *Cultura Política*, que, segundo ele,

reunia intelectuais de diversas tendências, como Nelson Werneck Sodré, Marques Rebelo, Luís da Câmara Cascudo, Herberto Sales, Guerreiro Ramos, Peregrino Júnior e Gilberto Freyre. A sustentação doutrinária competia a nomes identificados com o Estado Novo, como Azevedo Amaral, Cassiano Ricardo, Almir de Andrade, Menotti Del Picchia e Francisco Campos. (2006:s.p)

Nas edições do *Quixote* editadas pela José Olympio, na página anterior à página de rosto, são anunciadas as obras de Almir de Andrade²¹⁴, duas sobre psicologia, *A Verdade contra Freud* (1933), o qual foi traduzido e publicado em Madrid, 1934 e *Da interpretação na psicologia* (1936), sua tese de concurso, *O direito de propriedade* (1936). Escreveu uma única obra de ficção, o romance *Duas Irmãs* (1944). A maior parte da sua obra é dedicada à política: *Aspectos da Cultura Brasileira* (1939), *Força, cultura e liberdade* (1940), *Os primeiros estudos sociais no*

²¹³ Informações retiradas do portal Português do Brasil. Disponível em: http://www.portuguesdobrasil.net/vinicius_de_moraes.htm. Acessado em 10 jul. 2009.

²¹⁴ Quase todas editadas pela própria editora José Olympio. Cfr. CERVANTES (DQ, 1952, 1954, 1958).

Brasil (1941), *Contribuição à História Administrativa do Brasil* (1950), *As duas faces do tempo* (1971), *Ensaio crítico sobre os fundamentos da filosofia dialética* (1971) *O capital através das doutrinas econômicas* (1973), *Lições de Direito Constitucional* (1973).

Como tradutor, traduziu do inglês, *A psicanálise ao alcance de todos* (1940) de Joseph Jastrow, *A Ciência da Vida* (1940) de HG Welles, Huxley & GP Welles, *O romance da medicina* (1942) de Logan Clendening, *O plano Beveridge* (1943) de William Beveridge, os quatro volumes da *Pequena Enciclopédia de Conhecimentos Gerais* (1950/53/55) organizada pelo professor escocês Hyman Levy, *Viagens de Gulliver* (1950) de Jackson Swift. Do alemão, *O mediterrâneo* (1943) e *Freud desmascarado* (1948) de Emil Ludwig. Do francês, *Indiana* (1943) e *Mauprat* (1945) de George Sand e *Os Cossacos* (1942) de Leon Tolstoi, pois provavelmente partiu de uma tradução francesa (informação a ser checada em trabalho futuro). Não foi encontrada nenhuma obra traduzida do espanhol além do *Quixote*.

Almir de Andrade concedeu duas entrevistas na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, ao Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (1981 e 1984)²¹⁵, e publicou no mesmo ano de sua morte, em 1991, aos oitenta anos, um artigo na Academia Brasileira de Filosofia do Rio de Janeiro²¹⁶, do qual era membro.

Um dos objetivos da pesquisa de sua biografia era encontrar a razão pela qual Almir de Andrade não teria terminado a tradução do *Quixote*. Na entrevista com Eugênio Amado obteve-se a informação de que Almir de Andrade, aos quarenta anos, teria sido chamado para trabalhar com o recém-eleito Getúlio Vargas, em seu segundo governo, iniciado em 1951 e terminado tragicamente três anos depois. Essa informação foi confirmada por seu amigo, João Ricardo Moderno, Presidente da Academia Brasileira de Filosofia em uma comunicação pessoal. Almir de Andrade teria sido chamado para trabalhar como subchefe da Casa Civil de Vargas em 1951,

²¹⁵ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>. Acessado em 10 jul. 2009.

²¹⁶ ANDRADE, Almir de. “O Pensamento do Acadêmico Jorge Jaime de Souza Mendes – Conheçamo-nos uns aos outros”, N° 4, Academia Brasileira de Filosofia, 1991. Academia Brasileira de Filosofia (RJ). Disponível em <http://www.filosofia.org.br>. Acessado em 10 jul. 2009.

participando do governo até o final, inclusive teria sido uma das testemunhas presentes no Palácio do Catete em 1954, no fatídico dia do suicídio do presidente.

Não se sabe quanto realmente ele chegou a traduzir do primeiro livro, dos cinquenta e dois capítulos, o editor informa na edição, que Milton Amado traduziu todas as poesias do início da obra e praticamente todas as formas poéticas que aparecem ao longo da narrativa, inclusive na edição de 1958, quase todos os poemas do primeiro livro aparecem com uma nota, “traduzido por M.A”. Apesar de ter sido feita uma observação superficial, a impressão, ao ler os poemas e sonetos, é que têm o mesmo estilo, e parecem ter sido traduzidas por Milton Amado, quem, aliás, era já famoso por suas excelentes traduções de poesias. Evidentemente Almir de Andrade não participou da revisão editada em 1954, pois nesse tempo estava ainda no governo. Esse é um excelente campo de estudos, com certeza muito atraente aos estudiosos da tradução poética, em especial a cervantina.

Milton Amado. Mesmo após entrevista pessoal com seu filho Eugênio, ainda resta uma personagem algo incógnita. As pesquisas feitas nesta dissertação o apontam como o verdadeiro responsável pela excelência da edição da José Olympio, especialmente após sua rigorosa revisão em 1954 e 1958. Apenas observando a diferença entre o número de notas já é possível perceber seu extenuante trabalho e cuidado com o texto.

Milton Amado ficou famoso por sua tradução de *O Corvo*, de Edgar Allan Poe. Ivo Barroso (1998) chegou a fazer um livro inspirado nela e segundo informação pessoal de seu filho Eugênio, essa tradução esteve intimamente ligada à tradução do *Quixote*. Quando Almir de Andrade foi trabalhar no governo de Getúlio Vargas em 1951, o editor José Olympio foi obrigado a encontrar um tradutor. Claro que, por ser a obra de Cervantes, não poderia ser qualquer um. Parece que o dono da Itatiaia, também livreiro, Pedro Paulo Senna Madureira, sugeriu o nome do tradutor que prestava serviços à sua editora, Milton Amado, para terminar a tradução. Eugênio Amado conta que José Olympio desconhecia o nome de seu pai, mas Aurélio Buarque elogiou sua tradução de *O Corvo* e ainda teria afirmado que Érico Veríssimo também era fã dessa versão de Poe feita pelo jovem jornalista mineiro. Felizmente o editor ouviu as recomendações e passou o trabalho a Milton Amado, que não só traduziu o segundo livro, mas como já foi visto, mas também, as poesias do primeiro livro além de elaborar quase todas as notas (Almir de Andrade assina só dezessete notas, de duzentas e trinta e uma, da primeira edição).

Nascido em 1913 em Figueira de Rio Doce, hoje conhecida como Governador Valadares, teria sido descrito por João Calmon (1999) como um aluno brilhante

O mais brilhante de meus colegas de Ginásio era Milton Amado. Só recebia nota 10 com louvor e, talvez por isso, era major, posto mais elevado em nosso batalhão colegial. Sem dúvida um aluno de QI altíssimo, tão logo conclui o curso foi contratado para ser professor de três ou quatro disciplinas [...]. (1999:19).

Milton Amado casou-se e foi morar em Belo Horizonte, e foi trabalhar em um importante jornal de Minas,

“O *Diário*” começou a circular em 1935, fazia oposição ao governo de Vargas e foi escola de jornalismo e reduto dos melhores intelectuais, como João Etienne Filho, Edgar de Godói da Mata Machado, Milton Amado e João Camilo Oliveira Torres. (1997:46, *itálicos e aspas no original*).²¹⁷

Não deixa de ser uma grande ironia da história, que um jornalista de um periódico que fazia oposição ao governo Vargas, tenha sido o tradutor escolhido para completar a tradução do *Quixote*, iniciada por justamente por Almir de Andrade, um intelectual bastante ligado a esse mesmo presidente.

Apesar de haver trabalhado toda sua vida como jornalista e cronista em vários jornais²¹⁸ e depois como publicitário (Norton) até ser fulminado por uma precoce morte aos sessenta e um anos, em 1974, e sem ter freqüentado escola de línguas, Milton Amado sempre manteve sua carreira de tradutor em paralelo. Apesar de não completa, pela lista compilada, a partir de 1942 ele teria traduzido mais de trinta livros (do inglês, francês e espanhol) inclusive títulos famosos e que aparecem em inúmeras citações bibliográficas no Google acadêmico, livros como *A Arte de Amar* (1960) de Erich Fromm, *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce* (1974) de Saint-Hilaire e a obra, *A sociedade democrática [aberta] e seus inimigos* (1959/1975) de Karl Popper, muito citada em trabalhos acadêmicos (*Google Acadêmico*).

Antes do *Quixote*, o qual traduziu aos trinta e oito anos, ele já havia traduzido toda a poesia de Poe²¹⁹, fato que o deixou conhecido como um excelente tradutor de poesia, não por acaso as poesias do *Quixote* ficaram sob sua responsabilidade.

Ivo Barroso (1998) compilou nove traduções do poema de Edgar Poe²²⁰, escolhendo a versão do primeiro tradutor brasileiro do *Quixote*.

²¹⁷ REVISTA IMPRENSA. São Paulo: Feeling Promoção e Comunicação, p. 46, 1997.

²¹⁸ BARROSO (1998:21) “Com o pseudônimo de Lucílio Mariano assinou crônicas do cotidiano, sabidamente admiráveis, e, a julgar pelos dotes de tradutor de poesia, certamente poemas seus, hoje à espera de alguém que lhes faça justiça reunindo em livro toda essa produção esparsa.

²¹⁹ POE, Edgar A. *Ficção Completa, Poesia & Ensaios*. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Aguilar, 1944/1965.

Embora sejam todas traduções de alto nível, Milton conseguiu, em ‘O Corvo’, alcançar aquele momento com que sonham todos os tradutores de poesia: o da transmigração absoluta do conteúdo e da forma de um poema para o território de sua própria língua, dando-lhe o passaporte de uma nova identidade para sua vida autônoma. (1998:21, aspas do autor).

Justamente para que se possa dar o verdadeiro valor ao trabalho poético na tradução da obra de Cervantes, transcreve-se aqui o final do ensaio inicial da obra de Barroso, que continua a aclamar o “jornalista praticamente desconhecido”:

A grande tradução do poema – a de Milton Amado – preserva ambas as qualidades: é oral, declamativa, fluente, emocionante; e é um texto denso, rico de invenções, de compensações, preservações e salvamentos, que se presta ao estudo semiótico. Não estamos diante de um ‘mecano’ construído nos laboratórios universitários da tradução par ao deleite de meia dúzia de discípulos basbaques, mas diante de um poema ‘vivo’, de aceitação ampla e corrente. Como disse o próprio Poe, ‘um poema só o é quando emociona, intensamente, elevando a alma... tive firmemente em vista de tornar a obra apreciável por todos’. Também neste ponto, Milton lhe foi fiel. (Ibid.:23-24, aspas do autor).

Além de traduzir o segundo livro ele também foi o tradutor das poesias do primeiro livro, como confirma a nota da edição de 1952, “Estas poesias que abrem o Livro I, traduzidas por *Milton Amado*” (DQ, N.E, 1952:111) e as notas de rodapé das outras edições consultadas. Também foi o responsável pela revisão da tradução em 1954 e 1958, quadruplicando o número de notas. Nas notas Milton Amado revela suas opções tradutórias, muitas vezes oferecendo o texto na versão original em espanhol, e nas duas versões em português existentes, a dos Viscondes/Chagas e a de Benalcanfor. Essas edições e suas modificações é outro assunto que terá que ser examinado mais tarde, por sua complexidade e extensão.

Claro que depois da tradução do *Quixote*, ele ficou também muito conhecido por esse primoroso trabalho, sendo elogiado em artigos jornalísticos esparsos, a serem catalogados e analisados em um estudo das críticas publicadas na imprensa sobre as traduções do *Quixote* em breve.

Milton Amado traduziu outros autores consagrados após o *Quixote*. No mesmo ano da primeira edição do *Quixote* de 1952, seu nome aparece como um dos tradutores de Tolstói, e a própria José Olympio reconhece seu talento ao encomendar a tradução do êxito de Daphne Maurier, *A morte não nos separa* (1955) e o clássico de Dickens, *Vida e aventuras de Nicholas Nickeby* (1957), as duas

²²⁰ Além do original. Comparou a de Baudelaire, 1853, Mallarmé (1880), Machado de Assis (1883), Emílio de Meneses (1917), Fernando Pessoa (1924), Gondin da Fonseca (1928), Milton Amado (1943) e Benedito Lopes (1956). O livro tem uma excelente introdução de Carlos Heitor Cony, também apreciador de Milton Amado.

traduções assinadas também por seu antigo e freqüente parceiro Oscar Mendes. Assina sozinho a tradução de outra obra de Tolstoi em 1962, e em 1964 traduz *A morte de Ahasverus*, de Pär Lagerkvist, Nobel de Literatura em 1951.

4.1.3.3 – Tradução de Aquilino Ribeiro

O escritor português Aquilino Ribeiro (1885-1963) assina mais de setenta obras, entre contos, novelas, romances, estudos etnográficos, biografias, ensaios, impressões de viagem, literatura infantil. Parece que começou a traduzir muito cedo, e de maneira anônima, antes mesmo de estreitar como autor aos vinte e oito anos com seu livro de contos, segundo contaria em seu livro de memórias, *Um Escritor Confessa-se*. Ele traduzia mesmo de línguas que conhecia pouco, como conta Henrique Almeida (2006):

O primeiro trabalho remunerado do jovem Aquilino é mesmo uma tradução. A oportunidade fora-lhe proporcionada pela Livraria Bertrand para traduzir *Il Santo*, obra de Antonio Fogazzaro. [...] Com dicionário e gramática em punho, ajudado pela tradução francesa, verte o romance para Português.

Datam deste período outros trabalhos de tradução, resultantes da proposta, “por atacado”, da Livraria Tavares Cardoso. Traduziu então autores em voga (entre os quais Tolstoi, Mantegazza, Dubut de Laforest), tarefa que manteve durante um ano e pela qual recebia um ‘salário’ com regularidade. Dessa forma conseguia meio de sustento e, concomitantemente, ‘firmava o punho na arte de redigir e exercitava o domínio da língua francesa’. (Ribeiro, 1972:181)²²¹ Lamentava apenas ver mais tarde nos escaparates os livros traduzidos sem que se soubesse quem era o tradutor.

Quando se deslocava à aldeia durante um período mais prolongado, aí trabalhava afanosamente nas traduções. Recebia as obras por encomenda e enviava-as pelo correio. Escrevia então com denodado afinho horas a fio. Aquilino tinha nesta altura 20 anos e saíra dois anos antes do seminário de Beja, onde a sua formação humanística lhe permitia ler no original o Latim, Grego, Francês e Espanhol (mais precisamente o Castelhana e o Galego). (2006:130, itálicos do autor).

Almeida, da Universidade Católica Portuguesa de Viseu, também discute a tradução das obras de Cervantes. Aquilino Ribeiro, depois de traduzir o *Quixote* em 1954²²², foi responsável, quatro anos depois, pela primeira tradução ao português da

²²¹ RIBEIRO, Aquilino. *Um Escritor Confessa-se*. Lisboa: Bertrand, 1972.

²²² Nota 10 de ALMEIDA (2006:135) “1ª edição de Dom Quixote de La Mancha - Tradução e estudo de Aquilino Ribeiro data de 1954, numa edição de luxo, ilustrada por Lima de Freitas, em 2 volumes. Foi editada na mesma altura uma separata de poucos exemplares, “D. Quixote e o seu Autor”, que Aquilino ofereceu aos amigos. [...]Note-se que na edição de luxo, de 1954, Aquilino faz demoradas apreciações das traduções até então existentes.”

versão integral das *Novelas Exemplares* (1958)²²³. Almeida discorre um pouco sobre essa empreitada, na qual Aquilino Ribeiro tinha sessenta e nove anos na data da edição da obra.

Ao contrário dos contextos circunstanciais que ditaram os anteriores investimentos, a tradução de Dom Quixote de la Mancha e das Novelas Exemplares, de Miguel de Cervantes, exigiu de Aquilino prolongado investimento. No Dom Quixote, já vertido anteriormente para a língua portuguesa, enfrentou a tarefa de recriar uma obra-prima de outra época, introduzindo uma revitalização idiomática e as suas inconfundíveis marcas estilísticas. Ao enfrentar este desafio, o tradutor chega a questionar se valeria a pena o empreendimento; mais, se tinha o direito de verter para português um texto castelhano, quando a Espanha estava tão perto de nós 'por bifurcação do mesmo tronco'. Contudo, os idiomas tinham-se afastado tanto que 'reajustar reciprocamente as obras da literatura, tendo em conta o temperamento e índole respectiva, eis a tarefa do tradutor'²²⁴. (2006:135-136).

A seguir, o pesquisador transcreve Aquilino Ribeiro, que explica suas razões para ter aceitado a tarefa de traduzir o *Quixote*:

Para melhor me convencer de que o meu pensamento não era uma desmesurada e tonta fantasia, tendo-se-me oferecido o ensejo de traduzir D. Quixote de la Mancha, pus-me a fazê-lo com minuciosa atenção, desfiando-o frase por frase, pensamento por pensamento, e, em seguida, as Novelas Exemplares. O melhor processo de me integrar nos segredos estruturais do autor, reconhecer-lhe os defeitos, sentir como eram delineadas as personagens, apreendendo a sua irradiação metaplástica, seria este. Assim, filtrei pela minha pena tudo o que passara pelo cérebro de Cervantes, mas é claro, com o parti pris dum analista. Suponhamos que demoli um edifício e tratei de o reconstruir nas suas linhas, alçado e formas, pesando pedra por pedra na palma das mãos. E, isto feito, pareceu-me que teria alguma razão em julgar que não exorbitara de todo no meu conceito. [...] Um escritor que traduz outro abdica da personalidade, que é o principal timbre, se é escritor a valer, da sua arte. Acontece-lhe como ao alferes que perdeu a bandeira. Mas, repito, eu traduzi D. Quixote com o objectivo didascálico de o estudar, para mais numa hora em que nos estão vedadas as fontes da originalidade, se a linfa é outra que não a das bicas a que todos encham o cântaro. Mas, devo declará-lo, entreguei-me a este labor, menos por furtar-me ao abraço de Caliban do que com o escopo bem assente de examinar a tessitura íntima da composição de Cervantes, com a secreção do pensamento. [...] É isso que me traz ao proscénio público a expressá-lo, uma vez que adquiri esse direito desde que pretendi nacionalizar, digamos, o engenhoso fidalgo e o escudeiro fiel.²²⁵ (Aquilino, apud Almeida, 2006:136).

Maria Fernanda de Abreu (2006) chama a tradução de Aquilino de versão, como ele mesmo fez, "O merecido prestígio de Aquilino como escritor terá levado a que não poucos leitores portugueses e, entre estes, sem dúvida uma parte destacada da classe letrada, tenham lido o Quixote apenas nesta sua reescrita."

²²³ Nota 12 idem: "A obra Novelas Exemplares – Tradução e estudo de Aquilino Ribeiro data de 1958, edição ilustrada, de luxo, numa tiragem especial."

²²⁴ Almeida cita o Prefácio de RIBEIRO (1972).

²²⁵ RIBEIRO, Aquilino. 1960, *No Cavalo de Pau Com Sancho Pança*. Lisboa: Bertrand, pp.10-12, 1960.

(2006:312). Em 1960 ele é indicado a Prêmio Nobel de Literatura, três anos depois, durante as celebrações do 50º aniversário do seu primeiro livro, Aquilino Ribeiro adoece, e morre aos setenta e oito anos.²²⁶

4.1.3.4 – Tradução de Eugênio Amado

Eugênio Amado²²⁷, o segundo tradutor brasileiro do *Quixote* nasceu em Belo Horizonte em 1942, dez anos antes do lançamento da tradução do seu pai Milton. Formou-se em Geografia e trabalhou como funcionário público, e só iniciou realmente sua carreira de tradutor ao encontrar uma tradução inacabada do seu recém-falecido pai.²²⁸ O livro, *Viagem no Interior do Brasil* (1975), de George Gardner, saiu publicado pela editora Itatiaia que Milton Amado costumava trabalhar, editora com a qual Eugênio Amado ficaria ligado por toda sua vida profissional, inclusive como autor de livros infantis. Essa obra gerou várias outras traduções de livros de viagens, publicados conjuntamente pela EDUSP, textos que Eugênio Amado confessou ter tido muito prazer em fazer, devido à sua formação como geógrafo. São todos livros muito citados em trabalhos acadêmicos, e com dois deles obteve dois Prêmios Jabuti, *A Força do Conhecimento: a dimensão científica da sociedade* (1976) de A. John Ziman, Itatiaia/EDUSP e *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro* (1979) de Alfred Russel Wallace. Os clássicos de Darwin traduzidos por ele, *A origem do homem* (1976) e *Origem das Espécies* (1985) também aparecem muito nas buscas.

Mesmo com mais de vinte livros traduzidos (inglês, francês e espanhol), o tradutor nunca frequentou escola de línguas, e contou ter tido sempre um contato de leitura e compreensão de outras línguas pelo exercício da leitura (ver mais detalhes da entrevista com o mesmo, no *Anexo*, disponível no final desta dissertação). Eugênio traduziu diversos clássicos da literatura. O primeiro deles foi o *Quixote* em 1983. A encomenda partiu do dono da Itatiaia, o mesmo editor, Pedro Paulo Senna Madureira, que havia recomendado Milton Amado para a tradução do *Quixote* da

²²⁶Portais contendo informações de Aquilino Ribeiro. Disponíveis em: http://www.mundocultural.com.br/index.asp?url=http://www.mundocultural.com.br/literatura/modernismo/portugal/aquilino_ribeiro.html e <http://sernancelhe.planetaclix.pt/Aquilino-Ribeiro.htm>. Acessados em 11 jul. 2009.

²²⁷ As informações biográficas foram retiradas de longas conversas telefônicas e uma visita feita a Belo Horizonte para entrevista pessoal, nove de junho 2009, na companhia da Professora Dra. Maria Augusta da Costa Vieira.

²²⁸ Eugênio Amado traduziu em 1963, junto com seu tio, João Etienne Filho, um livro de J.E. Hoover, editado pela Itatiaia. Mas além dele mesmo não considerar que seja o seu início como tradutor, não gosta do livro.

José Olympio. A edição foi um sucesso de vendas, esgotou-se e foi reeditada mais de uma vez como já foi visto anteriormente. O tradutor afirmou ter dado uma única entrevista na época do lançamento ao jornal Estado de São Paulo, artigo a ser verificado em breve para outro trabalho.

Em 1989 Eugênio traduz, pela primeira vez no Brasil, o *Livro Apócrifo de Dom Quixote de La Mancha*, de 1614, assinado por Alonso Avellaneda. Essa tradução editada pela Itatiaia também será objeto de futuros estudos. Depois de Cervantes Eugênio Amado traduziu *Fábulas de La Fontaine* (1989), mais uma obra iniciada por seu pai, o qual havia começado a traduzir a obra de trás para frente. Essa obra também iniciaria uma série de traduções de clássicos infantis: *História e Contos de Fadas* (1996/2006) dos Irmãos Grimm, *Obras Escolhidas de Lewis Carroll* (1999), Lewis Carroll, e *Últimos Contos* (2005) de Andersen. Parece que a tradução dessas obras para crianças o aproximou da tarefa de escritor, ele tem vinte e dois livros infantis publicados, inclusive um prêmio Jabuti pelo título *Um Maestro sem Talento* (s.d).

Nas vésperas do quarto centenário, Eugênio recebe o encargo de revisar sua tradução do *Quixote* de 1983. Mais de vinte anos haviam se passado, muita coisa mudara, especialmente em relação a tudo que se relaciona com o labor da tradução, desde trocar a máquina de escrever e passar a digitar em arquivos eletrônicos; até a simples consulta de uma palavra, que antes era feita manualmente, com escassez de opções às facilidades das buscas em diversos dicionários multilíngües e monolíngües online, aliadas às possibilidades quase infinitas de pesquisa através de buscadores da Internet e fóruns de tradutores. Ao revisar sua própria tradução, Eugênio daria continuidade a uma tradição paterna, procedimento inédito dentre os tradutores do *Quixote* estudados, praticamente refazendo toda a tradução, refinando seu próprio texto, incrementando e ampliando em grande número as notas. Infelizmente esses esforços, tanto no caso de Milton como no caso de Eugênio Amado, passaram despercebidos ao público-leitor. Só ficou-se sabendo da existência dessas revisões após contato pessoal com Eugênio Amado. Em nenhum dos inúmeros documentos lidos para esta dissertação aparece sequer menção a elas. Claro que futuramente esse dado será confrontado com pesquisas mais profundas, inclusive em periódicos da época de cada lançamento.

Eugênio Amado continua vivendo com sua esposa e filha na sua cidade natal de Belo Horizonte. Sua mais recente tradução editada é uma obra de Honoré de Balzac, *Contos Picarescos* (2008), e tem já pronta uma tradução do *Lazarillo de Tormes*, ainda sem data de publicação.

4.1.3.5 – Tradução de Sérgio Molina

O século XXI traz um novo tipo de tradutor. Além de todas as diferenças cibernéticas já descritas, desde a metade do século passado já começaram a ser formados tradutores na universidade, como bem explana a tradutora e pesquisadora Lia Wyler (2003), “Uma das conseqüências da expansão do mercado de trabalho foi a abertura de bacharelados de tradução no Rio de Janeiro e São Paulo, a partir da década de 1960.” (2003:140). Em nota a autora menciona cinquenta e duas universidades ou faculdades que oferecem cursos de graduação de tradução/intérprete no Brasil.

Não foi o caso do responsável pela terceira tradução brasileira do *Quixote*, Sérgio Molina. Segundo as informações nas edições do *Quixote* da Editora 34, ele nasceu no ano de 1964 em Buenos Aires, imigrando para o Brasil com a família aos dez anos de idade, morou algum tempo em Barcelona. Apesar de não ter completado nenhuma graduação, freqüentou cursos na USP na área de Ciências Sociais, Letras, Espanhol e Editoração, pode ser considerado como um “tradutor profissional”. Teria começado a traduzir do espanhol em 1986, segundo a informação edição de 2002, texto sem autoria informada

Antes de traduzir a obra máxima de Cervantes, Molina verteu para o português *A literatura do maravilhoso*, de Alejo Carpentier; *A idade e os cachorros*, de Mario Vargas Llosa; *Santa Evita*, de Tomás Eloy; *A invasão*, de Martínez Ricardo Piglia; *Paisagens Imaginárias*, de Beatriz Sarlo; *Outras Inquisições, Textos Cativos e Biblioteca pessoal*, de Jorge Luis Borges, além de muitos textos e autores, contando hoje com mais de trinta livros traduzidos publicados em nossa língua. (DQ, 2002:735, *itálicos no original*).

Na edição do segundo livro (2007) foram mencionados outros autores traduzidos, como Roberto Arlt, Carmen Martín Gaité, Luis Gusmán, e mais de quarenta livros publicados em nossa língua.

Como já foi dito antes, a mídia sobre esta nova tradução do *Quixote* está completamente ligada ao quarto centenário. O nome de Sérgio Molina aparece em inúmeras entradas em buscas na internet, e ainda tem um homônimo, um músico

mexicano, que dificulta as pesquisas. No portal da editora Martins Fontes²²⁹, na “Biografia dos Nossos Tradutores” é chamado de “tradutor autodidata” e dizem que “Traduziu cerca de cinquenta títulos do castelhano para o português brasileiro, sobretudo prosa narrativa espanhola e hispano-americana.” e que “Atualmente concilia a atividade de tradução com a de edição.” No site da *20ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo (2007)*²³⁰ é disponibilizado parte do que foi dito no encontro dos “célebres tradutores Mario Merlino e Sérgio Molina” (2008:s.p): “Tudo é intraduzível em sua essência, mas é necessário enfrentar os desafios presentes no texto” (Molina, 2008:s.p), para Molina, o trabalho de tradução exigiria mais tempo e dedicação do que para escrevê-la, “Mais do que escrever em outro idioma, é preciso se transportar para outro universo” (Ibid.)

A maior parte das informações coletadas sobre o ato tradutório de Molina provém da entrevista ao *Caderno de Literatura em Tradução*, uma entrevista feita por Dirceu Villa, Ivone Benedetti e Irene Hirsh (2003). Ele informa trabalhar unicamente com o par lingüístico espanhol-português e que

as traduções disponíveis [mencionou anteriormente Viscondes/Chagas, Almir de Andrade & Milton e Eugênio Amado] não conseguiram fazer a ponte. Não que elas sejam ruins, todas se esforçam para ser leves, mas lhes falta alguma coisa. Durante muito tempo, fiquei pensando nisso, em qual seria essa falha. Hoje sei que o problema é principalmente formal: não se respeita o ritmo da prosa de Cervantes. Em todas [as traduções] se partiu do pressuposto obsoleto de que Cervantes escreve mal – idéia, aliás que alguns repetem até hoje -, de que ele é antigramatical, confuso, repetitivo e redundante. Por isso o tradutor teria, antes demais nada, que corrigir o texto. Em todas essas traduções foram feitas ‘correções’, eliminando repetições e redundâncias, limitando excessos. (2003:160, aspas dos autores).

Apesar do afirmado por Molina, não é possível concordar com suas afirmações. Não se acredita que houve um estudo mais aprofundado das traduções mencionadas para poder afirmar que as mesmas “não conseguiram fazer a ponte”. Tampouco se concorda que os tradutores anteriores partiram do pressuposto de que “Cervantes escreve mal” e seriam necessárias dezenas de páginas para descrever a improbidade dessa afirmação. Com a simples leitura de uma nota de Milton Amado, essa declaração é derrubada. Sobre as traduções a que ele se refere, vale lembrar

²²⁹ Disponível em: http://www.martinseditora.com.br/detalhes_BiografiaTradutores.asp?id=41. Acessado em 12 jul. 2009.

²³⁰ Disponível em: http://www.feirabienaldolivro.com.br/2008/codigo/noticias_detalle.asp?noticia_id=14254&idioma=1&nome_item=Imprensa&nome_subItem=Not%C3%83%C6%92%C3%86%E2%80%99%C3%83%E2%80%9A%C3%82%C2%ADcias. Acessado em 12 jul. 2009.

que a de Viscondes/Chagas primeira é a mais publicada, e as outras duas são as duas únicas traduções brasileiras do século XX, bem sucedidas editorialmente e responsáveis pela recepção do *Quixote* no Brasil nesse período, a qual sabemos ser bastante intensa, bem antes da tradução de Molina.²³¹

Sobre a elaboração das notas, Molina faz algumas observações, que serão checadas em breve, na elaboração do trabalho comparativo de notas do *Quixote*,

Na verdade, eu não fiz essas notas sozinho, pois me baseei nas edições anteriores. É impossível você fazer toda a pesquisa sem recorrer a outros autores, que por sua vez fizeram o mesmo. A minha contribuição a essa corrente é a seleção, adaptação e mistura de dados. Também a incorporação de algumas conclusões minhas. Mas meu trabalho maior de pesquisa não aparece nas notas, e sim na própria tradução. (2003:162).

Não são esclarecidas quais seriam as edições anteriores, se as brasileiras anteriormente citadas na entrevista ou as edições espanholas da editora Crítica (1998), Círculo de Lectores, 1987 e a francesa de Jean Cannavagio (La Plêiade, 2002) mencionadas no posfácio já transcrito anteriormente. Confirma receber direitos autorais da tradução do *Quixote*, em um acordo firmado com a editora, uma exceção no mundo editorial, pois a norma (apesar de descabida) é o tradutor abrir mão dos direitos autorais da tradução, que geralmente ficam para a editora. A tradução do primeiro livro do *Quixote* teria sido feita em um ano e meio e Molina cogita que “se fosse um trabalho acadêmico levaria, por baixo, cinco anos. Há traduções do *Quixote* que levaram dezoito anos” (Ibid.:164). Infelizmente não menciona quais traduções seriam essas.

Um dos maiores ineditismos dessa edição foi fato de ser a primeira edição bilíngüe²³², decisão que Molina atribui unicamente ao editor [Aluizio Leite?], e justifica

Costuma-se ressaltar as perdas que a tradução implica, mas ela também porta um ganho. Ela é um laboratório da língua-alvo, em que se criam coisas que, se a gente ficasse só com o original, permaneceriam inéditas. Por outro lado, acho que faz sentido oferecer o texto do *Quixote* em espanhol para aqueles leitores que têm algumas noções do idioma ou até que o lêem fluentemente, que são cada vez mais numerosos. E acho que, mesmo entre estes, muitos podem se interessar pela tradução, em ler os dois textos juntos. (Ibid.:165).

Molina discorre um pouco sobre a opção da estratégia de tradução

²³¹ Conferir VIEIRA (2006) e PÉREZ (2008).

²³² Não foi possível confirmar as edições em Portugal por questão de prazo, outro ponto a ser verificado no futuro.

ele [o editor] de cara propôs uma versão que privilegiasse o contexto de chegada. Nada mais natural, uma vez que as traduções anteriores soavam antiquadas, distantes. A proposta inicial foi, portanto, fazer um texto para o leitor de hoje, evitando o tom arcaizante. (Ibid.:167).

O tradutor do *Quixote* confessa ter levado certo tempo para descobrir o “atalho”, a tradução que proporcionasse ao leitor do século XXI, “um texto legível, agradável, gostoso, fluente, com todas as qualidades de uma tradução, sem trair um certo espírito da época, sem falsear demais a linguagem da época” (Ibid.:168). O tradutor explica que só teria conseguido seu objetivo ao “reconhecer as semelhanças entre o nosso português clássico, entender que o ritmo dos textos do século XVII é muito semelhante ao ritmo que a gente imprime à fala brasileira hoje” (Ibid.:168). Afirma haver evitado “traços que marcam o português europeu moderno, que não se encontram nos escritos do período clássico” (Ibid.:168). Ao ser perguntado se pensava que os outros tradutores da obra haviam marcado a diferença dialetal entre a fala das distintas personagens, responde que “nas traduções anteriores, o texto foi padronizado, achatado” (Ibid.:169). Esse é outro aspecto que será estudado posteriormente, as diferenças estilísticas entre as traduções oferecidas ao leitor brasileiro. Outra colocação interessante: “Eu procurei escrever tendo em mente uma lacuna: não existe uma tradução do *Quixote* ao português, contemporânea a Cervantes” (Ibid.:170). Sabe-se que o público leitor português do século XVII (e talvez até hoje) era completamente apto a ler em espanhol, sem sentir necessidade de tradução – não sem razão a mesma só ocorreu quando o bilingüismo decaía, quase duzentos anos após o lançamento da obra. Molina a mencionar as outras traduções e a escolha do “português” a ser utilizado

Também as outras traduções ao português, por mais ressalvas que eu possa fazer a elas, me ajudaram a definir e justificar meu rumo. [...] procurei reabilitar uma ponte interna do nosso português brasileiro como o português clássico. Tentei contornar a língua lusitana moderna, que estão presente nas edições precedentes, e buscar a raiz na língua, tentei beber na fonte clássica. Claro que não pretendi escrever um texto literário como no século XVII, seria um completo absurdo. Apenas procurei reforçar as semelhanças, sem varrer as diferenças. [...] Muitos traços daquela língua permanecem em nossa fala; coisas que foram banidas do português escrito ao longo do século XIX. Acho que esse movimento acabou por criar uma diglossia no Brasil, forneceu as marcas, os cacoetes, de uma língua bacharelesca que imita a prosódia do português lusitano moderno para distinguir a cultura letrada, mas que viola o ritmo do nosso pensamento. (Ibid.:171).

Ao ser perguntado sobre mudanças da próxima edição, fato que será analisado em trabalho próximo, ele responde:

Em alguns pontos, estou radicalizando a literalidade, ainda no embalo da leitura de textos clássicos. [...] Agora, eu preciso me segurar um pouco para não pôr tudo o que encontro nos textos clássicos, porque eles também têm coisas estranhas. Existe um limite de estranheza que eu não posso ultrapassar. Tenho que tomar muito cuidado com isso, porque corro o risco de também gerar dificuldades de leitura desnecessárias, sem correspondência com o original. (Ibid.:172).

Discorrendo sobre seu método de trabalho, Molina conta que deixou os poemas para o final, em especial os preliminares. Ao ser elogiado pelos entrevistadores, que mencionam seu trabalho com Alexandre Barbosa de Souza, definido por eles como “um bom poeta”, Molina conta como os revisores dessa edição o ajudaram nas traduções de poesias:

Sim, com ele [Alexandre] e Cide Piquet. Foi muito bom contar com dos dois durante a preparação do texto. O Alê ajudou mais na revisão dos poemas. Alguns até foram feitos a dois, em inteira colaboração. Isto aconteceu nos sonetos da ‘Novela do curioso impertinente’ [três poemas] e do ‘Capitão Cativo’ [dois sonetos]. Nesses casos, eu fiz uma versão, ele outra, depois a gente misturou e chegou a uma terceira. (Ibid.:158).

4.1.3.6 – Tradução de Carlos Nougé e José Luis

Sánchez

A quarta tradução brasileira foi elaborada por mais de um tradutor, como que revivendo a “tradição” das traduções da obra para o português, iniciada pelos Viscondes/Chagas no século XIX e continuada no Brasil por Almir de Andrade & Milton Amado. Ma esta foi a primeira tradução feita por uma dupla binacional, Carlos Nougé é brasileiro e José Luis Sánchez é espanhol. Na entrevista feita ao tradutor Carlos Nougé, disponível em sua íntegra nesta dissertação, ele explica como foi o processo tradutório:

Combinamos o seguinte: eu, como brasileiro, faria o primeiro esboço, num português à Gil Vicente, Camões e Padre Antônio Vieira, além de traduzir poeticamente os poemas, e ele [Sánchez], como espanhol, se encarregaria não só da revisão, mas sobretudo da correção do sentido, baseando-se nas muitas edições críticas da obra de Cervantes. Desta relação é que brotaram as muitíssimas notas de rodapé, que fazem da tradução uma espécie de “tradução crítica”. E o mais curioso: fizemos a tradução vivendo eu no Uruguai, e estando ele na Espanha. Nada que Internet e telefone não pudessem resolver. (Nougé, 2009:s.p)

Em várias referências²³³ aparece a informação de que a tradução da Record seria a primeira tradução oficial para o português, com o aval não só do Instituto Cervantes, mas também da Comissão do Quarto Centenário, criada em 2005 pelo Governo da Espanha para comemorar quatrocentos anos da publicação da primeira parte do *Quixote*. Desafortunadamente não foi possível conferir exatamente o que seria esse aval, a editora não respondeu aos contatos feitos, e não houve tempo hábil para checar com o Instituto Cervantes ou a Comissão do quarto centenário na Espanha, algo que será feito em trabalho próximo, focado nas edições do quarto centenário. A informação conseguida é a da entrevista com Nougé, que não elucida a questão do aval: “Importante aval, sem dúvida, que, porém não sei a que se deve. Simplesmente o José Luis, ao fazer-me a proposta de trabalho conjunto, já contava com tal aval e me informou” (Nougé, 2009: s.p).

Nas mesmas referências²³⁴ os tradutores afirmam a existência de um objetivo preestabelecido pelos tradutores de responder a uma “equação de três incógnitas: tentar construir a maneira como Cervantes teria escrito no português de então, sem perder o sabor hispânico, mas de modo compreensível para o leitor atual”. Para chegar a essa meta eles teriam ido “em busca de um português arcaico que ainda sobrevivesse na compreensão dos leitores, para isso sendo necessária uma ampla pesquisa histórica e lingüística”. Mais informações sobre o assunto serão vistos nas respostas de sua entrevista.

Desafortunadamente o Professor José Luis Sánchez estava com um problema de saúde e só pôde ser contatado na segunda semana de julho, não teve tempo de responder à entrevista por completo, como fez seu colega, Carlos Nougé. A pequena biografia conseguida é constituída por informações retiradas de sua curta entrevista e do portal Lattes²³⁵:

²³³ Os textos transcritos são evidentemente parte de um press-release da própria editora. No portal da Record encontra-se: “Romance mais importante da literatura em língua espanhola, *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha* acaba de ganhar a primeira tradução para o português avalizada pelo Instituto Cervantes e pela Comissão IV do Quarto Centenário, criada em 2005 pelo Governo da Espanha para comemorar quatrocentos anos da publicação da primeira parte do *Quixote*. A nova tradução é assinada pelo espanhol José Luis Sánchez e pelo brasileiro Carlos Nougé, que realizaram uma detalhada pesquisa histórica e lingüística acerca da obra de Cervantes. Com esta pesquisa, os tradutores conseguiram uma fidelidade à obra que nunca houve em traduções para o português.” Disponível em: http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=19278. Acessado em 13 jul. 2009. Os artigos mencionados são: *NOVA TRADUÇÃO...* (2008), SOUZA (2006), *O ENGENHOSO...* (2008), assim como em publicações jornalísticas, como Veja, publicado 18 jan. 2006. Disponível em: http://veja.abril.com.br/180106/veja_recomenda.html. Acessado em 29 jan. 2009.

²³⁴ Idem nota anterior.

²³⁵ Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=T221239>. Acessado em 13 jul. 2009.

É graduado em Tradução e Interpretação, doutor em Filologia Galaico-portuguesa e doutor em Teoria da Tradução pela Universidad Autonoma de Barcelona. Atualmente é coordenador e professor dos cursos de Pós-Graduação em Tradução de espanhol e inglês da Universidade Gama Filho [...] Autor de cinco dicionários de português-espanhol, José Luis Sanchez dirigiu a coleção de livros sobre tradução da Editora Gedisa. Entre outros autores, é também tradutor para o espanhol de Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto, Clarice Lispector, Vinicius de Moraes e Lygia Fagundes Telles. Tradutor das legendas do filme "Vinicius de Moraes", de Miguel de Faria, possui também experiência em tradução técnica e interpretação simultânea. (2009:s.p)

Em comunicação pessoal, via email, José Luis Sánchez completou essas informações e discorreu um pouco sobre a tradução da obra:

Nasci na Espanha, em Barcelona, no 16 de abril de 1963. Trabalho também com a língua francesa, bom trabalhava, agora só com o português do Brasil. O último livro do francês que traduzi foi *A História de um homem só*, prêmio Nobel de literatura Gao Xingjian. Foi muito interessante.

A comemoração do IV centenário foi muito importante, primeiro pela data em si, e segundo porque a própria Academia de Letras lançou uma nova versão, tendo em conta alguns erros de interpretação pela mudança da linguagem em todos esses anos. Assim, essa versão conseguiu que o texto fosse mais compreensível e ao mesmo tempo que mantivesse o sabor daquela época. Isso mesmo foi o que procuramos na tradução para o português. O Nougé fez isso muito bem, pois tem um domínio da língua espetacular. Que a Comissão do IV Centenário, formada por acadêmicos e membros do governo, e o Instituto Cervantes, que depende o Ministério de Cultura da Espanha avalizassem a nossa tradução, e que fosse a única tradução avalizada, foi uma grande honra para nós. Dificilmente teremos mais reconhecimento e maior satisfação na tradução da outra obra. (Sánchez, 2009:s.p)

No Portal do curso de pós-graduação Tradução Espanhol da faculdade carioca Gama Filho²³⁶, que é oferecido por todo o Brasil, Sánchez aparece como parte do corpo docente, juntamente com Nougé.

Carlos Nougé tem sua biografia disponibilizada no Dicionário Brasileiro de Tradutores, Ditra²³⁷:

Carlos Augusto Ancêde Nougé nasceu no Rio de Janeiro em 1952, onde morou até 2000. Nesse ano mudou-se para Nova Friburgo, onde tem morado desde então, salvo por um período de dois anos em que viveu em Montevideú. Estudou Filosofia na Escola Teológica do Mosteiro de São Bento. Desde 1990 leciona intermitentemente Língua Portuguesa e desde 2001, Filosofia Medieval em diversas instituições. Tem atuado também como professor convidado de Tradução Literária no curso de especialização em Tradução de Espanhol da Universidade Gama Filho desde 2004. Foi

²³⁶ Disponível em: <http://www.traduespanhol.info/4556/5307.html>. Acessado em 13 jul 2009.

²³⁷ Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/CarlosNogue.htm>. Acessado em 13 jul. 2009.

diretor e editor da editora *Leviatã* e fez trabalhos de edição também para as editoras Sétimo Selo, É Realizações, Topbooks e Rocco. Na área da lexicografia participou da produção e redação dos verbetes do *Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* Caldas Aulete que saiu em 2004 pela Nova Fronteira e do *Dicionário de Português* da Barsa/Planeta, de 2000. (Ditra, 2005:s.p)

Iniciou sua carreira editorial como revisor e preparador de textos das e editoras Rocco e Record, para as quais depois viria a produzir várias traduções. Em 1988 teria começado a traduzir textos do espanhol, latim, francês e inglês. Em 1993 ganhou o Prêmio Jabuti por sua tradução de *Cristóvão Nonato*, de Carlos Fuentes. Sobre sua produção, existem divergências sobre o número de obras traduzidas, como pode ser observado no verbete do Ditra, elaborado em seis de outubro de 2005,

Dentre as traduções de Carlos Nougé, onze são romances — incluindo quatro de Carlos Fuentes e o *Quixote* já mencionado — três de contos, três de poesia e uma novela. Oito são ensaios, incluindo alguns de caráter biográfico e históricos. Outros oito textos são de filosofia e teologia, dentre os quais se destacam os de Cícero e Santo Agostinho. (Ibid.)

No mesmo dicionário, são mencionadas trinta obras, e a organização de dois livros. Em sua entrevista ele diz, “alguém que viveu quase toda a vida de tradução, com mais de 400 traduções em cerca de 30 anos...” (Nougé, 2009:s.p). Em trabalho futuro esses dados serão checados. Mas sabe-se que antes de encarar a tradução de Cervantes, já havia trabalhado com clássicos como Quevedo, Miguel Hernández, Cícero, Sêneca, Santo Agostinho, e Balzac.

A tradução de Nougé e Sánchez também obteve atenção da mídia, não tanto como a de Molina, mas foi bastante divulgada, aproveitando-se não só as celebrações do quarto centenário, como também em eventos como, por exemplo, a *19ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo*, 2006. Nesse mesmo ano, a tradução foi finalista do Prêmio Jabuti. Na sua entrevista confirmou o lançamento da tradução do segundo livro até o final de 2009, a qual será incluída no refinamento deste trabalho.

4.2 - Tradução dos provérbios

4.2.1 - Ficha²³⁸ analítica do provérbio original e Quadro Comparativo das traduções

Legendas

Traduções:

- **MC:** Miguel de Cervantes
- **TR:** Typografia Rollandiana
- **CA:** Viscondes/Chagas
- **AA:** Almir de Andrade e Milton Amado
- **AR:** Aquilino Ribeiro
- **EA:** Eugênio Amado
- **EA*:** Eugênio Amado (2005)
- **SM:** Sérgio Molina
- **NS:** Carlos Nougué e José Luis Sánchez
- **AS:** Anna Sanchez

Cores do quadro:

- **Cor Verde** – Literal PP único
- **Cor bordô** – Literal único
- **Cor verdes escuro** – Literais (PP) e idênticos
- **Cor verde bandeira** – Literais e idênticos
- **Cor azul escuro** – Literais parecidos
- **Cor Amarela** – Literais semelhantes

- **Cor azul** – Equivalentes e idênticos
- **Cor cinza** – Equivalentes e parecidos - A
- **Cor verde-oliva** – Literais e parecidos – B
- **Cor rosa** – Equivalentes e semelhantes - A
- **Cor roxa** - Equivalentes e semelhantes – B
- **Cor cinza escuro** – Equivalente (s) único (s) Modulado (s)
- **Cor vermelha** – Equivalente (s) único (s) Adaptado (s)

²³⁸ Ver lista de Coletâneas e Dicionários de Provérbios no capítulo Metodologia.

- **MT:** Modalidade de Tradução:
 - **L:** Literalidade - Palavra por palavra, Transposição, Explicitação
 - **E:** Equivalência - Modulação, Adaptação
 - *****: Nota explicativa
- **PE:** Provérbio Equivalente na LM:
 - **SIM:** Existem provérbios equivalentes
 - **NÃO:** Não encontrado
 - **PS:** Utilizado
 - **PM:** Utilizado, mas modificado
 - **PN:** Não utilizado
- **ER:** Estrutura rítmica:
 - **U:** Unitária
 - **B:** Binária
 - **T:** Ternária
 - **Q:** Quaternária
- **RF:** Recorrência fônica:
 - **R:** Rima
 - **AS:** Assonância
 - **AL:** Aliteração
- **RS:** Recorrência semântica, pares sêmicos em relação de:
 - **S:** Semelhança
 - **O:** Oposição
 - **D:** Dependência
 - **-:** Não apresenta
- **G:** Entradas no *Google*: pesquisa como provérbio entre aspas em toda a web e o número de referências ao *Quixote* (DQ) nas primeiras vinte entradas.

DQ I – Capítulo XXV**1- Allá se lo hayan, con su pan se lo coman:**

a)- Notas:

- Edição 2004: Chama de provérbio, indicando que alguém se desentende ou não se importa com o que acontece. Todo o discurso de Sancho é uma “*retahíla de refranes*”. O significado é: “¿qué se me da a mi?”.
- Anna Sanchez: É uma frase proverbial que equivale a: “*¡Allá se las haya!*”, “*Allá se las entienda*”. Expressão com a qual mostramos a indiferença com que tratamos as coisas alheias.

b)- Provérbios Equivalentes: “Eles que são brancos que se entendam” G: 741 (1, 12, Pinto), “Sua alma, sua palma” G: 1.910 (11, Pinto), “Cada um sabe as linhas com que cose” G: 34 (1, 12, Pinto).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*allá/hayan, hayan/pan/coman*), Assonância (a), Aliteração (ll/y, n).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 235 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 1	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>Allá se lo hayan, con su pan se lo coman:</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	-	235
TR	Lá se hajaõ elle; com pão o comaõ	E	PN	B	R	-	0
CA	os outros lá se avenham; e se meus caldos mexerem, tais os bebam.	E	PN	T	-	-	0
AA	- eles que lá se avenham e com as suas linhas se cosam;	E	PS	B	AL	-	0
AR	Lá se avenham. Sua alma, sua palma.	E	PS	B	R/AS	-	1
EA	- eles que por lá se avenham, e que cada qual coma do seu próprio pão;	E	PS	B	-	-	0
SM	- Eles lá que se amanhem e colham sua sementeira;	E	PN	B	AL	-	0
NS	- Eles lá que saibam as linhas com que se cosem*;	E*	PS	B	R/AL	-	0
AS	Eles que são brancos que se entendam;	E	PS	B	-	-	745

2- *De mis viñas vengo, no sé nada,*

a)- Notas:

- Edição de 2001: É chamado de provérbio, provindo de um “*cuentecillo*”. Todo o discurso de Sancho é uma “*sarta de refranes*”, no qual todos significam o que se diz no final: “*¿qué se me da a mí?*”.
- Anna Sanchez: Covarrubias indica: “*No sé nada, de mis viñas vengo.*” Expressão utilizada para desculpar-se de um mal feito, às vezes pelo mesmo culpado. Essa frase proverbial nasceu de um acontecimento: “diante do juiz que tratava de averiguar o que havia ocorrido em determinada vila, o principal suspeito, para evitar perguntas, só repetia essa frase.” (1982:179).

b)- Provérbio Equivalente: “Não se mete o nariz aonde não se é chamado” G: 2 (1, Pinto).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Aliteração (v).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (*no/nada*).

f)- Entradas no *Google*: 258 (DQ: 19/20).

	PROVÉRBIO 2	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>De mis viñas vengo, no sé nada,</i>	-	SIM	B	AL	S	258
TR	que eu das minhas vinhas venho, e não sei nada;	L	PS	B	AL	S	0
CA	não sei nada, das minhas vinhas venho*	L	PN	B	AL	S	0
AA	Venho das minhas vinhas; de nada sei;	L	PN	B	AL	-	0
AR	Não gosto de meter o nariz na vida alheia.	E	PS	U	-	-	0
EA	De minhas vinhas cheguei, e de nada sei;	L	PN	B	R, AS	-	0
EA*	De minhas vinhas venho e de nada sei;	L	PN	B	AL	-	0
SM	Eu sigo meu trilho, não sei de nada	E	PN	B	-	-	0
NS	Eu sigo o meu caminho, não sei de nada,	E	PN	B	-	-	0
AS	Das minhas vinhas venho, não sei de nada,	L	PN	B	AL	-	0

3- *el que compra y miente, en su bolsa lo siente.*

a) Notas:

- Anna Sanchez: “Ostentação de falsa habilidade para os negócios” (1982:179)
- b)- Provérbio Equivalente: “Quem compra e mente na bolsa o sente” G: 161 (1, 6, 17, 21, 18, 20, Rolland).
- c)- Estrutura rítmica: Ternária
- d)- Recorrência fônica: Rima (*mente/siente*), Aliteração (s).
- e)- Recorrência semântica: Não apresenta.
- f)- Entradas no *Google*: 647 (DQ: 18/20).

	PROVÉRPIO 3	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>el que compra y miente, en su bolsa lo siente.</i>	-	SIM	T	R/AL	-	647
TR	quem compra, e mente na bolça o sente.	L	PS	T	R/AL	-	2
CA	Quem compra e mente na bolsa o sente.	L	PS	T	R/AL	-	161
AA	quem compra e mente, na sua bolsa o sente.	L	PS	T	R/AL	-	0
AR	Quem compra e mente, na bolsa o sente.	L	PS	T	R/AL	-	154
EA	quem compra e mente, na sua bolsa é que sente.	L	PS	T	R/AL	-	0
SM	quem compra e mente, na bolsa o sente.	L	PS	T	R/AL	-	154
NS	quem mexe em vespeiro, picado sairá.	E	PN	B	-	-	0
AS	quem compra e mente, na sua bolsa o sente.	L	PS	T	R/AL	-	0

4- desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano.

a)- Notas:

- Edição 2001: Este é um provérbio de reminiscências bíblicas que Sancho menciona várias vezes nos capítulos *DQ II*, VIII, LIII, LV e LVII.
- Anna Sanchez: Sancho utiliza cinco vezes este provérbio. Conota “não ambição” e “conformismo”.

b)- Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Quaternária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (o), Aliteração (d,n).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (Repetição) (*desnudo/desnudo*, *ni/ni*), Oposição (*pierdo/gano*).

f)- Entradas no *Google*: 2.260 (DQ: 10/20).

	PROVÉRBIO 4	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano.</i>	-	NÃO	Q	AS/AL	S/O	2.200
TR	se nû nasci, nû aquí me acho, nem perco, nem ganho;	E	PN	Q	R/AS/AL	S/O	0
CA	nu vim ao mundo, e nu me vejo; nem perco nem ganho.	E	PN	Q	AS/AL	S/O	1
AA	nasci nu e nu me encontro; não perco nem ganho.	L	PN	Q	AS/AL	S/O	0
AR	Por mim tanto se me dá como se me deu.	E	PN	B	AL	S/D	246
EA	pelado nasci e pelado me encontro; não perco nem ganho.	L	PN	Q	AS/AL	S/O	0
SM	nu nasci e nu estou: não perco nem ganho.	L	PN	Q	AS/AL	S/O	0
NS	nu nasci, nu estou: não perco nem ganho.	L	PN	Q	AS/AL	S/O	0
AS	nasci nu, nu me encontro, não perco nem ganho.	L	PN	Q	AS/AL	S/O	1

5- *muchos piensan que hay tocinos, y no hay estacas.*

a)- Notas:

- Edição 2001: Afirma ser um provérbio, significando: “*muchos suponen algo de alguien sin ningún fundamento.*” Aparece também no *DQ II*, capítulo LIII.
- Edição 2004: “*Las apariencias engañan*”. O ditado viria do costume de pendurar em estacas os toicinhos salgados.
- Anna Sanchez: O provérbio correto seria “*Muchas veces donde hay estacas no hay tocinos*”, mas Sancho o modifica e utiliza cinco vezes. É equivalente a: “*Donde parece que hay chorizos, no hay clavos donde colgarlos.*” e “*Donde parece que hay besugos, no hay ni escamas.*” A conotação é de “aparência de riqueza” e “miséria dissimulada”.

b)- Provérbio Equivalente: Sim, “As aparências enganam” G:140.000 (Pinto), “Nem tudo que reluz é ouro” G:58.800 (Pinto), “São mais as vozes que as nozes” G:641 (11, 1, 36, 36).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Aliteração (s).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*hay/no hay*).

f)- Entradas no *Google*: 537 (DQ: 18/20).

	PROVÉBIO 5	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>muchos piensan que hay tocinos, y no hay estacas.</i>	-	SIM	B	AL	O	537
TR	Muitos ha que cuidaõ que ha toucinhos, e não estacas;	L	PN	B	R/AL	S	0
CA	Há muitos que pensam encontrar toicinhos e não há nem estacas;	L	PN	B	AL	O	0
AA	Muitos pensam que há toicinhos onde só há espetos.	E	PN	B	AL	S	1
AR	Não há dúvida, quase sempre são mais as vozes que as nozes.	E	PS	T	R/AL	-	0
EA	Muitos pensam que há toicinho onde não existe espeto.	E	PN	B	0	O	0
EA*	Muitos pensam que há toicinho onde nem espeto existe.	E	PN	B	0	O	
SM	Pois às vezes são mais as vozes que as nozes.	E	PS	B	R/AL	-	0
NS	E nem tudo o que reluz é ouro.	E	PS	U	-	-	144
AS	Muitos pensam que há toicinhos, e não há estacas;	L	PN	B	-	-	0

6- ¿quién puede poner puertas al campo?

a) Notas:

- Edições 2001 e 2004: “¿quién puede poner limites a la libertad?”
- Anna Sanchez: “Indica a impossibilidade de evitar a maledicência ou de limitar a fantasia.” (1982:180).

b)- Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Unitária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (ue), Aliteração (p).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*puertas/campo*).

f)- Entradas no *Google*: 460 (DQ: 13/20).

	PROVÉRBIO 6	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	¿quién puede poner puertas al campo?	-	NÃO	U	AS/AL	O	460
TR	Mas quem ha de pôr portas ao campo?	L	PN	U	AS/AL	O	0
CA	quem pode ter mão em línguas de praguentos.	E	PN	U	-	-	2
AA	E quem pode por cobro às más línguas.	E	PN	U	AS/AL	-	0
AR	Quem pode calar as bocas do mundo?!	E	PN	U	-	O	0
EA	E quem pode colocar porteiras no campo?	L	PN	U	AS/AL	O	0
SM	Mas quem pode pôr rédeas ao vento?	E	PN	U	AS/AL	O	0
NS	Mas quem pode pôr travas ao vento?	E	PN	U	AS/AL	O	0
AS	quem pode por portas ao campo?	L	PN	U	AS/AL	O	0

7- Cuanto más que de Dios dijeron.

a) Notas:

- Edição 2001: A frase proverbial é: “*Déjalos que digan, que aun de Dios dijeron.*” Para desprezar a maledicência e maledicentes, Rico recomenda dizer “murmurem”.
- Edição 2004: “*que incluso de Dios murmuraron*”.
- Anna Sanchez: Parece que era costume acrescentar: “*y era Dios*”, ou “*y aun lo mataron*”. A frase deixa subentendida a pergunta retórica: “*¿Cómo no han de decir de nosotros?*”.

b)- Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Unitária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (o) Aliteração (d).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 368 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 7	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>Cuanto más que de Dios dijeron.</i>	-	NÃO	U	AL	-	368
TR	Muitos mais disserão de Deos.	E	PN	U	AL	-	0
CA	se nem Cristo se livrou delas?	E	PN	U	-		3
AA	Depois do que disseram do próprio Deus?	E	PN	U	AL	-	1
AR	Pois não disseram mal de Cristo e mais era Deus?!	E	PN	B	-	AS	0
EA	Tanto mais, que até ao próprio Deus difamaram...	E	PN	U	-	D	0
EA*	Tanto mais, que até do próprio Deus andaram falando mal...	E	PN	U	-	D	0
SM	Quanto mais que até Deus foi malfadado.	E	PN	U	AL	D	0
NS	Tanto mais que até de Deus murmuraram*.	E*	PN	U	AL	D	0
AS	Se até de Deus disseram, (com não falarão deles?)	E	PN	B	AL	D	0

DQ II – Capítulo VII**8- ate bien mi dedo con vuestra merced,**

a) Notas:

- Edição 2001: “*que me asegure en el trato que hago con vuestra merced*”.
- Edição 2004: “*que aclare bien las condiciones en que sirvo a vuestra merced*”.
- Anna Sanchez: “Frase figurada e familiar para R. Marin²³⁹; aconselha a ser precavido. Alude ao provérbio: “*Quien sano su dedo ata, sano lo desata.*”

b)- Provérbio Equivalente: “Colocar o preto no branco” G:1.100, “É preciso colocar os pingos nos is” G:326 (Pinto).

c)- Estrutura rítmica: Unitária.

d)- Recorrência fônica: Não apresenta.

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 115 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 8	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>ate bien mi dedo con vuestra merced,</i>	-	SIM	U	-	-	115
TR	ate bem o meu dedo com V.Mercê,	L	PN	U	-	-	0
CA	ponha Vossa Mercê o preto no branco,	E	PS	U	-	O	1
AA	eu ponha com vosmecê os pingos nos is,	E	PS	U	AS/AL	-	0
AR	há que por o preto no branco,	E	PS	U	AS/AL	O	0
EA	eu ponha com Vossa Mercê o preto no branco,	E	PS	U	-	O	0
EA*	eu devo amarrar bem meu dedo em vossa mercê;	E	PN	U	-	-	0
SM	eu deixe tudo muito bem atado com vossa mercê,	E	PN	U	-	-	1
AS	ate bem meu dedo com o senhor	L	PN	U	-	-	0

²³⁹ Rodríguez Marin, Francisco: “*Los 6.666 Refranes de mi clima rebusca que con ‘Más de 21.000’ y ‘12.600 refranes más’ suman largamente 40.000 Refranes Castellanos*”. Madrid: C. Bermejo; 1934.

9-hablen cartas y callen barbas,

a)- Notas:

- Edição 2001: “*merecen más respeto los escritos que las palabras*”.
- Edição 2004: significa “*que se concrete el trato por escrito y no se haga sólo de palabra*”.
- Anna Sanchez: Advertência de que sobram as discussões quando há fatos concretos, ou faz notar a importância que têm os acordos escritos. Cejador²⁴⁰ acredita ser uma metáfora do jogo de naipes.

b)- Provérbio Equivalente: “Falem cartas, calem barbas” G:4 (1, 12, Rolland).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*hablen/callen, cartas/barbas*); Assonância (a,e); Aliteração (b,c,n,s).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*hablen/callen*).

f)- Entradas no Google: 1.030 (DQ: 1/20).

	PROVÉRBIO 9	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>hablen cartas y callen barbas,</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	O	1.030
TR	falem cartas, e calem barbas,	L	PS	B	R/AS/AL	O	2
CA	juguemos com cartas na mesa,	E	PS	U	-	-	2
AA	fique o preto no branco,	E	PS	U	-	O	5
AR	falem cartas e calem barbas	L	PS	B	R/AS/AL	O	2
EA	negócios, negócios, amigos à parte;	E	PS	T	AS/AL	S	105
EA*	falem as cartas e calem-se as barbas	L	PS	B	R	O	0
SM	falem cartas e calem barbas*.	L*	PS	B	R/AS/AL	O	2
AS	falem cartas e calem barbas,	L	PS	B	R/AS/AL	O	2

²⁴⁰ Cejador y Frauca, Julio: “*La lengua de Cervantes; Gramática y Diccionario de la Lengua Castellana en El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*”. Madrid: Establ. Tip. De Jaime Ratés, Tomo I – gramática, 1905, Tomo II – Diccionario y Comentario, 1906.

10- porque quien destaja no baraja,

a)- Notas:

- Edição 2001: “*uno solo no debe decidirlo todo*”. *Destajar* é cortar o jogo de baralho.
- Edição 2004: Quem corta não deve embaralhar, isto é “*no puede ver uno las cosas desde dos perspectivas a la vez.*”
- Anna Sanchez: Sancho utiliza duas vezes o provérbio. Equivale a: “Não se pode repicar e ir na procissão” e “Não se pode assobiar e chupar cana ao mesmo tempo”. (1982:181) Quer dizer que não podemos fazer duas coisas ao mesmo tempo e que devemos nos prevenir antes de começar qualquer negócio para garantir o sucesso.

b)- Provérbio Equivalente: “Não se pode repicar e ir na procissão” G:9 (1, 13, 22) e “Não se pode assobiar e chupar cana ao mesmo tempo” G:86 (1, 23, 24, Lacaz Netto) e “Quem parte não baralha” (G:57, 2, 1, 3).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*destaja/baraja*); Assonância (ue,a); Aliteração (q,j).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*destaja/baraja*).

f)- Entradas no *Google*: 371 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 10	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>porque quien destaja no baraja,</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	O	371
TR	porque quem corta, não baralha	L	PS	B	AS/AL	O	0
CA	pelo falar a gente se entende,	E	PN	B	AS/AL	S	0
AA	porque quem corta não embaralha,	L	PS	B	AS/AL	O	1
AR	quem talha não baralha	L	PS	B	R	O	0
EA	porque quem corta não embaralha,	L	PS	B	AS/AL	O	1
SM	pois quem baralha não parte,	L	PN	B	-	O	0
AS	quem parte não embaralha,	L	PS	B	-	O	0

11- *más vale un toma que dos te daré.*

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Sancho utiliza três vezes este provérbio, R. Marin observa que Sancho mutila a frase, que seria: “*haré, haré, nunca me pagué; más vale un toma que dos te daré*”. Adverte que os bens presentes são preferíveis à promessa ou à esperança de outros maiores. Equivale a: “*Más vale pájaro en mano que buitre volando*”. (1982:181).

b)- Provérbio Equivalente: “Mais vale um pássaro na mão que dois voando” G:2.130 (1, 2), “Mais vale um hoje que dois amanhã” G:10 (8, 6, 1, 13, 18, 25) e “Mais vale um toma que dois te darei” G:200 (11, 1, 6, 12, 25, 10, 24, 13, 21, 18, 1, 20).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Aliteração (t,d).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*un/dos, toma/daré*), Dependência (*más vale/que*).

f)- Entradas no *Google*: 714 (DQ: 5/20).

	PROVÉRBIO 11	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>más vale un toma que dos te daré.</i>	-	SIM	B	AL	O/D	714
TR	<i>mais vale hum toma que dous te darei</i>	L	PS	B	AL	O/D	202
CA	<i>mais vale um toma que dois te darei</i>	L	PS	B	AL	O/D	202
AA	<i>mais vale um toma que dois te darei</i>	L	PS	B	AL	O/D	202
AR	<i>mais vale um toma que dois te darei</i>	L	PS	B	AL	O/D	202
EA	<i>mais vale um "toma" que dois "te darei"</i>	L	PS	B	AL	O/D	202
SM	<i>mais vale um "toma" que dois "te darei"</i>	L	PS	B	AL	O/D	202
AS	<i>mais vale um 'toma' que dois 'te darei'</i>	L	PS	B	AL	O/D	202

12- el consejo de la mujer es poco, y el que no lo toma es loco.

a)- Notas:

- Edição 2001: “*la mujer aconseja pocas veces o en pocos asuntos*”.
- Edição 2004: “*la mujer rara vez da un consejo*”.
- Anna Sanchez:

Aconselha a não desprezar o parecer das mulheres nas coisas difíceis, pois a sua intuição encontra pronta e fácil solução para qualquer problema. Segundo R. Marin, este refrão parece ser de autoria de algum feminista do passado. (1982:182)

b)- Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Ternária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*poco/loco*); Assonância (o); Aliteração (c/q).

e)- Recorrência semântica: Não Apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 156 (DQ: 0/20).

	PROVÉRBIO 12	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>el consejo de la mujer es poco, y el que no lo toma es loco.</i>	-	NÃO	T	R/AS	-	156
TR	o conselho da mulher he pouco, e que quem não o toma he louco	L	PN	T	R/AS	-	0
CA	o conselho da mulher é pouco, e quem não o toma é louco. ²⁴¹	L	PN	T	R/AS	-	0
AA	conselho de mulher é pouco, mas quem não o toma é louco.	L	PN	T	R/AS	-	1
AR	o conselho da mulher é pouco, mas quem não o toma é bem louco.	L	PN	T	R/AS	-	0
EA	conselho de mulher é pouco, mas quem não o toma é louco.	L	PN	T	R/AS	-	1
EA*	conselho de mulher vale pouco, mas quem não o toma é louco.	L	PN	T	R/AS	-	0
SM	conselho de mulher é pouco, mas quem não o toma é louco.	L	PN	T	R/AS	-	1
AS	o conselho da mulher é pouco, e quem não o toma é louco.	L	PN	T	R/AS	-	0

²⁴¹ Na versão digitalizada pelo eBooksBrasil.org, Tradução de Conde de Azevedo e António Feliciano de Castilho. Com a ortografia "abrasileirada" por eBooksBrasil.org a partir dos volumes VIII e IX da coleção Clássicos Jackson. O provérbio aparece diferente, inclusive invertendo completamente o sentido: “o conselho da mulher é pouco, e quem o toma é louco”. Aparece o mesmo “erro” no site 1: “Conselho de mulher vale pouco, e quem o toma é louco” (G:10) e no site 12.

DQ II – Capítulo XXXIV**13- al buen pagador no le duelen prendas,**

a)- Notas:

- Anna Sanchez:

Sancho Pança usa quatro vezes este refrão. Tal expressão dá a entender que aquele que quer cumprir com o que deve, oferece facilmente as garantias que lhe são exigidas. Trata-se de uma pessoa fiel cumpridora dos seus deveres. (1982:183).

b)- Provérbio Equivalente: “Ao bom pagador não dói o penhor” G:82 (14, 27, 6, 28, 1, 29, 31).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*buen/duelen*); Assonância (e); Aliteração (p,n,d).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 5.160 (DQ: 2/20).

	PROVÉRBIO 13	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>al buen pagador no le duelen prendas,</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	-	5.160
TR	o bom pagador não teme dar penhor;	E	PN	B	R/AS/AL	-	2
CA	o bom pagador não teme dar penhor;	E	PN	B	R/AS/AL	-	2
AA	- o bom pagador dá com gosto penhor.	E	PN	B	R/AS/AL	-	1
AR	- Ao bom pagador não dói o penhor.	L	PS	B	R/AS/AL	-	82
EA	- o bom pagador não receia dar penhor, ²⁴²	E	PN	B	R/AS/AL	-	1
EA*	- ao bom pagador não dói o penhor.	L	PS	B	R	-	82
SM	- pois a bom pagador não lhe dói o penhor.	L	PS	B	R/AS/AL	-	0
AS	o 'bom pagador não teme dar penhor';	E	PN	B	R/AS/AL	-	2

²⁴² O provérbio traduzido por EA aparece na tradução de AA, mas no início do capítulo XXX segunda parte, DQ, 2005:1312.

14- *más vale al que Dios ayuda que al que mucho madruga,*

a)- Notas:

- Anna Sanchez:

Aplica-se este refrão contra aqueles que confiam mais no seu próprio esforço do que na ajuda de Deus. No contexto, entretanto, Sancho aplica-o a si mesmo, confiando primeiro na ajuda divina e depois no seu próprio trabalho, para governar com êxito a Ilha Barataria. (1982:183).

b)- Provérbio Equivalente: “Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga” G:561) (30, 31, 24, 32), “Mais vale quem Deus ajuda do que quem muito cedo madruga” G:7 (28, Pinto).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*ayuda/madruga*) Assonância (u); Aliteração (m).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (*más/mucho*).

f)- Entradas no *Google*: 564 (20/20).

	PROVÉRBIO 14	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>más vale al que Dios ayuda que al que mucho madruga,</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	S	564
TR	Mais vale a quem Deos ajuda, do que a quem muito madruga	L	PS	B	R/AS/AL	S	5
CA	mais faz quem Deus ajuda que quem muito madruga;	E	PN	B	R/AS/AL	S	5
AA	mais vale quem Deus ajuda do quem cedo madruga	L	PS	B	R/AS/AL	S	11
AR	Mais faz quem Deus ajuda do que quem muito madruga.	E	PN	B	R/AS/AL	S	0
EA	mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga	L	PS	B	R/AS/AL	S	600
SM	mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga,	L	PS	B	R/AS/AL	S	101
AS	mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga;	L	PS	B	R/AS/AL	S	101

15- tripas llevan pies, que no pies a tripas;

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Este provérbio teria duas formas: “*Tripas llevan piernas, que no piernas tripas*” e “*Tripas llevan corazón, que no corazón tripas*”. Esse mesmo provérbio é dito por Sancho no *DQ II*, XLVII. “Essas expressões advertem que para realizar qualquer esforço é conveniente estar bem alimentado.” (1982:183).

b)- Provérbio Equivalente: “São as tripas que levam os pés, e não os pés que levam as tripas” G:4 (1, 11, 12, 33, 35).

c)- Estrutura rítmica: Ternária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (a,e); Aliteração (t,p).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (repetição) (*tripas/tripas, pies/pies*).

f)- Entradas no *Google*: 152 (DQ: 15/20).

	PROVÉRBIO 15	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>tripas llevan pies, que no pies a tripas;</i>	-	SIM	T	AS/AL	S	152
TR	Tripas levaõ pés, e não pés as tripas;	L	PS	T	AS/AL	S	0
CA	as tripas é que levam os pés, não os pés as tripas;	L	PS	T	AS/AL	S	0
AA	as tripas levam os pés e não os pés as tripas.	L	PS	T	AS/AL	S	1
AR	As tripas é que levam os pés, não os pés as tripas.	L	PS	T	AS/AL	S	0
EA	as tripas levam os pés e não os pés as tripas.	L	PS	T	AS/AL	S	1
SM	são as tripas que levam os pés, e não os pés que levam as tripas.	L	PS	T	AS/AL	S	4
AS	'tripas levam pés, e não pés a tripas';	L	PS	T	AS/AL	S	0

OBS: Neste caso, a cor azul também significa que são idênticos.

16- sin duda que gobernaré mejor que un gerifalte.

a)- Notas:

- Edição 2001: Sancho diz vários provérbios conhecidos, explicando ele mesmo sua intenção durante o diálogo.
- Anna Sanchez: “Do antigo escandinavo ‘geirfalti’, pelo francês antigo ‘girfalt’, atual ‘gerfaut’. Ave de rapina diurna da família das falcônidas.” (1982:183).

b)- Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Unitária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (e); Aliteração (r,j/g).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no Google: 394 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 16	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>sin duda que gobernaré mejor que un gerifalte.</i>	-	NÃO	U	AS/AL	-	394
TR	Sem dúvida que governarei como convém, sem que tenhaõ que me dizer,	E	PN	B	-	-	0
CA	hei de governar melhor que um gerifalte,	E	PN	U	AL	-	5
AA	sem dúvida governarei melhor do que um gerifalte.	L	PN	U	AL	-	1
AR	hei de ser um águia a governar.	E	PN	U	AL	-	0
EA	sem dúvida governarei melhor que um gerifalte.	L	PN	U	AL	-	0
EA*	sem dúvida governarei melhor do que um gerifalte	L	PN	U	AL	-	0
SM	sem dúvida que governarei melhor que uma águia	L	PN	U	-	-	1
AS	governarei, sem dúvida, melhor que um gerifalte.	L	PN	T	AL	-	0

17- *póngame el dedo en la boca, y verán si aprieto o no.*

a)- Notas:

- Edição 2001: “*Para comprobar si es bobo*”.
- Edição 2004: “*y comprobarán que no soy tonto*”.
- Anna Sanchez:

Sancho desautomatiza o refrão ‘*Metedle el dedo en la boca, veréis si aprieta.*’, ou ‘*Métanle el dedo en la noca, verán si muerde.*’ ou ‘*¿Tonto? Métele un dedo en la boca (y verás cómo te muerde).*’ Iribarren²⁴³ afirma que a expressão entre parênteses não se diz, mas se subentende. Usa-se tal refrão para defender alguém que é tido por bobo. No contexto, a defesa é em causa própria. Sancho não se julga tolo, mas esperto. (1982:184).

b)- Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Ternária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (o).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*si aprieto/o no*).

f)- Entradas no *Google*: 1 (1/1).

	PROVÉRBIO 17	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>póngame el dedo en la boca, y verán si aprieto o no.</i>	-	NÃO	T	AS	O	1
TR	mettaõ-me o dedo na bocca, e veraõ se aperto, ou não.	L	PN	T	R/AS	O	0
CA	metam-me o dedo na boca e verão se eu mordo.	E	PN	B	AS	-	6
AA	ponha-me o dedo na boca e saberá se mordo!	E	PN	B	AS	-	1
AR	metam-me o dedo na boca a ver se mordo.	E	PN	B	AL	-	0
EA	ponham-me o dedo na boca e verão se mordo ou não!	E	PN	T	R/AS	O	0
SM	que me metam o dedo na boca, e vejam se não mordo!	E	PN	B	R/AS	-	0
AS	metam-me o dedo na boca, e verão se aperto ou não.	L	PN	T	R/AS	O	0

²⁴³ IRIBARREN, José María. *El porqué de los dichos, sentido, origen y anécdota de los dichos, modismos y frases proverbiales de España...* Madrid: Aguilar, 1974.

DQ II – Capítulo XLIII

(diálogo um):

18- en casa llena, presto se guisa la cena,

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Sancho recorre duas vezes a provérbio. R. Marin diz ser uma expressão do século XV: “*En casa llena, aína fazen cena*”. Quer dizer que quando há muitos recursos é mais fácil realizar qualquer empreendimento. É usado de maneira denotativa pelos espanhóis e teria inspirado a réplica humorística e irônica: “*y en la vacía, más aína*”, pois sem recursos não é possível preparar ceia alguma. (1982:186).

b)- Provérbio Equivalente: “Em casa alheia depressa se guisa a ceia” G:3 (1, 12).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima: (*casa/guisa, llena/cena*); Assonância (a), Aliteração (s/c).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 908 (DQ: 17/20).

	PROVÉRBIO 18	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>en casa llena, presto se guisa la cena,</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	-	908
TR	em casa cheia prestes se prepara a cêa	L	PS	B	R/AL/SL	-	1
CA	em casa cheia depressa se guisa a ceia,	L	PS	B	R/AS/AL	-	8
AA	em casa cheia logo se guisa a ceia,	L	PS	B	R/AS/AL	-	1
AR	em casa alheia depressa se guisa a ceia,	E	PN	B	R/AS/AL	-	1
EA	em casa cheia logo se guisa a ceia,	L	PS	B	R/AS/AL	-	1
SM	em casa cheia, asinha se faz a ceia,	L	PS	B	R/AS/AL	-	1
AS	em casa cheia rápido se prepara a ceia,	L	PS	B	R/AS/AL	-	0

19- *quien desata, no baraja*

a)- Notas:

Anna Sanchez - Ver provérbio nº10: “Porque quien destaja no baraja”, 6.1.2 - Parte II – Capítulo VII.

b)- Provérbio Equivalente: “Não se pode repicar e ir na procissão” G:9 (1, 13, 22) e “Não se pode assobiar e chupar cana ao mesmo tempo” G:86 (1, 23, 24, Lacaz Netto), “Quem parte não baralha” G:57 (2, 1, 3).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima: (*desata/baraja*); Assonância (a).

e)- Recorrência semântica: Oposição: (*desata/baraja*).

f)- Entradas no Google: 0²⁴⁴

	PROVÉRBIO 19	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>quien desata, no baraja</i>	-	SIM	B	R/AS	O	0
TR	quem parte não baralha;	L	PS	B	-	O	59
CA	quem parte não baralha,	L	PS	B	-	O	59
AA	quem corta não embaralha,	L	PS	B	-	O	2
AR	quem parte não baralha;	L	PS	B	-	O	59
EA	quem corta, não embaralha;	L	PS	B	-	O	2
SM	quem parte não baralha	L	PS	B	-	O	59
AS	quem parte, não baralha’	L	PS	B	-	O	59

²⁴⁴ Na versão do provérbio nº10 G:371 (DQ: 20/20).

20- a buen salvo está el que repica,

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Sancho utiliza este provérbio três vezes. “Significa que é fácil aconselhar quando aquele que o faz não tem de passar pelos rigores do conselho.” (1982:186). Lembra que é fácil dar um conselho quando se está fora da situação de perigo.

b)- Provérbio Equivalente: “Falar é fácil” G:44.200 (5, 34, 1, 11, Pinto), “É mais fácil aconselhar que praticar” G:116 (5, 1, 18, 31, 26, 13, Pinto).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Aliteração (q/c).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 221 (DQ: 13/20).

	PROVÉRBIO 20	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>a buen salvo está el que repica,</i>	-	SIM	B	AL	-	221
TR	a bom seguro está o que repica	L	PN	B	AL	-	2
CA	a salvo está quem repica os sinos.	L	PN	B	AL	-	0
AA	bem a salvo fica quem o alarme repica	L	PN	B	R/AL	-	0
AR	a bom salvo está o que repica.	L	PN	B	AL	-	0
EA	bem a salvo fica quem o alarme repica	L	PN	B	R/AL	-	1
SM	a seu salvo está quem repica o sino.	L	PN	B	AL	-	1
AS	a bom salvo está quem repica os sinos	L	PN	B	AS	-	0

21- el dar y el tener, seso ha menester.

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Aconselha a não ser nem muito generoso nem muito avaro. Outros provérbios relacionados: “*Da y ten, y habrás bien*” e “*Ten que des, y da que tengas*”. Em português: “Para dar e par ter, muito rico é mister ser”. (1982:186).

b)- Provérbio Equivalente: “Quem sabe dar sabe tomar” G:54 (2, 1, 3, 12, Rolland), “Para dar e para ter, muito siso é mister” G:9 (1, 12).

c)- Estrutura rítmica: Ternária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*tener/menester*), Assonância (a,e), Aliteração (r).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*dar/tener*).

f)- Entradas no *Google*: 386 (DQ: 16/20).

	PROVÉRBIO 21	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>el dar y el tener, seso ha menester.</i>	-	SIM	T	R/AS/AL	O	386
TR	e o dar, e o ter sizo ha de mister	L	PS	T	R/AS/AL	O	0
CA	para dar e para ter muito siso é mister...	L	PS	T	R/AS/AL	O	8
AA	para dar e ter, juízo é mister.	L	PS	T	R/AS/AL	O	0
AR	quem sabe dar sabe tomar...	E	PS	B	R	S/O	54
EA	para dar e ter, juízo é mister.	L	PS	T	R/AS/AL	O	0
SM	para dar e para ter, muito siso é mister.	L	PS	T	R/AS/AL	S/O	8
AS	para dar e para ter, siso é mister	L	PS	T	R/AS/AL	S/O	0

(diálogo dois):

22- para todo hay remedio, si no es para la muerte,

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Outra versão: “*A todo hay maña (arreglo), sino a la muerte*”. É uma forma de consolar alguém que sofre. R. Marin informa que os médicos espanhóis costumavam dizer: “*Contra vim mortis non est medicamentum in hortis*” ou “*Contra la muerte no hay remedio (pero la muerte es un remedio)*” – que a pesquisadora identifica como uma variante ou réplica do primeiro. (1982:189).

b)- Provérbio Equivalente: “Para tudo há remédio, menos para a morte” G:318 (1, 5, 6, 21, 19, 20), “Há remédio para tudo, menos para a morte” G:149 (1, 37), “Tudo tem remédio, menos a morte” G:115 (1, 13, 12).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Aliteração (p, m).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (repetição) (*para/para*) Oposição (*remedio/muerte*).

f)- Entradas no Google: 581 (DQ: 15/20).

	PROVÉRPIO 22	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>Para todo hay remedio, si no es para la muerte,</i>	-	SIM	B	AL	S/O	581
TR	para tudo ha remedio, só para a morte não	L	PS	B	AL	S/O	0
CA	para tudo há remédio, menos para a morte,	L	PS	B	AS/AL	S/O	318
AA	Para tudo há remédio, a não ser a morte.	L	PS	B	AS	S/O	1
AR	Há remédio para tudo, menos para a morte.	L	PS	B	AS/AL	S/O	149
EA	para tudo há remédio, a não ser para a morte.	L	PS	B	AL	S/O	0
SM	tudo tem remédio, menos a morte,	L	PS	B	AL	O	115
AS	para tudo há remédio, menos para a morte;	L	PS	B	AL	S/O	318

23- *teniendo yo el mando y el palo,*

a)- Notas:

- Edição 2001: É uma frase proverbial: “*teniendo el poder de mandar de palabra y de obligar a que se me obedezca*”.
- Edição 2004: “*teniendo la facultad de mandar y ser obedecido*”.

b)- Provérbio Equivalente: “Ter a faca e o queijo na mão” G:1.350 (1).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*teniendo/mando*), Assonância (o).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 642 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 23	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>teniendo yo el mando y el palo,</i>	-	SIM	B	R/AS	-	642
TR	tendo eu o mando, e a vara na mão,	L	PN	B	R	-	0
CA	tendo eu a faca e o queijo na mão,	E	PS	B	AL	-	2
AA	Tendo eu a mão e o bordão,	E	PN	B	R	-	0
AR	eu de faca e queijo na mão,	E	PS	B	AL	-	0
EA	Tendo eu a mão e o bordão,	E	PN	B	R/AS	-	0
SM	tendo eu o poder e a vara,	L	PN	B	0	-	1
AS	tendo eu o queijo e a faca na mão,	E	PN	B	0	-	0

24- *el que tiene padre alcalde...*

a)- Notas:

- Edição 2001: o provérbio continua: “... *seguro va a juicio*”.
- Edição 2004: “... *seguro va a juicio*” quer dizer, “*nada tiene que temer*”.
- Anna Sanchez: Sancho teria mutilado esse provérbio. Significa que o uso da amizade ou favores deixa os administradores de justiça parciais. Outras versões: “*El que tiene padrinos se bautiza*” e “*El que tiene padrinos logra lo que desea*” A versão em português seria: “Quem tem padrinho não morre mouro”, ou “... não morre na cadeia”, ou “... não morre pagão” (1982:189).

b)- Provérbio Equivalente: “Quem tem padrinho, não morre pagão” G:1.400 (17, 11, 1, 40, Pinto), “Quem tem pai alcaide, não cura nem faz” G:4 (1, 5, 12).

c)- Estrutura rítmica: Unitária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*padre/alcalde*), Assonância (e).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 305 (DQ: 3/20).

	PROVÉRBIO 24	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>el que tiene padre alcalde...</i>	-	SIM	U	R/AS	-	305
TR	aquelle, que tem seu pai Alcalde...	L	PS	U	-	-	0
CA	quem tem o pai alcaide...*	L*	PS	U	-	-	6
AA	Quem tem pai alcaide,	L	PS	U	-	-	8
AR	quem tem o pai alcaide...	L	PS	U	-	-	6
EA	nada teme quem tem pai alcaide	L	PN	B	AS/AL	-	0
EA*	quem tem pai alcaide não receia juiz	E	PN	B	-	-	0
SM	Quem tem pai alcaide...*	L*	PS	U	-	-	5
AS	quem tem padrinho...	E	PS	U	-	-	2.950

Obs.: Aqui azul é também idênticos.

25- *vendrán por lana y volverán trasquilados*,

a)- Notas:

- Edição 2001: Aparece no DQ I, VII, a nota esclarece: “*pensar en un logro y conseguir un fracaso*”. Neste capítulo a nota diz: “*conseguirán lo contrario de lo que se proponen*”.
- Edição 2004: “*les sucederá lo contrario de lo que esperan*”.
- Anna Sanchez: Sancho utiliza três vezes este provérbio. Existem opiniões de que o mesmo seria uma alusão a “*trasquilar a cruces*” (raspar a cabeça em cruz) – pena imposta aos blasfemadores e judeus. Uma versão mais antiga faz alusão ao carneiro que se mete no rebanho alheio e acaba voltando tosquiado. Essa versão é confirmada por Correas (1924)²⁴⁵. Lá encontramos: “*El carnero encantado, que fue por lana e volvió trasquilado*” Indicaria que alguém sofreu um prejuízo quando esperava lucrar. Equivale a: “*Hay quien va a cazar y cazado queda*” (1982:190)

b)- Provérbio Equivalente: Não foi encontrado.²⁴⁶

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*vendrán/lana/volverán*), Assonância (a,o), Aliteração (r,n).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*vendrán/volverán*).

f)- Entradas no Google: 239 (DQ: 17/20).

²⁴⁵ CORREAS, Maestro Gonzalo. *Vocabulario de Refranes y Frases Proverbiales y otras fórmulas comunes de la lengua castellana...* Madrid: Tip. de la Rev. De Archivos, Bibliotecas y Museos; 1924.

²⁴⁶ Existe, no entanto um que seria equivalente ao último sugerido por Sanchez, “Um dia é da caça, o outro do caçador” G: 581 (10, 11, Pinto). Não é considerado aqui como equivalente por traduzir apenas parte do conceito.

	PROVÉRPIO 25	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>vendrán por lana y volverán trasquilados,</i>	-	NÃO	B	R/AS/AL	O	239
TR	virem por lâ, e irem tosqueados	L	PN	B	R	O	0
CA	podem vir buscar lâ e voltar tosquiados;	L	PN	B	R/AL	O	5
AA	Virão buscar lâ e voltarão tosquiados.	L	PN	B	R/AL	O	1
AR	vêm buscar lâ e ficam tosquiados.	E	PN	B	0	S	0
EA	virão buscar lâ e voltarão tosquiados.	L	PN	B	R/AL	O	1
SM	virão buscar lâ e voltarão tosquiados.	L	PN	B	R/AL	O	1
AS	virão por lâ e voltarão tosquiados;	L	PN	B	R/AL	O	1

26- a quien Dios quiere bien, la casa le sabe,

a)- Notas:

- Edição 2001: É um provérbio, significa, “*el que es afortunado, no tiene de qué preocuparse*”.
- Edição 2004: “*quien tiene buena suerte no tiene de qué preocuparse*”.
- Anna Sanchez:

O segundo membro deste refrão apresenta numerosas variantes. Eis algumas delas: ‘... a si casa le trae de comer.’, ‘... durmiendo le viene el bien.’, ‘... la perra le pare puercos.’, ‘... se le cae la sopa en la miel.’, etc. Significa que aquele que é afortunado, não necessita muito esforço para obter aquilo que quer. (1982:190, aspas e itálicos da autora)

b)- Provérbio Equivalente: Sim, “Mais pode Deus ajudar que velar e madrugar” G:3 (1, 12), “A quem Deus quer bem, o vento lhe apanha a lenha” G:18 (1, 12, 13, 22, Vasconcelos).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*quien/bien, casa/sabe*), Assonância (a,e), Aliteração (q/c).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 150 (DQ: 12/20).

	PROVÉRBIO 26	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>a quien Dios quiere bien, la casa le sabe,</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	-	150
TR	A quem Deos quer bem, sabe-lhe a casa,	L	PN	B	R/AS/AL	-	0
CA	mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga;	E	PS	B	R/AS/AL	-	86
AA	A quem Deus quer bem conhece-lhe a casa.	L	PN	B	R/AS/AL	-	1
AR	Mais pode Deus ajudar que velar e madrugar.	E	PN	T	R/AS	-	3
EA	A quem Deus quer bem, conhece-lhe a casa.	L	PN	B	R/AS/AL	-	1
SM	a quem Deus quer bem, o vento lhe apanha a lenha.	E	PS	B	R/AS/AL	-	18
AS	a quem Deus quer bem, a casa conhece.	L	PN	B	R/AS/AL	-	0

27-las necesidades del rico por sentencias pasan en el mundo,

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Provérbio que pondera sobre a importância que se dá à riqueza, semelhante a “*Las necesidades que habla el rico pasan por oro fino; las discreciones del pobre ni por oro, ni por cobre*”. (1982:190).

b)- Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (a,e), Aliteração (n, d, s/c).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*necesdades/sentencias*).

f)- Entradas no Google: 383 (DQ: 20/20).

	PROVÉRPIO 27	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>las necesidades del rico por sentencias pasan en el mundo,</i>	-	NÃO	B	AS/AL	O	383
TR	as necessidades do rico sentenças são no mundo	L	PN	B	AL	O	0
CA	as tolices dos ricos passam por sentenças no mundo;	L	PN	B	AL	O	5
AA	As tolices do rico passam no mundo por sentenças.	L	PN	B	AL	O	2
AR	As asneiras do rico passam no mundo por sentenças.	L	PN	B	AL	O	0
EA	Os disparates do rico passam no mundo por sentenças.	L	PN	B	AL	O	0
SM	as necessidades do rico passam no mundo por sentenças.	L	PN	B	AL	O	1
AS	as tolices do rico por sentenças passam neste mundo;	L	PN	B	AL	O	0

EA* é idêntica, mas inicia em minúscula.

28-haceos miel, y paparos han moscas;

a)- Notas:

- Edição 2001: “*mostraos débil y los ruines se aprovecharán de vosotros*”.
- Edição 2004: “*convertíos en miel y os comerán (paparos han) las moscas*”, significando “*si mostráis debilidad, se aprovecharán de vosotros.*”
- Anna Sanchez: Sancho usa esse provérbio duas vezes. Equivale a “*A quien se hace oveja, lobos se lo comen*” e “*Haced fiestas a la gata y saltaros ha la cara*”. Sugere que é fácil abusar de pessoa muito bondosa. (1982:190).

b)- Provérbio Equivalente: “Quem se faz de mel as moscas o comem” G:20 (1)
“Fazei-vos mel, comer-vos-ão as moscas” G:10 (1, 12, 13, 22).

c)- Estrutura rítmica: Binária

d)- Recorrência fônica: Rima (*haceos/paparos*), Assonância (a,o,), Aliteração (h,m,s).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*haceos/paparos, miel/moscas*).

f)- Entradas no Google: 510 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 28	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>haceos miel, y paparos han moscas;</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	O	510
TR	Faze-te mel, comer-te-hão as moscas	L	PS	B	AL	S/O	0
CA	quem se faz de mel as moscas o comem	L	PS	B	AS/AL	O	20
AA	Com mel é que se apanham moscas.	E	PN	B	AL	O	4
AR	fazei-vos mel, comer-vos-ão as moscas.	L	PS	B	AS/AL	S/O	10
EA	Não cubras com mel o homem, se não (sic) as moscas o comem.	E	PN	B	R/AL	O	1
EA*	se vos tornardes de mel, irão papar-vos as moscas;	L	PN	B	AL	O	0
SM	fazei-vos mel, e comer-vos-ão as moscas;	L	PS	B	AS/AL	S/O	0
AS	fazei-vos mel, comer-vos-ão as moscas;	L	PS	B	AS/AL	S/O	10

29-*tanto vales cuanto tienes*,

a)- Notas:

- Anna Sanchez:

Sancho usa duas vezes este refrão. No capítulo XX desta 2ª parte diz: '*Tanto vales cuanto tienes, y tanto tienes cuanto vales*'. Os Refraneiros registram separadamente: '*Tanto tienes, tanto vales.*', '*Tanto vales cuanto tienes.*', '*Cuanto tienes, tanto vales.*', '*Tanto es tu valer como tu tener.*' Dá a entender que geralmente o homem vale por sua riqueza. (1982:191, aspas e itálicos da autora).

b)- Provérbio Equivalente: "Tanto vales, quanto tens" G:8 (1, 12, 13), "Tanto tens, tanto vales" G:177 (1, 6, 11,13, 21), "Vale quem tem" G:17.300 (Pinto)²⁴⁷.

c)- Estrutura rítmica: Binária

d)- Recorrência fônica: Rima (*tanto/cuanto, vales/tienes*), Assonância (a,o,e), Aliteração (t,s).

e)- Recorrência semântica: Dependência (*tanto/cuanto*)

f)- Entradas no Google: 2.800 (DQ: 3/20)²⁴⁸ 12 entradas são referentes a uma peça, com esse nome, do Duque de Rivas, Ángel de Saavedra.

	PROVÉRBIO 29	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>tanto vales cuanto tienes</i> ,	-	SIM	B	R/AS/AL	D	2.800
TR	Tanto vales, quanto tens,	L	PS	B	R/AS/AL	D	10
CA	tanto tens, tanto vales	L	PS	B	R/AS/AL	D	177
AA	Vale quem tem	E	PS	U	R/AS	-	17.300
AR	Tudo vales, quanto tens,	E	PN	B	AS/AL	D	0
EA	Tanto vales quanto tens,	L	PS	B	R/AS/AL	D	10
SM	tanto vales, quanto tens,	L	PS	B	R/AS/AL	D	10
AS	tanto vales quanto tens,	L	PS	B	R/AS/AL	D	10

EA*: o mesmo provérbio, mas sem a maiúscula.

²⁴⁷ Este provérbio aparece em diversos sites, desde drogarias, shopping, indústrias, nome de músicas, etc.

²⁴⁸ Dessas vinte, doze entradas são referentes à comédia "*Tanto vales cuanto tienes*" (1840) de Duque de Rivas, Ángel de Saavedra.

30-el hombre arraigado no te verás vengado.

a)- Notas:

- Edição 2001: É um provérbio, significa “no podrás tomar venganza del que tiene poder o dinero”.
- Edição 2004: “del hombre poderoso no podrás obtener venganza”.
- Anna Sanchez: do Marqués de Santillana²⁴⁹ temos o seguinte registro: “Del hombre heredado non te verás vengado.” Avisa da dificuldade de se vingar de pessoas ricas e poderosas.

b)- Provérbio Equivalente: Sim, “Com teu amo não jogues as peras” G:290 (2, 1, 14, 27, 11, 15, 13, 41, 28, 14, 42, Rolland).²⁵⁰

c)- Estrutura rítmica: Binária

d)- Recorrência fônica: Rima (*arraigado/vengado*), Assonância (o,a,e), Aliteração (g,d,v).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no Google: 418 (18/20).

	PROVÉRBIO 30	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>del hombre arraigado no te verás vengado.</i>	-	SIM	B	R/AS/AL	-	418
TR	de homem arraigado, não te verás vingado.	L	PN	B	R/AS/AL	-	0
CA	com teu amo não jogues as peras.	E	PS	B	AS/AL	-	290
AA	do homem abastado não te verás vingado.	L	PN	B	R/AS/AL	-	1
AR	homens bons e pichéis de vinho apaziguam o burburinho.	E	PN	T	R/AS	-	0
EA	de quem tem com abastança, jamais tirarás vingança.	E	PN	B	R/AS/AL	-	0
SM	do homem abastado não te verás vingado.	L	PN	B	R/AS/AL	-	1
AS	do homem poderoso não te verás vingado.	L	PN	B	AL	-	0

²⁴⁹ LÓPEZ DE MENDOZA, Iñigo. Marqués de Santillana. *Proverbios. Glosados por Pedro Díaz de Toledo*. Madrid: Atlas, 1944.

²⁵⁰ Aparece também o provérbio com sua continuação: “Com teu amo não jogues as peras porque ele come as maduras e deixa-te as verdes” G: 43 (1, 14, 27, 15, 42).

31-al buen callar llaman Sancho.

a)-Notas:

- Edição 2001: Sancho escolhe este provérbio para aplicá-lo com ironia a si mesmo.
- Anna Sanchez: Este provérbio só aparece esta única vez em toda a obra. A pesquisadora acredita que o nome do escudeiro derive dele mesmo – seria uma ironia: batizar uma personagem com um nome oposto à sua característica de falante inveterado. Aparece na coleção de Marqués de Santillana e teria uma longa história. Primeiro porque aparece indistintamente “Sancho” ou “santo”. Assim aparece no Covarrubias. Joaquín BASTÚS²⁵¹ afirma que muitos acreditam que “Sancho” seja o mesmo que “santo”. SBARBI²⁵² afirma que alguns escritores ao invés de “Sancho” e “santo” usavam “sabio, sage e saggio”. Segundo este autor, a língua espanhola utilizou “sage” no lugar de “sabio” até o final do século XVI. São conhecidas duas versões para sua origem: Oviedo nas *Quincuagenas* relembra de Sancho, o fiel e calado serviçal de D. Lope Díaz, quarto conde de Vizcaya. Outra versão conta que o provérbio refere-se ao silêncio de D. Sancho II, quando em 1607, seu pai, D. Fernando el Magno, rei de Castilla, divide seu reino entre os filhos. Ele passou a cidade de Zamora para sua filha Doña Urraca: “*Al que te quite Zamora, la mi maldición le caiga; todos dijeron amén, menos D. Sancho, que calla.*” (1982:158). Para o autor, esse silêncio ficou convertido a uma regra de prudência ou de maldade. Juan Suñé Benages (1941) acredita que é uma recomendação de prudência ao falar. Sanchez pensa que é desse refrão que o nome Sancho é derivado, um nome diametralmente oposto à sua característica de “*hablador*” inveterado.

b)- Provérbio Equivalente: Sim, “Ao bom calar chamam santo” G:14 (6, 1, 12, 43, 13, Pinto), “O calado ganha sempre” G:10 (2, 5, 3, 4, Ghitescu)²⁵³.

c)- Estrutura rítmica: Unitária.

²⁵¹ Bastús, Joaquín D.V. *La Sabiduría de las Naciones, o los Evangelios Abreviados*. Barcelona: Librería de Salvador Manero: Primera serie: 1862, segunda serie: 1863

²⁵² Sbarbi, José Maria. *Intraducibilidad del Quijote*. In: *El Refranero General Español*. Madrid: Imprenta de A.G. Fuentenebro; 1876.

²⁵³ No único dicionário encontrado, Ghitescu, para “*Al buen callar chaman santo*” aparece também: “Bem é saber calar até ser tempo de falar” G:0

- d)- Recorrência fônica: Rima (*callar/llaman*), Assonância (a), Aliteração (ll/ch, n).
- e)- Recorrência semântica: Oposição (*callar/llaman*) e pelo contexto do *Quixote*, (*callar/Sancho*).
- f)- Entradas no *Google*: 3.000 (DQ: 5/20).

	PROVÉRBIO 31	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>al buen callar llaman Sancho.</i>	-	SIM	U	R	O	3.000
TR	ao bom callar chamaõ Sancho.	L	PN	U	AS/AL	O	0
CA	ao bom silêncio chamam Sancho.*	E*	PN	U	AS/AL	O	0
AA	ao bom calar chamam Sancho.	L	PN	U	AS/AL	O	1
AR	Ao bom calar chamam Sancho.	L	PN	U	AS/AL	O	1
EA	ao bom calar chamam Sancho.	L	PN	U	AS/AL	O	1
EA*	ao bem calar chamam Sancho.	L	PN	U	AS/AL	O	1
SM	ao bom calar chamam santo, ou Sancho.*	L*	PS	B	AS/AL	O	1
AS	ao bom calar chamam Sancho.	L	PS	U	AS/AL	O	1

32- “entre dos muelas cordales nunca pongas tus pulgares”

a)- Notas:

- Edição 2001e 2004: “*muelas cordales*” seriam parentes próximos.
- Anna Sanchez: Variação: “*Entre dos muelas molares, nunca metas los pulgares*”. É equivalente a “*Entre padres y hermanos no metas tus manos*”. Quer dizer que: Não se deve intervir em brigas de família, pois os integrantes acabam se acertando e ficamos em má situação. A versão do provérbio em português é: “Entre marido e mulher, nunca metas a colher” ou “Entre pais e irmãos, não metas as mãos”, “Não te metas entre martelo e bigorna”. (1982:191).

b)- Provérbio Equivalente: “Entre dois dentes molares, nunca metas os polegares” G:9 (1, 12, 33, Ghitescu), “Não te metas entre martelo e bigorna” G:5 (1, 12, 13), “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher” G:845 (11, 1, 5, Pinto), “Entre marido e mulher, nunca metas a colher” G:62 (1, 26), “Entre pais e irmãos, não metas as mãos” G:23 (1,12, 13, 33, Alves).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*cordales/pulgares*), Assonância (a,e,u), Aliteração (s,l,g).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 386 (DQ: 19/20).

	PROVÉRBIO 32	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	“entre dos muelas cordales nunca pongas tus pulgares”	-	SIM	B	R/AS/AL	D	386
TR	Entre dous dentes queixaes, o pollegar nunca mettais:	L	PS	B	R/AL	D	0
CA	“Não te metas entre a bigorna e o martelo”;	E	PS	U	AS/AL	0	8
AA	“Entre o pistilo e o almofariz não enfies o nariz”?	E	PN	B	R/AS/AL	0	1
AR	entre dois dentes molares, nunca méta os polegares;	L	PS	B	R/AS/AL	D	9
EA	“entre as pedras do moinho, nunca metas o dedinho”?	E	PN	B	R/AS/AL	D	0
EA*	“entre dois dentes de siso, não ponhas teu polegar”	L	PS	B	AS/AL	0	0
SM	“o dedo não metais entre dois dentes queixais”*	L*	PS	B	R/AS/AL	0	0
AS	“entre os dois dentes do siso nunca ponhas teus polegares”	L	PS	B	AS/AL	D	0

33- “a idos de mi casa y qué queréis con mi mujer, no hay responder”,

a)- Notas:

- Anna Sanchez:

Quando se manda autoritariamente e, sobretudo, quando se repreende com inegável razão, não se pode replicar coisa alguma, só resta obedecer. A pontuação correta deste refrão é: ‘A *‘idos de mi casa’ y ‘qué queréis con mi mujer?’*, no hay (que) responder.’ (1982:192, aspas e itálicos da autora).

b)- Provérbio Equivalente: “Cada um em sua casa é rei” G:153 (41, 1, 12, 13,), “Em sua casa cada qual é rei” G:53 (1, 13, 44, 22, Alves, Pinto).

c)- Estrutura rítmica: Ternária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*mujer/responder*), Assonância (e), Aliteração (c/q, m).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (repetição) (*mi*).

f)- Entradas no Google: 230 DQ: 20/20.

	PROVÉRBIO 33
MC	“a idos de mi casa y qué queréis con mi mujer, no hay responder”,
TR	fora de minha casa, que quereis com minha mulher. Não ha que responder
CA	Há duas coisas que não têm resposta: ide-vos de minha casa, e o que quereis de minha mulher?
AA	“Que quereis com minha mulher?”
AR	largueza, que não há bêberas;
EA	“ao fora de minha casa! E ao que quereis com minha mulher? não há o que responder?”
SM	“a fora da minha casa! e que queres com a minha mulher? não há o que responder”,
AS	cada um em sua casa é rei”;

	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	-	SIM	T	R/AS/AL	S	230
TR	L	PN	T	R/AS/AL	S	0
CA	L	PN	T	AS/AL	S	5
AA	E	PN	U	AS/AL	D	2
AR	E	PN	B	AS	0	0
EA	L	PN	T	R//AS/AL	S	0
SM	L	PN	T	R//AS/AL	S	0
AS	E	PS	U	AS/AL	D	153

EA* - é idêntico, mas ao final não tem ponto de interrogação, mas vírgula.

34- “*si da el cántaro en la piedra o la piedra en el cántaro, mal para el cántaro*”,

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Comenta a diferença de registro nos Refraneiros: “*Si da mal para el cántaro en la piedra, mal para el cántaro; si da la piedra en el cántaro, mal para el cántaro*”. Equivalente a: “*Siempre se quiebra la soga por lo más delgado*”. O significado seria que é melhor evitar brigas e discussões com os mais fortes, pois os mais fracos sempre saem perdendo. Em português: “Se o cântaro bate na pedra, quem fica mal é o cântaro” ou “A corda arrebenta sempre do lado mais fraco” Magalhães Júnior²⁵⁴ afirma que este antigo provérbio assumiu a seguinte forma na área rural: “Galo cego morre sempre de causa vazada”. (1982:195).

b) - Provérbio Equivalente: “Se o cântaro bate na pedra, quem fica mal é o cântaro” G:6 (1, 5, 10, 45, 12), “A corda arrebenta sempre do lado mais fraco” G:461 (2, 1, 46, Pinto).

c)- Estrutura rítmica: Ternária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (a,o), Aliteração (c,r,p).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (repetição) (*cántaro/cántaro/cántaro, piedra/piedra*), Oposição (*cántaro/ piedra*).

f)- Entradas no *Google*: 980 (DQ 8/20).

²⁵⁴ MAGALHÃES JÚNIOR, R. Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1974.

	PROVÉRBIO 34
MC	<i>“si da el cántaro en la piedra o la piedra en el cántaro, mal para el cántaro”,</i>
TR	se o cantaro dá na pedra, ou a pedra no cantaro, mal para o cantaro.
CA	“Se o cântaro bate na pedra, quem fica de mal é o cântaro”;
AA	“Se o cântaro dá na pedra, ou a pedra no cântaro, sempre é pior para o cântaro”?
AR	<i>Que a bilha dê na pedra ou a pedra na bilha, mal vai à vasilha?</i>
EA	“se o cântaro dá na pedra, ou se a pedra dá no cântaro, sempre é pior para o cântaro”?
EA*	“tanto faz dar o cântaro na pedra ou a pedra no cântaro: sempre é pior para o cântaro”
SM	“se o cântaro bate na pedra ou a pedra no cântaro, mal para o cântaro”
AS	“se o cântaro bater na pedra, ou a pedra no cântaro, mal para o cântaro”;

	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	-	SIM	T	AS/AL	S/O	980
TR	L	PN	T	AS/AL	S/O	1
CA	E	PS	B	AS/AL	S/O	6
AA	L	PN	T	AS/AL	S/O	1
AR	E	PN	T	R/AS/AL	S/O	0
EA	L	PN	T	AS/AL	S/O	0
SM	L	PN	T	AS/AL	S/O	0
AS	L	PN	T	AS/AL	S/O	0

35- el que vee la mota en el ojo ajeno vea la viga en el suyo,

a)- Notas:

- Edição 2001 e 2003: Retirado do Evangelho de Mateus (VII, 3) e transformado em frase proverbial.
- Anna Sanchez:

É frase do Evangelho de São Mateus: *'Quid autem vides festucam in oculo fratris tui, et trabem in oculo tuo non vides?'*. Variantes: *'Ése ve una paja en ojo ajeno y no ve una viga en el suyo.'* ou *'No ves la viga que hay en tu ojo, y ves la paja en el ojo del otro.'* Expressa a facilidade com que vemos os defeitos alheios, sem reparar nos próprios. (1982:192, aspas e itálicos da autora).

b) - Provérbio Equivalente: Não encontrado.²⁵⁵

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (e,o), Aliteração (v,j).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (repetição) (vee/vea), Oposição (ajeno/suyo).

f)- Entradas no Google: 63 (DQ: 19/20).

	PROVÉRBIO 35	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>el que vee la mota en el ojo ajeno vea la viga en el suyo,</i>	-	NÃO	B	AS/AL	S/O	63
TR	aquele, que vê o argueiro no olho alheio, veja a tranca no seu	L	PN	B	R/AS/AL	S/O	0
CA	quem vê um argueiro nos olhos dos outros veja a trave nos seus,	L	PN	B	AS	S/O	5
AA	quem vê o argueiro nos olhos dos outros veja a trave nos seus,*	L*	PN	B	AS	S/O	0
AR	o que enxerga a palha no olho alheio, veja a trave no seu	E	PN	B	AS/AL	S/O	0
EA	quem vê o argueiro nos olhos dos outros veja a trave no seu,	L	PN	B	AS/AL	S/O	0
SM	Quem vê o cisco no olho alheio veja a trave no seu,*	L*	PN	B	AS/AL	S/O	0
AS	aquele que vê um arqueiro no olho alheio, veja a viga no seu,	L	PN	B	R/AS/AL	S/O	0

²⁵⁵ No dicionário Ghitescu aparecem estes dois provérbios como tradução: “Ninguém aponta faltas alheias com o dedo sujo” e “Todos falam e murmuram, e ninguém olha pra si”, mas por terem zero entradas no Google e não terem sido encontrados nas coletâneas em português, não serão considerados como equivalentes.

36- “*espantose la muerta de la degollada*”;

a)- Notas:

- Edição 2001: “*el que tiene un defecto se escandaliza de lo que no tiene importancia*”.
- Anna Sanchez:

Está registrada a forma ‘*muerta*’ em lugar de ‘*muerte*’. Refrão mutilado por Sancho Pança: ‘... *cuando la vio tan desgredada*’. Variantes: ‘*Espantóse la muerte de la degollada, como la vio tan extendijada.*’ e ‘*Maravillóse la muerte de la degollada.*’ Equivale a: ‘*Dijo la sartén al cazo, quítase allá que me tiznas.*’ Refrãos com os quais se repreendem aqueles que criticam os defeitos alheios, sem perceber que os seus são maiores. (1982:192, aspas, itálicos e grifos da autora).

b) - Provérbio Equivalente: “Ri-se o roto do esfarrapado e o sujo do mal lavado” G:80 (12, 11, 36, 19, 1, 13, Vellasco), “Antes de escarnecer do coxo, vê bem se andas direito” G:6 (1, 12, 43)²⁵⁶.

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (e,a), Aliteração (d).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (*muerta/degollada*), Oposição (*espantose/muerta*).

f)- Entradas no Google: 416 DQ (13/20).

SM	“riu-se o roto do esfarrapado”;	E	PS	B	R/AS/AL	S	2
AS	ri-se o roto do esfarrapado (e o sujo do mal lavado);	MT	PE	GR	R/AS/AL	BS	80
MC	“ <i>espantose la muerta de la degollada</i> ”;	-	SIM	B	AS/AL	S/O	416
TR	Espantou-se a morte da degollada.	L	PN	B	AS/AL	S/O	0
CA	“Disse a caldeira à sertã, tira-te lá não me enfarrusques”;	E	PN	T	AS/AL	S	5
AA	riu-se o roto do esfarrapado.	E	PS	B	R/AS/AL	S	2
AR	disse a caldeira à sertã, tira-te lá, não me enfarrusques.	E	PN	T	AS/AL	S	5
EA	Assustou-se o defunto ao ver o degolado”	L	PN	B	AS/AL	S	0

²⁵⁶ Também encontrado “Antes de rires do coxo, vê bem se andas direito” G:0 (Pinto).

OBS: Neste caso o cinza claro também corresponde a idênticos.

37- más sabe el necio en su casa que el cuerdo en la ajena.

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Apresenta as variantes: “*Más sabe en su casa el necio que el sabio en la del vecino*”, “*Más sabe el loco en su casa que el cuerdo en la ajena*”, “*Más sabe el necio en su casa que e sabio en la extraña*”. Indica que ninguém pode entender dos seus assuntos como o próprio interessado. (1982:192).

b) - Provérbio Equivalente: “Mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio” G: 30 (5, 1, 12, 13, 33), “Mais sabe o tolo no seu que o sisudo no alheio” G: 8 (1, 12, 13, 33, Rolland).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (e,a), Aliteração (s/c, c).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (repetição) (el/el/la, en/en), Oposição (necio/cuerdo, su casa/la ajena), Dependência (más /que).

f)- Entradas no Google: 572 DQ (6/20).

	PROVÉRBIO 37	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>más sabe el necio en su casa que el cuerdo en la ajena.</i>	-	SIM	B	AS/AL	S/O/D	572
TR	Mais sabe o tôllo do seu, que o avisado do alheio.	E	PS	B	AS/AL	S/O/D	1
CA	mais sabe o tolo no seu que o avisado no alheio.	E	PS	B	AS/AL	S/O/D	30
AA	“Mais sabe o néscio em sua casa que o ajuizado em casa alheia”.	L	PN	B	AS/AL	S/O/D	1
AR	mais sabe o tolo no seu que o sisudo no alheio...	E	PS	B	AS/AL	S/O/D	8
EA	mais sabe o tolo em sua casa que o sensato em casa alheia.	L	PS	B	AS/AL	S/O/D	0
SM	sabe mais o néscio na sua casa que o sábio na alheia.	L	PN	B	AS/AL	S/O/D	1
AS	mais sabe o tolo na sua casa que o cordato na alheia.	L	PS	B	AS/AL	S/O/D	0

DQ II - Capítulo LXVII**38- fuese por lana y volviere trasquilada,**

a)- Notas:

- Edição 2001: O provérbio é aqui utilizado em sentido humorístico, refere-se ao mundo pastoril. Aparece também no *DQ I*, VII - “*sin considerar que muchos van por lana y vuelven trasquilados*” (*DQ I*, p.90) e a explicação é: “*pensar en un logro y conseguir un fracaso*”. Aparece também na parte II, XIV e a nota diz: “*pueden salir las cosas al revés de como se pensaron.*” (*DQ II*, p.739).
- Ana Sanchez: Conferir comentário do provérbio vinte e cinco do diálogo dois no item 6.1.4- Parte II – Capítulo XLIII.

b) - Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*fuese/volviere*), Assonância (a), Aliteração (l).e)- Recorrência semântica: Oposição (*fuese/volviere*).f)- Entradas no *Google*: 522 (DQ: 17/20).

	PROVÉRBIO 38	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>fuese por lana y volviere trasquilada,</i>	-	NÃO	B	R/AS/AL	O	522
TR	fosse pela lâ, e viesse tosqueada,	L	PN	B	R	O	0
CA	fosse buscar lâ e viesse tosquiada,	L	PN	B	R	O	2
AA	fosse colher lâ e voltasse tosquiada	L	PN	B	R	O	1
AR	fosse por lâ e viesse tosquiada,	L	PN	B	R	O	0
EA	fosse colher lâ e voltasse tosquiada	L	PN	B	R	O	1
SM	fosse por lâ e voltasse tosquiada;	L	PN	B	R	O	0
AS	fosse por lâ e voltasse tosquiada;	L	PN	B	R	O	0

39- *quitada la causa, se quita el pecado,*

a)- Notas:

- Edição 2001: “*Sublata causa, tollitur effectus.*”
- Anna Sanchez:

Os Refraneiros registram as seguintes formas: “*Quita la causa, quita el pecado.*”, “*Quien quita la ocasión, quita el pecado.*” e “*Quien quita la ocasión, quita el peligro.*” Refrão que aconselha fugir das situações perigosas ou pecaminosas para evitar danos. (1982:196).

b) - Provérbio Equivalente: “Cessando a causa, cessa o efeito” G:189 (1, 13, 22), “Cessada a causa, desaparecem os efeitos” G:5 (Pinto), “Quem arreda o azo, arreda o pecado” G:2 (11).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (a), Aliteração (q/c,s).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (repetição) (*quitada/quita*).

f)- Entradas no *Google*: 289 (DQ: 18/20).

	PROVÉRBIO 39	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>quitada la causa, se quita el pecado,</i>	-	SIM	B	AS/AL	S	289
TR	cessando a causa, cessa o efeito:	E	PS	B	AS/AL	S	189
CA	tirada a causa, tira-se o efeito:	E	PN	B	AS/AL	S	5
AA	Tirada a causa, tira-se o pecado.	L	PN	B	AS/AL	S	1
AR	quem arreda o azo, arreda o pecado	E	PS	B	AS/AL	S	2
EA	tirada a causa, tira-se o pecado:	L	PN	B	AS/AL	S	1
SM	tirada a causa, tira-se o pecado.	L	PN	B	AS/AL	S	1
AS	tirada a causa se tira o pecado.	L	PN	B	AS/AL	S	0

40- ojos que no veen, corazón que no quiebra,

a)- Notas:

- Edição 2001: “*el que no se entera, no sufre.*”
- Edição 2004: “*que no sufre.*”
- Anna Sanchez: Essa seria uma sentença de São Bernardo no quinto sermão da festa de Todos os Santos (“*Quod non videt oculus cor non delet*”) As variantes seriam: “*Ojos que no veen, corazón que no duele*”, “*... que no siente*”, “*... que no padece*”, “*... que no llora*”, “*Ojos que no veen, ni lloran, ni sienten*”. Este provérbio denota que quando não vemos a desgraça somos menos afetados pela mesma. (1982:196-197).

b) - Provérbio Equivalente: “Olhos que não vêem, coração que não sente” G: 1.260 (1, 12), “Longe dos olhos, longe do coração” G: 1.780 (1, 11, 48, Pinto), “Mal que se ignora – coração que não chora” G:17 (1, 12, 13, 49, 44, 50, Ghitescu), “O que o olho não veja o coração não deseja” G:16 (1, 12, 13, 50, 49, 44, Alves, Ghitescu).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (o), Aliteração (q/c).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (*ojos/corazón*), (repetição) (*que no/que no*).

f)- Entradas no Google: 187 (DQ: 19/20).

	PROVÉRBIO 40	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>ojos que no veen, corazón que no quiebra,</i>	-	SIM	B	AS/AL	S	187
TR	olhos que não vem, coração que não deseja,	E	PS	B	AS/AL	S	0
CA	os olhos que não vêem, coração que não suspira;	E	PN	B	AS/AL	S	0
AA	O que os olhos não vêem, o coração não sente.	E	PS	B	AS/AL	S	42.200
AR	olhos que não vêem, coração que não deseja,	E	PS	B	AS/AL	S	0
EA	o que os olhos não vêem, o coração não sente;	E	PS	B	AS/AL	S	9.490
EA*	o que os olhos não vêem não parte o coração.	L	PN	B	AS/AL	S	0
SM	olhos que não vêem, coração que não quer,	E	PN	B	AS/AL	S	0
AS	olhos que não vêem, coração que não sente,	E	PS	B	AS/AL	S	1.260

41- *más vale salto de mata que ruego de hombres buenos,*

a)- Notas:

- Edição 2001: *“Mejor es retirarse que actuar con prudencia.”* Aparece também no DQ I, XXI. Rico diz ser um provérbio conhecido. Os “homens bons” seriam algo como juízes de paz, pessoas designadas para intermediar uma contenda. Significa que *“más vale escapar que confiar en la intercesión de los demás.”*
- Edição 2004: *“más vale una buena retirada que todos los buenos consejos.”*
- Anna Sanchez:

Sancho Pança usa duas vezes este refrão. Equivale a: *‘A Cristo prendieron en el huerto, porque estuvo allí quieto.’* Variante: *‘Más vale salte do mata que ruego de buenos.’* Este refrão indica que é preferível fugir quando se comete alguma falta do que esperar que pessoas influentes intercedam por nós. Também significa que quando desejamos conseguir algo devemos agir por nós e não pedir com humildade que outros o façam. (1982:197, aspas e itálicos da autora).

b) - Provérbio Equivalente: “Mais vale salteador que sai à estrada que namorado que ajoelha” G:8 (1, 5), “Mais puxa moça que corda” G:20 (1, 12, 13, 33, Rolland), “Mais vale salto de mata que rogos de homens bons” G:6 (1, 13, 12).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima: (*ruego/buenos*), Assonância (e,o), Aliteração (q/c).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (*de/de*), Dependência (*más/que*).

f)- Entradas no Google: 674 (DQ: 16/20).

PROVÉRBIOS 41	MT	PE	ER	RF	RS	G
---------------	----	----	----	----	----	---

MC	<i>más vale salto de mata que ruego de hombres buenos,</i> ²⁵⁷	-	SIM	B	R/AS/AL	S/D	674
TR	vale mais saltar a mata do que esperar nos rogos de homens de bem.	E	PS	B	AS/AL	D	0
CA	mais vale salteador que sai à estrada que namorado que ajoelha.	E	PS	T	AL	S/D	8
AA	Mais vale “ganhar o mato” do que contar com o rogo de homens poderosos.	E	PN	B	AS/AL	D	1
AR	mais puxa moça que corda.	E	PN	B	AL	D	20
EA	mais vale para o mato correr que de rogos de bons homens se valer.	E	PN	T	R/AS/AL	S/D	0
SM	mais vale saltar o barranco que rogar o santo.	E	PN	B	R/AS/AL	S/D	0
AS	mais vale salto de mata que rogos de homens bons.	E	PS	B	AS/AL	S/D	6

EA*, idêntico – com uma vírgula entre as frases.

²⁵⁷ RAE: “Salto de mata: Huida o escape por temor al castigo”, por essa razão não são consideradas como L.

42- “Dijo la sartén a la caldera: Quítate allá, ojinegra”.

a)- Notas:

- Edição 2001: “*El que tiene una falta, no puede achacársela a los demás*”. Hoje em dia esse provérbio inicia-se diferente: “*Dijo la sartén a cazo*”. Rico informa que na época de Cervantes terminava “*tirte allá, culnegra*”.
- Edição 2004: Provérbio que significa: “*se ven los defectos ajenos, pero no los propios*”.
- Anna Sanchez: Sancho utiliza uma variação do provérbio “*castígame mi madre, y yo trómpogelas*”, utilizado por dom Quixote no DQ II, XLIII, na resposta a Sancho no diálogo estudado. “Diz-se daqueles que reincidem na mesma falta sem fazer caso das advertências ou castigos” (1982:186).

b) – Provérbio Equivalente: Não encontrado.²⁵⁸

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (a), Aliteração (t,l).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (*sartén/caldera*).

f)- Entradas no *Google*: 152 (DQ: 19/20).

²⁵⁸ No dicionário Ghitescu, “Ri-se (o roto do esfarrapado e) o sujo do mal lavado” G: 3 (1) Mas não é considerado por ter sido utilizado acima.

	PROVÉRBIO 42
MC	<i>“Dijo la sartén a la caldera: Quítate allá, ojinegra”.</i>
TR	disse a caldeira á sertã tir-te lá não me enfarrusques.
CA	“Disse a caldeira à sertã, tira-te para lá, não me enfarrusques”.
AA	“Disse a panela à caçarola: sai para lá esfumaçada!”
AR	<i>disse a sertã à caldeira, tira-te para lá que me enfarruscas.</i>
EA	“Disse a frigideira à caçarola: sai para lá, sua enfarruscada!”
EA*	“Disse a frigideira à chaleira: sai para lá, sua carvoenta!”
SM	O roto que ri do esfarrapado e o sujo do mal lavado.
AS	Diz a sertã á caldeira: sai pra lá não me enfarrusques.

	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	-	NÃO	B	AS/AL	S	152
TR	E	PN	T	AS/AL	S	0
CA	E	PN	T	AS/AL	S	3
AA	L	PN	B	AS/AL	S	0
AR	E	PN	T	AS/AL	S	0
EA	L	PN	T	AS/AL	S	0
EA*	L	PN	T	AS/AL	S	0
SM	E	PS	B	R/AS/AL	S	0
AS	E	PN	T	AS/AL	S	0

DQ II - Capítulo LXXI**43- cuando estaba picado el molino,**

a)- Notas:

- Edição 2001: Chama de frase proverbial, “*quando se está bien dispuesto a hacer algo y ya se ha empezado*”.
- Edição 2004: significando “*quando la tarea ya estaba en marcha*”.
- Anna Sanchez: “Isto é, quando está recém-‘picada’ a pedra do moinho, que é quando mói melhor. O termo “picar” seria refazer nas pedras do moinho as asperezas (ou as pontas) gastadas pelo uso.” (1982:199).

b) - Provérbio Equivalente: Não encontrado.

c)- Estrutura rítmica: Unitária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (o).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 282 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 43	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>Quando estaba picado el molino,</i>	-	NÃO	U	AS	-	282
TR	bom era moer quando a mó está recém picada,	L	PN	B	AS/AL	S	0
CA	tudo está no principiár,	E	PN	U	AS	-	7
AA	enquanto estava disposto a isso,	E	PN	U	AS/AL	-	1
AR	quando estava picada de fresco a mó do moinho,	L	PN	B	AS/AL	S	0
EA	enquanto o vento soprava a favor,	E	PN	U	AS/AL	S	4
SM	quando estava embalado o moinho,	E	PN	U	AS/AL	-	0
AS	quando estava picado o moinho,	L	PN	U	AS/L	-	0

44- en la tardanza suele estar muchas veces el peligro,

a)- Notas:

- Edição 2001: O mesmo provérbio é utilizado (aqui com a variação “*muchas veces*”) pela primeira vez no *DQ I*, XXIX. Nota: “*Traduce el adagio latino ‘Plus in mora periculi’ (Livio XXXVIII, xxv, 13) del que existen múltiples versiones: ‘Ubi periculum vertitur, vitanda est mora’, etc. Véase también I, 46, p.533; II, 41, p.957; 71, p.1204.’ (DQ I, p.339).*”
- Anna Sanchez:

Sancho Pança usa duas vezes este refrão: ‘*En la tardanza está el peligro*’, variando-o. A falta de resolução imediata, em não poucas ocasiões, faz com que se malogre o êxito de um empreendimento. (1982:200, aspas e itálicos da autora).

b) - Provérbio Equivalente: “Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje” G:830 (1), “Na tardança está o perigo” G:134 (5, 1, 13, 20, 22).

c)- Estrutura rítmica: Unitária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (e), Aliteração (z/s/c).

e)- Recorrência semântica: Não apresenta.

f)- Entradas no *Google*: 330 (DQ: 20/20)

	PROVÉRBIO 44	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>en la tardanza suele estar muchas veces el peligro,</i>	-	SIM	U	AS/AL	-	330
TR	visto que na demóra costuma estar muitas vezes o perigo	L	PN	B	AL	-	0
CA	não guardes para amanhã o que podes fazer hoje;	E	PS	B	R	O	803
AA	na tardança muitas vezes sói estar o perigo.	L	PN	U	AL	-	1
AR	na tardança está muitas vezes o perigo.	L	PN	U	AL	-	0
EA	na tardança muitas vezes sói estar o perigo.	L	PN	U	AL	-	1
SM	na tardança sói muitas vezes estar o perigo.	L	PN	U	AL	-	1
AS	na tardança costuma estar muitas vezes o perigo,	L	PN	U	AL	-	

45- a Dios rogando y con el mazo dando,

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Sancho recorre duas vezes a este provérbio. Significa que temos que dedicar-nos ao trabalho para conseguirmos as coisas com a ajuda de Deus. Uma variante é: “*A Dios orando y al mazo dando.*” Também equivale a “*Ayúdate que Dios te ayudará.*” Existe um “*cuentecillo*” que deu origem a este provérbio:

Um carroceiro que se encontrava com sua carroça avariada, viu aproximar-se São Bernardo, santo famoso por suas virtudes; rogou-lhe, então que intercedesse por ele junto a Deus para que o seu veículo fosse consertado. São Bernardo respondeu-lhe: - Sim, meu filho, rogarei a Deus, mas enquanto isso, você deve ir tratando de consertá-lo com o ‘*mazo*’ (martelo grande de madeira). (1982:135, aspas e itálicos da autora).

Sanchez diz ser equivalente a: “*Santiago, y cierra España*”. Para Iribarren,

tal expressão é um grito de ataque precedido de uma invocação ao Apóstolo Santiago, patrono da Espanha; ‘*cerrar*’ não significa para Iribarren ‘guardar’ nem ‘defender’, mas ‘atacar’ ou ‘investir’. (Ibid.:137 aspas e itálicos da autora).

b) - Provérbio Equivalente: "Deus ajuda a quem madruga" G:370 (10, 11), "A Deus rogando e com o maço dando" G:129 (1, 13, 12, 43, 22), "A Deus rogando e com o malho dando" G:185 (1), "Deus dá nozes mas não as parte" G:15 (1, 12, Ghitescu).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Rima (*rogando/dando*), Assonância (o).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*Dios rogando/mazo dando*).

f)- Entradas no Google: 111.000 (DQ: 0/20).

	PROVÉRBIO 45	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>a Dios rogando y con el mazo dando,</i>	-	SIM	B	R/AS	O	111.000
TR	aos Ceos rogando, e com o maço dando;	E	PN	B	R/AS/AL	O	0
CA	Deus ajuda a quem madruga;	E	PS	B	R	-	370
AA	A Deus rogando e com o malho dando;	L	PS	B	R/AS	O	185
AR	a Deus rogando e com o maço dando;	L	PS	B	R/AS	O	129
EA	a Deus rogando e com o malho dando;	L	PS	B	R/AS	O	185
SM	a Deus rogando e com o malho dando;	L	PS	B	R/AS	O	185
AS	a Deus rogando e com o malho dando;	L	PS	B	R/AS	O	185

EA* - idêntico, porém uma vírgula entre as frases, antes do e.

46- más valía un ‘toma’ que dos ‘te daré’,

a)- Notas:

- Anna Sanchez – Ver provérbio quatro no item 6.1.2 – DQ II, VII.

b) – Provérbio Equivalente: "Mais vale um toma que dois te darei" G:209 (11, 1, 6, 26, 12, 24, 7, 13, 21, 20).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Aliteração (t,d).

e)- Recorrência semântica: Oposição (*un/dos, toma/ daré*), Dependência (*más/que*).

f)- Entradas no *Google*: 315 (20/20).

	PROVÉRBIO 46	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>más valía un ‘toma’ que dos ‘te daré’,</i>	-	SIM	B	AL	O/D	315
TR	<i>mais valia hum toma lá, do que dous te darei</i>	L	PN	B	AL	O/D	0
CA	<i>mais vale um “toma” que dois “te darei”,</i>	E	PS	B	AL	O/D	203
AA	<i>Mais vale um “toma” que dois “te darei”,</i>	E	PS	B	AL	O/D	203
AR	<i>mais vale um toma que dois te darei</i>	E	PS	B	AL	O/D	203
EA	<i>mais vale um “toma” que dois “te darei”,</i>	E	PS	B	AL	O/D	203
SM	<i>mais valia um “toma” que dois “te darei”,</i>	L	PN	B	AL	O/D	0
AS	<i>‘mais valia um ‘toma’ que ‘dois te darei’;</i>	L	PN	B	AL	O/D	0

47- el pájaro en la mano que el buitre volando.

a)- Notas:

- Anna Sanchez: Sancho utilizaria três vezes este provérbio. É equivalente a: “*Más vale pájaro en mano que ciento volando*”, “*Más vale pájaro en la barriga que ciento en la liga*”, “*Más vale lo cierto que lo dudoso*”. A autora cita R. Marin que afirma ter ouvido mais de uma vez a seguinte forma: “*Más vale pájaro en mano que ver tres volando*”. O registro de Correias é: “*Más vale un pájaro en la mano que ‘dos’ volando*”. O significado seria um conselho para “não se deixar coisas seguras, ainda que poucas, com a esperança de outras maiores que são inseguras”. (1982:200).

b) – Provérbio Equivalente: “Mais vale um pássaro na mão que dois a voar” G:538 (1, 27, 10, Ghitecu), “Mais vale mais um pássaro na mão que dois voando” G:106 (19, 36, 1, Pinto), “Por uma dúzia de pardais se deixa voar um açor” G:4 (1, 12, 33, Ghitecu).

c)- Estrutura rítmica: Binária.

d)- Recorrência fônica: Assonância (e,o).

e)- Recorrência semântica: Semelhança (el/el, pájaro/buitre), Oposição (en la mano/volando).

f)- Entradas no Google: 189 (DQ: 20/20).

	PROVÉRBIO 47	MT	PE	ER	RF	RS	G
MC	<i>el pájaro en la mano que el buitre volando.</i>	-	SIM	B	AS	S/O	189
TR	melhor era o pássaro na mão, que o abutre voando.	L	PN	B	0	S/O/D	0
CA	um pássaro na mão que dois a voar.	E	PS	B	AL	O	1.910
AA	mais um pássaro na mão que dois voando.	E	PS	B	AL	O/D	131
AR	antes um passarinho na mão que dois a voar.	E	PN	B	AL	O/D	0
EA	mais um pássaro na mão que dois voando.	E	PS	B	AL	O/D	131
EA*	mais um pássaro na mão que o abutre voando	L	PN	B	0	O/D	0
SM	pássaro em mão que abutre voando	L	PN	B	0	O	4
AS	o pássaro na mão que o abutre voando.	L	PN	B	AS	S/O	0

4.2.2 - Considerações e Tabelas dos Resultados

4.2.2.1 – Introdução

Antes de analisar os resultados, tabulados abaixo, é necessário retomar alguns temas. Notou-se uma grande lacuna nos estudos da tradução referentes a Portugal. Por exemplo, na *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, editado por Mona Baker (2005), são disponibilizadas as tradições de trinta e uma culturas, entre elas a Brasileira, como foi visto aqui, e de lugares como Islândia e Bulgária, mas não há nada sobre Portugal. Em outro livro, *Traducción y Tradutología – Introducción a la tradutología*, também considerado como um manual nos estudos da tradução, a autora, Amparo Hurtado Albir (2007) faz uma revisão histórica, que inicia na Antiguidade e finda no século XX, mas não menciona o idioma português e nem os países lusófonos.

Ao procurar por algo um tema mais específico, como a tradução do *Quixote* ao português, depara-se com os estudos literários de Maria Fernanda de Abreu (1994, 2005, 2006, 2009), e os estudos paremiológicos de Maria Josefa Postigo Aldeamil (1999(a), 1999(b)) os quais não tratam de teorias tradutórias da época, apesar de terem fornecido a maioria dos dados históricos das traduções portuguesas. A obra *¿Qué Quijote leen los europeos?* organizada por Miguel Ángel Cernuda (2005) oferece vários artigos sobre traduções do *Quixote* nas línguas mais faladas da Europa, incluindo idiomas pouco circulantes como búlgaro, *mallorquín*²⁵⁹, e até uma língua não europeia, como o *spanglish*. Estranhamente, não há um único artigo sobre traduções da obra para o português, nem são mencionadas as novas traduções feitas em Portugal e no Brasil no século XXI, lançadas no quarto centenário do primeiro livro.

Existe portanto, certa dificuldade em analisar os dados dentro de uma perspectiva histórica da tradução portuguesa. Mesmo assim, acredita-se que existam dois fatores principais a ser considerados.

Em primeiro lugar, muitos dos provérbios utilizados por Cervantes coincidem com os recolhidos nos refraneiros dos séculos anteriores ao século XVII, como foi visto no primeiro capítulo. São provérbios que saíram de circulação faz bastante

²⁵⁹ RAE: “Variedad de la lengua catalana que se habla en la isla de Mallorca.”

tempo, e a maioria nem aparece em refraneiros do século XIX, como por exemplo, Sbarbi (1871, 1874). Com o passar dos séculos e a canonização da obra, vários desses provérbios, proferidos pelos personagens do *Quixote*, migram aos refraneiros como provérbios de *Cervantes* ou do *Quixote*, incorporando-se assim as muitas línguas por onde as aventuras do cavaleiro e seu escudeiro foram traduzidas. Afinal, segundo Vega (2005), é “*la obra de la literatura universal que más se ha traducido*” (p.V.). Como muitos dos provérbios estudados só apareceram nas buscas como elementos textuais do *Quixote*, os tradutores optaram por uma maior literalidade, inclusive por muitos deles não terem equivalentes em português.

O segundo ponto a ponderar é a proximidade lingüística e cultural entre o espanhol e o português. O português, uma língua impregnada com o idioma, a cultura e a história espanhola, na Europa e na América, cujos falantes leram o *Quixote* em sua língua original por quase dois séculos, também devem ter favorecido a literalidade, como modalidade de tradução. Essa similaridade do par lingüístico²⁶⁰, propicia, segundo visto no item 2.2.2, e com o trabalho de Postigo Aldealmil (1999b) a ocorrência de “empréstimo”, algo que certamente é potencializado pelos cento e oitenta e nove anos em que a obra foi lida na sua língua original, tanto em Portugal como no Brasil.

Os dados das quarenta e sete fichas apresentadas foram tabulados e utilizados para a elaboração dos gráficos a seguir. Mas antes é importante ressaltar que os dados apresentam duas distorções. A primeira, Nougé e Sánchez não lançaram ainda a tradução do segundo livro. Como a análise somente utiliza um capítulo do primeiro livro, os resultados referidos a esses tradutores ficam restritos a uma amostragem muito pequena, tornando sua análise pouco significativa. A outra, e por um erro a ser sanado em trabalho futuro, é a tabulação dos dados da retradução de Eugênio Amado (2005), que por ser idêntica em vários provérbios, não foi computada corretamente, pois esses casos não entraram na estatística. Faltou também fazer a tabulação das características de cada provérbio no idioma

²⁶⁰ Cfr. RICHMAN (1965); KULIKOWSKI, & GONZÁLES, (1999). Verificar também em CINTRÃO (2006:176), seus comentários sobre o trabalho de ERES FERNÁNDEZ, I.M. Gretel. ¿Qué español hablamos?. In: *Actas del IV Seminario de Dificultades Específicas para la Enseñanza del Español a Lusohablantes*. São Paulo: Embajada de España, 1995. Outro estudo interessante é a tese de CELADA (2002).

original, mas esses dados foram utilizados para comparar com os resultados das traduções.

Todos esses resultados merecem uma análise mais detalhada, pois os dados coletados sugerem várias questões que precisam ser mais bem respondidas, além das várias correlações que podem, ser estabelecidas com mais profundidade em outro momento.

Talvez a utilização dos provérbios como unidade de tradução não tenha se mostrado suficientemente eficaz. Os provérbios são traduzidos de maneira muito semelhante, excetuando-se certamente os casos que podem proporcionar um estudo mais detalhado. Pretende-se ensaiar em um trabalho futuro, utilizando os parágrafos inteiros que contém os provérbios, com os quais se acredita que a análise possa ser mais bem sucedida.

4.2.2.2 - Modalidade de Tradução (MT)

A modalidade de tradução com maior recorrência é a literalidade, com mais de sessenta por cento. Como já foi dito, deve-se levar em conta que mais de vinte e cinco por cento dos provérbios não foram encontrados como provérbios na língua meta, o português, e muitos deles aparecem nas buscas primeiramente como citações do *Quixote*. A análise feita com as cores, apesar de subjetiva, apresenta alguns dados interessantes. Mostrou quase vinte por cento dos provérbios traduzidos palavra por palavra e de maneira idêntica, mas também aponta dez e meio por cento de casos de traduções com equivalentes únicos no quadro.

Tabela 4.1 – Número/Porcentagem total de provérbios traduzidos utilizando Equivalência (E) ou Literalidade (L)

Tabela 4.2 – Análise de cores

Já a análise por tradutor, mostra uma concordância com o que foi visto no capítulo dois com Toury (1995). Se considerarmos a importância da língua espanhola no português e uma conseqüente maior aceitação de decalques e literalidades, a primeira tradução, a Rollandiana (1794), as recentes traduções, de Molina (2002/2007), e Nougé & Sánchez (2005), assim como a tradução acadêmica de Sanchez (1982), apresentam uma porcentagem maior de provérbios traduzidos utilizando Literalidade.

Tabela 4.3 – Tradutores & Número total de provérbios traduzidos utilizando Equivalência (E) ou Literalidade (L)

4.2.2.3 – Provérbios Equivalentes (PE)

Ao observarmos os resultados para o elemento “provérbio equivalente”, nota-se que quase a metade dos provérbios foi traduzida sem o uso de um equivalente na língua meta. Mas deve-se levar em conta que, entre os quarenta e sete provérbios estudados, doze não tiveram seus equivalentes encontrados. Portanto, pode-se dizer que em apenas vinte e cinco por cento dos provérbios não foram usados equivalentes existentes. A distribuição entre os tradutores mostra um maior uso de equivalentes na tradução Viscondes/Chagas (1876/78) e um uso menor e de valor idêntico na tradução Rollandiana e na de Eugênio Amado.

Tabela 4.4 – Número/Porcentagem total de provérbios traduzidos utilizando provérbio equivalente (PS), modificado (PM) ou não utilizando (PN)

Tabela 4.5 - Tradutores & Número total de provérbios traduzidos utilizando provérbio equivalente (PS), modificado (PM) ou não utilizando (PN)

4.2.2.4 – Estrutura Rítmica (ER)

A estrutura rítmica mais encontrada foi a binária, o que concorda com os estudos já discutidos na fundamentação teórica. A estrutura seguiu fielmente a do provérbio original em vinte e sete casos, mais da metade da amostra. Em relação aos tradutores há bastante homogeneidade, o que dificulta inferências no estilo tradutório. Não houve tempo para verificar as correspondências dos provérbios com as outras características rítmicas analisadas, uma sugestão para trabalhos futuros.

Tabela 4.6 – Número/Porcentagem total de provérbios traduzidos utilizando estrutura rítmica unitária (U), binária (B), terciária (T) ou quaternária (Q)

Tabela 4.7 - Tradutores & Número total de provérbios traduzidos utilizando estrutura rítmica unitária (U), binária (B), terciária (T) ou quaternária (Q)

4.2.2.5 – Recorrência Fônica (RF) & Semântica (RS)

Antes de tudo, deve ser lembrado que os dados de recorrência fônica e semântica não fecham em cem por cento, pois ocorrem muitas vezes em conjunto. Isto é, um provérbio pode apresentar ao mesmo tempo rima, assonância e aliteração e também ter pares sêmicos em relação de dependência, oposição e semelhança.

A recorrência fônica mais conhecida nos provérbios em geral é a rima. Entre

os quarenta e sete provérbios estudados, quarenta e um apresentam rima na língua fonte. Mas na pesquisa desta dissertação, o recurso só aparece, em média, em pouco mais de vinte por cento nos provérbios traduzidos. Essa média é reduzida pelos dados da tradução Viscondes/Chagas. São apenas doze entre o total. Quinze provérbios em língua fonte não apresentavam recorrência fônica, e em catorze ocorreu o mesmo nas traduções. Em relação à recorrência semântica, quase cinquenta por cento dos provérbios foram traduzidos com o recurso dos pares em oposição, e no original oitenta e cinco por cento. Também aqui não há muita diferença entre os tradutores, pode-se dizer que a proporção encontrada na tabela 4.10 entre as recorrências é conservada na tabela 4.11. De todas as maneiras, os tradutores buscaram algum tipo de recorrência, muitas vezes utilizando todas, respeitando a tradição oral de recursos para memorização dos provérbios.

Tabela 4.8 – Número de provérbios de traduzidos utilizando como recorrência fônica (RF) rima (R), assonância (AS) e/ou aliteração (AL)

Tabela 4.9 - Tradutores & número de provérbios traduzidos utilizando como recorrência fônica (RF) rima (R), assonância (AS) e/ou a aliteração (AL)

Tabela 4.10 – Número de provérbios traduzidos utilizando recorrência semântica (RS) com pares sêmicos em relação de semelhança (S), oposição (O) e/ou dependência (D)

Tabela 4.11 - Tradutores & número de provérbios traduzidos utilizando recorrência semântica (RS) com pares sêmicos em relação de semelhança (S), oposição (O) e/ou dependência (D)

4.2.2.6 – Entradas no Google (G)

A busca dos provérbios originais e traduzidos no buscador *Google* foi feita com os mesmos entre aspas e durante o mês de maio de 2009. Como informações são colocadas e retiradas da internet a todo instante, estes dados podem ser diferentes, mesmo repetindo-se os passos previstos no capítulo três, Metodologia.

Dos quarenta e sete provérbios na língua original, somente o dezenove (“*quien desata, no baraja*”) não aparece nas buscas. O provérbio dezessete (“*póngame el dedo en la boca, y verán si aprieto o no*”) só aparece numa única entrada, a qual corresponde ao texto do *Quixote*. Nos provérbios traduzidos, quase cinquenta por cento aparecem como zero no *Google*. Essa grandeza tem correspondência com o resultado obtido no item **4.2.2.3 – Provérbios Equivalentes (PE)**, pois ao utilizar o provérbio ligeiramente modificado, desaparece nas buscas do *Google*.

Sobre as diferenças das traduções, os provérbios da tradução rollandiana são os que menos aparecem, com trinta e cinco provérbios com registro zero. A tradução dos Viscondes/Chagas, e logo a seguir a tradução de Andrade & Amado (1952) são as que utilizam provérbios com mais entradas nas buscas. Mesmo assim vale considerar que quase todos os provérbios que estão classificados como de um a cinco entradas no *Google*, a maioria dessas entradas refere-se a citações do próprio *Quixote*, portanto pode-se dizer que a tradução Andrade & Almir (AA) utilizou mais provérbios (onze) que só aparecem nas referências da própria obra de Cervantes na Internet.

Tabela 4.12 – Número/Porcentagem total de entradas no *Google* dos provérbios traduzidos, entre aspas

Tabela 4.7 - Tradutores & Número total de entradas no *Google* dos provérbios traduzidos, entre aspas

CAPÍTULO CINCO - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Navegar é preciso [...]” Fernando Pessoa

O objetivo inicial desta dissertação era o estudo das diferentes traduções do *Quixote* publicadas no Brasil utilizando como parâmetro os provérbios traduzidos. O corpus escolhido foi o de Anna Sanchez, que examinou os trechos em seis capítulos da obra contendo “avalanches” de provérbios proferidos por Sancho Pança. Essa é uma das razões para a elaboração do primeiro capítulo.

Após as orientações recebidas no exame de qualificação, o trabalho alterou o curso e descobriu a sua América: a pesquisa histórica das traduções e dos tradutores da obra no Brasil, terra praticamente virgem e desconhecida. E claro que como em muito na história deste país, aqui também os seus primórdios ligam-se a Portugal. Desde sua tradução tardia ao português, significando quase dois séculos de *Quixote* só disponível em sua versão original, até suas primeiras traduções, duas estudadas aqui, a anônima Rollandiana e a dos Viscondes/Chagas.

A saga começou com a famosa e até hoje mui publicada tradução portuguesa. Foi iniciada por um visconde escritor e tradutor cego (visconde de Castilho), passada a outro visconde (de Azevedo), que morreu conde antes de acabar. A obra foi terminada e prefaciada por Pinheiro Chagas, cujo nome nunca mais foi mencionado nas edições publicadas no Brasil. Como se viu nesta dissertação, apresentou-se uma proposta de mudança, e já na prática essa tradução é designada aqui como “Viscondes/Chagas”.

Desde a primeira tradução portuguesa, foram necessários mais de setenta anos até que surgisse a primeira tradução brasileira. O primeiro tradutor, Almir de Andrade, deixa a tradução para ingressar no governo de Getúlio Vargas e estava no Palácio no dia do suicídio. Milton Amado surgiu na pesquisa como autor responsável pelo resultado final da tradução do *Quixote*, traduziu todos os poemas, todo o segundo livro e revisou toda a tradução, quadruplicando as notas da primeira da primeira edição. No entanto nas reedições mais recentes, nem mesmo a autoria exclusiva do segundo livro lhe é auferida. Fica, portanto, a proposta para que este repertório de informações seja considerado e que no futuro, leitores e alunos de literatura possam melhor informar-se sobre a verdadeira autoria das traduções que venham a ler.

Muitas dessas informações somente surgiram com outra guinada no percurso, ao procurar - biografias dos tradutores - em resposta ao questionamento encaminhado pela banca de qualificação, “Quem são esses tradutores do *Quixote*?”. Entre outras, uma das grandes surpresas foi descobrir que, excetuando os tradutores do século XXI, os anteriores não haviam sequer estudado formalmente qualquer língua estrangeira, recorrendo apenas ao aprendizado básico adquirido na escola/colégio e ao espírito autodidata.

Após intensa investigação, surgiu Eugênio Amado, como um elo perdido. O tradutor, que não se sabia nem se estava vivo, foi encontrado após dezenas de tentativas via pesquisas na Internet, e-mails e telefonemas, até localizar-se um funcionário da editora Itatiaia (o qual pediu sigilo sobre sua identidade) que forneceu o número de telefone residencial da família Amado. Não só foi esclarecida a ligação familiar, pai (Milton) e filho (Eugênio), entre os tradutores responsáveis pelas duas únicas traduções brasileiras do século XX, mas ainda importantes aspectos referidos à elaboração das mesmas.

Claro que foram também estudadas as traduções e tradutores surgidos no período do quarto centenário, celebrado em 2005. Com o recurso das entrevistas atingiu-se o objetivo de ir além do já divulgado pela imprensa e outros meios. Acredita-se que todas essas informações sobre os tradutores, bem como o catálogo e as elementos recolhidas sobre a história das setenta e duas publicações representam contribuições inéditas aos estudos da recepção de Cervantes no Brasil.

Tudo começou com um estudo comparativo da tradução do recurso estilístico (os provérbios) tão bem utilizado por Cervantes, caracterizando, de maneira peculiar um escudeiro como Sancho Pança. Também por sugestão da banca de qualificação, os parâmetros foram modificados e, ampliados, passando-se de uma análise com um modelo quantitativo para uma metodologia elaborada com vários modelos de análise de tradução de provérbios, mesclada à bibliografia pertinente. Com vistas à comparação, para cada provérbio, além de uma ficha analítica, foram acrescentados quadros com os provérbios das seis traduções publicadas no Brasil, e a tradução anônima de 1794 e a da pesquisadora Anna Sánchez em 1982. A análise qualitativa revelou relações, mas não se mostrou, ao menos neste primeiro exame, suficiente para o objetivo do trabalho na sua busca de “sonda comparativa” das traduções. Mas certamente as informações coletadas oferecem subsídios para futuras explorações nessa área.

Um dos fatos que mais chamou a atenção foi a escassez de estudos nessa área, inclusive no exterior. Para o futuro imediato, planeja-se preencher essa lacuna com a publicação de artigos e apresentação de comunicações em congressos no Brasil e no exterior a partir dos resultados encontrados nesta dissertação.

Ao longo do trabalho, a pesquisa realizada desdobrou-se em muitas e novas possibilidades, com renovados objetos de pesquisa e informações a completar. Alguns desses novos elementos foram sublinhados no decorrer do capítulo dos resultados. E ainda outros, como aqueles advindos da pesquisa historiográfica das adaptações do *Quixote* publicadas no Brasil, e quem sabe, revelar os resquícios da fala proverbial de Sancho Pança mesmo no texto adaptado.

Um aspecto a ressaltar é a necessidade urgente de aprofundar a investigação biográfica dos autores das traduções brasileiras, mesmo considerando a dificuldade da expressão “autores das traduções brasileiras do *Quixote*”, posto que Molina é argentino e Sánchez espanhol. Trata-se principalmente de delinear melhor quem são os responsáveis pela leitura “brasileira” da consagrada obra de Cervantes. Enfim, trazer a público a memória de vidas indiscutivelmente unidas à tradição tradutória do *Quixote*.

Por último, considera-se um novo projeto, o da criação de um *PORTAL CERVANTES*, no qual os elementos obtidos sobre as edições da obra integral, aqueles que futuramente serão obtidos sobre as adaptações, assim como outras pesquisas, possam ser disponibilizados ao público em geral, como no caso de Shakespeare. Há muito que pesquisar, pois afinal este é um grande oceano, repleto de “mares nunca dantes navegados”²⁶¹. E como bem diz Sancho, *a Dios rogando y al mazo dando. Vale*.

²⁶¹ Trecho de *Lusíadas*. Canto I, cfr. CAMÕES (1843).

CAPÍTULO SEIS - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L. Elites políticas regionais: O caso das interventorias gaúchas. In: **Revista de Sociologia e Política, América do Sul**, 2009.

ABREU, Maria Fernanda de. **Cervantes no Romantismo Português**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

_____. O Quixote na voz dos escritores portugueses. In: VIEIRA, Maria Augusta da Costa (org.) **Dom Quixote: A Letra e os Caminhos**. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. D. Quixote na narrativa contemporânea: Cardoso Pires, Saramago, Lobo Antunes. Dom Quixote entre Nós. In: **Jornada Evocativa do Quarto Centenário da Publicação da Primeira Parte de Don Quijote de la Mancha de Miguel de Cervantes, 2005**. Disponível em: http://www.fl.ul.pt/dep_Romanicas/auditorio/Actas_files/Quixote_na_narrativa_contemporanea.pdf. Acesso em: 11 junho 2009.

_____. O Quixote em Portugal e na Biblioteca Nacional. **Portal da Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <http://purl.pt/920/1/quixote-pt-2.html>. Acesso em: 9 julho 2009.

ALBIR HURTADO, Amparo. **Traducción y Traductología – Introducción a la Traductología**. Madrid: Cátedra, 2007.

ALMEIDA, Henrique. Tradução ou adaptação? – A versão de Aquilino Ribeiro de Autores Clássicos. **Mathesis** n. 15, 2006 Disponível em: http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat15/Mathesis15_127.pdf. Acesso em: 2 julho 2009.

ALVES, José Maria. **Provérbios – Antologia**. Lisboa: Publicado pelo autor. Disponível em: http://homeoesp.org/livros_online.html. Acesso em: 13 maio 2009.

ALMOYNA, Julio Martínéz. **Dicionário de Espanhol-Português**. Lisboa: Porto Editora, s/d.

AMADO ALONSO. Las prevaricaciones idiomáticas de Sancho. **NRFH**, Año II, nº 1. México D.F.: El Colegio de México, 1948.

AMARAL, Aracy A. **Tarsila: sua obra seu tempo**. São Paulo: EDUSP/Ed. 34, 2003.

AMORA, Antonio Augusto Soares. **Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999

ANÔNIMO. **Amadís de Gaula**. Ed. ROSENBLAT, Ángel. Buenos Aires: Ed. Lozada, 1994.

ANÔNIMO. **Libro del Caballero Zifar**. Ed. GONZÁLES, Cristina. Madrid: Cátedra, 2001.

ANTÓNIO Feliciano de Castilho. Itinerário Biográfico de um Escritor Cego. [Grandes períodos de uma cronologia castilhiana] 1800-1875. Vida e Obra. **Portal da Associação Promotora do Ensino dos Cegos (Instituto António Feliciano de Castilho)**. Disponível em: <http://www.apec.org.pt/castilho.htm>. Acesso em: 9 julho 2009.

ARORA, Shirley, L. The Perception of Proverbiality. **De Provérbio Vol I**, 1995.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução - A teoria na Prática**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

AVELEYRA, Teresa. Un hombre llamado Sancho Panza. **NRFH**, Tomo XXII, nº 1. México D.F.: El Colegio de México, 1973.

AUBERT, Francis H. **As (in)fidelidades da Tradução**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

_____. A Tradução Literal: Impossibilidade, Inadequação ou Meta? **Ilha do Desterro**, 17. Florianópolis, 1987.

_____. Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados. **TradTerm**, 5. São Paulo: CITRAT/FFCH/USP, 1998.

_____. Traduzindo as Diferenças Extralingüísticas – Procedimentos e Condicionantes. (Re-escrita/atualização de *A Trad. do intraduzível*. Manuscrito inédito. São Paulo; 1981) **TradTerm**, 9. São Paulo: CITRAT/FFCH/USP, 2003.

_____. Em Busca das Refrações na Literatura Brasileira Traduzida – Revendo a Ferramenta de Análise. **Literatura e Sociedade** # 9. São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

AZEVEDO Djalma Alves de. **A imprensa do Brasil nasceu em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000.

BAKER, Mona. **In Other Words: a coursebook on translation**. London: Routledge, 2005(a).

_____. (Ed) **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London, NY: Routledge, 2005(b).

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: EDUNB, 1999.

BARBAGALLO, Antonio. Sancho no es, se hace. **Cervantes: BCSA**, nº 15.1, 1995. Disponível em: <http://www.h-net.org/~cervantes/csa/articles95/barbagal.pdf>. Acesso em: 29 janeiro 2007.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução – Uma Nova Proposta**. Campinas: Editora Pontes, 2004.

BARROSO, Ivo. **Edgar Allan Poe, "Filosofia da composição". O Corvo e suas traduções**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

BASTÚS Y CARRERA, Vicente Joaquín. **Nuevas anotaciones al ingenioso Hidalgo D. Quijote de la Mancha, de Miguel de Cervantes Saavedra**. Barcelona: Impr. de la viuda e hijos de Gorchs, 1834 (Original da Harvard University, digitalizado 11 out. 2007)

BASSNETT, Susan. **Translations Studies**. London/New York: Methuen & co., 1978.

BATALHA, Ladislau. **História Geral dos Adágios Portugueses**. Paris: Livraria Aillaud e Bertrand, 1924.

BATAILLON, Marcel. **Erasmus y España: estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996

BECKER, Idel. **Dicionário Espanhol-Português. Português-espanhol**. São Paulo, Liv. Nobel, 1984.

BENJAMIN, Andrew E. **Translation and the nature of philosophy: a new theory of words**. London: Routledge, 1989.

BENEDETTI, Ivone C. e SOBRAL Adail (orgs.). **Conversas com Tradutores. Balanços e Perspectivas da Tradução**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BERNARDI, Dante. Lorenzo Franciosini, primer traductor del Quijote al italiano. **Anales Cervantinos** – XXXI. Madrid, 1993.

BERMAN, Antoine. **A Prova do Estrangeiro**. Trad. Maria Emília P. Chanut, Bauru: EDUSC, 2002.

_____. **A Tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo**. Trad. de Marie-Hélène C.Torres; Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BIZARRI, Hugo O. **Diccionario Paremiológico e ideológico de la Edad Media**. Buenos Aires: SECRIT, 2000.

_____. **El Refranero castellano en la Edad Media**. Madrid: Ed. Del Laberinto. Colección Arcadia de la Letras 28, 2004.

BRASIL GANHA Tradução oficial de D. Quixote. In: **Observatório Literário**. Disponível em: http://www.bestiario.com.br/observatorio/livros_jorge_de_dom_quixote.html. Acesso em: 3 dezembro 2008

BOBES, Carmen... [et al.]. **Historia de la Teoría Literaria II Transmisores. Edad Media. Poéticas Clasicistas**. Madrid: Gredos, 1998.

BORGES, Jorge Luís. Pierre Menard, autor del Quijote. In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

_____. **Mi entrañable señor Cervantes**. Conferência na Universidade de Texas, Austin, 1968. Disponível em: <http://www.analitica.com/Bitblo/jjborges/cervantes.asp>. Acesso em: 21 abril 2008.

_____. **Textos recobrados 1956- 1986**. Buenos Aires: Emecé, 2003.

BUOSI, José Carlos. **Provérbio: Índice de sabedoria popular? A ideologia subjacente em sete provérbios plurinacionais**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 1997.

CAEIRO, O. **El Español y la Traducción, Perspectiva Histórica. Tradução & Comunicação**. 5. São Paulo, 1984.

CALMON, João. **Minhas bandeiras de luta**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CALVINO, Ítalo. **Orlando Furioso narrado en prosa del poema de Ludovico Ariosto**. Barcelona: Muchnik Editores, 1990.

CAMÕES, Luis de. **Obras Completas**. BARRETO FEIO, J.V e MONTEIRO, J. G. (orgs.). Lisboa: Livraria Europeia de Baudry, 1843.

CAMPOS, Geir. **O Ato Criador na Tradução. Tradução & Comunicação**. 2. São Paulo, 1983.

CANAVAGGIO, Jean-François. Alonso López Pinciano y la estética literaria de Cervantes en el *Quijote*. **Anales Cervantinos** 7, pp. 13-107, 1958.

_____. La España de Quijote. **Ínsula** 538; Octubre 1991.

CÂNDIDO, Antonio. **Vários Escritos. O direito à literatura**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. ROSENFELD, Anatol; ALMEIDA PRADO, Décio; SALLES GOMES, Paulo Emílio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

CANTERA ORTIZ DE URBINA, Jesús... [et al.]. **Refranes, otras paremias y fraseologismos em Don Quijote de la Mancha**. Editado por Wolfgang Mieder. Burlington, Vermont, 2005.

CÁRCAMO de ACURI, Silvia Inés; GONZÁLES, Mario Miguel. **Los estudios sobre Literatura Española en Brasil en el siglo XX**. In **Anuario brasileño de estudios hispánicos – Suplemento el hispanismo en Brasil**. 2000. Disponível em: <http://www.mec.es/sgci/br/es/publicaciones/anuario/abeh2000s.pdf>. Acesso em: 8 novembro 2008.

CARONE, Marilene. Problemas de Traducción del Español al Portugués. **Tradução & Comunicação**, 9. São Paulo: CITRAT/FFLCH/USP, 1986.

CARPEAUX, Otto Maria. Cervantes e o Dom Quixote. In CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Trad. por Aquilino Ribeiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

CARRETER, Fernando Lázaro. Literatura y folklore: los refranes. In: **Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada**. Anuario I. Madrid, 1978. Reprodução digital: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2005.

_____. Estudio Preliminar. In: **Don Quijote de la Mancha**. Barcelona: Ed. Crítica, 2001.

_____. La Prosa del Quijote. **Revista de Estudios Cervantinos**, nº 4, 2007/2008. Disponível em: www.estudioscervantinos.org. Acesso em: 8 abril 2009.

CARTA a Julio Puyol y Alonso, Santander; septiembre de 1916. In: **Revista La Curul**, nº 1. Puebla: Congreso del Estado de Puebla, 2007. Disponível em: <http://www.congresopuebla.gob.mx/lacurul/1Edicion/interna.php?id=19&pag=4>. Acesso em 19 maio 2009.

CASARES, Julio. **Diccionario Ideológico de la Lengua Española**. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1959.

CASTIGLIONE, Baltasar. **El cortesano**. Madrid: Espasa Calpe, 1967.

CASTRO, Américo. **El Pensamiento de Cervantes**. Madrid: Ed. Crítica, 1925.

CELADA, Maria Teresa. **O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira**. Tese (Doutorado em Letras). Campinas: UNICAMP/IEL, 2002

CEJADOR Y FRAUCA, Julio. **Diccionario fraseológico Del Siglo de Oro. (Fraseología o estilística castellana)**. MADROÑAL, A. e CARBONELL, D. (Eds.). Barcelona: Ediciones Serbal, 2008.

CERVANTES, Miguel de. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Trad. de Almir de Andrade e Milton Amado. São Paulo: José Olympio, 1952.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha**. Ed. RICO, Francisco. Barcelona: Ed. Crítica, 2001.

_____. **Don Quijote de la Mancha**. Real Academia Española. São Paulo: Prol Gráfica; 2004.

_____. **Dom Quixote de la Mancha**. Trad. Visconde de Castilho e de Azevedo. São Paulo, Edições Cultura, 1942 e 1943.

_____. **Dom Quixote de la Mancha**. Trad. Almir de Andrade e Milton Amado. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952 e 1958.

_____. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Trad. Aquilino Ribeiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1963.

_____. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha**. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991 e 2005.

_____. **Dom Quixote de la Mancha**. Trad. Viscondes de Castilho e de Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 2002.

_____. **O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha**. Trad. Carlos Nougué e José Luiz Sánchez. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

_____. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha**. Trad. Sérgio Molina. Edição bilíngüe. Primeiro e Segundo Livro. São Paulo: Editora 34, 2005 e 2007.

_____. **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1794. (Digitalizado pela Oxford University, 2007).

_____. **Dom Quixote de la Mancha**. Trad. Visconde de Castilho e Azevedo. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.

_____. Dom Quixote de la Mancha. Trad. Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: ebooksBrasil, 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00008a.pdf>. Acesso em: 8 novembro 2008.

CHASLES, É. **Michel de Cervantes, sa vie, son temps, son oeuvre politique et littéraire: sa vie, son temps, son oeuvre politique et littéraire**. Paris: Didier, 1866.

CHEVALIER, Máxime. **Cuentecillos Tradicionales en la España del Siglo de Oro**. Madrid: Editorial Gredos, 1975.

_____. **Folklore y literatura. El cuento oral en el Siglo de Oro**. Barcelona: Crítica, 1978.

CINTRÃO, Heloísa Pezza. **Colocar Lupas, Transcriar Mapas – Iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como LE**. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

CLOSE, Anthony J. **Miguel de Cervantes, Don Quixote**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1990.

COBELO, Silvia. **A tradução tardia do Quixote em Portugal**. Manuscrito inédito. São Paulo, 2009.

COLOMBI, María Cecilia. **Los refranes en el Quijote: texto y contexto**. Potomac, Maryland: Scripta Humanística, 1989.

CONCEIÇÃO, Noraldino. **História alegre e séria da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais**. Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1982.

CORRAL, Francisco. Apresentação. In CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha**. Trad. de Carlos Nougué e José Luis Sánchez. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

COSTA, Walter. As batalhas póstumas de Quixote: Nova Tradução do clássico de Cervantes alia formas arcaizantes e expressões populares brasileiras. In: **Bravo!**, maio/2003. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?titulo=As+batalhas+p%F3stumas+de+Quixote>. Acesso em: 11 dezembro 2008.

CORREAS, Gonzalo. **Vocabulario de refranes y frases proverbiales (1627)**. COMBET, Louis (ed.). Madrid: Castalia, 2000.

COVARRUBIAS Y HOROZCO, Sebastián. **Tesoro de la lengua castellana o española**. (eds.) VISTARINI, Antonio Bernat; CULL, John T. e SAJÓ, Tamás. Espanha: Studiolum, 2006.

DANELON, Fernanda. O Google dos Sebos. In: **Revista Trip**, nº 177. Reportagens, Assunto: Livros. Publicado em 13.05.2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/177/reportagens/o-google-dos-sebos.html>. Acesso em: 20 de junho 2009.

DELGADO, Edmundo Ernesto. Consideraciones en torno al lenguaje en Don Quijote: Bases para una aproximación estilística. **Cervantes: BCSA**, nº. 20.2, 2000.

DELICADO, A. **Adágios Portugueses reduzidos a lugares communs**. Lisboa: Livraria Universal, 1923.

DICIONÁRIO ESPAÑOL/ ESPAÑOL: <http://www.rae.es> da Real Academia Española

DICIONÁRIO ESPAÑOL/PORTUGUÊS. <http://www.wordreference.com/> publicado por Espasa Calpe.

DICIONÁRIO Histórico de Portugal. <http://www.argnet.pt/dicionario/castilhoantoniof.html>

DICIONÁRIO INGLÊS/INGLÊS. <http://dictionary.reference.com/>

DICIONÁRIO PORTUGUÊS/PORTUGUÊS. <http://www.priberam.pt/>

_____. Caldas Aulete – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Atualizado *on-line*.

_____. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Eletrônico, 2008.

DIEZ, Francisco G. Idiomaticidad y traducción. **Cuadernos de Filología Inglesa**, Vol. 4, pp. 27-42. Murcia: Universidad de Murcia, 1995.

D'ONOFRIO, Julia. Ya me comen, ya me comen / por do más pecado había - Funciones ideológicas del romancero para el gobierno de Sancho en el Quijote de 1615. **Filología**, XXXIII, nº 1-2, pp.131-156. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2000-2001.

DON QUICHOTTE conduit par la folie: la herencia de Charles-Antoine Coypel en las ediciones ilustradas del Quijote. Disponível em: <http://es.geocities.com/javerthpar/>. Acesso em: 2 julho 2009

EDIOURO negocia a compra da editora Nova Aguilar. In: **Valor Econômico**, 18 abril 2007. Disponível em: <http://www.redetec.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=55931&isriointeli=true&sid=145>. Acesso em 1 julho 2009.

EISENBERG, Daniel. Bulletin of Hispanic Studies, nº 61, pp. 507–508, 1984. Resenha de FLORES, R.M. Sancho Panza through Three Hundred Seventy-five Years of Continuities, Imitations, and Criticism, 1605–1980. Newark, Delaware: Juan de la Cuesta, 1982. In: **Approaches to Teaching Don Quixote**, ed. BJORNSEN. New York: Modern Language Association of America, pp. 62-68, 1984.

_____. **Cervantes y Don Quijote**. Barcelona: Editorial Montesinos, 1993.

_____. **A study of “Don Quijote”**. Newark: Juan de la Cuesta, 1987.

ECO, Umberto. **Mouse or Rat? Translation as Negotiation**. London: Orion Books, 2004.

_____. **Cómo se hace una tesis**. Barcelona: Ed. Gedisa, 2005.

_____. **Quase a Mesma Coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERREIRA, João. Um plebiscito literário em Portugal em 1884. **Portal Usina de Letras**. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=5494&cat=Ensaio>. Acesso: em 10 julho 2009.

FRENK, Margit. Lectores y Oidores- la Difusión Oral de la Literatura del Siglo de Oro. In: **AIH Actas VII**, Veneza, 1980.

FITZMAURICE - KELLY, Jaime. **Miguel de Cervantes Saavedra**. Buenos Aires: CLYDOC, 1944.

FUNARO OLIVEIRA de, Vânia. M. B (coord.) et al. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**. São Paulo: SIBI-USP, 2004.

GAGO PAZ, José María. **Semiótica del Quijote – Teoría y práctica de la ficción narrativa**. Atlanta; Rodopi, 1995.

GALEÃO COUTINHO. Rádio Cidade de Santos. Com. In: **A Tribuna** 18 set 2004. Disponível em: http://www.radiocidadedesantos.com/index_arquivos/galeaocoutinho.htm. Acesso em: 30 junho 2009.

GARCÍA DE CASTRO, Diego. **Seniloquium**. CANTALAPIEDRA, Fernando e MORENO, Juan. (orgs.). Valencia. Publicacions Universitat de València, 2006.

GARCIA YEBRA, Valentín. **Traducción: Historia y Teoría**. Madrid: Ed. Gredos, 1994.

_____. **Experiencias de un traductor**. Madrid: Ed. Gredos, 2006

GHITESCU, Micaela. **Novo Dicionário de Provérbios – Português, Espanhol, Francês, Italiano, Romeno**. Lisboa: Fim de Século Edições, 1997.

GONZÁLES MORENO, Fernando; URBINA, Eduardo; FURUTA, Richard; DENG, Jie. Hacia una historia del Quijote Ilustrado. In: **XV Congreso Nacional de Historia del arte CEHA – La Multiculturalidad en las artes y en la arquitectura – 2005**. Disponível em: <http://www.csd1.tamu.edu/cervantes/pubs/Hacia%20una%20historia.pdf>. Acesso: em 14 julho 2007.

GRACIÁN DANTISCO, Lucas. **Galateo Español**. Madrid: Ediciones Atlas, 1943.

GRACIÁN, Baltasar. **El Discreto**. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1959.

_____. **Oráculo manual y arte de prudencia**. Madrid: Ed. Debate, 2001.

GUERRINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C. Entrevista com Dorothé de Bruchard. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis: UFSC, nº 19, pp. 291-301, 2007. Disponível em: http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos19/entrevista_19.pdf. Acesso em: 29 janeiro 2009

GONZÁLES, Cristina. Introducción y edición. In ANÔNIMO. **Libro del Caballero Zifar**. Madrid: Cátedra, 2001.

GONZÁLES MORENO, F.; URBINA, E. **Anuario de estudios cervantinos**, nº 4, pp. 23-53, 2008.

GONZALO JÚNIOR. Doré e a luz da arte. In: **Gustave Doré. Dom Quixote. Miguel de Cervantes**. São Paulo: Opera Gráfica Editora, 2005.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gérson de Souza. 2nda Ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

HARDWICK, Lorna. **Translating Words, Translating Cultures**. London: Gerald Duckworth, 2000.

HATIM, Basil; MASON, Ian. **Discourse and the Translator**. Essex: Longman Group, 1990.

HATZFELD, Helmut. **El “Quijote” como Obra de Arte del Lenguaje**. Revista de Filología Española. Madrid, 1972.

IFFLAND, James. Laughter Tamed. **Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America**, nº 23.2, pp. 395-435, 2003.

IRMA CÉSPED, Lucía. **Para leer el Quijote**. Santiago de Chile: RIL Editores, 2000.

JAKOBSON, Roman. Aspectos Lingüísticos da Tradução. In: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1969.

JOLY, Monique. De Paremiología Cervantina: una reconsideración del problema. **Ínsula** nº 538. Madrid, 1991.

_____. Aspectos Del refrán en Mateo Alemán y Cervantes. **NRFH**, XX, 1. México D.F.: El Colegio de México, 1971.

KAYSER, Wolfgang. Análise e Interpretação da Obra Literária. In: **Conceitos Fundamentais do verso**. Coimbra: Ed. Arménio Amado, 1976.

KOSKINEN, Kaisa; PALOPSKI. Retranslations in the age of digital reproduction. *Cadernos de Tradução*, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6175/5730>. Acesso em: 21 maio 2009.

KULIKOWSKI, Maria Zulma Moriondo; GONZÁLES, Neide T. Maia. Español para brasileños. Sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. In: **Anuario brasileño de estudios hispánicos**, 9, pp. 11-19, 1999.

LACAZ NETTO, Francisco Antonio. **Provérbios, Máximas e Prolóquios**. De Proverbio, 1999.

LACOSTA, Francisco. El Infinito Mundo de los Proverbios: Don Quijote. **Revista Universidad**, 65 Santa Fé, Argentina, 1965.

LARANJEIRA, Mário. **Poética da Tradução: do sentido à significância**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LEFEVERE, André. **Translation/history/culture: a sourcebook**. London, NY: Routledge, 1992.

LERNER, Isaías. **Lecturas de Cervantes**. Málaga: Universidad de Málaga, 2005.

LEWIS-SMITH, Paul. Cervantes y los libros de caballerías: los gustos del público, el gusto cervantino y el propósito del 'Quijote'. **Ínsula** nº 538. Madrid, 1991.

LIVIA, Márcia. Estante Virtual adota pagamento digital. In: **Baguette. com**. Publicado em 08 dez 2008. Disponível em: <http://www.baguete.com.br/noticiasDetalhes.php?id=31076>. Acesso em: 20 junho 2009.

LONGO DOS SANTOS, Tatiana. **Três Ottos por Otto Lara Resende**. Instituto Moreira Salles, 2002

LOSSO, T. Estado e democracia no discurso oficial do Estado Novo. **Política & Sociedade, América do Sul**, 7. Publicado em 23 out. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/7644/6997>. Acesso em: 10 julho 2009.

MAGALHÃES JR. **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos**. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1974.

MALMKJÆR, Kirsten. Unit of Translation. In: **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Editada por Mona Baker. London, NY: Routledge, pp.286-288, 2005.

MANCING, Howard. **The chivalric world of "Don Quijote" Style, structure and narrative technique**. Columbia: University of Missouri, 1982.

MARAVALL, José Antonio. **Estudios de Historia del Pensamiento Español**. Madrid: Ed. Cultura Hispánica del Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1983.

MARTÍN- RETORTILLO, Pilar Ebrio. Simplicidad, Ingenuidad y Tempera mentalidad en el Lenguaje de Sancho. In: **Actas II CIAC**, Alcalá de Henares; 1989.

MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. **A Instrumentalidade do Modelo Descritivo para a Análise de Traduções: O caso dos Hamlets brasileiros**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC, 1999(a). Disponível em: http://www.lettras.puc-rio.br:8081/pdfs/hamlets_brasileiros.pdf. Acesso em: 30 maio 2009.

_____. (Org.). **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro, Ed. Lucerna, 1999 (b)

_____. Shakespeare no Brasil: traduções brasileiras do cânone shakespeariano. **XI Congresso Internacional da ABRALIC**. São Paulo. 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em: http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MARCIA_MARTINS.pdf. Acesso em: 28 de maio 2009.

_____. **Escolha seu Shakespeare**. Portal disponível em: <http://www.lettras.puc-rio.br:8081/>.

MANCING, Howard. AIH. La retórica de Sancho Panza. **AIH Actas VII**, Veneza, 1980.

_____. **Cervantes' Don Quixote: a reference guide**. Santa Bárbara: Greenwood Group, 2006.

MATA MACHADO FILHO, Aires da. **Memória do jornalismo mineiro**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1995.

MATTOSO, José. **O essencial sobre provérbios medievais portugueses**. Lisboa: Casa da Moeda, 1987.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. Un aspecto de la elaboración del Quijote. In: **De Cervantes y Lope de Vega**, Buenos Aires-Madrid: Espasa-Calpe, pp. 9-60, 1964 (1920).

MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, Carolina. Mil Provérbios Portugueses. **Revista Lusitana (Nova Série)**, nº 7, pp. 29-71. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1986. Disponível em: http://www.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/lusitana_f.htm. Acesso em: 13 maio 2009.

MILTON, John. **O Poder da Tradução**. São Paulo: Ars Poética, 1993.

_____. (org). Emerging Views on Translation History in Brazil. **Crop** nº 6, São Paulo: Humanitas, 2001.

_____. **O Clube do Livro e a Tradução**. Florianópolis: Edusc & Signum, 2002.

_____. ; TORRES, M. Apresentação. **Cadernos de Tradução**, Vol. 1, nº 11, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6174/5729>. Acesso em: 21 maio 2009.

_____. e TORRES, M. Bibliografia sobre Tradução, retradução e adaptação. **Cadernos de Tradução**, Vol. 1, nº 11, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/6186/5741>. Acesso em: 21 maio 2009.

MOLINA, Sérgio. Posfácio do Tradutor. In: **O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. Trad. por Sérgio Molina. Edição bilíngüe. Primeiro Livro. São Paulo: Editora 34, 2002.

MOLHO, Maurice. **Raíces Folklóricas de Cervantes**. Madrid: Ed. Gredos, 1976.

MONTERO REGUERA, José. El "Quijote" y la crítica contemporánea. In: **Centro de Estudios Cervantinos**, Alcalá de Henares, 1996.

MORAES, Denis de. Graciliano, literatura e engajamento. **Portal Gramsci e o Brasil**. Agosto 2006. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=558>. Acesso em: 10 julho 2009.

MOREJÓN, Julio Garcia. Cervantes e o 'Quixote'. In: **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha**. Trad. por Aquilino Ribeiro. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

MOREJÓN, Julio Garcia. A Universalidade de Cervantes. In: **O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote De La Mancha**. Trad. de Eugênio Amado. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

MORILLAS, Esther; ARIAS, Juan Pablo. **El papel del traductor**. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1997.

MOYA, Virgilio. **La selva de la traducción: Teorías traductológicas contemporáneas**. Madrid: Ed. Cátedra, 2004.

MUELLER-VOLLMER, Kart e IRMSCHER, Michael. **Translating Literatures, Translating Cultures: New Vistas and Approaches in Literary Studies**. Stanford: Stanford University Press, 1998.

MORÓN ARROYO, Ciriaco. **Para entender el Quijote**. Santiago, Ediciones Rialp, 2005.

NABOKOV, Vladimir. **Curso sobre o Quixote**. Trad. Maria Luisa Balseiro. Barcelona: Ed. B, 1997.

NOUGUÉ, Carlos e SÁNCHEZ, José Luis. Nota dos Tradutores. In: CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha**. Trad. de Carlos Nougé e José Luis Sánchez. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

NOVA TRADUÇÃO. da obra de Cervantes remete texto ao português arcaico. 14 dez 2008 (fonte: Redação **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2006). Disponível em: http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=5361. Acesso: em 14 dezembro 2008.

O ENGENHOSO Fidalgo D. Quixote da Mancha. **Letras e Livros**. 16 dez 2008. Disponível em: http://www.letraslivros.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=20. Acesso em: 29 janeiro 2009.

O'KANE, Eleanor S. Refranes Españoles Medievales. **Hispanic Review**, Vol. 30, n° 1, 1962.

ONG, Walter. **Oralidad y escritura – Tecnologías de la Palabra**. Trad. Angélica Scherp. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

PABON NUÑEZ, Lucio. Sancho, o la exaltación del pueblo español. **Cuadernos Hispano-Americanos, Revista Mensual de Cultura Hispánica**, Vol. 58 – jun. Buenos Aires, 1964.

PAES, José Paulo. **Tradução: A ponte necessária – aspectos e problemas da arte de traduzir**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PALAVRA: arte, comportamento, cultura, idéias. Editora da Palavra, 1999

PATUELI, Fabiana da C. F. Um estudo dos planos textuais das obras de Machado de Assis. In: **III Jornada Nacional de Linguística e Filologia (Cifefil)**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/iiijnlfip/textos_completos/pdf/Um%20estudo%20dos%20planos%20textuais%20%20das%20obras%20de%20machado%20de%20assis%20-%20FABIANA.pdf. Acesso em: 5 julho 2009.

PEREIRA, Mateus H.F. A trajetória da Abril Cultural (1968 – 1982). Em **Questão**. Porto Alegre: **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS**, v.11, n° 2, pp. 239-258, jul./dez. 2005. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/120>. Acesso em 2 julho 2009.

_____. Abril Cultural (1968-1982) e o desenvolvimento do mercado de fascículos, coleções e enciclopédias durante a Ditadura Militar. São Paulo: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 30 mai 2006. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0672-1.pdf>. Acesso em 8 novembro 2008.

PAZ GAGO, José Maria. **Semiótica del Quijote. Teoría y práctica de la ficción narrativa**. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1995.

PÉREZ, Ramón A.; SEVILLA MUÑOZ, Julia. Paremiología Contrastiva: Propuesta de Análisis Lingüístico. **Revista de Investigación Lingüística** n° 1 – Vol. III, pp. 7-47. Murcia, 2000.

PÉREZ RODRIGUEZ, Marta. **Tras un siglo de recepción cervantina en Brasil: Estudios críticos sobre el Quijote (1900-2000)**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

PINHEIRO CHAGAS, Manuel. **Ensaio Críticos**. Porto: Typografia Commercial, 1866.

PINTO, Ciça Alves. **Livro dos Provérbios, Ditados, Ditos Populares e Anexins**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

PITTA, Eduardo. Todos os Poemas de Poe. **BLOG da literatura** (Portugal) Maio 08, 2009. Disponível em:

<http://daliteratura.blogspot.com/2009/05/todos-os-poemas-de-poe.html>. Acesso em: 4 junho 2009.

PIUCCO, Nanceli. **Corinne ou l'Italie de Mme de Staël: da adaptação à retradução estrangeirizante**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Trad.. Florianópolis: UFSC, 2008.

POUPAUD, Sandra; PYM, Anthony; SIMÓN, Ester Torres. **Finding translations. On the use of bibliographical databases in translation history**. Disponível em: http://www.tinet.org/~apym/on-line/research_methods/2008_databases_paper_META_revised.pdf. Acesso em: 20 maio 2009.

POSTIGO ALDEAMIL, Maria Josefa. Os provérbios de Don Quijote de la Mancha nas Traduções em Português. In: **6to Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas**. Rio de Janeiro; 1999 (a). Disponível em: http://www.geocities.com/ail_br/osproverbiosdonquixote.htm. Acesso em: 7 junho 2005.

_____. Las paremias del Quijote y la traducción de Aquilino Ribeiro. In: **Primer Encuentro de Lusitanistas Españoles** – 10 a 12 de nov. pp. 999-1.013. Cáceres: Junta de Extremadura, 1999(b).

PYM, Anthony. **Method in Translation History**. Manchester: St. Jerome, 1998.

_____. **Translation depends on transfer**. Disponível em: www.apym.com. Acesso em: 8 março 2006.

_____. **Humanizing Translation History**. Disponível em: http://www.tinet.org/~apym/on-line/research_methods/2008_humanizing_history_hermes.pdf. Acesso em: 20 maio 2009.

REDONDO, Agustín. Tradición Carnavalesca y Creación Literaria del Personaje de Sancho Panza al Episodio de la Ínsula Barataria en el "Quijote". **Bulletin Hispanism.**, tome LXXX, 1-2. Univ. de Bordeaux, 1978.

_____. El Personaje de Don Quijote: Tradiciones Folklórico-Literarias, Contexto Histórico y Elaboración Cervantina. **NRFH**, XXIX. México, D.F.: El Colegio de México, 1980.

_____. Folklore, referencias histórico-sociales y trayectoria narrativa en la prosa castellana del Renacimiento. De Pedro de Urdemalas al "Viaje de Turquía" y al "Lazarillo de Tormes". In: **AIH Actas IX**, Berlim, 1986.

_____. **El Quijote y la tradición carnavalesca**. Antrophos, 98/99, 1989.

_____. Acercamiento al 'Quijote' desde una perspectiva histórico-social. **Cervantes**, Vol. Colectivo, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, pp. 257-293, 1995.

_____. **Otra manera de leer el Quijote**. Madrid: Ed. Castalia. Nueva Biblioteca de Erudición y Crítica, 1997.

REISS, Katharina. **Translation criticism – the potentials and limitations**. Manchester, St. Jerome, 2000.

REVISTA Anhembi. São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", 1955

REY HAZAS, Antonio. **Introducción a la novela del Siglo de Oro, I. Edad de Oro I**, 1982.

RIBEIRO, Aquilino. Prefácio. In: CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

RIBEIRO, João. **Frases Feitas**. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1960.

RICHMAN, Stephen Herbert. **A Comparative Study of Spanish and Portuguese**. Tese (Doutorado – Departamento de Línguas Romance – Univ. da Pensilvânia) Michigan: University of Microfilms, Inc., 1965.

RILEY, E.C. **Teoría de la novela en Cervantes**. Trad. Carlos Sahagún. Madrid: Taurus, 1981.

RIQUER, Martín de. **Aproximación al Quijote**. Navarra: Salvat Editores, 1970.

_____. **Cervantes y la caballeresca**. In Suma Cervantina. Londres: Tamesis Book Limited, 1973.

ROBBINS, Jeremy; WILLIAMSON, Edwin. **Cervantes: essays in memory of E.C. Riley on the quarter centenary of Don Quijote**. Londres, NY: Routledge, 2005.

ROCHA, Daniel da Silva... [et.al.]. **A Tradução da grande obra literária (Depoimentos)**. (Tradução e Comunicação; nº 2). São Paulo: Álamo, 1982.

ROCHA, Regina. A referência nos provérbios. **Língua e Literatura**, nº 21, 1994/95.

RODRIGUES, Mécia, CRISTALDO, Janer e SOKOLOWSKI, Olgierd. Entrevista: Teotônio Simões. In: **Jornaleco**, 25 set 2002. Disponível em <http://www.jornaleco.net/Entrevistas/teotonio/index.htm>. Acesso em 8 julho 2009.

RODRIGUES, André F. **Como elaborar citações e notas de rodapé**. São Paulo: Humanitas, 2007.

_____. **Como elaborar referência bibliográfica**. São Paulo: Humanitas, 2008.

ROLLAND, Francisco. **Adagios, proverbios, rifãos, e anexins da lingua portugueza: tirados dos melhores authores nacionaes**. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1841. Digitalizado do Original da Biblioteca Pública de Nova York, 2006.

ROLLEMBERG, M. **Papel-jornal: artigos de jornalismo cultural**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ROSENBLAT, Ángel. **La Lengua del “Quijote”**. Madrid: Ed. Gredos, 1995.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. [et.al.]. **The Correspondence of Erasmus: Letters, 1658-1801 (1526-1527)**. Trad. Alexander Dalzell e Charles Garfield Nauert. Toronto: University of Toronto Press, 1974.

ROUBAUD, Sylvia. Prólogo. In: **Don Quijote de la Mancha**. Barcelona: Ed. Crítica, 2001.

RUSSELL, Peter. E. **Temas de la celestina y otros estudios**. Barcelona: Ariel, 1978.

SACIDO ROMERO, Alberto. Oralidad, Escritura y Dialogismo en el Quijote de 1605. **Acer** XXXIII, 1995/97.

SALAZAR RINCÓN, Javier. El personaje de Sancho Panza y los lectores del siglo XVII. In: **Asociación Internacional de Hispanistas**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01316120844026745979680/025577.pdf?marca=%22La%20Celestina%22> Acesso em: 19 março 2008.

SANCHEZ, Anna. **Os refrãos no Discurso de Sancho Pança: Um estudo Semântico**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 1982.

_____. Um Exemplo de (in) Traduzibilidade das Lexias Textuais e Complexas Estáveis. **Tradução & Comunicação** nº 4, São Paulo, 1984.

_____. **Um Vocabulário Ideológico de Refrãos no *Quixote***. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 1987.

SANTILLANA, Marqués (Iñigo López de Mendoza). **Refranes que dicen las viejas tras el fuego**. Edição, Trad. e notas, BIZZARRI, Hugo O. Kassel: Edition Reichenberger, 1995.

SANTOS, Jorge Fernando. **Teatro mineiro: entrevistas & críticas**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1984.

SBARBI, José Maria. **El Refranero General Español**. Madrid: Imprenta de A. Gomez Fuentenebro, 1874.

_____. **Monografía sobre Refranes, Adagios y proverbios castellanos y las obras o fragmentos que expresamente tratan de ellos en nuestra lengua**. (1871) Madrid: Ediciones Atlas, 1980.

SEM TOB. **Proverbios morales del rabí don Sem Tob**. Disponível em <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12593848668147197421846/ima0000.htm>.

SEVILLA MUÑOZ, Julia e SEVILLA MUÑOZ, Manuel. Técnicas de la 'Traducción Paremiológica' (Francés – Español). In: **Proverbium** nº 17. Vermont: University of Vermont, 2000.

_____. La aplicación de las técnicas de la 'traducción paremiológica' a las paremias populares relativas al vocablo pez en español, inglés, francés. **Revista de Literatura Popular**, ano V, nº 2, 2005.

SHUTTLEWORTH, Mark e COWIE, Moira. **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

SILVA, Marcos (org.). **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2006

SILVA, Rosemeire da. **Ingenuidade e Perspicácia. Sancho Pança no Mundo Cavalheiresco de Dom Quixote**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 2000.

SILVEIRA, Brenno. **A Arte de Traduzir**. São Paulo: Melhoramentos, Ed. UNESP, 2004.

SIMÕES, Teotonio. Sobre o eBooksBrasil. In: **Paideia**. 9 out. 2005. Disponível em: <http://paideia-br.blogspot.com/2005/10/sobre-o-ebooksbrasil.html>. Acesso em 8 julho 2009.

SOARES, Lucila. Retrato de um editor. Seção Livros. In: **VEJA** Edição nº 2071, 30 julho 2008. Disponível em: http://veja.abril.com.br/300708/p_146.shtml. Acesso em: 30 junho 2008.

SNELL – HORNBLY, Mary. **Estudios de Traducción – Hacia una perspectiva integradora**. Trad. Ana Sofía Ramírez. Salamanca: Ed. Almar, 1999.

SOUZA, Alex. Nova Trad. da obra de Cervantes remete texto ao português arcaico. In: **Diário de Natal**. Natal, 18 jan. 2006. Caderno "Muito", p.4. Resenha de CERVANTES, Miguel. *O Engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. São Paulo: Record, 2005.

SPIRY, Zsuzsanna. **Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: FFLCH/USP, 2009.

SPITZER, Léo. **Linguística e história literária**. Madrid: Gredos, 1974.

STEINER, George. **After Babel: Aspects of language & translation**. Oxford. Oxford Univ. Press, 1998.

STEINBERG, Martha. 1001 provérbios em Contraste. Provérbios ingleses e brasileiros. São Paulo, Editora Ática, 1985.

_____. Provérbios e Tradução. **TradTerm** nº2, pp. 59-65, São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP, 1995.

STERNE, Laurence. **The life and opinions of Tristram Shandy, gentleman**. Leipzig: Tauchnitz, 1849.

STOOPEN, María. **Los autores, el texto, los lectores en el Quijote de 1605**. México DF: Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM, 2005.

STURM, H. (ed.). **Libro de los Buenos proverbios**. Lexington: The University of Kentucky Press, 1971.

SUÑÉ BENAGES, J. **Refranero Clásico**. Buenos Aires: Librería El Ateneo, 1941.

TAGNIN, Stella Esther Ortweiler: A Tradução dos Idiomatismos Culturais. **Linguística Aplicada**, nº 11. Campinas: Inst. dos Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1988.

_____. **O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005.

TEIXEIRA, Jerônimo. O Império do come-quieto. Dirigida pelo discreto Jorge Carneiro, a Ediouro absorve outras empresas e cresce no mercado editorial. Seção livros. **Veja on-line** 20 junho 2007. Disponível em http://veja.abril.com.br/200607/p_122.shtml. Acesso em 2 jul 2009.

TORRE, Esteban. **Teoría de la Traducción Literaria**. Madrid: Editorial Síntesis, 1994.

TORRENTE BALLESTER, Gonzalo. **El Quijote como juego**. Madrid: Ed. Guadarrama, 1975.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. The nature and role of norms in translation. In: **The Translator Studies Reader**. Editado por VENUTI, Lawrence. New York & London: Routledge, 2004.

URBINA, Eduardo. Sancho Panza a nueva luz: ¿Tipo folklórico o personaje literario? **Acer** nº 20, 1982.

_____. El sin par Sancho Panza. Parodia y creación. **Anthropos**, Barcelona; 1991.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. London & New York: Routledge, 1995.

VILLA, Dirceu, BENEDETTI, Ivone e HIRSCH, Irene. Entrevista com Sérgio Molina. **Cadernos de Literatura em Tradução**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, n. 5, pp. 157-177, 2003.

VALDÉS, Juan de. **Diálogo de la lengua**. Edición digital a partir de la edición de E. Boehmer, Leipzig, Romanische Studien, 1895. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2004.

VARGAS LLOSA, Mario. Prólogo: A palavra como atos. In: MATORELLI, Joanot. **Tirant lo Blanc**. Trad. por Cláudio Giordano. São Paulo: IBFC Raimundo Lúlio, 2004.

VEGA CERNUDA, Miguel Ángel (org.). **¿Qué Quijote leen los europeos?**. Madrid: Instituto Universitario de Lenguas Modernas y Traductores de la Universidad Complutense de Madrid, 2005.

VEGA RODRÍGUEZ, Pilar. De nuevo sobre El Quijote: novela de burlas. **Especulo. Revista de Estudios Literarios**. Madrid: Univ. Complutense de Madrid; 1999. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero11/vegaquij.html>. Acesso em: 7 junho 2005.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. **O Dito pelo Não-Dito**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. Escritura cervantina e mito quixotesco no romance brasileiro. **Hispania** 85, nº3, Set. Special Portuguese Issue. pp. 455-465, 2002.

_____. Apresentação de D. Quixote. In: **O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**. Trad. de Sérgio Molina. Edição bilíngüe. Primeiro Livro. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. Apresentação da Segunda Parte de D. Quixote. In: **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha**. Trad. de Sérgio Molina. Edição bilíngüe. Segundo Livro. São Paulo: Editora 34, 2007.

_____. (org.). **Dom Quixote – A letra e os caminhos**. São Paulo: Edusp, 2006.

VILANOVA, Antonio. Erasmo, Sancho Panza y su amigo Don Quijote. **Cervantes: BCSA** nº 8 (número especial), pp. 43-92, 1988.

VILLANUEVA, Francisco Márquez. **Fuentes Literarias Cervantinas**. Madrid: Gredos, 1973

_____. Erasmo y Cervantes, una vez más. **Cervantes: BCSA** nº 4.2 pp. 123-137, 1984.

VINAY, Jean-Paul e DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics of French and English. A Methodology for Translation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing, 1995.

WOODSWORTH, Judith. History of translation. In: **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Editada por Mona Baker. London, NY: Routledge, pp.100-106, 2005.

WILLIAMS, Jenny e CHESTERMAN, Andrew. **The Map – A beginner's guide to doing Research in Translation Studies**. Manchester, UK & Northampton, MA: St. Jerome Publishing, 2002.

WILLIAMSON, Edwin. **El Quijote y los libros de caballerías**. Madrid: Taurus, 1991.

XATARA, C; RIVA, H.C.; RIOS, T. H. C. As Dificuldades na Tradução de Idiomatismos. **Cadernos de Tradução**, vol. 2, nº 8. Florianópolis: UFSC, 2001.

XIDIEH, Oswaldo Elias. Anexins em contramão. **Revista Estudos Avançados** 13 (35). São Paulo: IEA/USP, 1999. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/revista/>. Acesso em: 13 maio 2009.

ZAMORA VICENTE, A. e PEIRA, P. **Homenaje a Alonso Zamora Vicente**. Madrid: Ed. Castalia, 1988.

YIN, Robert K. **Case study research: design and methods**. London: Thousand Oaks, 2003.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.

APÊNDICE - ENTREVISTAS COM TRADUTORES

[...] nos cumplía el deber de contribuir, aunque fuera mínimamente, a destacar lo que el Quijote le debe a los traductores y, por supuesto. Lo que estos a su vez deben a la obra [...]. Miguel Ángel Vega (2005)

1- Introdução

As entrevistas com os tradutores têm o objetivo de aprofundar e/ou confirmar dados recolhidos durante as pesquisas, além de esclarecer alguns pontos exclusivos de interesse para esta dissertação, como as dificuldades encontradas na tradução dos provérbios e na fala do Sancho.

O tradutor Sérgio Molina foi o primeiro a ser contatado, concordou em responder a entrevista, recebendo-a via e-mail em 04 de maio de 2009, com carta de apresentação da Profa^o Dra. Maria Augusta da Costa Vieira.

Os tradutores da edição da Record receberam a entrevista em momentos diferentes. Carlos Nougué recebeu e-mail no mesmo dia que Molina. As respostas estão transcritas abaixo. Segundo informação de seu colega de tradução, José Luis Sánchez encontrava-se adoentado na época em que a entrevista foi enviada. Dias antes da finalização desta dissertação, conseguiu-se o contato direto com o tradutor espanhol. Recebendo cópia da entrevista, Sánchez respondeu. Suas palavras estão disponíveis no capítulo dos resultados e não foram consideradas como respostas formais à entrevista.

A entrevista com Eugênio Amado foi uma agradável e incomum surpresa. Ao contrário dos tradutores acima, havia pouca informação sobre os tradutores das duas primeiras traduções brasileiras. Após quatro meses de intensas pesquisas, descobriu-se que Amado ainda residia em Belo Horizonte. Ele não só revelou a existência da revisão da tradução feita em 2005, mas esclareceu um pequeno mistério da história do *Quixote* no Brasil: a coincidência intrigante do nome Amado nas duas traduções do século XX. Milton Amado era seu pai. Por essa razão, a entrevista também girou sobre o primeiro tradutor do *Quixote* no Brasil. A dificuldade para o entrevistado foi que Eugênio Amado tinha apenas dez anos quando seu pai traduziu a obra, faltando-lhe por este motivo outros recursos que não os das remotas lembranças para responder algumas das questões. Ele respondeu às perguntas pessoalmente, em nove de junho de 2009, em Belo Horizonte e na presença de Maria Augusta da Costa Vieira. Nessa viagem identificaram-se outras fontes de informação sobre Milton Amado, colegas e familiares que serão contatados em pesquisa para futuros artigos.

O material registrado se constitui de cópias e transcrições de entrevistas com os tradutores, inclusive com notas de esclarecimento sobre as perguntas e os acréscimos e retificações em suas respostas.

2. Entrevistas

2.1. Entrevista sobre Milton Amado, respondida por Eugênio Amado.

A- Dados biográficos

1: Onde/quando nasceu? Onde morou?

EA: Figueira do Rio Doce, hoje Governador Valadares, em 1913 e faleceu em BH, 1974. Morou sempre em Belo Horizonte.

2: Onde estudou? João Calmon (1999)²⁶² afirma que ele era um aluno brilhante,

O mais brilhante de meus colegas de Ginásio era Milton Amado. Só recebia nota 10 com louvor e, talvez por isso, era major, posto mais elevado em nosso batalhão colegial. Sem dúvida um aluno de QI altíssimo, tão logo conclui o curso foi contratado para ser professor de três ou quatro disciplinas, [...]. (1999:19).

EA: Confirmou a citação acima.

3- Encontramos trinta e uma citações (mais da metade do total) sobre Milton Amado como jornalista, cronista (assinava como Lucílio Mariano), secretário da redação e fundador do jornal *O Diário*²⁶³. Alguns colegas de jornal eram também colegas de tradução. Oscar Mendes e João Etienne Filho²⁶⁴, cunhado de Milton Amado, eram cronistas do jornal. Aires da Mata Machado (1995)²⁶⁵ relata que “em 68, eu consegui trazer de novo para a redação o Milton Amado, que tinha saído, o Oscar Mendes, que tinha parado de publicar, e o Aires [...]” (1995:35).

4- Essas informações procedem? Conte um pouco sobre a trajetória de MA na imprensa. Ele tinha uma coluna sobre literatura e assinava com pseudônimo, segundo Tatiana Longo dos Santos (2002)²⁶⁶. Na biografia de Otto Lara Resende, Tatiana escreveu: “Como conhecia, de ler, o Milton Amado, que se assinava Lucílio Mariano, o Edgar da Mata-Machado, toda a turma do *O Diário* e seus companheiros de geração, [...]”. (p.89). Qual é a história do pseudônimo Lucílio Mariano?

EA: Sim. Contou que depois de vinte e sete anos no Diário, foi preterido para um cargo que aspirava de editor chefe e saiu. Na hora foi contratado pelo Correio de Minas. Lucílio Mariano

²⁶² CALMON, João. **Minhas bandeiras de luta**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

²⁶³ AZEVEDO Djalma Alves de. **A imprensa do Brasil nasceu em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2000. “[...] tendo sido eleitos José Costa, Fundador e Diretor Presidente do *Diário do Comércio* e do *Jornal de Casa*; Milton Amado, um dos fundadores e Secretário de Redação de *O Diário* e Redator [...]”. (2000:61, itálicos do autor).

²⁶⁴ **Palavra: arte, comportamento, cultura, idéias**. Editora da Palavra, 1999. “[...] e que Milton Amado, um jornalista de ‘*O Diário*’ e, na companhia de Oscar Mendes, havia traduzido para a editora Globo, de Porto Alegre, a imortal obra de Edgar Allan Poe. Em conversas familiares fiquei sabendo que o tradutor fora cunhado de João Etienne Filho, e numa de minhas raras visitas a Belo Horizonte...” (1999: 91, aspas no original).

²⁶⁵ MATA MACHADO FILHO, Aires da. **Memória do jornalismo mineiro**. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1995.

²⁶⁶ LONGO DOS SANTOS, Tatiana. **Três Ottos por Otto Lara Resende**. Instituto Moreira Salles, 2002.

era o seu pseudônimo como autor da coluna de crônicas que o pai publicava, mas não sabe a anedota por trás do nome. Eugênio sabe que o pai assinava assim antes mesmo de casar, um dos seus irmãos foi batizado Lucílio.

5-Milton Amado também é mencionado como orador²⁶⁷. Encontramos três citações²⁶⁸ sobre Milton Amado e sua participação com texto e narração em radio teatro. Antes de entrarmos no assunto Milton Amado tradutor, conte um pouco sobre essas atividades paralelas.

EA: Seu pai foi trabalhar no jornal de Belo Horizonte após fazer um discurso em sua cidade natal e impressionar um político, Benedito Valadares, que o convidou para trabalhar na Imprensa Oficial. “Ele [Milton Amado] era muito amigo de Juscelino Kubitschek, para quem fez muitos discursos, quando governador”. Sobre radio teatro, nunca soube dessas atividades de seu pai.

6-Pela lista conseguida através de pesquisas na internet encontrou-se trinta e uma traduções e uma versão do português ao inglês. Nas traduções, vinte e quatro são do inglês, seis do francês (supondo que foram usadas traduções francesas das duas obras de Tolstoi e de Pär Lagerkvist, escritor sueco, Nobel de Literatura em 1951) e uma do espanhol. São traduções de autores e obras consagradas, como as de Poe, Dickens, Popper, Erich Fromm e, claro, a primeira tradução brasileira do *Quixote*. Como iniciou ofício de tradutor? Como aprendeu línguas?

EA: “Aprendeu no colégio”. Ele teve por um curto período, um professor para aprimorar seu inglês. Sobre como ou quando ele começou a traduzir, não sabe dizer, mas desde que nasceu seu pai já traduzia. Lembra-se da editora Globo de Porto Alegre. Cogita que talvez ele tivesse iniciado com Oscar Mendes, que era um tradutor mais renomado, e este lhe indicou para o Érico Veríssimo, editor da Globo, “que depois se tornou um fã ardoroso de Milton Amado”.

7- Encontraram-se três parcerias com Oscar Mendes, além de Poe, Dickens e Tolstoi. Como funcionavam essas traduções a quatro mãos?

EA: “Não só a quatro mãos como a quatro dedos, ele só usava dois dedos, mas era uma metralhadora”. Contou que com o Oscar Mendes ele tinha um método muito inusitado. Ele

²⁶⁷ CONCEIÇÃO, Noraldino. *História alegre e séria da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais*. Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1982. “A Imprensa Oficial sempre teve e têm bons oradores, extraordinários, emocionantes, eloqüentes, Átis como: João Antonio, Waldemar Diniz, Odilon Barbosa, Milton Amado, Sócrates Alves Pereira, Hugo Aguiar, Osmar Barbosa, [...]” (p. 91) e MATA-MACHADO, Edgar de Godoi da. *Memorial de idéias políticas*. Editora Vega, 1975, “Não que sejamos partidários daquela uniformidade amorfa, a que se referiu Milton Amado, em seu discurso do ‘Pingüim’, uniformidade dos que vestem o mesmo uniforme e obedecem aos mesmos sinais de mando, como soldados, ou milicianos, ou tropas de choque.” (1982:227, aspas do autor).

²⁶⁸ REVISTA Anhembi. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1955, “... da Produção: J. Araújo Cotta - Texto com narração de Milton Amado - Canções de Carlos Capilé - Eng. do Som: Ercole [...]” (p. 418). SANTOS, Jorge Fernando. *Teatro mineiro: entrevistas & críticas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1984, “Iniciou-se no teatro na Sociedade Brasileiro (sic) de Cultura Inglesa, em 1943, fazendo rádioteatro como divulgador de grandes obras da literatura inglesa, sob direção de Milton Amado, Oscar Mendes e Ernest Fromm já em Beagá.” (1984:161).

iniciava a tradução, parava, às vezes no meio de uma frase, saía e chegava o outro e retomava de onde o parceiro havia parado e assim por diante.

8- A tradução do Poe, publicada pela primeira vez em 1944, é a mais comentada (com catorze citações, inclusive uma em um blog português²⁶⁹, e muito estudada na academia. Ivo Barroso (1998)²⁷⁰ compara nove traduções do poema e conclui que a de Milton Amado é a melhor. Marcelo Rollemberg (2000)²⁷¹ conta que “Barroso e os herdeiros dos autores das traduções que ainda não caíram em domínio público decidiram repassar os direitos autorais do livro para a família de Amado. Nada mais justo.” (2000:61). Comente um pouco sobre essa tradução e como sua fama e excelência influíram em sua atividade de tradutor.

EA: Ao ser perguntado se na tradução de Poe Oscar Mendes havia ficado com a prosa e o pai com a poesia, ele disse: “duvidosa essa informação. [...] papai traduziu muito texto também.” Confirmou que Amado foi o tradutor de todos os poemas. A tradução do Corvo é preferida pelos especialistas e isso fez com que ele se tornasse o tradutor oficial da Itatiaia.

B- A tradução do *Quixote*

1-Hallewell (2005)²⁷² conta que “Durante os anos de 1950, a José Olympio interessou-se por coleções ilustradas de clássicos da literatura... [...] No ano seguinte [1952], publicou o que se afirmava ser a primeira tradução brasileira de *D. Quixote*. [...] A idéia de publicar uma edição de *D. Quixote* partiu de Daniel, irmão de José Olympio, e conta-se que este, ao vê-lo trabalhando nisso, teria resmungado: ‘A mim o que interessa mesmo é o Brasil’.” (2005:465). Nos créditos da edição de 1952, informa-se que “Almir de Andrade traduziu tôda a Primeira Parte da obra (capítulos I a LII). Milton Amado traduziu tôda a Segunda Parte (capítulos I a LXXIV).” No final da introdução de Brito, uma Nota da Edição de 1952 informa “- foram traduzidas todas as poesias do *Dom Quixote*, inclusive as que precedem a 1ª parte.” (DQ, 1952:86). Mas logo adiante, numa nota do editor (N. E) sinalizada por asterisco aparece: “Estas poesias que abrem o Livro I, traduzidas por *Milton Amado*, denominam-se *verso de cabo rôto*, [...]” (DQ, 1952:111). Como surgiu essa tradução do *Quixote*?

EA: Ao ser questionado se a tradução de 1952 teria surgido pelos quatrocentos anos do nascimento de Cervantes, 1947, ele disse que não. Que a principal razão é por não haver uma tradução brasileira.

²⁶⁹ PITTA, Eduardo. Todos os Poemas de Poe. **BLOG da literatura** (Portugal) Maio 08, 2009. Disponível em: <http://daliteratura.blogspot.com/2009/05/todos-os-poemas-de-poe.html>. Acessado em 4 junho 2009, “‘*Edgar Allan Poe é o autor americano mais traduzido no nosso país; mas, paradoxalmente, foram poucos os poemas vertidos para português europeu. Na verdade, o único volume editado em Portugal de (dezoito) poemas de Poe [...] consiste num plágio quase integral das traduções do brasileiro Milton Amado...*’ Refere-se Margarida Vale de Gato às edições Roussado Pinto (1957) e Globo (1943).” (sem página, aspas e itálicos do autor).

²⁷⁰ BARROSO, Ivo. **Edgar Allan Poe, "Filosofia da composição". O Corvo e suas traduções**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

²⁷¹ ROLLEMBERG, Marcello. **Papel-jornal: artigos de jornalismo cultural**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000

²⁷² HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gérson de Souza. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

2- Qual havia sido sua experiência com o espanhol antes de Cervantes?

EA: “Não sei... mas papai não tinha dificuldade nenhuma com o espanhol, uma língua parecida com a nossa... e ele tinha muita facilidade em traduzir línguas. Eu acredito que ele tenha traduzidos outros livros do espanhol antes, mas eu não tenho esse dado”.

3- A primeira parte tem vários poemas, sonetos, odes, além daquelas do início. Apesar de ter-se feito uma avaliação pouco profunda, nota-se que o estilo na tradução das poesias é muito homogêneo. Pode-se considerar a possibilidade de uma revisão estilística das poesias do *DQI* pelo Milton Amado?

EA: “Ele traduziu todas as poesias, todas. [...] E nessa primeira parte, Almir de Andrade traduziu apenas uma parcela. [...] Primeira parte toda não é verdade.” Milton Amado teria traduzido a grande parte do texto, inclusive do primeiro livro. Eles nunca se conheceram pessoalmente, mas parece que Andrade tinha muita consideração por Amado.

4- Na revisão das notas encontraram-se menções sobre a edição utilizada, 1952. Almir de Andrade usa os termos “primeira edição” (DQ, 1952:433), “edição original” (DQ, 1952:484) e edições primitivas (DQ, 1952:657), mas não esclarece qual usa. Milton Amado, no final, refere-se a “ótima edição crítica” (DQ, 1952:1804) de Martin de Riquer²⁷³. Sabe se essa foi a edição de partida para a tradução?

EA: “Não sei... eu era muito menino”

5-Diversas vezes Milton Amado transcreve não só o texto original em espanhol, mas também duas traduções portuguesas, a dos Viscondes/Chagas e Benalcanfor. Sabe se também utilizou traduções da obra em outras línguas?

EA: Não soube responder.

6- As notas da edição utilizada são autênticos tesouros, com muitas informações sobre decisões tradutórias. Na segunda parte, além de aparecerem muitas mais, e são apresentadas de uma maneira algo distinta. Algumas notas não têm número, é colocado um asterisco (*), raramente dois, quando a observação é na mesma página. O recurso é bastante utilizado MA para explicar os termos e as suas opções de tradução, o que para este estudo serão consideradas também como notas. Milton Amado subdivide as notas utilizando letras. Por exemplo, nota 91 seguida de [91a] até [91h]. O total é *DQ I*: 25 Notas (oito das poesias, portanto também de Amado) e *DQ II*: 206 Notas. Nelas aparecem muitas informações sobre a história e a cultura espanhola. Além de Riquer, Covarrubias, e até Avellaneda, são citados por Amado. Sabe de alguma outra bibliografia utilizada na pesquisa histórica e lingüística?

EA: “Quando traduzia o *Quixote*, a mesa dele era cheia de livros”. Recorda-se porque alguns eram ilustrados e ele gostava de olhar as gravuras. O pai tinha acesso, através de uma biblioteca, a uma entidade americana chamada United States Information Service, local em que

²⁷³ CERVANTES, Miguel. *Don Quijote*. Edición crítica organizada por Martin de Riquer. Barcelona: Editorial Juventud, 1950.

conseguia muito material. Ele também possuía outra fonte de consulta rara na época era a Enciclopédia Britânica, edição de 1950, 24 volumes.

7- Somente dois dos provérbios estudados contemplam nota. A maioria refere-se a expressões, frases, trocadilhos e provérbios. Em grande parte das vezes opta pela literalidade, explicando-a como nesta expressão proverbial, “Não se ganhou Zamora em uma hora*”. No asterisco: “Corresponde à nossa locução “Roma não se fez num dia”. (DQ, 1952:1827). Quando não é literal, explica o porquê da sua escolha. Na nota (91-b), após oferecer a versão no original, informar que se trata do início de um adágio espanhol, dar a variação na língua portuguesa, segundo o Dicionário Moraes, finaliza: “Demos todavia, preferência à forma do texto, para conservar a vivacidade do diálogo de Sancho e por ser mais familiar ao leitor de hoje. Parece-nos ser êsse o sentido que melhor corresponde ao do provérbio citado por Cervantes” (DQ, 1952:1805). Contamos três fontes bibliográficas, recolhidas nas notas sobre a tradução de expressões e provérbios. A primeira é o do autor do Prefácio, Luís da Câmara Cascudo, que faz uma lista de “Adágios, provérbios e frases feitas que vivem no Brasil...” (DQ, 1952:23). Outra é a de João Ribeiro²⁷⁴, e a terceira do Dicionário Moraes²⁷⁵. Na época não existiam coleções paremiológicas bilíngües. Mesmo assim, o resultado é muito mais que satisfatório. Sobre tudo, em acordo com os conceitos mais atualizados de tradução para esse tipo de expressão. O que pensa sobre a proposta? Quais as dificuldades encontradas no caso dos provérbios? Se for possível, comente se a presença marcante da oralidade de Sancho requereu alguma atenção especial e as maiores dificuldades encontradas na tradução da obra.

EA: Não soube responder.

8- A edição da editora José Olympio parece ter sido um grande acontecimento editorial. Além da Editora respeitada e o luxo da edição em cinco volumes (algo nunca mais repetido na história das traduções da obra no país), é a primeira tradução elaborada por brasileiros. A N. da E. do início, assegura, “Como se vê, esta é a primeira vez que se traduz no Brasil o *Dom Quixote*. [...] A complexa e árdua missão de verter em boa língua portuguesa mas com estilo brasileiro...[...] e Milton Amado, da nova geração mineira, tradutor dos maiores que há hoje entre nós, [...] não poupamos esforços para dar à obra uma apresentação material e artística à altura do seu valor: tôda ela é impressa a 2 cores em papel *couché* alemão especialmente fabricado e é encadernada em couro londrino vindo dos curtumes de Santa Catarina...” (DQ, 1952:86). Hallewell informa que as edições de 1952 e 1954 estavam esgotadas antes de 1962. Temos ciência de outra edição em 1958. Qual foi na época a repercussão dessa tradução em sua carreira?

EA: “Foi muito grande... ele ganhou um prêmio, Personalidade Literária no ano de 195... não sei quando, mas foi por causa dessa tradução. [...] Teve muita repercussão, pelo menos nos

²⁷⁴ RIBEIRO, João. Ribeiro. **Frases Feitas**. Rio: s/Ed., 1909.

²⁷⁵ “Antônio de Moraes Silva fez, em dois volumes, o resumo do dicionário de Bluteau, o qual intitulou **Dicionário da Língua Portuguesa** (1789). Os brasileiros fizeram uma edição fac-similada da segunda, em 1922, sob a direcção de Laudelino Freire.” Disponível em: <http://ciberduvidas.sapo.pt/diversidades.php?rid=1020>. Acessado em: 8 junho 2009.

meios intelectuais. Essa tradução alavancou muito [a carreira de tradutor do seu pai], com certeza". Contou que os colegas do seu pai brincavam com ele, chamando-o de Dom Quixote.

SC: Em 1998 a Publifolha e Ediouro (também em 2002) republicaram essa tradução. A família recebeu direitos autorais?

EA: Não.

2.2. Entrevista com Eugênio Amado.

A- Dados biográficos:

1- Onde/quando nasceu? Onde morou? Onde estudou?

EA: Belo Horizonte, 15 de maio de 1942. Sempre morou em Belo Horizonte. Coursou gupo escolar no estadual Pedro II. E o ginásio com os Irmãos Maristas no Externato São José (atual D. Silvério). O científico foi no Colégio Arnaldo dos Padres Servos do Verbo Divino. Afirmou não ser o melhor aluno, mas que estava entre os dez melhores da classe. Graduiu-se em geografia. Trabalhou em um órgão público, Instituto de Geociências Aplicadas (IGA), de 1965 até 2003. Era perito em contenciosos de limites municipais/estaduais.

2- Em conversa anterior contou que sua carreira de tradutor começou quando perdeu seu pai, Milton Amado, em 1974. Deparou-se com uma tradução inacabada (*Viagem no Interior do Brasil*) e, apesar de somente amparado pelos conhecimentos de geógrafo e de três idiomas que aprendeu na escola - nunca freqüentou um curso extra -, propôs à editora Itatiaia terminar a tradução do pai. Nesta editora, contabilizaram-se vinte e uma obras traduzidas por ele, doze do inglês, seis do francês e três do espanhol. Muitas dessas obras são consideradas cânones em suas respectivas áreas. Do inglês, os dois clássicos de Darwin: *Origem das espécies* e a *Evolução do Homem*, até hoje utilizados em cursos das Biológicas. Os livros de “*Viagens*”, editados em conjunto com a EDUSP, são fontes de consulta freqüentemente citados em trabalhos acadêmicos. Um desses livros, *Viagem pelos rios Amazonas e Negro* (1979), de Alfred Russel Wallace, foi agraciado com Prêmio Jabuti de Tradução . Da língua francesa traduziu *As Fábulas de La Fontaine* (também iniciada por Milton Amado, os contos dos Irmãos Grimm e *Contos Picarescos* de Honoré de Balzac. E para encerrar, do espanhol, o *Quixote* de Cervantes e o Apócrifo de Avellaneda. Analisando sua produção nota-se um excelente domínio de pelo menos três idiomas, o inglês, o francês e o espanhol. Como se familiarizou com essas línguas ao ponto de traduzir estes clássicos?

EA: “Em uma palavra só, ‘atrevimento’”. Eugênio Amado conta que sua experiência com esses idiomas restringe-se à língua escrita. Ele não fala, somente lê. “Li toda a obra de Freud em espanhol, era o que havia na nossa biblioteca [...]. Espanhol é uma língua que eu gosto de ler”. Mais adiante conta que quando era estudante universitário estudava para as provas desde uma edição francesa da Enciclopédia Larousse. Mais adiante contou que seu pai também possuía uma edição inglesa da Enciclopédia Britânica. Ao ser questionado sobre o que pensava de sua facilidade com línguas, contou que estudou latim durante todo o ginásio e o primeiro ano do colegial.

3- Você também é escritor infantil. Coletou-se vinte e três títulos, todos lançados (e relançados) pela Villa Rica. O livro *Um Maestro sem Talento* (1992?) ganhou um Prêmio Jabuti. Conte um pouco sobre seu ofício de escritor infantil. Como começou? Foi uma atividade concomitante com a de tradutor?

EA: Ao ouvir a pergunta e a menção ao o premio Jabuti, ele disse: “Não sei disso não!”. Mas confessa que pode ser verdade e conta que descobriu, ao colocar seu nome no *Google*, que seus livros haviam sido traduzidos para o turco – fato confirmado em pesquisa feita para esta dissertação. Começou a traduzir livros infantis, e a partir daí passou a escrever, mas sem parar com as traduções.

B- A tradução do *Quixote*

1-Toda tradução tem uma história. Segundo o tradutor Salvador Peña (Morillas; Arias, 1997²⁷⁶), muitas vezes o tradutor encontra restrições em sua liberdade de atuação. Esta dependeria do prestígio do tradutor conseguido por sua especialização. O Editor pode dar instruções, colocar normas de tradução, fazer ressalvas. Como surgiu a tradução do *Quixote* (1983)?

EA: “O Pedro Paulo [editor/dono da Itatiaia] queria ter a edição dele, o *Quixote* dele, [...], da Itatiaia, vaidade pessoal.”. Perguntado se não havia existido alguma relação com a primeira tradução brasileira, feita em parte pelo pai, ele confirmou que essa tradução estava esgotada nos anos oitenta. Também afirmou: “Ele chamou a mim, por que eu era filho de papai, tinha ganhado dois prêmios Jabutis [de tradução], ele pensou, ele pega a tradução do pai dele e mexe... Mas eu não fiz isso não. [...]. Ética eu tenho”.

2- Foi sua primeira tradução do espanhol?

EA: Não, a do Pohl foi do espanhol também. As biografias do Julio César e Genghis Khan (que ele havia traduzido como Kã) também foram do espanhol. Também traduziu vários livros infantis de um acervo de uma editora espanhola que a Itatiaia comprou.

3- Como foram as decisões de tradução, como o grau de adaptação cultural, nomes de personagens e lugares? Até onde o editor interferiu?

EA: “Pedro Paulo Madureira tinha um revisor implacável, João Etienne Filho. [...] Mas sobre o *Quixote* não falou coisa nenhuma. Mas ele levou o *Quixote* para duas ou três pessoas. Eu lembro que uma pessoa que ele levou, um intelectual, cujo nome não quero lembrar [risos], [...] disse, ‘deixa ver como ele traduz a primeira frase: Num lugar da Mancha, cujo nome não quero lembrar...’. O crítico teria dito, “o cara entende, o cara sabe”.

4- Existem várias discussões sobre a edição príncipe. Qual foi a edição de partida?

EA: “Utilizei a versão da editora Aguilar, papel bíblia, [...] por medida de segurança eu cotejava depois com traduções de Milton Amado e Benalcanfor.” Disse não ter cotejado com a tradução de Viscondes/Chagas, apesar de comentar que Carlos Drummond “adorava essa tradução, achava simplesmente maravilhosa”.

²⁷⁶ MORILLAS, Esther e ARIAS, Juan Pablo. *El Papel del Traductor*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, pp.36,37, 1997.

5- Utilizou alguma outra para a edição de 2005?

EA: Sim, uma edição nova espanhola, a ser confirmada qual.

6- Sua tradução é a única revisada pelo próprio tradutor na história das traduções editadas no Brasil.

EA: Nesse momento ele interrompe, corrigindo, e informa algo que não se sabia até então, que Milton Amado havia revisado sua própria tradução, inclusive “aumentando para mil as notas de pé de página”.

6 -(cont.) Inexplicavelmente a informação de que é outra tradução, uma revisão revista, melhorada, com mais notas, feitas pelo próprio tradutor, é omitida. Esse dado só foi obtido após uma comunicação pessoal sua, pois nem em buscas exaustivas na internet ela aparece. Conte um pouco sobre a Edição de 2005. Em sua opinião, qual o foi o grande diferencial entre as duas traduções?

EA: Após ver uma crítica sobre sua tradução antiga, resolveu que tinha que revisar. “[...] Respeitei mais as palavras...” E confirmou ter sido o responsável pela nova revisão, “Revisei palavra por palavra, fui lendo, vendo o texto [...] não é um pássaro na mão melhor do que dois voando, é um abutre voando, é assim que está é *buitre*, não é? Então eu respeitei, eu acatei mais o texto original, prendi-me mais a ele, e achei que realmente ficou mais claro até, ficou o que eu queria.” E conta que também utilizou uma edição crítica do Quixote em espanhol que oferecia significados de palavras arcaicas. (não lembrou no momento o nome dessa obra, a ser posteriormente verificado). “A grande diferença foram as referências bibliográficas melhores, podia contar com a internet pra pesquisar [...]. Pude colocar notas mais esclarecedoras, mais interessantes.

7- A que atribui essa lacuna de informação sobre seu trabalho de revisão da sua tradução, que poderia ter sido utilizado como ferramenta de marketing pela editora?

EA: “Pedro Paulo Madureira nunca deu exemplar para crítico literário. Ele vendia muito mais por atacado do que varejo. [...] Não participava de feiras, não sei..., ele tinha uma mentalidade muito tacanha, [...]”. Ao ser perguntado sobre o centenário, 2005, disse que o editor pagou por seu trabalho... mas mais nada.

8- A utilização de outras traduções: A utilização de traduções anteriores como fonte de consulta e referencia é algo recorrente, como já confirmaram Paulo Ronai²⁷⁷, Salvador Peña²⁷⁸, assim como os seus colegas tradutores do *Quixote*. Sérgio Molina²⁷⁹ menciona “também as outras traduções ao português, por mais ressalvas que eu possa fazer a elas, me ajudaram a definir e justificar meu rumo.” E no *Posfácio* cita as traduções da José Olympio, 1952 e Itatiaia, 1983. Carlos Nougué e Luiz Sánchez²⁸⁰ afirmaram em entrevista para Folha de São Paulo que “se valeram de todas essas

²⁷⁷ ROCHA, Daniel da Silva... [et.al.]. **A tradução da grande obra literária (Depoimentos)**. (Tradução e Comunicação; n.º. 2). São Paulo: Álamo, pp. 11-12, 1982.

²⁷⁸ Ibid:38, 1997.

²⁷⁹ CLT: VILLA, Dirceu, BENEDETTI, Ivone e HIRSCH, Irene. Entrevista com Sérgio Molina. In: **Cadernos de Literatura em Tradução**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, n. 5, p. 171, 2003. MOLINA (2002:730).

²⁸⁰ NOVA TRADUÇÃO da obra de Cervantes remete texto ao português arcaico. Fórum Nacional Pela Democratização da Comunicação, 14 dez. 2008 (fonte: Redação **Folha de São Paulo** - FSP, São Paulo, 14 jan.

traduções para criar a deles, em alguns casos 'simplesmente tomando algumas das boas soluções encontradas'". Como vemos, os outros tradutores utilizaram as únicas traduções brasileiras existentes, inclusive a sua. Nougé também consultou a tradução do Molina. Você chegou a utilizar alguma das traduções em português? Utilizou traduções da obra em outras línguas?

EA: Sim, Milton Amado e Benalcanfor e não utilizou nenhuma tradução em outra língua.

9- Heloísa Cintrão (2006)²⁸¹ vê as ferramentas providas da tecnologia da Internet como parte dos recursos de pesquisa e documentação para tradutores. A Internet pode ser utilizada como uma gigantesca enciclopédia, sempre que seu conteúdo seja avaliado criticamente, e se forem utilizados alguns critérios para obter resultados confiáveis. Algumas das ferramentas mencionadas: Google e seus principais recursos, dicionários on-line, memórias de tradução, listas de tradutores como fontes de consulta. Em sua nova tradução, utilizou algumas dessas ferramentas? Quais?

EA: Ele somente menciona o uso do computador, e suas facilidades.

10- Quando Peña trata da (In)Visibilidade do Tradutor, ele aponta as intervenções explícitas do tradutor. A primeira é por meio do prólogo ou epílogo, que podem ser justificados para reconstruir ambientes desconhecidos do público receptor. Ele acredita que os especialistas deveriam dar mais atenção a esses prólogos - "*a veces auténticos tesoros de información traductologica*" (Morillas; Arias, 1997:45). Reclama de tantas introduções feitas por uma terceira pessoa, que não a do tradutor, encontradas nas traduções de clássicos. A edição de 1983 (por nossos dados, reeditada em 1991, 1997) tem um prefácio, ou introdução, feita por Julio García Morejón, Professor Titular da Cátedra de Espanhol na FFLCH/USP. Além de uma contextualização pertinente à literatura e uma pequena biografia de Cervantes, o autor faz uma preleção sobre as edições do Quixote em outras línguas, menciona a paródia à cavalaria e vários estudos teóricos de acadêmicos proeminentes. No final, em dois parágrafos ele fala das traduções para o português. Confirma que a tradução mais lida é a dos Viscondes. Sobre Aquilino diz: "Teve um grande êxito em 1954 a realizada pelo grande escritor luso Aquilino Ribeiro." (DQ, 1991:XXVI). Comenta o seu estilo "genuinamente lusitano". Estranhamente nada diz (ou, pouco diz) sobre a tradução da José Olympio. A respeito da tradução de Eugênio, ele escreve: "A tradução que temos neste instante diante de nós, realizada por Eugênio Amado, tenta respeitar, na medida do possível - em tradução literária é necessário falar sempre "na medida do possível" - a estrutura da linguagem cervantina, substituindo formas hispânicas por sintagmas, modismos, refrões, locuções brasileiras, para melhor compreensão do estilo do Cervantes. A tradução de Eugênio Amado respira honestidade por todos os lados, e em nenhum instante se permite o tradutor liberalidades que alterem a estrutura ou o conteúdo do livro de Cervantes. Trata-se de uma tradução harmônica, feita com equilíbrio, que aponta diretamente o alvo, que é a compreensão séria e inteligente do *Quixote* por parte dos leitores brasileiros, oferecendo-nos a

2006). Disponível em: http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=5361. Acesso em: 14 dezembro 2008.

²⁸¹ CINTRÃO, Heloísa Pezza. **Colocar Lupas, Transcriar Mapas – Iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como LE**. Tese (Doutorado em Letras) São Paulo: FFLCH-USP; 2006.

magna obra cervantina com todo o sabor e a riqueza que caracterizam o original, guardando as distâncias, evidentemente, que todas as traduções, até aquelas consideradas absolutamente perfeitas – nas quais jamais acreditaremos a não ser que compreendamos ou aceitemos os resultados como uma outra obra de arte – guardam como o original.” (DQ, 1991:XXVII). Qual foi seu envolvimento nessa introdução?

EA: Ele interrompe, e diz que o tradutor faz o prólogo e a orelha. Chama Morejón de erudito. Diz que “ficou sabendo que o Morejón tinha feito a introdução quando saiu o livro” não teve nenhuma participação. Mas “fez questão” de tirar essa introdução na revisão e colocar a sua.

11 - Vinte e sete anos depois, o que você pensa sobre o que o acadêmico disse a respeito da sua primeira tradução?

EA: “Ele falou que ‘respira honestidade’. “Posso dizer que não gostei disso? Creio que seu texto está mais para posfácio que para prefácio. É um prólogo para quem já leu a obra e está relendo. Para o leitor. Eu acho que tem que ser para o leitor que ainda não leu”.

12- Na edição de 2005 você pôde fazer não só o prefácio, como também a introdução, “*Aos Leitores Jovens*”, assinada com seu pseudônimo, Lucílio Mariano Jr. Inicia com “Parabéns, jovem, por ter-se decidido a enfrentar o desafio de ler *Dom Quixote*. Nestes dias que correm, é difícil encontrar gente da sua idade dotada de tal coragem. [...] Teria sido induzido à leitura por aquele professor ou aquela sua tia que você tanto admira? [...] Consulte a Internet” (DQ, 2005:13) ou ao aconselhar o modo de leitura, “pule tudo o que vem antes da história propriamente dita: taxa, testemunho, licença, prólogo, poesias, e vá direto ao capítulo I [...] Os ‘cavaleiros andantes’ correspondiam então aos nossos atuais super-heróis, mas a leitura de seus livros não se restringia à parcela mais jovem da população, estendendo-se a leitores de todas as idades. [...] Deixo a você, jovem leitor- ou leitora – [...] É isso aí, meu/minha jovem,...” (Ibid:14). O livro foi direcionado a um público jovem? Pode-se fazer uma relação com sua atividade como escritor de literatura infanto-juvenil? Essa atividade influenciou a revisão da tradução?

EA: “Não foi endereçado ao jovem, foi endereçado ao público, mas também ao jovem que é sempre esquecido. Como é que um jovem vai pegar um livro dessa grossura e vai querer ler? Hoje mal lêem revistas, não é? Eu quis ganhar o leitor jovem, porque o adulto já conhece o Dom Quixote pela fama, pelo conhecimento [...] Mas o jovem,... se ele está tentando, pelo menos eu tentei incentivar o editor que está só tateando a coisa. Não foi feita a para o jovem, [...] Dom Quixote é uma tradução adulta.”

13- Você menciona o *Dom Quixote das Crianças*, do Lobato, ao dar exemplo de adaptações. Existem hoje mais opções, se as conhece, o que pensa das outras adaptações infantis, do ponto de vista de tradutor e de escritor do gênero?

EA: Ele leu o Dom Quixote das crianças, “e se fosse me basear nele, não ia ler o Dom Quixote. [...] Monteiro Lobato não me atraiu para ler o Quixote.” A primeira leitura sua da obra foi através da tradução do seu pai [Milton Amado].

13- O *Quixote* de Avellaneda²⁸² é citado na introdução (Ibid:18). Além traduzir a obra, assinou o prefácio também como Lucílio Mariano Jr.²⁸³. Como surgiu essa tradução?

EA: “Ele era mencionado pelo próprio Cervantes no prólogo dele. E eu sabia dessa história, que um fulano lá teria aproveitado a deixa e a lerdeza de Cervantes. [...] Um espertalhão, eu achei engraçada essa história e peguei para ler, achando que era uma porcaria, mas é bom, o livro é bom. [...] Aí eu traduzi.” Conta que teve ajuda de dois colegas nos trechos em latim, lemas, dísticos.

14- Pensa que o trabalho como essa obra influenciou a revisão da tradução de 2005?

EA: Nunca cogitou, mas não acredita que tenha influenciado. As dificuldades para traduzir Avellaneda ainda seriam maiores que com Cervantes, pois não existiam tantos estudos críticos sobre a obra. Essa é outra tradução que foi pouco divulgada, muitos nem sabem que a obra foi traduzida no Brasil.

15- Para Peña, as notas são um dos traços mais identificáveis do trabalho dos tradutores. O tradutor pensa haver um declínio no uso das notas (não fornece dados sobre isso). Nos originais contemporâneos as notas são “*atacadas*” por influência de teorias literárias, lingüísticas e artísticas e consideradas pela crítica como intervenções etnocentristas, podendo ser vistas como domesticação ou manipulação do original (Morillas; Arias, 1997:45). Também Maria Paz Torres Palombo (Morillas; Arias, 1997:211) acredita que, quando há uma distancia espacial, cronológica e cultural entre o leitor, a língua fonte e a meta não podemos prescindir delas. Em análise nesta dissertação foram utilizados quarenta e sete provérbios proferidos por Sancho Pança. Na edição que serviu de base para este estudo (Editorial Crítica, 2001), vinte e nove provérbios possuem notas. Nas duas versões de sua tradução nenhum desses provérbios possuem notas. Apesar disso, contamos cento e trinta notas na edição de 1991 e quinhentas e vinte e quatro na de 2005. Você pode discorrer um pouco sobre o critério usado para as notas, nas duas traduções?

EA: “Existem dois tipos de notas. [...] Uma que a gente faz para esclarecer o leitor e outra que a gente faz por mera vaidade.” Ele costuma fazer as notas depois, ao reler sua tradução e dar-se conta que o leitor não entenderá aquilo sem a ajuda de uma nota.

16- A edição de 2005 tem quatro vezes mais notas que a primeira tradução. A que se deve esse fenômeno?

EA: “Ao fato de ter podido contar com internet”.

²⁸² AVELLANEDA, Alonso Fernandez de. *O Livro Apócrifo de Dom Quixote de La Mancha (1614)*. Trad. Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

²⁸³ Eugênio Amado também assina com o pseudônimo Lucilo Mariano Jr., o prefácio de AZEVEDO, Célia Maria Marinho de Azevedo. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

17- Tradução dos Provérbios: O teórico Antoine Berman²⁸⁴ acredita que o provérbio possa ser traduzido de maneira literal, ao contrário de todos os especialistas na área de tradução em paremiologia, que preferem encontrar um provérbio equivalente na língua meta. Em comunicação pessoal, você disse que retraduziu muito dos provérbios. Dos quarenta e sete estudados, dezesseis foram modificados na edição de 2005. Qual foi sua proposta, no caso dos provérbios, na primeira tradução e na revisada?

EA: “No primeiro momento posso ter procurado uma rima, porque acho que provérbio rimado é mais gostoso, mas sem fugir a essência do provérbio.” Afirma ter usado mais provérbios equivalentes na primeira tradução e que na segunda utilizou mais os critérios de literalidade.

18- Como referência, foram usadas obras paremiológicas (dicionários, coletâneas) para checar o significado de provérbios e seus possíveis equivalentes? Quais? Se for o caso, comente sobre as dificuldades encontradas.

EA: Não utilizou.

19- A presença marcante da oralidade de Sancho requereu alguma atenção especial da sua parte? Quais foram as maiores dificuldades encontradas na tradução da obra?

EA: Chama Sancho de falastrão, identificou-se com a personagem, a qual afirma ter traduzido com muito prazer. Não se lembrou de nenhum problema.

20- Além de *Quixote* ser um cânone literário, sua tradução revisada surgiu durante as comemorações do 4º centenário da publicação da primeira parte da obra. Eliane Zagury (Rocha²⁸⁵, 1982:21), tradutora de *Cem Anos de Solidão*, lançado em 1969, comenta que ao ser Gabriel Garcia Márquez agraciado com o Prêmio Nobel, foi surpreendida pela máquina publicitária, sendo muito entrevistada, na mídia impressa e televisiva. Nas pesquisas do Google, ao colocar [“Eugênio Amado” + Quixote] encontram-se quinhentas e cinquenta e quatro. A Primeira delas é a peça de teatro Quixote, Concepção de Alexandre Roit²⁸⁶, baseada em sua tradução, e que foi apresentada em todo o país, aparecendo vinte nove vezes. Depois de vinte e sete anos da primeira tradução, quatro anos da edição de 2005 e do lançamento da tradução da Primeira Parte do *Quixote*, qual é sua opinião a respeito do que afirma Eliane Zagury? Houve, no seu caso, algum tipo de assédio da mídia?

EA: O único contato que teve com mídia foi sua entrevista ao [jornal] *Estado de São Paulo*, no lançamento da primeira versão. Comenta que a obra foi o best seller da Itatiaia, mas que ele só ganhou quando traduziu, “nem um tostão depois”

²⁸⁴ BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres; Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

²⁸⁵ ROCHA, Daniel da Silva... [et. al.]. *A tradução da grande obra literária (Depoimentos)*. São Paulo: Álamô, 1982. (Tradução e Comunicação; nº. 2).

²⁸⁶ **Portal Circo Mínimo** - “O roteiro do espetáculo está apoiado em dois pilares fundamentais: de um lado, a estrutura dos palhaços clássicos, com as suas rotinas cômicas inseridas no contexto das personagens, e do outro lado, a fidelidade a textos originais da obra de Cervantes, no que é possível ser fiel, a partir de tradução reconhecida, esta apresentação foi toda baseada na tradução de Eugênio Amado.” Disponível em: http://www.circominimo.com.br/index.php?option=com_content&view=category&id=17&Itemid=25 Acessado em: 6 jun. 2009.

21 - Conhece o texto da peça?

EA: Ele nem sabia da existência da peça.

22- Depois de apenas duas traduções feitas no Brasil, com um intervalo de trinta anos, no século XXI aparecem, quase simultaneamente, outras duas com diferença de três anos entre elas e a sua tradução revisada. Como influenciou no ato tradutório saber que outras duas traduções da mesma obra estavam sendo feita quase ao mesmo tempo?

EA: Ele não sabia dessas traduções. Só ao final, no momento de colocar notas de rodapé, é que soube da tradução do Molina.

23- Pelas pesquisas feitas para esta dissertação, nas bibliotecas públicas de São Paulo e na Biblioteca Nacional²⁸⁷, a única tradução brasileira que aparece é a da José Olympio, e como livros raros da BN. Isso significa que o leitor comum não tem acesso a nenhuma tradução além das dos Viscondes. Que medidas poderiam ajudar para que novas traduções cheguem ao público leitor de bibliotecas públicas?

EA: As editoras deveriam doar. O tradutor não tem como influir.

²⁸⁷ Cf.: Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/sobre_biblioteca e <http://catalogos.bn.br>. Acessado em: 8 abril 2009.

2.3. Entrevista com Sergio Molina.

A- Dados profissionais: o tradutor não forneceu um breve resumo de seu currículo, como pedido.

B- A tradução do *Quixote*

1- Sua tradução é a primeira edição bilíngüe publicada no Brasil, um país, que inclusive não costuma publicar prosa em edições bilíngües²⁸⁸, com exceção de alguns textos clássicos. Encontramos opiniões contraditórias entre os tradutores. Segundo Salvador Peña²⁸⁹, a edição bilíngüe, algo comum a textos sagrados ou de grande autoridade, traria restrições. Uma delas seria que o leitor não esquece que detrás do texto lido há um texto original em língua desconhecida, fazendo a tradução funcionar como uma paráfrase. (Morillas & Arias, 1997:29-30). Já a tradutora literária Dorothé de Bruchard acredita que numa edição bilíngüe o trabalho do tradutor é valorizado, tornando-o visível, estabelecendo um diálogo entre “duas línguas e culturas”, permitindo uma participação do leitor. Para a tradutora, o fato de ter o texto original presente não dificulta a própria tradução, e a questão do tradutor ficar exposto à comparação imediata com o texto-fonte poderia ser favorável quando “o autor comete o que consideráramos uma falha, como repetições, rimas internas, ou mesmo frases meio crípticas” (Guerini & Torres, 2007:293), pois, nesses casos, o tradutor não seria injustamente criticado.

SC: Conte um pouco sobre a sua experiência como tradutor com essa edição bilíngüe, tanto durante o ato tradutório quanto após, com o possível cotejo entre os dois textos. Qual foi o motivo dessa opção editorial? Qual foi o *feedback* dos leitores, especialmente no ambiente não-acadêmico?

SM: Quando meus editores acolheram o projeto de tradução de D. Quixote, eles já de saída pensaram em publicá-la acompanhada do texto em castelhano, integrada a uma coleção de clássicos bilíngües já em desenvolvimento. Mas a decisão final só foi tomada depois de muita discussão, em parte motivada pelos problemas gráficos e de custo industrial que a edição impunha, em parte pela minha própria relutância, que não é estranha às questões que você cita no preâmbulo.

Eu nunca tinha realizado uma tradução que sairia em edição bilíngüe, e de início foi incômodo pensar que meu texto viria espelhado em sua fonte, algo que a meu ver pode funcionar como um convite permanente à comparação linha a linha, rebaixando a leitura ao reduzi-la a um exercício de caça-erros. Paradoxalmente, precisei lembrar que eu mesmo tinha me entregado a esse passatempo para assimilar a ideia com mais tranquilidade. Recordei que, quando a tradução me fisgava, a proximidade do texto-fonte perdia seu poder de tentação, e o

²⁸⁸ Cfr.: GUERRINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C. Entrevista com Dorothé de Bruchard. In: **Cadernos de Tradução**, Florianópolis: UFSC, nº 19, pp. 291-301, 2007. Disponível em: http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos19/entrevista_19.pdf. Acesso em: 29 janeiro 2009.

²⁸⁹ Cfr.: MORILLAS, Esther e ARIAS, Juan Pablo. **El Papel del Traductor**. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1997.

“original” passava naturalmente a um segundo plano, ficando como uma espécie de janela para a música originária. Penso que foi desse jeito que aprendi a admirar belas traduções, independentemente de dominar ou não a língua-fonte. Mas é claro que essas considerações valem muito mais para as traduções de poesia, às quais, de antemão, se concede mais liberdade. O rito da leitura de textos em prosa é bem diferente, no qual pesa muito mais a fluência e a necessidade de uma concentração de fôlego. E aí acho que a edição bilíngue talvez possa atrapalhar um pouco, sim, como uma interferência dispersiva.

Para além desses questionamentos, pesou muito na decisão justamente o fato de as edições bilíngues de obras narrativas serem raras no Brasil, e de não haver nenhuma de D. Quixote em português/castelhano. Os comentários que recebi dos leitores foram em geral muito positivos, de gratidão por terem lhes dado acesso a uma edição com essas características, que preencheu uma lacuna.

2- Na entrevista para o CLT²⁹⁰ você explica sua opção: “Uma delas (possibilidades) é essa ponte com o castelhano do século XVII, fazendo-se a triangulação entre o “brasileiro” contemporâneo, o português clássico e o idioma de Cervantes. [...] Nela me deparei com estudos acadêmicos que me forneceram as indicações para esse atalho, que me animaram a reforçar as semelhanças de ritmo, de prosódia e de léxico que existem entre nosso idioma corrente e o português clássico.” (CLT, 2003:166).

SC: Como você definiria, depois de trabalhar tanto com o autor, esse “idioma de Cervantes”? Quais foram os estudos acadêmicos que forneceram a chave para fazer essa ponte/triangulação?

SM: Caberia apontar aqui apenas alguns traços, muito por alto e de forma bem simplificada: a construção do texto em camadas de sentido, jogando com uma larga gama de registros, da fala e da escrita, e com praticamente todas as formas literárias em voga na época; a profusão de tropos e figuras de linguagem, tanto sintáticas como de pensamento, muitas vezes retrabalhadas a serviço da ironia ou da construção de paradoxos; a incorporação do adagiário e do anedotário popular, em geral também com intenção irônica; um ritmo, uma música de palavras que põe a concisão sintática em segundo plano para se estender gostosamente nas digressões. Se Cervantes foi magistral nessas práticas, também é certo que não foram privativas dele, e podemos encontrar usos semelhantes em autores lusófonos mais ou menos seus contemporâneos. O que fiz foi, apenas, embeber-me dessa matéria comum, buscando nos textos luso-brasileiros dos quinhentos e seiscentos uma poética, uma música, um universo de imagens, formas, referências e estruturas de pensamento e discurso que são mais ou menos compartilhados pelos escritores europeus daquela época, da passagem do Renascimento ao Barroco, e mais especificamente do âmbito cultural ibérico.

²⁹⁰ Para facilitar a leitura, será utilizada a sigla CLT (Cadernos de Literatura em Tradução) em vez de citar: VILLA, Dirceu, BENEDETTI, Ivone e HIRSCH, Irene. Entrevista com Sérgio Molina. In: **Cadernos de Literatura em Tradução**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, n. 5, pp. 157-177, 2003.

Quanto à ideia de aproveitar certa proximidade do português clássico com as variantes brasileiras atuais, foi uma dica que recebi do cineasta Manoel de Oliveira, que insistiu nesse fato em suas entrevistas quando do lançamento do seu filme *Palavra e utopia*, sobre a vida de Antônio Vieira. Na época (2000), eu estava começando a traduzir *El ingenioso hidalgo*, e os primeiros rascunhos não me convenciam, porque se batiam entre as estratégias extremas de atualizar o texto ou preservar sua antiguidade. Depois minhas pesquisas me permitiram confirmar essa proximidade, principalmente no aspecto da prosódia, do andamento dos textos. Nesse ponto, foi muito bom poder apoiar-me nos trabalhos de um grupo de linguistas sob a coordenação de Charlotte Galves, da Unicamp, que vem estudando as mudanças ocorridas nos padrões rítmicos e na sintaxe durante a evolução do português, do clássico ao moderno.

3- E você se aprofunda: “É impossível negar minha condição de tradutor moderno, com um olhar contemporâneo. Mas a partir dessa minha condição, procurei reabilitar uma ponte interna do nosso português brasileiro como o português clássico. Tentei contornar a língua lusitana moderna, que estão presentes nas edições precedentes, e buscar a raiz na língua, tentei beber na fonte clássica. Claro que não pretendi escrever um texto literário como no século XVII, seria um completo absurdo. Apenas procurei reforçar as semelhanças, sem varrer as diferenças. Boa parte dos textos em português do período clássico é muito gostoso de ler, soa muito bem aos nossos ouvidos. Muitos traços daquela língua permanecem em nossa fala; coisas que foram banidas do português escrito ao longo do século XIX.” (CLT, 2003:171). “Existe um limite de estranheza que eu não posso ultrapassar. Tenho que tomar muito cuidado com isso, porque corro o risco de também gerar dificuldades de leitura desnecessárias, sem correspondência com o original.” (CLT, 2003:172).

SC: Nessa edição existe algo de inusitado, sua atitude interativa com o leitor ao disponibilizar um endereço eletrônico no Posfácio do Tradutor (algo que também não é corriqueiro) no final do Primeiro Livro. Qual foi a resposta dos leitores a essa tentativa de diálogo? Houve algum comentário sobre a linguagem, o tal “limite de estranheza”? Conte um pouco sobre a experiência de contato direto com o leitor e a razão da inexistência de um Posfácio e/ou e-mail na Segunda Parte.

SM: Aquele convite ao diálogo de fato rendeu uma boa interação com os leitores, principalmente entre 2002 e 2007. Quase todas começavam com parabéns pela tradução ou outro comentário elogioso ao meu trabalho e à edição. Em poucos casos o diálogo se estendeu e aprofundou mais; infelizmente, foi justo nesse período de maior frequência de mensagens que eu dispunha de menos tempo para respondê-las com calma. Mas posso dizer, sem nenhuma sombra de populismo, que as palavras de reconhecimento dos leitores foram um apoio sem o qual eu dificilmente teria conseguido atravessar os cinco anos que separaram a publicação das duas partes.

Quanto ao posfácio do tradutor, que é um espaço quase de praxe na Editora 34, entendi que era dispensável, presumindo que o leitor do segundo livro já teria lido o texto com que encerrei o primeiro.

4- Walter Carlos Costa resenha o Primeiro Livro: “Contra a tradição, de certa maneira, Molina inova no discurso de Sancho, em que as formas cultas antes citadas convivem com formas populares como “truxe” e “sustança” e onde tenta reproduzir as saborosas confusões vocabulares do escudeiro. Também no discurso de Dom Quixote, em que predomina o tom solene, encontramos expressões do português popular e regional do Brasil como ‘não te avexe’” (COSTA, 2003)²⁹¹ Na entrevista ao CLT você menciona a *fabla* no *Quixote*. “A linguagem do Sancho também vai se modificando por imitação, incorporando essas misturas estranhas” (CLT, 2003:169).

SC: A presença marcante da oralidade de Sancho requereu alguma atenção especial da sua parte?

SM: Claro que sim. O cuidado foi necessário não apenas sobre a linguagem tipicamente iletrada de Sancho como também sobre a interferência da língua culta, literária, que ele tenta imitar; e, simetricamente, sobre a incorporação do registro oral iletrado por D. Quixote, mais intenso na segunda parte. É o tão falado processo espelhado de “sanchificação”/“quixotização” dos dois personagens. Obviamente, essa atenção não pôde se restringir ao par protagonista, sendo necessária no tratamento da linguagem de todos os personagens. Mas entender até que ponto esta ou aquela tirada tem um tom oralizante ou mais literariamente retórico não é tarefa fácil; não só porque estamos falando de uma gama de falares e estilos de séculos atrás, mas porque o jogo de interferências e misturas é quase que permanente. Pensemos, por exemplo, nos diálogos das três lavradoras, no capítulo X da segunda parte. O linguajar que Cervantes põe na boca delas é o saiaçuês, originalmente um dialeto rural de certa região da Espanha profunda, mas àquela altura já cristalizado em textos literários, principalmente teatrais, como uma espécie de caricatura definidora do tipo rústico. Neste caso, meu ponto de apoio foi, por um lado, o teatro de Gil Vicente, que também usou largamente esse falar em suas peças, e, por outro, o atual idioma mirandês (da região portuguesa de Miranda do Douro), bem como expressões e giros arcaicos que perduram nos falares nordestinos e na sua estilização ou caricatura literária. De fato, eu já havia recorrido ao expediente de aproveitar a sobrevivência em falares regionais brasileiros de palavras usuais em textos do português clássico (sustança, avexar) ou tipicamente galaico-portuguesas, como *truje/truxe*. Aliás, a citação do professor W. Costa mostra o quanto pode ser traiçoeiro o terreno da interpretação do que sejam formas cultas ou populares, modernas ou arcaizantes, cheio de armadilhas que, é bom esclarecer, não foram plantadas por mim, mas pelos percursos barrocamente tortuosos da evolução da língua. Nessa linha, o caso mais gritante de confusão foi o de certo resenhista que apontou, na frase que abre a primeira parte — “Podes crer que eu quisera que este livro...” —, uma criativa solução atualizadora do texto, já que, segundo sua leitura, eu supostamente estaria recuperando a expressão pós-hippie *podes crer*.

²⁹¹ COSTA, Walter. As batalhas póstumas de Quixote: Nova tradução do clássico de Cervantes alia formas arcaizantes e expressões populares brasileiras. In: **Bravo!**, mai-2003. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?titulo=As+batalhas+p%F3stumas+de+Quixote>. Acesso em: 11 dezembro. 2008.

5- Ainda na entrevista ao CLT: “Também as outras traduções ao português, por mais ressalvas que eu possa fazer a elas, me ajudaram a definir e justificar meu rumo.” (CLT, 2003:171). No Posfácio do primeiro livro você cita as traduções da José Olympio, 1952 e Itatiaia, 1982 (sic)²⁹². (Cervantes, 2002:730), as únicas traduções brasileiras na época.

SC: Você chegou a utilizar alguma das traduções portuguesas? Utilizou traduções da obra em outras línguas (além da edição da Plêiade mencionada para elaboração das notas)? E no Segundo Livro?

SM: Se por “utilizar” entende-se a cópia de soluções e opções alheias, não utilizei nenhuma outra tradução. As portuguesas que li foram as de António Feliciano de Castilho e Francisco Lopes de Azevedo (os “Viscondes”) e a de Aquilino Ribeiro. Durante o trabalho sobre *El ingenioso caballero*, a partir de 2005, pude consultar também a de Miguel Serras Pereira e a de José Bento. Isso foi bom sobretudo para confirmar a pertinência da estratégia que eu havia traçado na tradução de *El ingenioso hidalgo*.

6- Heloísa Cintrão (2006)²⁹³ vê as ferramentas providas da tecnologia da Internet como parte dos recursos de pesquisa e documentação para tradutores. A Internet pode ser utilizada como uma gigantesca enciclopédia, sempre que seu conteúdo seja avaliado criticamente, e se forem utilizados alguns critérios para obter resultados confiáveis. Algumas das ferramentas mencionadas: Google e seus principais recursos, dicionários on-line, memórias de tradução, listas de tradutores como fontes de consulta

SC: Vocês utilizaram essas ferramentas? Quais?

SM: As facilidades oferecidas pela internet foram aproveitadas sobretudo para acessar fac-símiles das edições príncipes e textos de estudiosos da obra de Cervantes. Além disso, agilizou em muito a consulta ao corpus literário do português clássico.

7- Além de o *Quixote* ser um cânone literário, sua tradução surgiu durante as comemorações do 4º centenário da publicação da primeira parte da obra. Eliane Zagury (Rocha²⁹⁴, 1982:21), tradutora de *Cem Anos de Solidão* lançado em 1969, comenta que ao ser Gabriel Garcia Márquez agraciado com o Prêmio Nobel, foi surpreendida pela máquina publicitária, sendo muito entrevistada, na mídia impressa e televisiva. Segundo os entrevistadores do CLT “Não existe uma tradição de crítica de tradução no Brasil, embora exista crítica de modo negativo.” E você respondeu que a crítica seguia muito restrita à Academia, aos “tradutólogos”, e em seguida afirmou, “Do jeito que as coisas estão hoje, a comunicação entre o tradutor e o jornalista é muito rarefeita.” (CLT, 2003:175).

²⁹² Pelas pesquisas feitas para os estudos desta dissertação, a primeira edição aparece só em 1983.

²⁹³ CINTRÃO, Heloísa Pezza. **Colocar Lupas, Transcriar Mapas – Iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como LE**. Tese (Doutorado em Letras) São Paulo: FFLCH-USP; 2006.

²⁹⁴ ROCHA, Daniel da Silva... [et. al.]. **A tradução da grande obra literária (Depoimentos)**. São Paulo: Álamo, 1982. (Tradução e Comunicação; nº. 2).

SC: Depois de seis anos do lançamento do Primeiro Livro, sua reedição, Prêmio Jabuti, sua participação ativa nas festividades do IV Centenário em 2005 e o lançamento do Segundo Livro em 2007, qual é a sua opinião hoje?

SM: Antes de tudo, um reparo: minha tradução da primeira parte foi publicada em novembro de 2002, bem antes, portanto, do “Año Quijote”.

Penso que a situação da crítica de tradução, nos cadernos literários, melhorou um pouco neste íterim. Foi um fruto paradoxal da crise dessas seções, que, ao desmontar seu corpo fixo de jornalistas, abriu mais espaço a colaboradores externos, entre eles bons tradutores. Graças a isso, podemos ler com certa frequência artigos de um Boris Schnaiderman ou um Paulo Henriques Britto, para citar dois grandes, que pensam e argumentam com conhecimento do ofício e da língua portuguesa.

SC: Você ainda considera que a crítica ainda segue “muito restrita à Academia, aos “tradutólogos”? Quais seriam as implicações disso?

SM: Entendo que continua a haver dois mundos contrapostos: o dos estudiosos da tradução, que no Brasil em geral se debruçam sobre a atividade e seus frutos como quem disseca um cadáver, e o do tradutores de carne e osso, que acima de tudo continuam a lidar com condições profissionais extremamente desfavoráveis. Há exceções, claro, e um bom exemplo são os dois grandes tradutores e pensadores da tradução que acabo de citar, e que felizmente vêm formando novas gerações.

8- Depois de apenas duas traduções feitas no Brasil com um intervalo de quase trinta anos, no século XXI aparecem duas quase simultaneamente, com uma diferença de três anos entre as duas.

SC: Você soube que haveria uma tradução pela Record antes de acabar o primeiro Livro? Você acredita que houve influência no ato tradutório saber que outra tradução sendo feita da mesma obra, praticamente ao mesmo tempo, e depois, conviver com ela durante a tradução do Segundo Livro?

SM: Eu só soube da tradução de Carlos Nougué e José Luis Sánchez em 2005, quando sua publicação foi anunciada nos jornais. Àquela altura eu já estava em plena tradução do segundo livro, e a notícia em nada afetou meu trabalho.

9- Pelas pesquisas feitas para esta dissertação, nenhuma tradução do século XXI aparece em bibliotecas públicas de São Paulo²⁹⁵ (exceção para a biblioteca da FFLCH/USP, com exemplares conseguidos pela Profa. Maria Augusta da Costa Vieira e pelo Programa de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana) nem na Biblioteca Nacional.

²⁹⁵ Cf.: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/sobre_biblioteca e <http://catalogos.bn.br>

SC: Que medidas poderiam ajudar essas novas traduções chegarem ao público leitor de bibliotecas públicas?

[Silvia: acho melhor suprimir esta, porque parte de um pressuposto equivocado. Minha tradução e a da Record constam no acervo das bibliotecas municipais de SP. Experimente lançar a pesquisa “o engenhoso fidalgo” na página de busca <http://bibliotecacircula.prefeitura.sp.gov.br/pesquisa/>].²⁹⁶

²⁹⁶ Infelizmente a entrevista foi devolvida muito perto do prazo, e não foi possível verificar a informação pois o sítio estava com problemas no dia 22 de julho 2009.

2.4. Entrevista com Carlos Nougé

A- Dados profissionais: o tradutor não forneceu um breve resumo de seu currículo, como pedido.

B- A tradução do *Quixote*

1- Sua tradução do *Quixote* recuperou uma “tradição” das traduções da obra para o português: a tradução a quatro mãos, iniciada pelos Viscondes no século XIX e continuada no Brasil por Almir de Andrade & Milton Amado na edição lançada em 1952 pela Editora José Olympio. Na tradução portuguesa, o Visconde de Castilho traduziu até o capítulo XXXV, continuada pelo Visconde de Azevedo e concluída por M. Pinheiro Chagas, autor também do “Prefácio” (Abreu, 1984:82-254) ²⁹⁷. Na tradução brasileira, Almir de Andrade assina o Primeiro Livro e Milton Amado, a tradução do segundo (Cervantes, 1952:86) ²⁹⁸. Ronái²⁹⁹ traduziu *Mar de Histórias*, uma antologia do conto mundial. Em seu depoimento explica que ele fazia a tradução e o Aurélio Buarque de Holanda fazia a revisão estilística. Eles chegaram à conclusão de que “toda e qualquer tradução devia passar sob um par de olhos alheios.” (Rocha, 1982: 9-10).

SC: Como surgiu essa tradução a “quatro mãos”? Foi sua única experiência de tradução compartilhada? Nas duas traduções a quatro mãos acima mencionadas o primeiro autor traduz uma parte e o segundo autor, outra. Como foi feito o trabalho de vocês? Houve também uma divisão de partes da obra? Discorra um pouco sobre os procedimentos e sistemáticas adotados por vocês dois ao longo do trabalho de tradução.

CN: Responderei à sua pergunta prosaicamente (e, por princípio, na “antiga” ortografia), sem nenhuma pretensão “superior”: esta tradução a “quatro mãos” surgiu porque José Luis Sanchez, que é um verdadeiro empreendedor no sentido forte do termo, me convidou a fazê-la com ele, tirando-me assim da minha atual tendência à preguiça de traduzir (tendência mais que natural em alguém que viveu quase toda a vida de tradução, com mais de 400 traduções em cerca de 30 anos...). Combinamos o seguinte: eu, como brasileiro, faria o primeiro esboço, num português à Gil Vicente, Camões e Padre Antônio Vieira, além de traduzir poeticamente os poemas, e ele, como espanhol, se encarregaria não só da revisão, mas sobretudo da correção do sentido, baseando-se nas muitas edições críticas da obra de Cervantes. Desta relação é que brotaram as muitíssimas notas de rodapé, que fazem da tradução uma espécie de

²⁹⁷ ABREU, Maria Fernanda de. *Cervantes no Romantismo Português*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

²⁹⁸ CERVANTES, Miguel de. *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Almir de Andrade e Milton Amado. São Paulo: José Olympio, 1952.

²⁹⁹ ROCHA, Daniel da Silva... [et.al.]. *A tradução da grande obra literária (Depoimentos)*. São Paulo: Álamó, 1982. (Tradução e Comunicação; nº. 2)

“tradução crítica”. E o mais curioso: fizemos a tradução vivendo eu no Uruguai, e estando ele na Espanha. Nada que Internet e telefone não pudessem resolver.

2- Em três entrevistas, você afirma a existência de um objetivo pré-estabelecido pelos tradutores de responder a uma “equação de três incógnitas: tentar construir a maneira como Cervantes teria escrito no português de então, sem perder o sabor hispânico, mas de modo compreensível para o leitor atual”. Para isso teriam ido “em busca de um português arcaico que ainda sobrevivesse na compreensão dos leitores, para isso sendo necessária uma ampla pesquisa histórica e lingüística”. (cf.: Nova Tradução..., 2006, Souza, 2006 e O Engenhoso..., 2008)³⁰⁰.

SC: Você considera que atingiram o objetivo? Possuem algum dado sobre a reação do público leitor? Qual foi a bibliografia utilizada na pesquisa histórica e lingüística?

CN: Sim, considero-o; e, se efetivamente houve algumas reações negativas, o fato é que a grandíssima maioria foi positiva; muito positiva, diria.

A bibliografia usada, como já disse, foi o conjunto de edições críticas do Quixote, em especial a última, lançada pelas Reales Academias e verdadeiramente norteadora. Com ela tornou-se quase impossível errar redondamente em algo na tradução da obra cervantina, embora, como é claro, sempre possa haver erros de inadequação, de impropriedade, de escolha, etc. Não há tradução sem erro, já se disse e com verdade.

Repito o que disse numa longa entrevista ao Jornal do Brasil: a tradução é um ofício humilde, serviçal. Está a serviço do autor, e deve buscar plasmar na língua para a qual se traduz a integridade da obra original: conteúdo, intenção, forma, pano de fundo histórico, social, político, religioso, etc. O tradutor não co-cria nem recria nada; tenta ser, como já se disse, um vidro que deixe ver um quadro. Tente-se reproduzir aquela integridade, tente-se o cem por cento; conseguir-se-á, sei lá, noventa, noventa e cinco por cento de perfeição. As teses de co-criação ou recriação na tradução são do terreno do arbitrário. A tradução não é arte senão no sentido romano-medieval de arte, o qual inclui, por exemplo, a náutica, a carpintaria, etc.

3- Na matéria da *Folha de São Paulo* SP a respeito da tradução é dito que “O resultado é um texto que se aproxima dos arcaísmos e do sabor temporal da primeira tradução ao português, feita pelos

³⁰⁰ Cf.: NOVA TRADUÇÃO da obra de Cervantes remete texto ao português arcaico. Fórum Nacional Pela Democratização da Comunicação, 14 dez. 2008 (fonte: Redação **Folha de São Paulo** - FSP, São Paulo, 14 janeiro 2006). Disponível em: http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=5361. Acesso em 14 dezembro 2008; SOUZA, Alex. Nova tradução da obra de Cervantes remete texto ao português arcaico. **Diário de Natal**. Natal, 18 jan. 2006. Caderno “Muito”, p.4. Resenha de CERVANTES, Miguel. O Engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha. São Paulo: Record, 2005. e O ENGENHOSO Fidalgo D. Quixote da Mancha <http://www.letraslivros.com.br>. **Letras e Livros**. 16 Dec., 2008. Disponível em: http://www.letraslivros.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=20. Acesso em 29 janeiro 2009

Viscondes de Castilho e Azevedo em 1876, mas que resulta muito mais legível e compreensível do que esta. [...] Nesse sentido, diferencia-se da tradução que preponderou no Brasil na segunda metade do século passado, feita por Almir de Andrade e Milton Amado, mas não tanto da última a ser lançada antes desta, a de Sérgio Molina, em 2002. [...] Nenhum trabalho foi em vão: Sánchez e Nougé se valeram de todas essas traduções para criar a deles, em alguns casos 'simplesmente tomando algumas das boas soluções encontradas'".

SC: Você chegou a utilizar alguma das traduções portuguesas? Utilizou traduções da obra em outras línguas?

CN: Tivemos diante dos olhos todas as traduções da obra para o português, além, como já dito, de suas edições críticas; não recorremos, porém, a nenhuma tradução para outras línguas. E com verdade eu já disse que, superando embora, como cremos, seus equívocos, de fato nos apropriamos “despudoradamente” de tudo o que nelas contribuisse para uma boa tradução. Por que o fizemos e por que o digo tão claramente? Porque me nego a arder na fogueira das vaidades que queima permanentemente em nosso meio, e porque busco ser coerente com as premissas enunciadas: acima de tudo, a integridade da obra; acima de tudo, a versão o mais perfeita possível da obra em nossa língua, ou seja, na medida em que o permita a não univocidade da relação entre os idiomas. Essa não univocidade, seria ocioso dizer, se dá mesmo entre línguas tão próximas como o espanhol e o português, e se torna cada vez mais aguda conforme nos afastamos da nossa parentela lingüística mais próxima e nos acercamos, por exemplo, do japonês.

Quanto ao que diz a Folha de São Paulo a respeito da tradução, concordo: nossa tradução se aproxima da dos Viscondes, mas é bem mais inteligível que ela. Como porém é possível dizer que ela é ao mesmo tempo “arcaizante” e inteligível para o leitor contemporâneo? Porque seu lado arcaizante na verdade é uma espécie de ilusão, como, por exemplo, a que cria Guimarães Rosa, cuja obra parece regional, de todo popular, sem todavia deixar de ser ultra-erudita. Em terminologia aristotélica, poder-se-ia chamar tal ilusão de *verossimilhança*.

4- Peña acredita que as notas são um dos traços mais identificáveis do trabalho dos tradutores. O tradutor pensa haver um declínio no uso das notas (não fornece dados sobre isso), nos originais contemporâneos as notas são “*atacadas*” por influência de teorias literárias, lingüísticas e artísticas e consideradas pela crítica como intervenções etnocentristas, podendo ser vistas como domesticação ou manipulação do original (Morillas & Arias, 1997:45). Também Maria Paz Torres Palombo (Morillas & Arias, 1997:211) acredita que, quando há uma distancia espacial, cronológica e cultural entre o leitor a língua fonte e meta não podemos prescindir delas. Na entrevista para *Letras e Livros*, você afirma que o lançamento trata-se de uma “edição semicrítica, contextualizando o ambiente sociopolítico da época e ao mesmo tempo pensando nas barreiras que o leitor poderia encontrar. Por isso, mesmo algumas palavras dicionarizadas estão no rodapé. Pensamos não no leitor cultíssimo, mas naqueles que buscam a cultura”.

SC: Na análise desta dissertação foram utilizados 46 provérbios proferidos por Sancho Pança, 29 possuem notas na edição estudada (Editorial Crítica, 2001). No capítulo XXV do Primeiro Livro foram analisados sete provérbios, seis possuem notas na edição em espanhol, na sua tradução somente dois desses provérbios possuem notas. Você pode discorrer um pouco sobre o critério usado para as notas?

CN: Quanto ao uso das notas de rodapé em si, fico, uma vez mais, com o justo meio. Se possível, não as devemos usar, exatamente porque o tradutor, como dito, deve ser como um vidro que deixa ver um quadro. E, com efeito, sobretudo se se trata de obra moderna, devem ser evitadas. Aliás, algumas vezes os tradutores as usam como mera mostra de erudição, e não raro de fato prejudicam a fluência da leitura. Mas, se se trata de ensaio e, sobretudo, de obra literária antiga, como o Quixote, elas são indispensáveis. Sem elas, o texto se torna efetivamente opaco. É verdade que sempre se pode adaptar uma obra antiga para o leitor contemporâneo ou para determinada faixa etária, como já se fez com o Quixote; mas adaptar não é traduzir. Por isso Maria Paz Torres Palombo tem toda a razão ao dizer que, “quando há uma distância espacial, cronológica e cultural entre o leitor da língua fonte e [o da língua] meta, não podemos prescindir” das notas de rodapé.

Quanto ao critério que usamos José Luis e eu para as notas de rodapé referentes aos provérbios, em verdade não tivemos nenhum. Simplesmente, os explicamos em nota de rodapé sempre que o julgamos necessário para o seu correto entendimento, deixando de fazê-lo, obviamente, quando não o consideramos necessário para tal.

5- Tradução dos Provérbios: O teórico Antoine Berman³⁰¹ acredita que o provérbio possa ser também traduzido de maneira literal, ao contrário de todos os especialistas na área de tradução em paremiologia, que preferem encontrar um provérbio equivalente na língua meta. Na entrevista para *Folha de São Paulo* vocês afirmam que foram consultadas as outras traduções, “Tudo para enfrentar as dificuldades apresentadas pelo texto, do sem-número de provérbios recitados pela voz popular e sã de Sancho Pança às constantes e surpreendentes metrificações da linguagem de Cervantes, poética mesmo na prosa.” Na resenha do *Observatório literário*³⁰² é dito que “Com esta pesquisa [histórica e lingüística], os tradutores conseguiram uma fidelidade à obra que nunca houve em traduções para o português.”

SC: Qual foi sua proposta, no caso dos provérbios? Foram usadas obras paremiológicas (dicionários, coletâneas) como referência para checar o significado de provérbios e seus possíveis equivalentes? Quais? Se for o caso, comente sobre as dificuldades encontradas.

³⁰¹ BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres; Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

³⁰² BRASIL GANHA tradução oficial de D. Quixote - **Observatório Literário** Disponível em: http://www.bestiario.com.br/observatorio/livros_jorge_de_dom_quixote.html. Acesso em: 3 dezembro 2008.

CN: Para tal, usamos os dicionários comuns (DRAE, María Moliner, etc.) e, sobretudo, ainda as edições críticas. Mas tampouco nos recusamos a aproveitar, como também já dito, boas soluções das traduções anteriores.

Quanto à discussão sobre a melhor maneira de traduzi-los, novamente fico com o justo meio.

Assim:

a) Se se tratar de provérbio com equivalente corrente na língua-alvo, simplesmente o devemos pôr.

b) Se se tratar de provérbio sem equivalente corrente na língua-alvo, devemos traduzi-lo literalmente se tal tradução esclarecer suficientemente o sentido dele, e ponto final.

c) Se se tratar de provérbio sem equivalente corrente na língua-alvo e sua tradução literal não esclarecer suficientemente o sentido dele, também devemos traduzi-lo literalmente, mas com a necessária explicação em nota de rodapé.

SC: A presença marcante da oralidade de Sancho requereu alguma atenção especial da sua parte?

CN: Naturalmente, buscamos distinguir as falas dos diversos personagens segundo sua maior ou menor vinculação à coloquialidade. Mas com cuidado, porque não podíamos pôr na boca de Sancho um falar coloquial moderno. Buscou-se dar às suas falas algo dos personagens mais populares do teatro de Gil Vicente. Mas reconheçamo-lo: este é terreno por demais escorregadio. Se se trata, por exemplo, de traduzir um Martín Fierro, pode-se perfeitamente usar o falar dos nossos gaúchos. Mas, se se trata de traduzir o linguajar dos camponeses da França, naturalmente o chão se abre sob nossos pés: usaremos o falar dos nossos nordestinos? mineiros? goianos?...

6- Na mesma entrevista para Folha de São Paulo há um comentário sobre os famosos “erros” que aparecem na obra de Cervantes e, tendo em conta o comentário a respeito dos dilemas quanto a corrigir ou manter os erros gramaticais e anacolutos cometidos pelo próprio autor, sem falar nos erros de continuidade”, surgem algumas perguntas.

SC: Qual foi a estratégia adotada? Os “erros do autor” foram corrigidos?

CN: Sempre e sempre o justo meio. Quando se tratava de erros de continuidade, deixamos-los tais quais, explicando-os porém em notas de rodapé. Quando todavia se tratava de anacolutos e coisas do gênero, ora os deixávamos tais quais (quando isso não impedia a compreensão do texto), ora os deixávamos tais quais mas explicando-os em notas de rodapé (quando implicava dificuldade de compreensão do texto), ora simplesmente os corrigíamos, o que, contudo, só o fizemos em pouquíssimos casos.

7- Heloísa Cintrão (2006)³⁰³ vê as ferramentas providas da tecnologia da Internet como parte dos recursos de pesquisa e documentação para tradutores. A Internet pode ser utilizada como uma gigantesca enciclopédia, sempre que seu conteúdo seja avaliado criticamente, e se forem utilizados

³⁰³ CINTRÃO, Heloísa Pezza. Colocar Lupas, Transcriar Mapas – Iniciando o desenvolvimento da competência tradutória em nível básico de espanhol como LE. Tese (Doutorado em Letras) São Paulo: FFLCH-USP; 2006.

alguns critérios para obter resultados confiáveis. Algumas das ferramentas mencionadas: Google e seus principais recursos, dicionários on-line, memórias de tradução, listas de tradutores como fontes de consulta

SC: Vocês utilizaram essas ferramentas? Quais?

CN: Eu, particularmente, não as usei. Sou um jurássico da tradução. Meu instrumento principal é a memória. Com efeito, quanto mais dados pusermos na memória do computador, não é verdade que ele funcionará melhor? Pois creio firmemente que nós também. Mas, quanto a esta questão, não posso responder pelo José Luis.

8- Além de o Quixote ser um cânone literário, sua tradução surgiu durante as comemorações do 4º centenário da publicação da primeira parte da obra. Eliane Zagury (Rocha³⁰⁴, 1982:21), tradutora de Cem Anos de Solidão lançado em 1969, comenta que ao ser Gabriel Garcia Márquez agraciado com o Prêmio Nobel, foi surpreendida pela máquina publicitária, sendo muito entrevistada, na mídia impressa e televisiva.

SC: Depois de seis anos do lançamento da tradução da Primeira Parte do Quixote qual é sua opinião a respeito do que afirma Eliane Zagury? Houve, no seu caso, algum tipo de “assédio” da mídia?

CN: Houve, sim, mas não na escala que diz Eliane Zagury. Longe disso. Posso confessar? Graças a Deus.

9- Em várias matérias lidas aparece a informação de que sua tradução seria “a primeira tradução oficial para o português, avalizada tanto pelo Instituto Cervantes quanto pela Comissão IV do Quarto Centenário, criada em 2005 pelo Governo da Espanha para comemorar quatrocentos anos da publicação da primeira parte do Quixote.” (ver notas quatro e seis).

SC: O que vem a ser esse aval? Influenciou na tradução?

CN: Importante aval, sem dúvida, que porém não sei a que se deve. Simplesmente o José Luis, ao fazer-me a proposta de trabalho conjunto, já contava com tal aval e me informou. Comecei a trabalhar, portanto, sabendo da sua existência. Mas de maneira alguma influenciou na tradução. Toda e qualquer tradução de obra importante tem de buscar a perfeição, com aval ou sem ele.

10- Depois de apenas duas traduções feitas no Brasil com um intervalo de quase trinta anos, no século XXI aparecem duas quase simultaneamente, com uma diferença de três anos entre as duas.

SC: Você soube da tradução publicada pela Editora 34 antes de iniciar a sua tradução? Qual a influência no ato tradutório saber que outra tradução da mesma obra está sendo feita, simultaneamente e depois, conviver com ela durante a sua tradução?

³⁰⁴ ROCHA, Daniel da Silva... [et. al.]. **A tradução da grande obra literária (Depoimentos)**. São Paulo: Álamô, 1982. (Tradução e Comunicação; nº. 2).

CN: Sim, soubemos, tivemos-la diante dos olhos, como já disse, e aproveitamos dela tudo quanto julgamos proveitoso para a tradução. Tal qual fizemos com relação às demais.

SC: Existe previsão para o lançamento da segunda parte? Para quando seria?

CN: “Sim, sairá até o fim deste ano. Até por força de contrato, e apesar da minha preguiça...”

11- Pelas pesquisas feitas para esta dissertação, nenhuma tradução do século XXI aparece em bibliotecas públicas de São Paulo³⁰⁵ (exceção para a biblioteca da FFLCH/USP, com exemplares conseguidos pela Profa. Maria Augusta da Costa Vieira e pelo Programa de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana), nem na Biblioteca Nacional.

SC: Que medidas poderiam ajudar para que essas novas traduções cheguem ao público leitor de bibliotecas públicas?

CN: Sinceramente, não faço idéia. Sou um ermitão, envolto por minha família, meus livros, etc., o que me impossibilita de dar qualquer resposta séria à pergunta.

FIM

³⁰⁵ Cf.: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/sobre_biblioteca e <http://catalogos.bn.br>.